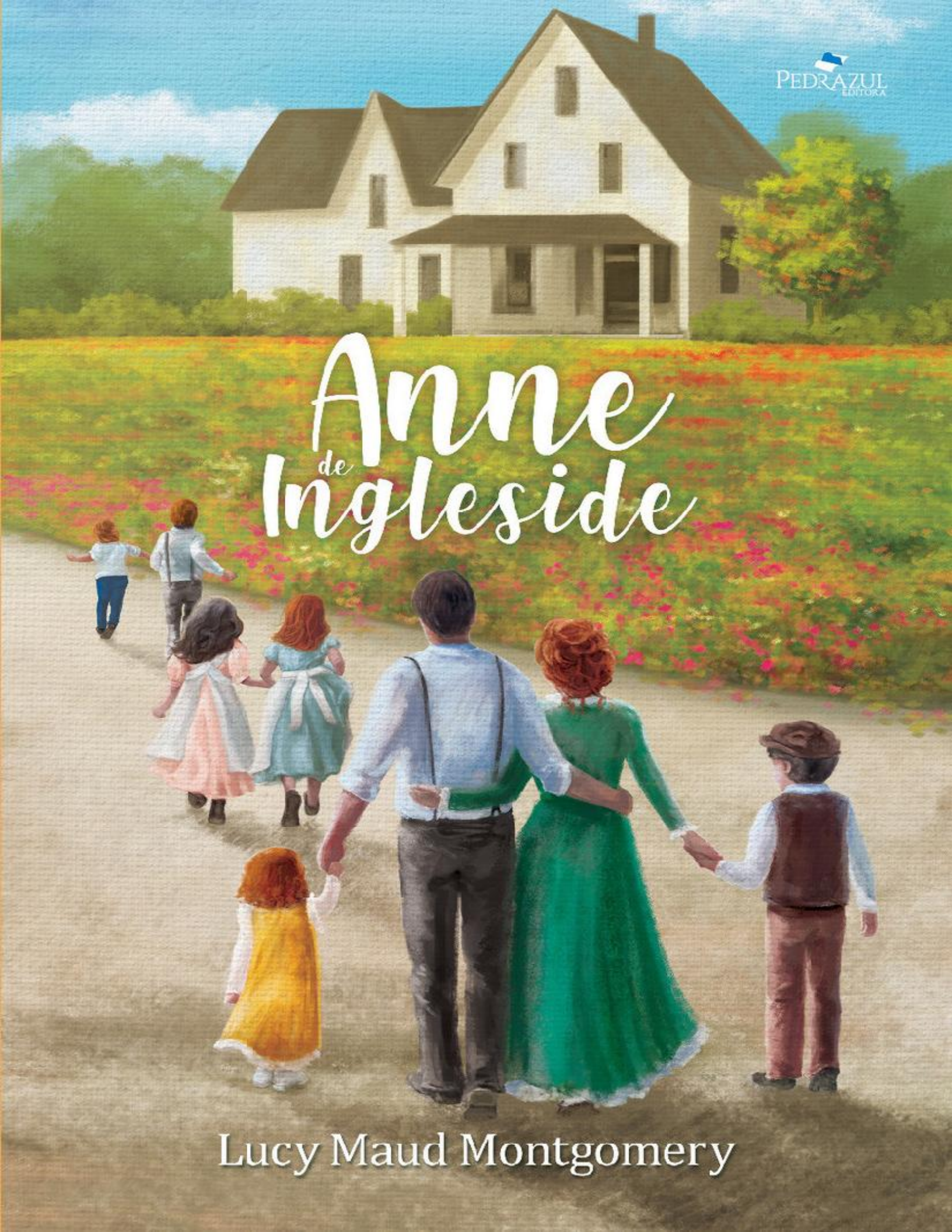


# Anne de Ingleside

Lucy Maud Montgomery



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

a

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [lelivros.com](http://lelivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

***"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."***



**Anne de Ingleside**  
**Lucy Maud Montgomery**

## Capítulo 1

**Parou** por uns momentos para olhar em volta os montes e bosques que ela amara no passado e ainda amava. Querida Avonlea! O Glen St. Mary era a casa dela agora, e já há alguns anos, mas Avonlea tinha algo que o Glen nunca poderia ter. Fantasmas dela própria que se cruzavam consigo a cada curva...campos onde passara saudavam-na...ecos indeléveis da sua doce vida passada estavam à sua volta...cada lugar que ela via tinha uma querida memória. Aqui e ali haviam jardins assombrados onde floresciam as rosas de antigamente. Anne gostava sempre de regressar a casa em Avonlea, mesmo quando como agora, a razão da visita era triste. Gilbert e ela tinham vindo ao funeral do seu pai e Anne ficara durante uma semana. Tanto Marilla como a senhora Lynde não se teriam conformado se fosse mais cedo.

O seu velho quarto do sótão continuava ali para ela e quando Anne lá tinha entrado na noite da sua chegada tinha encontrado um ramo de flores que a senhora Lynde lá colocara para si, um ramo enorme de flores primaveris onde Anne enterrou o rosto para encontrar toda a fragrância de anos inesquecíveis. A Anne de antigamente estava ali à sua espera. Uma alegria profunda aninhou-se no seu coração. O quarto do sótão envolvia-a nos braços...rodeava-a...integrava-a. Olhou com carinho para a velha cama com a colcha de folha de macieira que a senhora Lynde tinha tricotado, e as almofadas impecáveis de um intrincado padrão de croché feito pela senhora Lynde...os tapetes entrançados de Marilla no chão...o espelho que reflectira o rosto da pequena órfã, com o seu rosto infantil por determinar, que chorara até adormecer naquela noite há tantos anos. Anne esqueceu-se que era a feliz mãe de cinco crianças...com Susan Baker tricotando novamente umas botinhas misteriosas em Ingleside. Ela era Anne de Green Gables novamente.

A senhora Lynde encontrou-a olhando sonhadora para o espelho quando entrou, trazendo toalhas lavadas.

"É muito bom ter-te em casa de novo, Anne, é sim senhor. Já há nove anos que te foste embora, mas eu e a Marilla não conseguimos deixar de sentir a tua falta. Não estamos tão sozinhas desde que o Davy casou. a Millie é uma pequena adorável...e faz cada tarte!...apesar de ser curiosa

como um gato. Mas nós sempre dissemos e sempre vamos dizer que não há ninguém como tu."

"Ah, mas os espelhos não se deixam enganar, senhora Lynde. Este diz-me claramente, 'Não és tão nova como foste'," disse Anne melancólica.

"Tu tens o mesmo aspecto," consolou-a a senhora Lynde. "Claro que nunca tiveste muita cor a perder."

"De qualquer maneira, ainda não tenho nenhum inicio de duplo queixo," disse Anne alegremente. "E o meu velho quarto lembra-se de mim, senhora Lynde. Ainda bem...ficaria tão magoada se cá chegasse e visse que me tinha esquecido. E é maravilhoso ver novamente a Lua subir por trás do bosque assombrado."

"Parece uma grande moeda dourada no céu, não é?" disse a senhora Lynde, sentindo um laivo louco e poético, e agradecida de Marilla não estar presente para a ouvir.

"Olhe para aqueles pinheiros pontiagudos que se recortam pela frente...e as bétulas do declive que levantam os braços para o céu prateado. Agora são árvores grandes...eram coisinhas bebês quando eu cá cheguei...isso sim, faz-me sentir um pouco velha."

"As árvores são como as crianças," disse a senhora Lynde. "É terrível a rapidez com que crescem assim que lhes viramos as costas. O Fred Wright, por exemplo...só tem treze anos mas já é tão alto como o pai dele. Hoje há tarte de galinha para o jantar e eu fiz dos meus biscoitos de limão para ti. E não precisas de ter medo de dormir nessa cama. Eu arejei os lençóis hoje...e a Marilla não sabia e arejou-os novamente...e a Millie não sabia também e arejou-os pela terceira vez. Eu espero que a Mary Maria Blythe venha amanhã...Ela sempre gostou tanto de funerais."

"A tia Mary Maria...o Gilbert sempre lhe chamou assim, apesar dela ser só prima do pai dele...ela chama-me sempre 'Annie,'" disse Anne estremeando. "E a primeira vez que me viu depois de ter casado disse, 'Que estranho o Gilbert ter-te escolhido. Ele podia ter tido tantas raparigas bonitas.' Talvez seja por isso que nunca consegui gostar dela.e eu sei que o Gilbert também não gosta, apesar de não ser pessoa para admitir tal coisa em relação a alguém da família."

"O Gilbert vai cá ficar muito tempo?"

"Não. Ele tem que voltar amanhã à noite. Deixou um doente num estado muito crítico."

"Pois, realmente não tem muito que o prenda aqui a Avonlea agora, como a mãe também faleceu no ano passado. O velho senhor Blythe nunca mais foi o mesmo depois dela morrer... não tinha nada que o agarrasse à vida.

Os Blythe foram sempre assim... afeiçoam-se demais a coisas terrenas. É uma pena pensar que não há mais Blythes em Avonlea. Era boa gente. Mas também... temos bastantes Sloanes. E os Sloanes são Sloanes, Anne e sempre serão, para todo o sempre *Ámen*."

"Mas deixem-nos lá ser tantos quantos queiram, eu vou para o pomar passear ao luar depois do jantar. E no final lá que terei que me deitar... apesar de me parecer sempre um desperdício, dormir em noites de lua cheia... mas vou levantar-me cedo para ver a luz da manhã a romper sobre o Bosque Assombrado. O céu vai ficar coral, e os piscos vão andar por aí... talvez um pequeno pardal cinzento me bata à janela... e vão haver amores-perfeitos roxos e dourados para ver..."

"Mas os coelhos comeram todos o lírios de Junho," disse a senhora Lynde tristemente, enquanto caminhava para baixo, sentindo-se levemente aliviada por não haver mais conversas sobre a lua. A Anne sempre tinha sido um pouco estranha a esse respeito. E já não havia grande esperança que viesse a mudar com a idade.

A Diana veio ter com a Anne a meio da alameda. Mesmo ao luar podia ver-se que os seus cabelos ainda eram negros, as faces rosadas e os olhos brilhantes. Mas a luz da lua não escondia que ela estava mais forte do que estivera anos antes... e Diana nunca fora o que as pessoas de Avonlea chamavam de magricela.

"Não te preocupes. querida, não vim para ficar."

"Como se isso me preocupasse," disse Diana irritada. "Tu sabes que eu prefiro passar a noite contigo a ir à recepção. Parece-me que ainda não matei saudades e já te vais embora depois de amanhã. Mas é o irmão do Fred, e tu sabes... temos que ir."

"Claro que sim. E eu só por cá passei. Vim pelo caminho antigo, Diana... pela Bolha da Dríade... através do Bosque assombrado... pelo teu antigo jardim... e ao lado de Willowmere. Até parei para ver os salgueiros de pernas para o ar na água como costumávamos fazer. Estão tão grandes."

"Está tudo," disse Diana com um suspiro. "Quando olho para o meu Fred! Mudámos todos tanto. excepto tu. Tu nunca mudas, Anne. Como é que te manténs tão elegante? Olha só para mim!"

"Um bocadinho matrona, claro," riu-se Anne. "Mas ainda não foste apanhada pela meia-idade, Di. E quanto a eu não mudar...bem, a senhora H. B. Donnel concorda contigo. Ela disse-me no funeral que eu não parecia um dia mais velha. Mas a senhora Harmon Andrews não concorda. Ela disse, 'Santo Deus, Anne, como estás desgastada!'. Está tudo no olhar de quem vê... ou na consciência. A única altura em que me sinto um pouco mais velha é quando olho para as revistas. Os heróis e heroínas começam a parecer-me jovens demais. Mas não te preocupes, Di, nós vamos ser rapariguinhas de novo amanhã. Foi isso que te vim dizer. Nós vamos tirar a tarde para visitar os nossos velhos lugares...cada um deles. Vamos passear pelos campos primaveris e pelos bosques cheios de fetos. E vamos ver as velhas coisas que nos eram familiares, e os montes onde vamos encontrar a nossa juventude novamente. Nada parece impossível na primavera, sabes. Vamos deixar de nos sentir como mães responsáveis e ser tão infantis como a senhora Lynde ainda me acha bem lá no fundo. Não tem graça nenhuma ser sensata o tempo todo, Diana." "OH, como isso soa tão a ti! E eu gostava tanto. Mas..."

"Não há mas. Eu sei o que estás a pensar, 'Quem vai dar o jantar aos homens?'"

"Não, não é isso. A Anne Cordélia pode dar o jantar aos homens tão bem como eu, mesmo tendo só onze anos," disse Diana orgulhosa. "Era o que ia fazer, de qualquer maneira. Eu ia à Ladies' Aid. Mas não vou. Vou contigo. Vai ser como ter um sonho realizado. Tu sabes, Anne, muitas vezes sento-me ao entardecer e imagino que somos meninas novamente. Vamos levar um lanche..."

"E vamos comê-lo no jardim da Hester Gray...Será que o jardim da Hester Gray ainda lá está?"

"Penso que sim," disse Diana duvidosa. "Eu nunca mais lá fui desde que casei. A Anne Cordélia gosta muito de explorar...mas eu digo-lhe sempre que não se deve afastar muito de casa. Ela adora andar pelos bosques...e um dia em que lhe ralhei por estar a falar sozinha no jardim ela respondeu-me que não estava a falar sozinha, estava a falar para o espírito das flores. E tu sabes aquele serviço de chá com rosinhas em miniatura que tu lhe mandaste quando ela fez nove anos? Não tem uma peça partida...ela é tão cuidadosa. Só o usa quando as pessoas verdes vem tomar chá com ela. Não consigo perceber o que é que ela pensa que são. Penso muitas vezes, Anne, que ela se parece mais contigo do que comigo."

"Talvez o nome de uma pessoa tenha realmente mais influência do que Shakespeare pensava. Não te zangues com a Anne Cordélia por causa das fantasias dela, Diana. Eu tenho sempre pena das crianças que não passam uns anos na terra das fadas."

"A Olivia Sloane é a nossa professora agora," disse a Diana. "Ela é bacharel, sabes, e aceitou a escola este ano para estar próxima da mãe. Ela diz que as crianças têm que se preparar para enfrentar a realidade."

"Será que vivi estes anos para te ouvir defender os Sloanes, Diana Wright?"

"Não...não...não! Eu não gosto nem um bocadinho dela...Tem uns olhos tão redondos e azuis como o resto do clã. E eu não me importo com as fantasias da Anne Cordélia. São bonitas...como as tuas costumavam ser. Eu acho que ela vai ter realidade suficiente quando crescer."

"Então está decidido. Vem ter a Green Gables às duas horas e vamos beber um pouco de licor de groselha da Marilla...ela já o faz outra vez, apesar da senhora Lynde e do pastor. ..só para nos sentirmos realmente demoníacas."

"Lembras-te do dia em que me embebedaste com ele?" riu-se Diana, que não se importava de ser demoníaca se fosse Anne quem o dissesse. Toda a gente sabia que Anne não estava a ser ofensiva. Era a maneira de ser dela.

"Vamos ter um dia de recordações amanhã, Diana. Eu não te vou demorar mais...ali vem o Fred com o buggy. O teu vestido é encantador."

O Fred obrigou-me a comprar um novo para o casamento. Eu achava que não devia comprá-lo, tínhamos feito uma despesa tão grande com o novo celeiro, mas ele disse que não queria que a mulher dele fosse com um vestido visto quando todas as outras iam tão bem vestidas quanto possível. Não é mesmo à homem?"

"OH, pareces a senhora Elliot lá do Glen," disse Anne. "Tens que ter cuidado com essa tendência. Gostavas de viver num mundo onde não houvessem homens?"

"Seria horrível," admitiu Diana. "Sim, sim, Fred, já vou. Oh, está bem! Até amanhã então, Anne."

Anne parou na Bolha da Driade a caminho de casa. Ela gostava tanto daquele velho riacho. Tantos arrepios de riso infantil que tinha apanhado, e tinha-os guardado para agora lhos devolver aos ouvidos atentos. Os seus velhos sonhos...via-os agora reflectidos na limpida Bolha...votos



antigos...velhos murmúrios...o riacho mantinha-os a todos e murmurava-os a todos...mas não havia ninguém para ouvir a não ser os velhos e sábios abetos do bosque assombrado que os escutavam há tanto tempo.

## Capítulo 2

**"Não** faz mal. Hoje vamos beber toda a sua beleza, mesmo se o sol se for embora amanhã. Vamos aproveitar a nossa amizade hoje mesmo que amanhã vamos ficar separadas. Olha para aqueles grandes montes verdes...aqueles vales envoltos em neblinas azuladas. São nossos, Diana...não me interessa que aquele lá ao fundo esteja registado no nome de Abner Sloane...hoje é nosso. E há um vento de oeste que sopra...eu sinto-me sempre aventureira quando sopra vento de oeste...e nós vamos ter uma tarde perfeita."

E tiveram. Todos os seus velhos locais tão queridos foram visitados: a Alameda dos Apaixonados, o Bosque Assombrado, Idlewild, o Vale Violeta, o Caminho das Bétulas, o Lago de Cristal. Havia algumas diferenças. O pequeno anel de cotos de bétulas em Idlewild, onde elas tinham tido a sua casinha de brincar, tinha tornado a crescer e haviam árvores grandes; o Caminho das Bétulas, sem ser percorrido há muito tempo, estava cheio de vegetação; o Lago de Cristal tinha desaparecido completamente, deixando apenas uma cova cheia de relva húmida. Mas o Vale Violeta estava púrpura com violetas, e a pequena macieira que o Gilbert encontrara lá muito atrás no bosque era agora uma árvore enorme carregada de pequenas flores de pontas carmim.

Caminhavam com a cabeça descoberta. O cabelo de Anne ainda brilhava como mogno polido debaixo da luz do sol, e o da Diana era de um negro brilhante. Trocavam longos olhares felizes, meigos e amistosos de compreensão. Algumas vezes caminhavam em silêncio...Anne ainda acreditava que duas pessoas tão próximas como ela e Diana conseguiam sentir os pensamentos uma da outra. Por vezes começavam uma conversa com 'lembras-te quando'. Lembras-te do dia em que caíste dentro da casa dos patos das Cobb na Tory Road?"..."Lembras-te de quando saltámos para cima da tia Josephine?" ... "Lembras-te do nosso Clube de Histórias?"..."E lembras-te da visita da senhora Morgan, quando tu manchaste o nariz de vermelho?"..."Lembras-te de fazer-mos sinais uma à outra com velas?"..."Lembras-te de como nos divertimos no casamento da miss Lavender, e dos laços azuis da Charlotta?"..."Lembras-te da Sociedade para o Melhoramento de Avonlea?" Quase lhes parecia que ouviam os seus risos ecoando através dos anos.

A Sociedade para o Melhoramento de Avonlea estava ao que parecia morta. Tinha-se desfeito pouco tempo depois do casamento de Anne.

"Eles não conseguiam mantê-la, Anne. Os jovens em Avonlea não são como eram nos nossos tempos." "Não fales como se os nossos tempos já tivessem passado, Diana. Nós só temos quinze anos e somos espiritos afins. Não achas o ar tão cheio de luz...é mesmo luz. Não tenho a certeza que não me tenham crescido asas."

"Eu também me sinto assim," disse Diana, esquecendo-se que tinha atingido os noventa quilos nessa manhã. "Eu muitas vezes sinto que adorava transformar-me numa ave por um bocadinho. Deve ser maravilhoso poder voar."

A beleza rodeava-as. Matizes insuspeitas brilhavam na escuridão do bosque e cintilavam pelos seus caminhos convidativos. O sol de primavera filtrava-se através das jovens folhas verdes. Arrepios alegres de canções ecoavam por todo o lado. Havia pequenos declives onde se sentiam imersas numa bolha de ouro liquido. A cada canto, um novo aroma tocava-lhes o rosto...fetos aromáticos...pinheiros balsâmicos...o cheiro saudável de campos acabados de arar. Aqui havia uma alameda rodeada de cerejeiras selvagens em flor...um velho campo cheio de erva e de pequenos abetos que começavam a crescer, como elfos aninhados entre a relva...riachos que ainda não eram largos demais para saltar...flores estrela por debaixo dos pinheiros...mantos de pequenos fetos encaracolados...e uma bétula a quem algum vândalo arrancara a casca branca em muitos lugares, expondo as cores da parte interna. Anne olhou tanto tempo para ela que Diana reparou. Ela não via o que Anne observava...cores que iam do branco mais puro através de tons dourados delicados, aprofundando-se até à camada mais interna de um castanho rico e escuro, revelando que cada bétula, apesar de muito fria e senhora de si, ainda tinha emoções vivas e fortes.

"O fogo primordial da terra no seu coração," murmurou Anne.

E finalmente, após atravessarem uma pequena charneca no bosque cheia de cogumelos venenosos, encontraram o jardim de Hester Grey. Não estava muito diferente. Ainda estava muito bonito com as mais doces flores. Ainda haviam muitos lírios de Junho, como Diana chamava aos narcisos. As cerejeiras em fila estavam mais velhas, mas eram como uma vaga de flores brancas. Ainda se conseguia encontrar o caminho central rodeado de roseiras, e o velho canteiro estava branco com flores de morangueiro, azul com violetas e verde com pequenos fetos bebés. Comeram o seu jantar de

piquenique a um canto, sentadas numas velhas pedras cobertas de musgo, com um lilás por detrás, acenando as suas bandeiras púrpuras ao sol baixo do entardecer. Ambas tinham fome, e fizeram justiça aos seus bons cozinhados.

"As coisas sabem sempre tão bem cá fora!" suspirou Diana confortavelmente. "Este teu bolo de chocolate, Anne...bem, não tenho palavras, mas tens que me dar a receita. O Fred vai adorá-lo. Ele consegue comer de tudo e continuar magro. Eu estou sempre a dizer que não vou comer mais...porque estou cada ano mais gorda. Tenho tanto medo de ficar como a minha tia-avó Sarah...ela era tão gorda que tinham que a ajudar a levantar-se quando se sentava. Mas quando eu vejo um bolo como este...e na noite passada na recepção...bem, ele tinham ficado todos ofendidos se eu não comesse."

"E divertiste-te?"

"Oh, sim, de certa forma. Mas cai nas garras da prima do Fred, Henrietta...e ela delicia-se a contar todas as operações que fez e as sensações que teve, e como o apêndice dela tinha rebentado se não o tivesse tirado. 'Levei quinze pontos. Oh, Diana, as agonias que sofri!' Quase parece que gostou. E se sofre, porque é que não há-de ter o prazer de contar a aventura? O Jim estava tão engraçado...eu não sei se a Mary Alice lhe achou muita piada...Bem, só uma fatia muito fininha...preso por um, preso por mil...uma fatia tão fina não deve fazer grande diferença. Ele disse uma coisa, que na noite antes do casamento estava tão assustado que pensou em apanhar o comboio para o barco. Ele disse que todos os noivos se sentiam assim, e que ele tinha que ser honesto sobre isso. Achas que o Gilbert e o Fred se sentiram assim, Anne?"

"Com certeza que não."

"Foi o que o Fred disse quando lhe perguntei. Ele disse que o que ele tinha medo era que eu mudasse de ideias no último momento como aconteceu com a Rose Spencer. Mas nós nunca conseguimos saber em que é que um homem está a pensar. E tabu, agora não vale a pena estarmo-nos a preocupar com isso. Que tarde tão agradável que passámos! Revivemos tantos momentos felizes. Gostava mesmo que não te tivesses que ir embora amanhã, Anne."

"Não me podes ir visitar a Ingleside um destes dias no Verão, Diana? Antes de...bem, antes de eu deixar de poder receber visitas por uns tempos."

"Eu gostava muito. Mas parece impossível sair de casa no Verão. Há sempre tanta coisa para fazer."

"A Rebecca Dew vai lá finalmente, e fico muito contente...e receio que a Tia Mary Maria também. Ela deu isso a entender ao Gilbert. Ele não gosta mais dela do que eu, mas ela é da família e tem sempre a porta aberta."

"Talvez lá vá no Inverno. Eu adorava ver Ingleside novamente. Tu tens uma casa linda Anne...e uma família amorosa.

Ingleside é bonita...e eu gosto muito dela agora. Eu cheguei a pensar que nunca gostaria daquela casa. Odiei-a quando fomos para lá...odiava-a pelas suas virtudes. Eram um insulto à minha querida casa de sonho. Lembro-me de ter dito para o Gilbert quando a deixámos, 'Fomos tão felizes aqui. Nunca seremos tão felizes noutra lado'. E dei-me ao luxo de morrer de saudades durante uns tempos. Depois, dei com pequenas raízes de afecto por Ingleside a começarem a crescer. Lutei contra elas...de verdade...mas por fim tive que desistir e admitir que gostava muito da casa. E cada ano que passa gosto mais. Não é uma casa velha demais...as casas velhas demais são tristes. E também não é nova demais...as casas novas são descaracterizadas. Está mesmo no meio. E eu adoro cada divisão. Cada uma tem um defeito, mas também tem algumas virtudes...qualquer coisa que a distingue de todas as outras...dá-lhe uma personalidade. E adoro todas aquelas árvores magníficas do jardim. Eu não sei quem as plantou, mas cada vez que vou lá acima paro no hall...sabes aquela janela no hall das escadas com o banco largo...e sento-me lá a olhar para fora e digo, 'Deus abençoe o homem que plantou aquelas árvores, fosse ele quem fosse.' Nós realmente temos demasiadas árvores à volta de casa, mas não conseguimos abdicar de nenhuma.

"É tal e qual como o Fred. Ele adora aquele velho salgueiro a sul da nossa casa. Estraga-nos a vista das janelas da casa de estar, como lhe digo imensas vezes, mas ele diz só, 'Tu cortavas uma árvore linda como aquela só porque estraga a vista?' E por isso lá está o salgueiro...e é lindo. Foi por isso que chamámos à nossa casa a Quinta do Salgueiro Solitário. Eu adoro o nome Ingleside. É um nome tão simpático e caseiro."

"Foi o que o Gilbert disse. Nós demorámos muito tempo a decidir o nome. Tentámos vários mas não pareciam pertencer-lhe. Mas quando nos lembrámos de Ingleside percebemos logo que tínhamos acertado. Ainda bem que temos uma casa com muitos quartos...precisamos deles por causa

da nossa família. As crianças também gostam muito dela apesar der serem pequenas."

"São tão queridas." Diana cortou disfarçadamente uma nova "falhinha" de bolo de chocolate. "Eu acho que as minhas são muito simpáticas...mas as tuas são tão fofinhas...e as tuas gémeas! Como te invejo. Eu sempre quis ter gémeos."

"Oh, eu não lhes consigo escapar...estão no meu destino. Mas tenho pena que as minhas não se pareçam...nem um bocadinho. A Nan é bonita, com os olhos e cabelos castanhos e um tom de pele bonito. A Di é a favorita do pai, porque tem olhos verdes e cabelo ruivo...cabelo ruivo com caracóis. O Shirley é o menino da Susan...eu estive tão doente depois dele ter nascido que ela ficou a considerá-lo dela por ter tratado dele esse tempo todo. Ela chama-lhe 'o meu moreninho', e estraga-o com mimos."

"E ele ainda é suficientemente pequeno para tu poderes ir ao quarto ver se se destapou e aconchegá-lo novamente," disse Diana cheia de inveja. "O Jack tem nove anos, sabes, e já não me deixa fazer isso. Ele diz que já é grande demais. E eu gostava tanto de lho fazer! OH, eu gostava que as crianças não tivessem que crescer tão depressa." "Ainda nenhum dos meus chegou a essa fase...apesar de o Jem ter deixado de querer que eu lhe dê a mão na aldeia desde que começou a ir à escola," disse Anne com um suspiro. "Mas tanto ele como o Walter e o Shirley ainda querem que os aconchegue na cama. O Walter faz disso um grande ritual."

"E tu ainda não tens que te preocupar com o que vão ser. Agora o Jack diz que vai ser soldado quando crescer...um soldado! Imagina só!"

"Eu não me preocupava com isso. Ele vai-se esquecer disso quando outra fantasia tomar conta dele. A guerra é uma coisa do passado. O Jem imagina que vai ser marinheiro...como o Capitão Jim...e o Walter está prestes a tornar-se poeta. Ele não é nada como os outros. Mas eles todos gostam de árvores e adoram brincar no Vale, como chama a um pequeno vale ao pé de Ingleside, com caminhos de fadas e um riacho. Um lugar muito comum, só o vale para outros, mas para eles é a terra das fadas. Têm todos os seus defeitos...mas não são maus meninos...e há sempre amor suficiente para todos. Oh, ainda bem que amanhã por esta hora já vou estar em Ingleside, a contar histórias aos meus bebés e a elogiar as calceolárias e os fetos da Susan. Ninguém consegue fazer crescer aquelas flores como ela. Eu posso elogiar honestamente os fetos, mas as calceolárias, Diana! Não se parecem nada com flores. Mas eu nunca seria capaz de magoar a Susan

dizendo-lhe isso. Consigo sempre dar-lhe a volta. A providência ainda não me abandonou. A Susan é tão amorosa...Não sei o que faria sem ela. E lembro-me que a cheguei a considerar uma estranha. Sim, é muito bom pensar em voltar a casa, mas também fico triste por deixar Green Gables. É tudo tão bom aqui...com a Marilla...e tu. A nossa amizade foi sempre uma coisa maravilhosa, Diana."

"Sim...e nós sempre...quero dizer...eu nunca consegui dizer as coisas como tu, Anne...mas nós mantivemos o nosso voto solene, não foi, Anne?"

"Sim...e vamos mantê-lo sempre."

A mão de Anne encontrou a de Diana. Sentaram-se durante algum tempo num silêncio demasiado precioso. As sombras longas do entardecer caíram sobre a relva e as flores, e os prados verdes que se estendiam lá em baixo. O sol desceu...tons de cinza e rosa aprofundaram-se e empalideceram por detrás de árvores pensativas...o anoitecer de primavera tomou conta do jardim de Hester Gray onde agora ninguém caminhava. Os piscos cantavam ao céu do entardecer com assobios aflautados. Uma grande estrela espreitava-as por detrás das cerejeiras cobertas de branco.

"A primeira estrela é sempre um milagre," disse Anne sonhadora.

"Eu podia ficar aqui para sempre," disse Diana. "Não me apetecia nada ir embora."

"Nem a mim...mas nós afinal estivemos só a fingir que tínhamos quinze anos. Temos que nos lembrar das nossas preocupações familiares. Aqueles lilases têm um cheiro tão intenso! Alguma vez pensaste, Diana, que há qualquer coisa não muito...casta...no cheiro dos lilases? O Gilbert ri-se da ideia...ele adora lilases...mas para mim eles lembram sempre qualquer coisa secreta, demasiado doce."

"São pesados demais para dentro de casa, sempre achei isso," disse Diana. Ela pegou no prato que continha os restos do bolo de chocolate...olhou para eles longamente...abanou a cabeça e meteu-o no cesto com uma expressão de abnegação e grande nobreza no rosto.

"Não seria divertido, Diana, se agora, quando fossemos para casa, nos encontrássemos connosco próprias como éramos antigamente a correr pela Alameda dos Apaixonados?"

Diana sentiu um grande arrepio.

"Não, não acho que fosse nada divertido, Anne. Eu não me tinha apercebido que estava tão escuro. Está muito bem imaginar coisas durante o dia, mas..."

Seguiram em silêncio e calmamente juntas em direcção a casa, com a glória do pôr-do-sol queimando os velhos montes atrás delas, e a sua antiga amizade inesquecível ardendo nos corações.



## Capítulo 3

**Anne** terminou a semana que tinha sido cheia de dias agradáveis levando flores à campa de Matthew na manhã seguinte e à tarde apanhou em Carmody o comboio que a levava a casa. Durante uns tempos pensou em todas as coisas queridas que deixava para trás, mas depois os seus pensamentos correram à sua frente para as coisas amadas que a esperavam. O coração dela cantou todo o caminho porque ia para casa, uma casa alegre...uma casa que todos que atravessavam o degrau de entrada sabiam ser um lar...uma casa a todo o tempo cheia de risos, canequinhas, bebés...coisinhas preciosas com caracóis e joelhos redondinhos...e quartos que a recebiam e lhe davam as boas vindas...onde as cadeiras aguardavam pacientemente e os seus vestidos no armário a esperavam...onde sempre havia um pequeno aniversário a celebrar e pequenos segredos a murmurar.

"É tão maravilhoso sentir que vou para casa," pensou Anne, tirando da mala uma certa carta de um pequeno, sobre a qual se rira alegremente na noite anterior, lendo-a alto com orgulho para as pessoas de Green Gables...a primeira carta que recebera dos seus filhos. Era uma cartinha bastante boa para uma criança de sete anos que só ia à escola há um ano, apesar de ter alguns erros e uma grande mancha de tinta num dos cantos."

"A Di chorou chorou toda a noite porque o Tommy Drew lhe disse que ia queimar a boneca dela. A Susan conta-nos histórias bonitas à noite mas ela não é como tu, mamã. Ela deixou-me ajudá-la na cozinha ontem."

"Como é que eu pude ser feliz uma semana inteira sem eles?" pensou a castelã de Ingleside de forma reprovadora.

"Como é bom ter alguém à nossa espera no fim de uma viagem!" exclamou, enquanto saía do comboio na estação de Glen St. Mary para os braços de Gilbert. Ela nunca sabia se Gilbert lá estaria para a receber...havia sempre alguém a nascer ou a morrer...mas nenhuma chegada a casa parecia completa sem ele lá estar. E ele estava com aquele fato cinza claro tão bonito! (Ainda bem que vesti esta blusa com rendas com o meu fato castanho, mesmo que a senhora Lynde tenha achado que eu era maluca por o usar numa viagem. Se não o tivesse feito agora não estava tão bonita para o Gilbert.) Ingleside estava toda iluminada, com alegres lanternas japonesas penduradas da varanda. Anne correu alegremente pela alameda bordeada a narcisos.

"Ingleside, cá estou!" chamou.

E estavam todos à sua volta...rindo, exclamando, gesticulando...com Susan Baker rindo lá atrás. Todas as crianças tinham um ramo de flores apanhado especialmente para ela, até o pequeno Shirley que só tinha dois anos.

"OH, esta é uma belíssima recepção! Tudo em Ingleside parece tão feliz. É esplêndido pensar que a minha família fica tão feliz de me ver."

"Se tu te fores outra vez embora de casa Mamã," disse solenemente Jem, "eu vou ter 'apencite'."

"E como é que vais fazer isso?" perguntou Walter.

"Shh!" disse Jem para Walter secretamente e segredou-lhe, "Há uma dor num sitio qualquer, eu sei...mas eu só quero assustar a mamã para ela não se ir embora."

Anne queria fazer cem coisas em primeiro lugar...abraçar toda a gente... correr lá para fora e apanhar alguns dos seus amores perfeitos...havia amores-perfeitos em todo o lado em Ingleside...apanhar a pequena boneca gasta do chão...ouvir todos os mexericos e noticias, com toda a gente a contribuir com alguma coisa. Como Nan tinha enfiado um tubo de vaselina pelo nariz acima quando o doutor estava fora numa consulta e a Susan estava distraída..."Asseguro-lhe que foi uma aflição, minha querida senhora"...como a vaca da senhora Jud Palmer tinha comido cinquenta e sete pregos e tinham tido que chamar o veterinário de Charlottetown...como a distraída senhora Fenner Douglas tinha ido à igreja de cabeça descoberta...como o pai tinha tirado todas as dalias do jardim..."Entre bebés, minha querida senhora...ele assistiu a oito enquanto esteve fora"...como o senhor Tom Flagg tinha pintado o bigode..."e a mulher dele só morreu há dois anos"...como a Rose Maxweel do porto tinha deixado o Jim Hudson do Glen, e ele lhe mandou uma conta com tudo o que tinha gasto com ela...como tinha havido um encontro tão agradável no funeral da senhora Amasa Warren...como o gato do Cártter Flagg tinha sido mordido na base da cauda...como o Shirley tinha sido encontrado num estábulo mesmo debaixo dos cavalos..."Minha querida senhora, nunca mais vou ser a mesma pessoa"...como infelizmente tudo levava a crer que as ameixeiras que davam ameixas roxas estava com uma doença...como a Di tinha passado todo o dia a cantar "A mamã vem hoje para casa, para casa, para casa"...como os Reeses tinham um gatinho que era estrábico porque tinha nascido de olhos abertos...como o Jem se tinha sentado por descuido

em cima do papel mata moscas antes de ter vestido as calças...e como o Camarão tinha caído dentro do barril do algeroz.

"Quase que se afogou, minha querida senhora, mas felizmente o doutor ouviu os gritos dele naquele momento e tirou-o de lá pelas patas de trás."

(O que é momento, mamã?) "Ele parece ter recuperado bem," disse Anne, passando a mão pelas costas brancas e pretas de um gatinho satisfeito com um focinho enorme, ronronando numa cadeira perto da lareira. Ninguém se podia sentar numa cadeira em Ingleside sem antes se certificar se não havia lá um gato. Susan, que logo para começar não gostava muito de gatos, jurava que tinha tido que começar a gostar deles por auto-defesa. Quanto ao Camarão, o Gilbert tinha-o chamado assim desde que a Nan tinha trazido o gatinho escanzelado e infeliz da aldeia de pescadores, onde um grupo de miúdos o tinha estado a torturar. O nome ficou, apesar de agora ser muito pouco apropriado.

"Mas...Susan" O que aconteceu ao Gog e ao Magog? OH...não se partiram, pois não?"

"Não, não, minha querida senhora," exclamou Susan, ficando vermelha de vergonha e saindo apressada da sala. Regressou logo com os dois cães de porcelana que desde o início presidiam à lareira de Ingleside.

"Nem sei como é que me esqueci de os por de volta no sitio antes da senhora voltar. Sabe, minha querida senhora, a senhora Charles Day de Charlottetown esteve cá no dia em que a senhora partiu... e a senhora sabe como ela é exigente e sóbria. O Walter achou que tinha que a entreter e começou por lhe apontar os cães de porcelana. 'Este é Deus, e este é o Meudeus,' [{1}](#) disse ele, pobre criança inocente. Eu fiquei horrorizada...pensei que morria de olhar para a cara da Senhora Day. Expliquei-lhe o melhor que pude, porque não queria que ela pensasse que éramos uma família profana, mas decidi que ia guardar os cães no armário da porcelana, fora de vista, até que a senhora voltasse."

"Mamã, não podemos jantar já?" disse o Jem. "Tenho a barriga a dar horas.

E, oh, mamã, nós fizemos o prato favorito de toda a gente!"

"Nós, diz a pulga ao elefante, fizemos isso mesmo," disse Susan com um sorriso. "Nós queríamos que o seu regresso fosse devidamente celebrado, minha querida senhora. E onde está o Walter? É a semana dele tocar o sino, benza-o Deus."

O jantar foi uma refeição de gala...e por todos os bebês a dormir depois foi uma delícia. A Susan até a deixou pôr o Shirley a dormir, uma vez que era uma ocasião tão especial.

"Este não é um dia vulgar, minha querida senhora," disse Susan solenemente.

"Oh, Susan, não há dias vulgares. Cada dia tem algo que mais nenhum outro tem. Nunca reparaste?"

"Isso é uma verdade, minha querida senhora. Até a última sexta-feira, que choveu todo o dia e foi tão aborrecida, os meus gerânios cor-de-rosa floresceram apesar de há três anos não darem flor. E já viu as minhas calceolárias, minha querida senhora?"

"Se as vi! Eu nunca vi calceolárias como aquelas em toda a minha vida, Susan. Como é que você consegue? (Ora aí está, a Susan ficou feliz e eu não lhe menti. E nunca vi tais calceolárias...graças a Deus!) "São o fruto de muito cuidado e atenção, minha querida senhora. Mas há uma coisa que eu tenho que lhe dizer. Eu acho que o Walter suspeita de qualquer coisa. Não duvido que as crianças do Glen lhe disseram alguma coisa. Hoje em dia há tantas crianças que sabem mais do que deviam. O Walter disse-me outro dia, muito sério, 'Susan', disse, 'Os bebês são muito caros?' Eu fiquei um bocado confusa, minha querida senhora, mas mantive a compostura. 'Algumas pessoas acham que são luxos,' disse-lhe eu, 'mas em Ingleside são bens de primeira necessidade'. E todo o dia me arrependi de me ter queixado dos preços das coisas nas lojas do Glen. Mas se ele lhe disser alguma coisa, minha querida senhora, vai estar preparada."

"Tenho a certeza que tomou muito bem conta da situação, Susan," disse Anne com muita seriedade. "E eu acho que já é altura deles todos saberem o que esperamos."

Mas o melhor foi quando Gilbert veio ter com ela, quando estava à janela observando o nevoeiro que vinha do mar, por cima das dunas iluminadas pela lua e do porto, através do vale longo e estreito para onde Ingleside ao cimo se virava, e no qual se aninhava a aldeia de Glen St. Mary.

"Voltar ao fim do dia e encontrar-te! Estás feliz, minha Anne entre as Annes?"

"Feliz!" Anne dobou-se para cheirar uma jarra de flores de macieira que Jem lhe tinha posto na cómoda. Sentiu-se rodeada de amor. "Meu querido Gilbert, foi maravilhoso ser a Anne de Green Gables outra vez

durante uma semana, mas é cem vezes mais maravilhoso voltar a ser a Anne de Ingleside."

## Capítulo 4

**"Absolutamente** não", disse o Dr. Blythe, mu, tom que Jem conhecia.

O Jem sabia que não havia forma de mudar a opinião do pai, o que a mãe fosse tentar mudá-la a seu favor. Era simples de ver que neste assunto o pai e a mãe estavam de acordo. Os olhos cor de avelã do Jem escureceram-se com zanga e a desilusão enquanto ele olhava para os seus pais cruéis...encarava-os...e com tanto mais fervor quanto eles pareciam indiferentes aos seus olhares e continuavam a comer o jantar como se nada estivesse errado ou fora do lugar. Claro que a tia Mary Maria reparava no seu olhar...nada escapava aos olhos azuis-claros e tristes da tia Mary Maria...mas ela apenas parecia divertida com ele.

O Bertie Shakespeare Drew tinha brincado com o Jem toda a tarde...o Walter tinha ido para a Casa de Sonho brincar com o Kenneth e a Persis Ford...e o Bertie Shakespeare tinha dito ao Jem que todos os rapazes do Glen iam ao porto ver o Capitão Bill Taylor tatuar uma cobra no braço do sobrinho James Drew. Ele, Bertie Shakespeare, ia, e o Jem não queria vir também? Ia ser tão divertido. Jem ficou logo doido de vontade de ir; e agora fora-lhe dito que estava completamente fora de questão.

"Por uma boa razão entre muitas," disse-lhe o Pai, "É muito longe para vocês irem com aqueles rapazes. Eles não vão voltar senão muito tarde e tu deitas-te ás oito, filho."

"Eu ia todos os dias para a cama ás sete quando era pequena," disse a tia Mary Maria.

"Tens que esperar até seres mais velho, Jem, antes de poderes sair para tão longe à noite," disse a mãe.

"Vocês disseram isso na semana passada," exclamou Jem indignado, "e agora sou mais velho. Vocês pensam que eu sou um bebé! O Bertie vai e ele é da mesma idade que eu."

"Anda por ai a papeira," disse a tia Mary Maria de uma forma sombria. "Podes apanhar papeira, James."

Jem odiava que lhe chamassem James. E ela fazia-o sempre.

"Eu quero apanhar papeira," resmungou rebelde. Então, vendo a expressão do pai, sossegou. O pai não admitia que ninguém respondesse à tia Mary Maria. Jem odiava a tia Mary Maria. A tia Diana e a tia Marilla

eram umas tias muito boas, mas a tia Mary Maria era uma novidade na experiência de Jem.

"Está bem," disse com ar de desafio, olhando para a Mãe de forma que ninguém desconfiasse que ele estava a falar com a tia Mary Maria, "se não querem gostar de mim não precisam de se esforçar. Mas agora gostavam se eu me fosse embora matar tigres em África?"

"Não há tigres em África, querido," disse a Mãe gentilmente.

"Leões, então!" gritou Jem. Estavam determinados a zangá-lo não era? Queriam rir-se dele? Ele ia mostrar-lhes! "Não podem dizer que não há leões em África. Há milhões de leões em África. A África está cheia de leões!"

A Mãe e o Pai limitaram-se a sorrir novamente, com grande desaprovação da tia Mary Maria. A impaciência era indesculpável numa criança. "Entretanto," disse a Susan, dividida entre o seu amor e empatia para com o pequeno Jem e a sua convicção que o Dr. e a Senhora estavam perfeitamente certos ao não o deixarem ir ao Porto com aquela tropa da aldeia a casa do velho e bêbado Capitão Bill Taylor, "aqui está o teu bolinho de gengibre com natas, Jem querido."

O bolo de gengibre com natas era a sobremesa favorita de Jem. Mas nesta noite não tinha qualquer encanto para acalmar a sua alma tempestuosa.

"Eu não quero isso!" disse amuado. Levantou-se e foi-se embora da sala de jantar, virando-se à porta para gritar um desafio final.

"Eu n'a vou para a cama senão às nove horas. E quando eu crescer nunca me vou deitar. Vou ficar levantado toda a noite...todas as noites...e vou-me tatuar todo. Vou ser tão mau, tão mau. Vocês vão ver." "Eu não vou' soava tão melhor do que 'n'a vou', querido," disse a Mãe.

Mas será que nada os faria compreender?

"Parece-me que ninguém quer a minha opinião, Annie, mas se eu tivesse falado assim aos meus pais quando eu era pequena tinha levado uma sova de chicote," disse a tia Mary Maria. "Eu acho uma pena que as varas estejam tão fora de moda hoje em dia."

"O pequeno Jem não tem culpa," respondeu Susan, vendo que o Dr. e a senhora não iam dizer nada. Mas se a Mary Maria Blythe pensava que ficava com a última palavra, ela, Susan, ia saber porquê. "O Bertie Shakespeare é que lhe encheu a cabeça com aquela conversa, de como seria divertido ir ver o Joe Drew a ser tatuado. Ele esteve cá toda a tarde e entrou

para dentro da cozinha para levar a minha melhor caçarola de alumínio para usar como capacete. Disse que estavam a brincar aos soldados. E depois estiveram a fazer barcos com telhas e molharam-se todos no riacho do vale. E depois disso andaram aos saltos no jardim durante uma hora, a fazerem os barulhos mais estranhos, a imitarem as rãs. Rãs! Não admira que o pequeno Jem esteja tão cansado e fora de si. Ele é a criança mais bem comportada que já se viu, quando não está estafado, e é bem verdade."

A tia Mary Maria não disse nada de irritante. Ela nunca falava com a Susan às refeições, expressando desta fora a sua desaprovação em relação ao facto de naquela casa se permitir que a criada comesse à mesa com os patrões.

Anne e Susan tinham decidido isso antes de a tia ter chegado. A Susan, que 'sabia o seu lugar', nunca se sentava à mesa com a família ou esperava fazê-lo quando haviam visitas em Ingleside.

"Mas a tia Mary Maria não é uma visita," disse Anne. "Ela é da família...e você também, Susan."

Por fim Susan acedeu, não sem uma satisfação secreta pelo facto da Mary Maria Blythe ver que ela não era uma criada vulgar. A Susan nunca tinha visto a Tia Mary Maria, mas uma sobrinha dela, a filha da sua irmã Matilda, tinha trabalhado para ela em Charlottetown e tinha-lhe contado umas coisas sobre ela "Eu não vou fingir, Susan, que estou muito feliz com uma visita da tia Mary Maria, especialmente nesta altura," disse Anne com franqueza. "Mas ela escreveu ao Gilbert a perguntar se podia vir por umas semanas...e você sabe como o doutor é em relação a essas coisas..."

"E tem todo o direito de ser," respondeu Susan. "O que mais pode ter um homem a fazer, senão apoiar a sua família? Mas quanto a serem umas semanas...bem minha querida senhora, eu não quero olhar só para o lado mau das coisas...mas a cunhada da minha irmã Matilda veio visitá-la durante umas semanas e acabou por ficar vinte anos."

"Eu não acho que isso seja de recear, Susan," sorriu Anne. "A Tia Mary Maria tem uma casa muito boa em Charlottetown. Mas começa a achá-la muito grande e solitária. A mãe dela morreu há dois anos, sabe...tinha oitenta e cinco anos e a Tia Mary Maria foi muito boa para ela e tem muitas saudades. Vamos tentar tornar a visita dela o mais agradável possível, Susan."

"Eu vou dar o meu melhor, minha querida senhora. Claro que tenho que pôr outra tábuia na mesa, mas sempre é melhor quando se alarga uma



mesa do que quando se tem que encolher."

"Mas não podemos ter flores na mesa, Susan, porque parece-me que lhe fazem asma. E a pimenta fá-la espirrar, por isso também não podemos usar. Ela também sofre bastante de dores de cabeça, por isso temos que tentar não ser barulhentos."

"Santo Deus! Bem, eu nunca reparei que a senhora e o doutor fossem muito barulhentos. E se eu quiser gritar posso ir ao meio do bosque, mas se as nossas pobres crianças tiverem que estar caladas o tempo todo por causa das dores de cabeça da Mary Maria Blythe...vai-me perdoar por dizer isto, mas é ir um pouco longe demais, minha querida senhora."

"É só por umas semanas, Susan."

"Esperemos que sim. Oh, bem, minha querida senhora, temos que comer a gordura da vida da mesma maneira que comemos as febras," foi a declaração final da Susan.

E a Tia Mary Maria veio, perguntando assim que chegou se tinham mandado limpar a chaminé recentemente. Ela tinha, ao que parecia, um grande pavor do fogo. "E eu sempre disse que as chaminés desta casa não tinham altura suficiente. Espero que a minha cama tenha sido bem arejada, Annie. É horrível ter lençóis a cheirar a humidade."

Ela tomou posse do quarto de hóspedes de Ingleside...e todos os outros da casa à excepção do da Susan. Ninguém saudou a chegada dela com um entusiasmo muito aberto. O Jem, depois de uma olhadela rápida, esgueirou-se para a cozinha e segredou a Susan, "Podemos rir-nos enquanto ela cá estiver?" Os olhos de Walter encheram-se de lágrimas assim que a viu e teve que ser vergonhosamente retirado da sala. As gémeas não esperaram que as retirassem e fugiram pelos seus próprias meios. Até o Camarão, garantiu Susan, saiu e teve um ataque de nervos no quintal. Apenas o Shirley lá permaneceu, olhando-a destemido com os seus olhos castanhos muito redondos, do colo seguro de Susan. A tia Mary Maria achou que as crianças de Ingleside não tinham muito boas maneiras. Mas o que se poderia esperar se tinham uma mãe que escrevia para jornais, um pai que achava que elas eram perfeitas só porque eram suas, e uma empregada como a Susan Baker que não sabia o seu lugar? Mas ela, Mary Maria Blythe iria dar o seu melhor pelos netos do seu pobre primo John enquanto estivesse em Ingleside.

"As tuas graças são sempre tão curtas, Gilbert," disse de forma desaprovadora na primeira refeição que tomaram. "Gostavas que eu desse

as graças enquanto cá estou? Seria um exemplo melhor para a tua família."

E para horror de Susan Gilbert disse que sim, e a Tia Mary Maria disse as graças ao jantar. "Pareceu-me mais um sermão que umas graças," resmungou Susan enquanto lavava a loiça. Susan concordava secretamente com a descrição que a sua sobrinha dera de Mary Maria Blythe. "Ela parece estar sempre a sentir um mau cheiro. Não é um odor desagradável...é um mau cheiro." A Gladys tinha a sua maneira de definir as coisas, reflectiu Susan. Mas mesmo assim, para alguém menos influenciado que Susan, Mary Maria Blythe não era uma mulher desagradável de se ver para quem tinha já cinquenta e cinco anos. Ela tinha o que acreditava serem "feições aristocráticas", emolduradas por lustrosos caracóis cinzentos que pareciam insultar o pequeno troço de cabelo cinzento de Susan. Ela vestia-se muito bem, usava brincos compridos e colarinhos altos de renda que estavam muito na moda.

"Pelo menos não nos envergonhamos do aspecto dela," reflectiu Susan. Mas o que a Tia Mary Maria teria pensado se soubesse que era esse o consolo de Susan relativamente à sua pessoa é coisa que apenas podemos imaginar.

## Capítulo 5

**Anne** estava a cortar um ramo de narcisos para uma jarra do seu quarto, e outro de peónias da Susan para o escritório de Gilbert...peónias brancas com uma gota vermelho sangue ao centro, como o beijo de um Deus. O ar ganhava vida depois do dia de Junho invulgarmente quente, e mal se conseguia ver se o porto era prateado ou dourado.

"Hoje vai haver um pôr-do-sol maravilhoso, Susan," disse, olhando pela janela da cozinha quando passava por ela.

"Eu não posso admirar o pôr-do-sol enquanto não tiver a loiça lavada, minha querida senhora," protestou Susan.

"Nessa altura já vai ter passado, Susan. Olha para aquela enorme nuvem branca por cima do vale, com o topo rosado. Não gostava de voar e aterrar lá em cima?"

Susan imaginou-se a voar por cima do Glen, com o pano da loiça na mão, até àquela nuvem. A imagem não a cativou. Mas nesta altura tinha que se ser complacente com a senhora.

"Há uma espécie nova de insecto a comer as roseiras," continuou Anne. "Tenho que as tratar amanhã. Gostava de fazer isso esta noite...é mesmo o tipo de noite em que gosto de trabalhar no jardim. As coisas estão a crescer esta noite. Eu espero que hajam jardins no Céu, Susan... jardins onde possamos trabalhar, e ajudar as coisas a crescer."

"Mas insectos não, com certeza," protestou Susan.

"Não, penso que não. Mas um jardim acabado não teria graça nenhuma, Susan. Nós temos que trabalhar num jardim ou perdemos todo o seu significado. Eu quero podar e mondar e transplantar e mudar, e planear e cortar. E quero as flores de que gosto no Céu...preferia os meus amores-perfeitos às estrelicias, Susan."

"E porque é que não pode fazer isso esta noite?" interrompeu Susan, que achava que a senhora estava a ficar um pouco delirante.

"Porque o Doutor quer que eu vá dar uma volta com ele. Ele vai ver a senhora John Paxton. Ela está a morrer...ele não a pode ajudar...já fez tudo o que podia...mas ela gosta que ele lá vá."

"Oh, bem, minha querida senhora, nós bem sabemos que ninguém pode morrer ou nascer sem ele por estas bandas, e está uma noite agradável para um passeio. Eu também acho que vou lá abaixo ao Glen para fornecer

a despensa depois de pôr o Shirley na cama e adubar a senhora Aaron Ward. Ela não está a florescer como devia. A Miss Blythe foi lá para cima, a gemer a cada passo, disse que estava a ficar com uma das dores de cabeça dela, por isso vamos ter alguma paz e sossego pelo menos ao serão."

"Veja se o Jem vai para a cama a horas, está bem, Susan?" disse Anne enquanto saía para o entardecer que era como uma taça de perfume que se derramara."Ele está realmente muito mais cansado do que pensa estar. E ele nunca quer ir para a cama. O Walter não vem para casa esta noite, a Leslie perguntou-me se ele podia lá ficar."

O Jem estava sentado nos degraus da porta do lado, com um pé descalço por cima do joelho, olhando furiosamente para as coisas em geral e para uma lua enorme que surgia por detrás da igreja do Glen em particular. O Jem não gostava de luas assim tão grandes.

"Vê lá se a tua cara não fica assim para sempre," tinha-lhe dito a tia Mary Maria quando passara por ele a caminho de casa.

Jem fizera uma careta pior que todas. Ele não se importava que a cara dele ficasse assim para sempre. Ele até esperava que ficasse. "Vai- t'embora e não andes só atrás de mim o tempo todo," disse para Nan, que tinha vindo ver dele cá fora depois do Pai e da Mãe terem saído. "Mau!" disse Nan. Mas antes de ter saltitado para longe deixou no degrau ao pé dele o leão de chocolate embrulhado em prata vermelha que lhe tinha trazido.

O Jem ignorou-o. Sentiu-se mais maltratado que sempre. Ele não estava a ser respeitado. Toda a gente implicava com ele. A Nan não lhe tinha dito naquele mesmo dia que ele não tinha 'nascido em Ingleside como nós todos'? A Di tinha comido o coelho de chocolate dele depois do almoço apesar de saber que era o coelho dele. Até o Walter o tinha abandonado, para cavar poços na areia com o Ken e a Persis Ford. Que divertimento! E ele queria tanto ir com o Bertie Shakespeare ver a tatuagem. Jem estava certo que nunca na vida tinha querido tanto uma coisa. Queria ver o barco maravilhoso que o Bertie lhe tinha dito que o Capitão tinha em cima da lareira. Era uma maldade, era o que era.

A Susan trouxera-lhe uma grande fatia de bolo coberto de açúcar e nozes, mas "Não, obrigado," dissera Jem impassível. Porque é que ela não lhe tinha guardado uma fatia de bolo de gengibre e natas para ele?

Se calhar os outros tinham-no comido todo. Porcos! E enterrou-se num golfo de raiva ainda mais profundo. Os miúdos já deviam ir a caminho do porto por esta altura. Ele nem podia pensar. Ele tinha que fazer qualquer

coisa para se vingar dos pais. E se ele estraçalhasse a girafa cheia de serradura da Di na carpete da sala? Isso ia enfurecer a Susan...a Susan e as nozes dela, quando ela sabia que ele detestava nozes com cobertura de açúcar. E se ele fosse desenhar um bigode no anjinho que ela tinha pendurado no quarto dela? Ele sempre tinha detestado aquele quadro, fazia-lhe lembrar a Sissy Flag, que tinha andado a espalhar pela escola que o Jem Blythe era namorado dela. Mas a Susan achava o anjinho tão amoroso.

E se ele tirasse o escalpe à boneca da Nan? E se ele partisse o nariz ao Gog ou ao Magog...ou aos dois? Talvez ai a Mãe visse que ele já não era um bebé. Esperem só até à próxima primavera! Ele trazia-lhe Maios há anos e anos...desde que tinha quatro anos...mas não lhos ia trazer na primavera seguinte. Não senhor!

E se comesse muitas maçãs verdes daquela macieira e ficasse muito doente? Talvez isso os assustasse. E se ele nunca mais lavasse as orelhas? E se fizesse caretas a toda a gente na igreja no próximo domingo? E se ele pusesse uma lagarta em cima da tia Mary Maria...uma lagarta gorda e peluda? E se ele corresse para o porto e se escondesse no navio do Capitão David Reese, e se saísse amanhã com ele para navegar para a América do Sul? Será que então se arrependiam? E se ele nunca mais voltasse? E se ele fosse caçar crocodilos para o Brasil? Será que nessa altura se arrependiam? Não, ele apostava que não. Ninguém gostava dele. O bolso das calças dele tinha um buraco. Ninguém lho remendava. Pois, ele não se importava. Ele ia mostrar aquele buraco a toda a gente do Glen para verem como ele era uma criança negligenciada. Todas as injustiças lhe ocorriam e ultrapassavam-no. Tic-tac...tic-tac...tic-tac...fazia o velho relógio do avô no hall, tinha sido trazido para Ingleside depois do avô ter morrido...um relógio velho e calculista, que remontava ao tempo em que ainda havia tempo. Geralmente Jem gostava muito dele...agora odiava-o. "Ah,ah, vem ai a hora de deitar. Os outros rapazes vão ao porto mas tu tens que te deitar. Ah,ah...ah,ah...ah,ah!"

E porque é que ele tinha que se deitar todas as noites? Sim, porquê? Susan saiu a caminho do Glen e olhou ternamente para a pequena figura rebelde.

"Não precisas de te deitar até eu voltar, pequeno Jem," disse indulgente.

"Eu não me vou deitar esta noite! Disse o Jem destemido. "Eu vou fugir, é o que vou fazer, velha Susan Baker. Vou-me embora, vou saltar para

dentro do lago, velha Susan Baker."

A Susan não gostava que lhe chamassem velha, mesmo que fosse o Jem a chamar. Ele continuou o caminho num silêncio sério. Ele precisava realmente de ser castigado. O Camarão, que a seguira até à rua, sentindo uma certa necessidade de companhia, instalou-se sentado nas patas traseiras perto de Jem, mas apenas recebeu um olhar zangado em retribuição. "Vai-te embora! Sentado aí a olhar para mim como a tia Mary Maria! Raspa-te! Oh, não vais, não vais! Então toma!"

Jem atirou-lhe com um pequeno carrinho de lata do Shirley que estava ali mesmo à mão, e o Camarão fugiu com um miado de lamento para o santuário mais próximo, um canteiro de flores. Olhem para aquilo! Até o gato da família o odiava! De que lhe servia continuar vivo?

Ele apanhou o leão de chocolate. A Nan tinha-lhe comido as patas de trás e a maior parte da cauda, mas ainda era um leão. Mais valia comê-lo. Até podia ser o último leão que ele ia comer. Assim que o Jem acabou de o comer e lambeu os dedos, tinha também decidido o que ia fazer. Era a única coisa que um rapaz podia fazer quando não o deixavam fazer nada.

## Capítulo 6

**"Porque** é que a casa está toda iluminada daquela maneira?"  
Exclamou Anne.

Mas não haviam visitas quando Anne se apressou casa a dentro. Nem havia ninguém à vista. Havia luz na cozinha...na sala...na biblioteca...na casa de jantar...no quarto da Susan e no patamar das escadas...mas nenhum sinal de ocupantes.

"O que é que achas," começou Anne...mas foi interrompida pelo toque do telefone. Gilbert atendeu...ouviu por um momento...fez uma expressão de horror...e saiu porta fora sem sequer dirigir o olhar a Anne. Era evidente que algo horrível tinha acontecido e não havia tempo para explicações.

Anne estava habituada a este tipo de coisas...como esposa de um homem que atende questões de vida ou morte. Com um suspiro filosófico ela tirou o casaco e o chapéu. Sentiu-se um pouco aborrecida com a Susan, que não devia ter saído deixando as luzes todas acesas e as portas todas abertas.

"Minha...querida...senhora," disse uma voz que não podia ser a da Susan...mas era.

Anne olhou longamente para ela. A Susan...sem chapéu...com o cabelo cheio de feno\_\_\_com o vestido todo manchado. E a cara dela!"

"Susan! O que é que aconteceu? Susan!"

"O pequeno Jem desapareceu."

"Desapareceu!" Anne limitava-se a olhar para ela estupidamente. "O que é que quer dizer com isso? Ele não pode ter desaparecido!"

"Mas desapareceu," gaguejou Susan, torcendo as mãos. "Ele estava no degrau da porta do lado quando eu fui ao Glen. Eu cheguei antes de escurecer...mas ele não estava aqui. Primeiro...não estava assustada...mas não o conseguia encontrar em lado nenhum. Eu procurei em todos os quartos desta casa...ele disse que ia fugir..."

"Que disparate! Ele não ia fazer isso, Susan. Você enervou-se sem necessidade. Ele deve estar por aí...deixou-se dormir nalgum lado...tem que estar nalgum lado."

"Eu procurei em todo o lado...em todo o lado. Já procurei no quintal e nas casas de fora. Olhe para o meu vestido...eu lembrei-me que ele sempre disse que seria divertido dormir no celeiro do feno. Por isso fui lá...e cai

pelo buraco do canto, aquele que vai dar ás manjedouras do estábulo...e aterrei num ninho de ovos. Foi um milagre não ter partido uma perna...se se pode falar de milagres quando o pequeno Jem está perdido."

Anne ainda se recusava a deixar-se perturbar.

"Acha que ele pode ter ido com os rapazes até ao porto, Susan? Ele até agora nunca desobedeceu a uma ordem, mas..."

"Não, não foi, minha querida senhora...o menino não desobedeceu. Eu fui logo a casa dos Drew depois de ter procurado aqui e o Bertie Shakespeare tinha acabado de chegar a casa. Ele disse que o Jem não tinha ido com eles. Caiu-me a alma aos pés. Ter-mo confiado e...eu telefonei aos Paxtons e eles disseram que vocês lá tinham estado e que tinham saído não sabiam para onde."

"Nós fomos a Lowbridge visitar os Parkers..."

"Eu telefonei para todo o lado onde pensei que pudesse estar. Então voltei à aldeia...os homens começaram uma busca..."

"Oh, Susan, será necessário?" "Minha querida senhora, eu procurei em todo o lado...em todo o lado onde a criança possa estar. Oh, o que eu tenho passado esta noite! E ele disse que ia saltar para o lago..."

Apesar de tudo, um pequeno arrepio correu o corpo de Anne. Claro que o Jem não ia saltar para dentro do lago...isso era um disparate...mas havia um velho barco que o Cárter Flagg costumava usar para pescar trutas, e o Jem podia, com a disposição de desafio que tinha, ter tentado andar de barco no lago com ele...ele tantas vezes tinha querido ir...ele podia ter caído para o lago a tentar desatar o barco. E de repente o medo dela tomou uma forma terrível.

"E eu não faço a mais pequena ideia de onde o Gilbert possa ter ido," pensou desorientada.

"Mas que confusão é esta?" perguntou a Tia Mary Maria, aparecendo subitamente lá em cima nas escadas, com a cabeça rodeada por um halo de rolos e o corpo coberto por um robe com dragões bordados. "Será que uma pessoa não consegue ter uma noite sossegada nesta casa?"

"O pequeno Jem desapareceu," disse a Susan novamente, demasiado aterrorizada para se ressentir com o tom da Miss Blythe. "A mãe dele confiou-mo..."

Anne tinha ido procurar pela casa. O Jem tinha que estar nalgum lado! Não estava no quarto dele...a cama estava feita...Não estava no quarto das gémeas...nem no dela...ele não estava...em lado nenhum na casa. Anne,



depois de uma peregrinação do sótão até à cave, regressou à sala de estar numa condição muito próxima ao pânico.

"Eu não quero que fiques nervosa, Annie," disse a TIA Mary Maria, baixando a voz num tom arrepiante, "Mas viste no barril do algeroz? O pequeno Jack MacGregor afogou-se num barril do algeroz na cidade no ano passado."

"Eu...vi," disse a Susan, com outro torcer de mãos. "Eu...peguei num pau...e procurei..."

O coração de Anne, que parara com a pergunta da Tia Mary Maria, recomeçou a trabalhar. A Susan controlou-se e deixou de torcer as mãos. Ela tinha-se lembrado, demasiado tarde, que a pobre querida senhora não devia ser perturbada.

"Vamo-nos acalmar e pensar," disse com uma voz trémula. "E como a senhora diz, ele tem que estar nalgum lado. Ele não se pode ter dissolvido no ar."

"Já viste na caixa do carvão? E no relógio?"

A Susan já tinha procurado no caixote do carvão, mas ninguém se tinha lembrado do relógio. Era suficientemente grande para esconder um rapazinho. Anne, não considerando sequer o desconforto que seria estar ali há horas, apressou-se a procurar. Mas o Jem não estava no relógio. "Eu tinha um pressentimento que qualquer coisa ia acontecer quando me deitei esta noite," disse a Tia Mary Maria, pressionando ambas as mãos contra as têmporas. "Quando li o meu capítulo nocturno da Bíblia, as palavras 'Não sabemos o que um dia pode guardar', pareceu destacar-se da página. Era um sinal. Mais vale preparares-te para o pior, Anne. Ele pode ter ido ter ao pântano. É uma pena que não tenham cães de busca."

Com um esforço terrível Anne conseguiu rir.

"Receio bem que não hajam cá na ilha, Tia. Se tivéssemos o Rex, o velho setter do Gilbert que foi envenenado, ele depressa encontrava o Jem. Eu tenho a certeza que nos estamos a alarmar por nada..."

"O Tommy Spencer de Carmody desapareceu misteriosamente há quarenta anos e nunca foi encontrado...ou será que foi? Bem, se foi só deram com o esqueleto. Isto não é assunto para rir, Annie. Eu não sei como podes levar isto com tanta calma."

Tocou o telefone. Anne e Susan olharam uma para a outra.

"Eu não consigo...eu não consigo atender o telefone, Susan," sussurrou Anne.

"Eu também não," disse Susan. Ela ia odiar-se para sempre por ter dado parte de fraca em frente a Mary Maria Blythe, mas não conseguiu evitar. Duas horas de busca aterrorizada e imaginações distorcidas tinham deixado os nervos de Susan em farrapos.

A Tia Mary Maria caminhou para o telefone e agarrou-o, com os rolos do cabelo a formarem uma silhueta cornuda na parede, que evocaram a Susan, apesar da sua angústia, o velho mafarrico em pessoa.

"O Carter Flagg diz que procuraram em todo o lado e que ainda não encontraram sinal dele," relatou a Tia Mary Maria friamente. "Mas ele diz que o barco está a meio do lago com ninguém lá dentro, pelo que conseguem ver. Eles vão dragar o lago."

Susan apanhou Anne mesmo a tempo.

"Não...não...eu não vou desmaiar, Susan," disse Anne através dos lábios brancos. "Ajude-me a apanhar uma cadeira...obrigada. Nós temos que encontrar o Gilbert..."

"Se o James estiver afogado tens que te lembrar que ele foi poupado a uma grande carga de sofrimento neste mundo," disse a Tia Mary Maria em jeito de consolação.

"Eu vou buscar uma lanterna e procurar aqui à volta novamente," disse Anne, assim que conseguiu aguentar-se de pé. "Sim, eu sei que procurou, Susan...mas deixe-me ir...deixe-me ir. Eu não consigo ficar aqui à espera."

"Tem que pôr uma camisola então, minha querida senhora. Está uma maresia muito cerrada e o ar está muito húmido. Eu vou-lhe buscar a encarnada...está numa cadeira no quarto dos rapazes. Espere até eu lha trazer."

Susan correu lá acima. Momentos mais tarde qualquer coisa que apenas podia descrever-se como um grito ecoou por Ingleside. Anne e a Tia Mary Maria correram lá acima e encontraram Susan a rir e a chorar no patamar, tão próxima da histeria como nunca antes estivera na sua vida, ou viria a estar.

"Minha querida senhora...ele está aqui! O pequeno Jem está aqui...a dormir no banco da janela por trás da porta. Eu não vi ali...a porta escondia-o...e como não estava na cama dele..."

Anne, fraca com o alívio e a alegria, entrou no quarto e ajoelhou-se ao pé do banco. Dali por uns momentos ela e Susan estariam a rir-se da sua palermice, mas agora só havia espaço para lágrimas de gratidão. O pequeno Jem estava a dormir profundamente no banco da janela, com uma manta por

cima, o seu ursinho de peluche gasto nas mãos bronzeadas, e um Camarão complacente estendido ao longo das pernas. Os seus caracóis ruivos espalhavam-se pela almofada. Parecia estar a ter um sonho agradável e Anne não o quis acordar. Mas ele abriu subitamente os olhos e olhou para ela.

"Jem, querido, porque é que não estás na tua cama? Nós...nós ficámos um bocadinho preocupados...não te conseguíamos encontrar...e nunca pensámos em ver aqui..."

"Eu deitei-me aqui porque assim conseguia ver quando a Mãe e o Pai chegassem a casa. Eu estava tão sozinho e tinha que ir para a cama."

A Mãe pegou-lhe ao colo...levou-o para a cama. Era tão bom ser beijado...senti-la ajeitar-lhe os lençóis com aquelas palmadinhas tão suaves, que lhe davam a certeza de ser amado. E quem é que se importava por não ver uma cobra a ser tatuada? A Mãe era tão boa...a melhor mãe que alguém já teve. Toda a gente do Glen chamava Senhora Desnatada à mãe do Bertie Shakespeare, porque ela era tão mesquinha com a comida, e ele sabia...porque já tinha visto...que ela dava bofetadas ao Bertie por tudo e por nada.

"Mamã," disse sonolento, "claro que eu lhe vou trazer Maios na próxima primavera...todas as primaveras. Pode contar comigo."

"Claro que posso, querido," disse a Mãe.

"Bom, uma vez que tudo está no lugar podemos respirar de alívio e voltar para as nossas camas," disse a Tia Mary Maria. Mas havia um certo tom de alívio na voz dela.

"Fui muito palerma de não me lembrar do banco da janela," disse Anne. "Fizemos uma triste figura, e o doutor não nos vai deixar esquecer disto, tenho a certeza. Susan, por favor telefone ao senhor Flagg a dizer que encontrámos o Jem."

"E ele vai-se fartar de rir de mim," disse Susan alegremente. "Não é que me importe...ele pode rir o que quiser desde que o pequeno Jem esteja a salvo."

"Eu até tomava uma chávena de chá," suspirou a tia Mary Maria num tom queixoso, apertando o roupão de dragões em volta do seu corpo esguio. "Eu vou preparar uma num instante," disse Susan. "Acho que a todas nos apetece. Minha querida senhora, quando o Cárter Flagg me ouviu dizer que o pequeno Jem estava a salvo ele disse, 'Graças a Deus'. Eu nunca mais vou dizer uma palavra contra aquele homem, seja o que for que ele faça. E não

acha que amanhã podíamos comer galinha, minha querida senhora? Como se fosse uma pequena celebração, mais ou menos. E o pequeno Jem pode comer os seus pãezinhos preferidos ao pequeno- almoço."

Houve uma nova chamada telefónica...desta vez do Gilbert a dizer que ia levar um bebé queimado com gravidade do porto para o hospital e que só estria de volta de manhã.

Anne debruçou-se da sua janela para lançar um olhar agradecido ao mundo andes de ir para a cama. Do mar soprava uma brisa fresca. Uma espécie de rapsódia de luar corria sobre as árvores do vale. Anne até conseguia rir...com um arrepio por detrás do riso...pelo seu pânico de há uma hora atrás e das sugestões absurdas e das recordações grotescas da tia Mary Maria. A sua criança estava a salvo...o Gilbert estava a batalhar pela vida de outra criança...por favor, deus, ajuda-o e ajuda a mãe...ajuda todas as mãe de todo o mundo. Nós precisamos de tanta ajuda com as pequenas mentes amorosas e corações sensíveis que se viram para nós em busca de amor, compreensão e orientação.

A noite amigável tomou conta de Ingleside, e todos, mesmo a Susan...que sentia vontade de encontrar um buraco para se enfiar e fechar a porta por trás...adormeceu debaixo do seu tecto protector.

## Capítulo 7

**A grande** e alegre senhora Parker ria-se expansivamente para o Walter...que retribuiu o sorriso de uma forma ausente. Ele não tinha a certeza de gostar da senhora Parker, apesar dos seus sorrisos e jovialidade. Ela ocupava muito espaço, parecia. Mas gostava do Dr. Parker. E quando aos "nossos quatro" e a sobrinha e sobrinho de Montreal, o Walter nunca os tinha visto. Lowbridge, onde viviam os Parker, era a seis milhas do Glen e o Walter nunca lá tinha estado, apesar do Dr. e da Senhora Parker e do Dr. e da Senhora Blythe se visitarem com muita frequência. O Doutor Parker e o pai eram grandes amigos, apesar de Walter ter a sensação que a mãe passava bastante bem sem a senhora Parker. Mesmo aos seis anos, como Anne se apercebia, o Walter conseguia ver coisas que outras crianças não reparavam.

O Walter também não tinha a certeza se realmente queria ir a Lowbridge. Algumas visitas eram esplêndidas. Uma viagem até Avonlea...ah, isso era divertido! E uma noite passada com o Kenneth Ford na casa de sonho era ainda mais divertido...apesar da casa de sonho parecer uma segunda casa aos pequenos de Ingleside. Mas ir para Lowbridge durante duas semanas com estranhos era uma coisa completamente diferente. Mas parecia já estar decidido. Por qualquer razão que Walter não compreendia, o Pai e a Mãe estavam contentes com a situação. Será que se queriam ver livres de todos os seus filhos, pensava Walter, triste e desconfortável. O Jem estava fora, tinha sido levado para Avonlea há dois dias, e ele tinha ouvido a Susan comentar que as gémeas iam ser enviadas para casa da senhora Marshall Elliot "quando chegar a altura". Que altura? A Tia Mary Maria parecia soturna por causa de qualquer coisa, e ele sabia que ela tinha dito que desejava que "tudo acabasse bem". O que é que ela desejava acabasse? O Walter não fazia ideia. estranho no ar em Ingleside.

que de Mas havia qualquer coisa "Eu vou levá-lo amanhã," disse Gilbert.

"Os pequenos vão ficar ansiosos," disse a senhora Parker.

"É muito amável da sua parte," disse Anne.

o Camarão já na "É a melhor solução, sem dúvida," disse Susan para cozinha.

"É muito simpático da parte da senhora Parker tirar-nos o Walter das mãos, Annie," disse a Tia Mary Maria quando os Parkers saíram. "Ela disse-me que se tinha afeiçoado bastante a ele. Algumas pessoas afeiçoam-se com muita facilidade, não achas? Bem, talvez agora durante umas semanas possamos ir à casa de banho sem tropeçar num peixe morto."

"Um peixe morto, Tia! Não quer dizer que..."

"É isso mesmo que quero dizer, Annie. E sou sempre assim. Um peixe morto! Já alguma vez pisaste um peixe morto deslaça?"

"Não...mas como..."

"O Walter apanhou uma truta na noite passada e pô-la na banheira para ela continuar viva, minha querida senhora," disse a Susan despreocupadamente. "Se ela lá tivesse ficado não tinha havido problema, mas saltou para fora e morreu durante a noite. Claro que se as pessoas andarem por aí descalças..."

"Eu tenho como princípio nunca discutir com ninguém," disse a Tia Mary Maria, saindo da sala "E eu não me vou deixar axincalhar por ela, minha querida senhora," disse a Susan.

claro que deve ser "Oh, Susan, ela está-me a começar a enervar um bocado...mas não me vai incomodar tanto depois disto estar terminado...e desagradável tropeçar num peixe morto..."

"Mas não é melhor num morto do que num vivo, Mamã? Um peixe morto não se mexe," disse a Di.

A bem da verdade tem que se admitir que tanto a senhora de Ingleside como a criada deram uma gargalhadas.

E assim foi. Mas nessa noite Anne perguntou a Gilbert se achava que o Walter ia ficar bem em Lowbridge.

"Ele é tão sensível e imaginativo," disse ansiosa.

"Demasiado," disse Gilbert, cansado depois de ter tido, como dizia Susan, três bebês naquele dia. "Eu acho, Anne, que aquela criança tem medo de vir cá acima quando está escuro. Vai-lhe fazer muito bem conviver com as crianças dos Parker por uns dias. Ele vai voltar para casa diferente."

Anne não disse mais nada. Com certeza que Gilbert tinha razão. O Walter sentia-se sozinho sem o Jem; e se tivéssemos em conta o que tinha acontecido quando o Shirley tinha nascido seria muito bom para a Susan estar o mais liberta possível, que tinha que tomar conta da casa e aturar a tia Mary Maria...cujas duas semanas já se tinham alargado a quatro.

O Walter estava deitado na cama a tentar escapar ao pensamento assustador que no próximo dia se ia embora, dando asas à sua imaginação. O Walter tinha uma imaginação muito viva. Era como um grande cavalo branco, como aquele que ele tinha numa parede do quarto, no qual podia cavalgar para a frente e para trás no tempo. A Noite estava a cair...a Noite, como um anjo alto, negro com asas de morcego que vivia nos bosques do senhor Andrew Taylor no monte a sul. Às vezes Walter dava-lhe as boas vindas...às vezes imaginava-a tão bem que tinha medo dela. Walter dramatizava e personificava tudo no seu pequeno mundo...o vento contava-lhe histórias à noite...a Geada que comia as flores no jardim...a Maresia que caía como prata em silêncio...a Lua, que ele pensava poder agarrar se conseguisse subir ao cimo daquele monte longínquo...o Nevoeiro que vinha do mar...o grande Mar que estava sempre a mudar mas era sempre o mesmo...a estranha e misteriosa Maré. Eram todas entidades para o Walter. Ingleside e o Vale e o bosque de aceres e o pântano e a costa do porto estavam cheias de elfos e de driades, sereias e goblins. O gato de gesso preto da lareira da biblioteca era uma bruxa encantada. Ganhava vida de noite e crescia até ficar enorme, e andava pela casa. O Walter encolheu-se por debaixo dos lençóis e cobertores e tremeu. Ele estava-se sempre a assustar com as suas fantasias.

Talvez a Tia Mary Maria tivesse razão quando dizia que ele era "demasiado nervoso e sensível" apesar de Susan nunca lhe ter perdoado esse comentário. Talvez a tia Kitty MacGregor lá do Glen, que tinha premonições, tivesse razão quando uma vez olhou para os olhos cinzentos e pestanudos de Walter e disse que ele tinha "uma alma antiga num corpo de criança". Podia até ser que a velha alma soubesse mais do que o pequeno cérebro podia entender.

De manhã Walter ficou a saber que o pai o ia levar a Lowbridge depois do almoço. Ele não disse nada, mas durante o almoço uma sensação de sufoco tomou conta dele e baixou os olhos para esconder uma súbita maré de lágrimas. Mas não foi a tempo.

"Não vais chorar, pois não Walter?" disse a Tia Mary Maria, como se um menino de seis anos se desgraçasse para sempre se chorasse. "Se há uma coisa que eu detesto é um bebé-chorão. E não comeste a tua carne."

"Comi tudo menos o gordo," disse o Walter, valente mas ainda assim sem olhar para ela. "Eu não gosto de gordo."

"Quando eu era pequena," disse a Tia Mary Maria, "não tinha gostos nem desgostos. Bem, a senhora Parker com certeza vai-te curar dessas manias. Ela é uma Winter, parece-me...ou será uma Clark? ...não deve ser uma Campbell. Mas os Winter e os Campbells são todos mais ou menos o mesmo e não toleram palermices."

"Oh, por favor, Tia Mary Maria, não assuste o Walter com a vista a Lowbridge," disse Anne, com um brilho estranho a aparecer-lhe nos olhos.

"Desculpa Anne," disse a Tia Mary Maria com grande humildade. "Eu devia ter-me lembrado que não tenho o direito de ensinar nada aos teus filhos."

"Diabos a levem," resmungou Susan enquanto ia buscar as sobremesas...o pudim favorito de Walter.

Anne sentiu-se miseravelmente culpada. O Gilbert tinha-lhe mandado um olhar de reprovação, como que a dizer que ela podia ter sido mais paciente com uma pobre velha senhora solitária.

Mas o próprio Gilbert se sentia um pouco impaciente. A verdade, como todos sabiam, é que ele tinha trabalhado demais naquele verão; e talvez a Tia Mary Maria fosse mais difícil do que ele queria admitir. Anne já tinha decidido que no Outono, se tudo corresse bem, ia enviá-lo para Nova Escócia para um mês de férias de caça.

"Como está o seu chá?" perguntou de repente à tia Mary Maria.

A Tia torceu os lábios.

"Muito fraco. Mas não tem importância. Quem se interessa se uma velha mulher tem o chá a gosto ou não? Mas pelo menos algumas pessoas acham que eu sou muito boa companhia."

Qualquer que fosse a ligação entre estas duas frases para a tia Mary Maria, Anne não se sentiu capaz de descodificá-la naquela altura. Tinha ficado muito pálida.

"Acho que vou lá para cima descansar um pouco," disse muito baixinho enquanto se levantava da mesa. "E Gilbert, se calhar é melhor não te demoreses em Lowbridge...e telefona à Miss Carson."

Deu ao Walter um beijinho de despedida um pouco casual e apressado...como se não estivesse a pensar nele. O Walter não ia chorar. A Tia Mary Maria beijou-o na testa...o Walter odiava ser besuntado na testa...e disse:



"Vê se tens atenção às tuas maneiras à mesa em Lowbridge, Walter. Vê lá se não és guloso. Se fores, um homem alto e negro vem-te buscar com um saco preto que ele tem para pôr as crianças más."

Foi talvez bom que Gilbert tivesse ido arrear o Grey Tom e não tivesse ouvido isto. Ele e Anne tinham sempre feito questão de não assustarem as crianças com este tipo de ideias, ou permitirem que outras pessoas o fizessem. Mas a Susan ouviu-a enquanto levantava a mesa, e a Tia Mary Maria não chegou a saber como esteve próxima de levar com a molheira e todo o seu conteúdo pela cabeça.

## Capítulo 8

**Em geral** o Walter gostava de dar passeios com o Pai. Ele amava a beleza e as estradas em volta de Glen St. Mary eram lindas. A estrada para Lowbridge era uma dupla fila de florinhas amarelas dançarinas, com uma cova aqui e ali cheia de fetos muito convidativos. Mas hoje o Pai não parecia estar interessado em conversar e condizia o Grey Tom como Walter nunca o tinha visto conduzir. Quando chegaram a Lowbridge disse uma palavras rápidas à senhora Parker e saiu sem se despedir de Walter. Walter esforçou-se novamente para não chorar. Estava claro que ninguém gostava dele. A Mãe e o Pai tinham gostado, mas agora já não gostavam.

A casa grande e desarrumada dos Parker não lhe pareceu amigável. Mas talvez nenhuma casa tivesse parecido, naquela altura. A senhora Parker levou-o para o jardim das traseiras, onde se ouviam os ruídos de uma alegre reunião, e apresentou-o às crianças que pareciam encher o espaço. Depois regressou rapidamente para a sua costura, deixando-os "para se conhecerem melhor sozinhos"...um procedimento que resultava muito bem em nove casos de dez. Talvez não fosse de recriminar que ela não vise que o pequeno Walter Blythe era um dos décimos casos. Ela gostava dele...as suas crianças eram pequenos alegres e traquinas...o Fred e a Opal tinham um certo ar de superioridade, mas ela tinha a certeza que nunca seriam desagradáveis para ninguém. Ia tudo correr bem. Ela estava tão contente por poder ajudar a "pobre Anne Blythe", mesmo que fosse apenas por tomar conta de uma das crianças dela. A senhora Parker esperava que tudo fosse correr bem. Os amigos de Anne preocupavam-se bastante mais do que ela com o assunto, recordando-se do nascimento do Shirley.

Um súbito silêncio tinha-se abatido sobre o pátio das traseiras...um pátio que dava para um pomar de macieiras grande e arredondado. O Walter estava parado, olhando tímida e gravemente para as crianças Parker e os seus primos Johnsons de Montreal. O Bill Parker tinha dez anos...um menino reguila de rosto Redondo que se parecia muito com a mãe e que parecia muito grande aos olhos de Walter. O Andy Parker tinha nove anos, e as crianças de Lowbridge poderiam ter dito que ele era o "Parker mau" e tinha a alcunha de "Porco", por boas razões. O Walter não gostou nada do aspecto dele desde o início...o cabelo muito curto e claro, a sua cara malvada cheia de sardas, os olhos azuis esbugalhados. O Fred Johnson tinha

a idade do Bill e o Walter também não gostou dele, apesar de ser um miúdo bonito de caracóis brilhantes e olhos negros. A irmã dele Opal, de nove anos, tinha olhos negros e caracóis também...olhos negros surpreendentes. Ela estava com o braço à volta da prima Cora Parker de oito anos e ambas olhavam Walter com alguma condescendência. Se não fosse pela Alice Parker, o Walter talvez tivesse virado as costas e fugido.

flor do campo; a vida; a Alice era A Alice tinha sete anos; a Alice tinha os mais lindos caracóis loiros; a Alice tinha uns olhos azuis e suaves como as violetas do vale; a Alice tinha bochechas rosadas com covinhas; a Alice usava um vestido amarelo cheio de folhinhos que parecia uma pequena Alice sorriu para ele como se o conhecesse de toda a uma amiga.

O Fred iniciou a conversa.

"Olá filho," disse condescendente.

O Walter sentiu a condescendência e retraiu-se.

"O meu nome é Walter," disse distintamente.

O Fred voltou-se para os outros com um tom de surpresa. Ele ia mostrar como era a este miúdo da província!

"Ele diz que o nome dele é Walter," disse para o Bill com um torcer cómico de boca.

"Ele diz que o nome dele é Walter," disse o Bill para a Opal.

"Ele diz que o nome dele é Walter," disse a Opal para o deliciado Andy.

"Ele diz que o nome dele é Walter," disse o Andy para a Cora.

"Ele diz que o nome dele é Walter," riu-se Cora para a Alice.

A Alice não disse nada. Limitou-se a olhar para o Walter com admiração e este olhar permitiu a Walter aguentar enquanto os outros diziam, "Ele diz que o nome dele é Walter" e depois riam como tolos.

"Que divertidas que estão as crianças!" pensou a senhora Parker com complacência.

"Eu ouvi a mãe dizer que tu acreditas em fadas," disse o Andy, rindo-se descaradamente.

O Walter olhou calmamente para ele. Não ia ser rebaixado perante a Alice.

"As fadas existem," respondeu corajosamente.

"Não existem nada," disse o Andy.

"Existem," disse o Walter.

"Ele diz que existem fadas," disse o Andy para o Fred.

"Ele diz que existem fadas," disse o Fred para o Bill...e continuaram com a palermice toda outra vez.

Era uma tortura para o Walter porque nunca tinham gozado com ele e não conseguia lidar com a situação. Ele mordeu os lábios para não começar a chorar. Ele não podia chorar à frente da Alice.

"E gostavas que te beliscássemos até ficares negro?" perguntou o Andy, que já tinha decidido que o Walter era mariquinhas e que seria muito divertido arreliá-lo.

"Cala-te porco!" ordenou a Alice...terrível apesar de gentil, doce e calma. Havia qualquer coisa no tom dela que o Andy não ousou desafiar. "Claro que eu não estava a falar a sério," resmungou envergonhado.

O vento começou a correr de feição a Walter e tiveram um agradável jogo do esconde no pomar. Mas quando debandaram para jantar o Walter foi de novo inundado de saudades de casa. Foi tão terrível que por momentos teve medo de começar a chorar à frente deles...até da Alice, que lhe fez uma festinha tão amigável no braço quando se sentaram que o ajudou imenso. Mas ele não conseguiu comer nada...simplesmente não era capaz. A senhora Parker, de cujos métodos muito se podia dizer, decidiu não dar importância ao assunto, concluindo que ele teria mais apetite de manhã, e os outros estavam muito ocupados a comer e a conversar para repararem nele.

O Walter interrogava-se porque é que a família falava tão alto, sem saber que ainda não se tinham desabituaado de o fazer desde a morte recente de uma avó muito surda e sensível. O barulho fazia-lhe dor de cabeça. Oh, em casa a esta hora estavam a comer o jantar também. A mãe havia de estar a sorrir à cabeceira da mesa, o Pai a dizer piadas às gémeas, a Susan a deitar natas na chávena de leite do Shirley, e a Nan a dar pedaços de comida às escondidas ao Camarão. Até a tia Mary Maria, como parte do círculo familiar, pareceu subitamente investida de uma radiância suave e terna. Quem teria tocado o gongo chinês para o jantar? Era a semana dele tocar, e o Jem não estava em casa. Se ele conseguisse encontrar um lugar para chorar! Mas não parecia haver um lugar onde se pudesse abandonar às lágrimas em Lowbridge. E depois...havia a Alice. O Walter engoliu um copo cheio de água e viu que ajudava.

"O nosso gato tem ataques," disse o Andy, dando-lhe um pontapé por baixo da mesa.

"O nosso também," disse o Walter. O Camarão tinha tido dois ataques. E ele não ia deixar o gato de Lowbridge melhor classificado que ode Ingleside.

"Eu aposto que os ataques do meu são maiores que os do teu," continuou Andy.

"Eu aposto que não," respondeu o Walter.

"Então, então, não discutam por causa dos gatos," disse a senhora Parker, que queria ter um serão sossegado para escrever um artigo para o jornal do Instituto sobre "Crianças Incompreendidas". Vão lá para fora brincar. Já não falta muito para ser hora de deitar."

Hora de deitar! O Walter apercebeu-se subitamente que tinha quelá ficar toda a noite...muitas noites...duas semanas de noites. Era horrível. Foi para o pomar com os pulsos apertados, para encontrar o Bill e o Andy numa briga furiosa na relva, aos pontapés, aos gritos e aos arranhões.

"Tu dá-me já a maçã bichosa, Bill Parker!" gritava Andy. "Eu vou-te ensinar a dar-me maçãs bichosas! Vou-te arrancar as orelhas à dentada!"

Lutas deste tipo eram uma ocorrência diária na casa dos Parker. A senhora Parker achava que não fazia mal que os rapazes brigassem. Ela dizia que lhes tirava a agressividade do corpo e que eles depois eram melhores amigos. Mas o Walter nunca antes tinha visto ninguém brigar e estava horrorizado.

O Fred incentivava-os, a Opal e a Cora estavam-se a rir, mas haviam lágrimas nos olhos de Alice. O Walter não conseguiu suportar. Ele meteu-se entre os oponentes, que se tinham separado por uns momentos para tomarem ar antes de retomarem a batalha.

"Parem de brigar," disse o Walter. "Vocês estão a assustar a Alice."

O Bill e o Andy olharam admirados para ele até que o lado engraçado da situação os atingiu e começaram a rir. O Bill deu-lhe uma palmada nas costas.

"Tem coragem, miúdos," disse. "Vai ser um rapaz de verdade se o deixarem crescer. Cá está uma maçã para ti...e sem lagartas."

A Alice limpou as lágrimas das faces rosadas e olhou para o Walter com tanta adoração que o Fred não gostou. Claro que a Alice era uma menina pequena, mas mesmo as meninas pequenas não têm nada que olhar com adoração os outros rapazes quando ele, o Fred de Montreal estava por perto. Ele tinha que resolver o assunto. O Fred tinha estado dentro de casa e

tinha ouvido a tia Jen, que tinha estado a falar ao telefone, dizer qualquer coisa ao tio Dick.

"A tua mãe está muito mal," disse a Walter.

"Não está nada!" gritou-se Walter.

"Está sim. Eu ouvi a Tia Jen dizer ao tio Dick..."o Fred tinha ouvido a tia dizer, "a Anne Blythe está mal," e achou piada a piorar a questão. "Deve estar morta quando voltares a casa."

O Walter olhou em volta com olhos atormentados. Mais uma vez a Alice aproximou-se dele...contra os outros que se aproximavam de Fred. Eles sentiam qualquer coisa por este rapaz estranho, uma vontade súbita de o arrelhar.

"Se ela estiver doente," disse o Walter, "o Pai cura-a."

Era o que faria...tinha que ser!

"Isso deve ser impossível," disse o Fred, ficando muito sério, mas piscando o olho ao Andy.

"Não há nada impossível para o Pai!" insistiu Walter lealmente.

"Sim, mas o Russ Cárter foi a Charlottetown só por um dia no Verão e quando voltou a casa a mãe estava morta," disse o Bill.

"E enterrada," disse o Andy, adicionado um toque dramático extra, sem interessar se era verídico ou não. "O Russ ficou muito chateado por ter perdido o funeral...os funerais são tão giros."

"E eu ainda nunca vi nenhum," disse a Opal muito triste.

"Pois, mas vais ter muitas oportunidades," disse o Andy. "Mas sabes, nem o meu pai conseguiu salvar a senhora Cárter, e ele é muito melhor médico que o teu pai."

"Não é nada..."

"É sim senhor, e muito mais bonito, também..."

"Não é..."

"Acontece sempre qualquer coisa quando saímos de casa," disse a Opal. "O que é que achavas se chegasses a casa e visses Ingleside toda queimada?"

"Se a tua mãe morrer, o mais provável é que separem os filhos," disse a Cora de forma animadora. "Talvez venhas viver para cá."

"Sim...vem," disse a Alice.

"Oh, o pai dele deve querer ficar com ele," disse o Bill. "Ele vai casar de novo não tarda nada. Mas talvez o pai dele morra também. Eu ouvi o pai

dizer que o doutor Blythe se mata a trabalhar. Olhem só para ele. Tu tens olhos de menina, filho...olhos de menina."

"Ah, calem-se," disse a Opal, ficando subitamente farta da diversão. "Vocês não o estão a enganar. Ele sabe que só o estão a irritar. Vamos lá para baixo para o parque ver o jogo de basebol. O Walter e a Alice podem aqui ficar. Nós não temos que andar sempre com os miúdos atrás."

O Walter não teve pena de os ver partir. Nem aparentemente teve a Alice. Sentaram-se os dois num tronco de macieira e olharam tímida e alegremente um para o outro.

"Eu vou-te ensinar a jogar à pedrinha," disse a Alice," e vou-te emprestar o meu canguru de peluche."

Quando chegou a hora de deitar o Walter deu por si num pequeno quarto sozinho. A senhora Parker deixou-lhe uma vela e um cobertor extra, porque a noite de Julho estava invulgarmente fria como são por vezes as noites nas províncias marítimas. Quase parecia que ia haver geada. Mas o Walter não conseguia dormir, nem com o canguru de peluche da Alice aninhado nos braços. Oh, se ele estivesse em casa no seu quarto, com a janela grande que dava para o Glen e a pequena, que tinha o seu próprio telhado, que dava para o pinhal! A mãe havia de lhe vir ler poesias na sua voz tão linda...

"Eu já sou um rapaz grande...não vou chorar...não vou..." As lágrimas vieram apesar de tudo. E para que é que serviam os cangurus de peluche? Parecia que tinha deixado a sua casa há anos.

Entretanto as outras crianças regressaram do parque e entraram animadamente no quarto a comerem maçãs sentadas nas camas.

"O bebé tem estado a chorar," gozou o Andy. "É mesmo uma menina mimada. Menina da mamã!"

"Come, miúdo," disse o Bill, atirando-lhe uma maçã meio mordida. "E anima-te. Eu não me admirava se a tua mãe melhorasse... se ela tiver uma constituição forte, claro. O Pai diz que a senhora Stephen Flagg tinha morrido há anos se não tivesse uma constituição forte. A da tua mãe é forte?" "Claro que é," disse o Walter. Ele não fazia ideia do que seria uma constituição, mas se a senhora Stephen Flagg tinha a mãe dele também havia de ter.

"A senhora Abb Sawyer morreu na semana passada e a mãe do Sam Clark morreu na semana antes dessa," disse a Abby.

"Elas morreram de noite," disse a Cora. "A mãe diz que a maioria das pessoas morrer de noite. Só espero não morrer de noite. Imagina só, ires para o céu de camisa de dormir!"

"Meninos, meninos! Metam-se nas vossas camas," disse a senhora Parker. Os meninos foram, depois de fingirem sufocar o Walter com uma toalha. E afinal de contas, eles até gostavam do miúdo. O Walter agarrou na mão da Opal quando ela se ia embora."

"Opal, não é verdade que a minha mãe está doente, pois não?" sussurrou implorante. Ele não conseguia suportar o facto de ficar sozinho com aquele medo.

A Opal não era uma criança com mau fundo, como teria dito a senhora Parker, mas não conseguiu resistir à emoção de dar uma má notícia.

"Ela está mal. A tia Jen é que disse...ela disse para eu não te dizer. Mas eu acho que tu devias saber. Talvez ela tenha um cancro."

"Mas toda a gente tem que morrer, Opal?" esta era uma questão nova e terrível para Walter, que nunca antes pensara na morte.

"Claro, palerma. Só que não morrem mesmo...vão para o Céu," disse a Opal alegremente.

"Nem todos," disse o Andy...que estava à escuta por detrás da porta...num murmúrio malvado.

"E...o Céu é muito longe de Charlottetown?" perguntou o Walter.

A Opal desatou a rir de forma estridente.

"Bem...tu és estranho! O Céu é a milhões de milhas de distância. Eu vou-te dizer o que tens que fazer. Rezas. Rezar é bom. Eu uma vez perdi um cêntimo, rezei e encontrei quinze. É por isso que sei."

"Opal Johnson, tu ouviste o que eu disse? E apaga a vela do quarto do Walter. Pode pegar fogo," disse a senhora Parker do quarto dela. "Ele já devia estar a dormir há muito tempo."

A Opal soprou a vela e saiu. A tia Jen não era severa, mas quando se chateava! O Andy enfiou a cabeça pela porta para uma última bênção de boas noites.

"Talvez os pássaros do papel de parede ganhem vida esta noite e te venham picar os olhos," sussurrou.

Depois disto foram-se todos deitar, sentindo que o dia que passara tinha sido perfeito, que o Walter Blythe não era um miudinho mau e que amanhã se iam divertir imenso a atormentá-lo.

"Queridos pequenos," pensou a senhora Parker carinhosamente.



E um silêncio indesejado caiu sobre a casa dos Parker e a seis milhas dali em Ingleside a pequena Bertha Marilla Blythe piscava os olhos cor de avelã aos rostos felizes à sua volta e ao mundo para o qual nascera na noite de Julho mais fria que as províncias marítimas tinham visto em oitenta e sete anos!

## Capítulo 9

**O Walter,** sozinho no escuro, ainda achava impossível adormecer. Ele nunca dormira sozinho na vida. Tinha sempre o Jem ou o Ken por perto para o reconfortarem. O pequeno quarto tornou-se mais visível quando a lua o começou a iluminar, mas era quase pior que a escuridão. Uma imagem aos pés da cama parecia rir-se para ele...as imagens pareciam sempre tão diferentes à luz da lua. Nessa altura via-se nelas coisas de que nunca suspeitávamos durante o dia. As grandes cortinas de croché pareciam mulheres altas e magras, a chorarem uma de cada lado da janela. Havia barulhos pela casa...estalos, suspiros, murmúrios. E se os pássaros do papel de parede ganhassem vida e viessem mesmo picar-lhe os olhos? Um grande medo tomou posse de Walter...e depois o medo maior de todos banuiu-os a todos. A Mãe estava doente. Ele tinha que acreditar, a Opal tinha dito que era verdade. Talvez a mãe estivesse a morrer! Talvez a Mãe já estivesse morta! Não ia haver nenhuma mãe em casa para ele voltar. O Walter já imaginava Ingleside sem a Mãe!

Subitamente deixou de suportar. Ele tinha que voltar a casa. Naquela altura, naquele instante. Ele tinha que ver a mãe antes que ela...antes que ela...morresse. Era isto que a Tia Mary Maria queria dizer. Ela sabia que a mãe ia morrer. Não valia a pena acordar toda a gente e pedir para o levarem a casa. Eles não o iam levar...eles só se iam rir dele. Era um caminho muito grande, mas ele ia andar toda a noite.

Muito silenciosamente saiu da cama e vestiu-se. Levou os sapatos na mão. Ele não sabia onde é que a senhora Parker tinha posto o boné dele, mas não tinha importância. Ele não podia fazer barulho...tinha que fingir para ir ter com a mãe. Tinha pena de não ter dito adeus à Alice...ela teria compreendido. Atravessou o hall escuro...desceu as escadas...degrau a degrau...respirando baixinho...não teriam fim aqueles degraus?...a própria mobília estava à escuta...oh,oh!

O Walter tinha deixado cair um dos seus sapatos! E despenhou-se escadas abaixo, saltando de um degrau para o outro e atravessou o hall do rés-do-chão, indo bater numa porta com o que pareceu ao Walter um barulho ensurdecedor.

O Walter encostou-se em desespero ao corrimão. Toda a gente tinha que ter ouvido aquele barulho...iam aparecer...não o iam deixar voltar a

casa...um soluço de desespero morreu-lhe na garganta.

Pareceu-lhe que tinha passado horas até que se atreveu a acreditar que ninguém tinha acordado...antes que conseguisse retomar a sua passagem cautelosa pelas escadas. Mas ele conseguiu por fim; encontrou o seu sapato e rodou cuidadosamente a maçaneta da porta da frente...as portas nunca estavam trancadas na casa dos Parkers. A senhora Parker dizia que não tinham nada que valesse a pena roubar senão as crianças, e a elas ninguém as ia querer.

O Walter saiu...a porta fechou-se atrás dele. Calçou os sapatos e começou a andar: a casa estava no fim da aldeia e em breve estava em estrada aberta. Um momento de pânico tomou conta dele. O medo de ser apanhado tinha passado e todos os seus antigos medos da solidão e do escuro voltaram. Ele nunca tinha estado na rua sozinho de noite. Ele tinha medo do mundo. Era um mundo tão grande e ele era tão pequeno. Até o vento frio que vinha do este parecia soprar-lhe na cara, como se a mandá-lo de volta para trás.

A Mãe estava a morrer! Walter engoliu em seco e continuou em direcção a casa. Andou e andou, combatendo o medo de forma galante. Havia o luar, mas o luar fazia-nos ver coisas...e nada nos parecia familiar ao luar. Uma vez que tinha saído com o pai tinha achado que não havia nada mais bonito que uma estrada ao luar atravessada por sombras de árvores. Mas agora as sombras eram tão negras e afiadas que se podia atirar a ele. Os campos também eram estranhos. As árvores já não eram amigas. Pareciam olhar para ele...a juntarem-se à frente e atrás dele. Dois olhos brilhantes olharam-no de uma vala, e um gato preto de tamanho inacreditável atravessou a estrada a correr. Seria um gato? Ou? A noite estava fria: ele tremia dentro da fina blusa de verão, mas ele não se teria importado com o frio se não tivesse tido tanto medo de tudo...das sombras e dos sons furtivos, e das coisas sem nome que podiam estar a espreitá-lo atrás dos bosques por onde ele passava. Ele imaginava como seria não ter medo de nada...como o Jem.

"Eu...eu vou fingir que não tenho medo," disse alto...e então tremeu de terror com o aspecto perdido que a sua voz tinha a meio da noite.

Mas continuou...tinha que continuar quando a mãe ia morrer. Por uma vez ele caiu e esfolou bastante um joelho numa pedra. De outra vez ouviu um buggy por detrás e escondeu-se atrás de uma árvore até que passasse, com medo que o doutor Parker tivesse descoberto e viesse buscá-lo. Outra

vez parou em pânico por causa de qualquer coisa preta e felpuda sentada num lado da estrada. Ele não ia conseguir passar por ela...não ia...mas passou. Era um cão preto muito grande...Seria um cão?...mas passou. Não se atreveu a correr não fosse o cão persegui-lo. Ainda olhou desesperado por trás do ombro...tinha-se levantado e ia andado na direcção oposta. O Walter pôs a sua pequena mão sobre o rosto e descobriu que estava molhada de suor.

Uma estrela cadente passou no céu à sua frente, deixando um rasto de fogo. O Walter lembrava-se de ter ouvido a velha tia Kitty dizer que quando caia uma estrela alguém morria. Seria a Mãe? Ele tinha começado a sentir que as pernas não aguentavam nem mais um passo, mas a ideia pô-lo a caminho novamente. Ele agora tinha tanto frio que quase deixara de sentir medo. Nunca mais chegaria a casa? Parecia que tinha deixado Lowbridge há horas e horas.

E tinha sido há três horas. Tinha saído da casa dos Parker às onze, e eram agora duas horas. Quando o Walter deu consigo na estrada que ia levar ao Glen deu um suspiro de alívio. Mas enquanto atravessava a aldeia as casas pareciam-lhe remotas e distantes. Tinham-no esquecido. Uma vaca mugiu por detrás de uma vedação e o Walter lembrou-se que o senhor Reese tinha um touro selvagem. Começou a correr em pânico até chegar à frente de Ingleside. Ele estava em casa...oh, estava em casa! Então ele parou, trémulo, trespassado por um terrível sentimento de desolação. Ele tinha estado à espera das luzes mornas e amigáveis de casa. E não haviam luzes acesas em Ingleside!

Havia realmente uma luz, se ele a pudesse ter visto, num quarto lá atrás onde a enfermeira dormia com o cesto da bebé ao lado da cama. Mas para todos os efeitos, Ingleside estava tão escura como uma casa deserta e isso quebrou a coragem de Walter. Ele nunca tinha visto ou imaginado Ingleside completamente às escuras de noite.

Isto queria dizer que a Mãe tinha morrido!

O Walter tropeçou no caminho do jardim através da triste sombra negra da casa no relvado, até à porta da frente. Estava fechada. Ele bateu levemente...não chegava ao batente...mas não teve resposta, nem esperou por ela. Ele escutou...não havia um único som dentro de casa. Ele sabia que a mãe tinha morrido e todos se tinham ido embora.

Ele estava agora demasiado exausto e frio para chorar; mas deu a volta até ao celeiro e subiu pela escada para um monte de feno. Ele já tinha

passado o estado de pânico, agora só queria sair do alcance daquele vento e deitar-se até amanhã. Talvez então alguém voltasse depois de terem enterrado a mãe.

Um pequeno gatinho tigrado que alguém tinha dado ao doutor veio ter com ele a ronronar, a cheirar bem a trevo e a feno. O Walter agarrou-o encantado...estava quentinho e vivo. Mas ele ouviu os ratos a passarem no chão e não quis ficar. A lua olhava-o através da janela cheia de teias de aranha mas não havia consolo naquela lua fria, distante e antipática. Uma luz que brilhava numa casa lá em baixo no Glen parecia mais amigável. Enquanto aquela luz brilhasse ele conseguiria suportar. Não conseguia dormir. O joelho doía-lhe e tinha frio.com uma sensação muito estranha no estômago. Talvez ele também estivesse a morrer. Ele esperava que sim, como toda a gente que ele gostava tinha ou morrido ou ido embora. As noites todas tinham fim? Outras noites tinham acabado, mas ele temia que esta não fosse acabar. Ele lembrou-se de uma história que tinha ouvido ao Capitão Jack Flag do porto, que tinha dito que um dia em que estivesse mesmo maluco não ia deixar nascer o sol. Talvez ele agora estivesse mesmo maluco por fim.

Então as luzes do Glen apagaram-se...e ele não conseguiu suportar. Mas assim que o pequeno grito de desespero lhe escapou dos lábios ele viu que era dia.

## Capítulo 10

**O Walter** desceu a escada e saiu. Ingleside estava sob a estranha luz sem tempo da madrugada. O céu por cima das bétulas no vale mostrava um brilho suave, rosa prateado. Talvez ele conseguisse entrar pela porta do lado. A Susan às vezes deixava-a aberta para o Pai.

A porta do lado estava destrancada. Com um soluço de agradecimento o Walter entrou para o hall. Ainda estava escuro na casa e ele começou a subir as escadas devagar. Ele ia para a cama...a cama dele...e se nunca mais ninguém lá fosse ele ia morrer e ir para o Céu para encontrar a Mãe. Mas...o Walter lembrou-se que o Céu estava a milhares de milhas de distância. Na nova vaga de desolação que o atingiu, o Walter esqueceu-se de andar cuidadosamente e pisou a cauda do Camarão, que estava deitado na curva das escadas. O grito angustiado do Camarão ecoou pela casa.

Susan, que tinha acabado de adormecer, foi arrancada do sono por esse som horrível. A Susan tinha-se ido deitar à meia-noite, exausta depois da tarde e noite extenuante, para a qual Mary Maria tinha contribuído bastante mesmo quando a tensão estava no auge. Teve que ter uma botija de água quente e uma massagem de óleo, terminando com um pano quente sobre os olhos porque tinha uma grande dor de cabeça.

A Susan tinha acordado às três da manhã com a sensação que alguém precisava muito dela. Tinha-se levantado e ido em bicos de pés até à porta da senhora Blythe. Estava tudo em silêncio por ali...conseguia ouvir a respiração regular de Anne. Susan deu uma volta à casa e regressou à cama, convencida que aquela sensação estranha era restos de algum pesadelo. Mas para o resto da sua vida Susan ficou convencida que tinha tido o que a Abby Flagg, que acreditava em espiritismo, chamava de experiência mediúnica.

"O Walter estava a chamar-me e eu ouvi," garantia.

Susan levantou-se e saiu novamente, pensando que Ingleside estava de facto possuída naquela noite. Estava vestida com a camisa de dormir de flanela, encolhida de tantas lavagens, que lhe dava pelos tornozelos, mas pareceu a coisa mais bonita do mundo à pequena criatura trémula e pálida de olhos cinzentos frenéticos que encontrou no patamar das escadas.

"Walter Blythe!"

Em dois passos Susan tinha-o nos braços...os seus braços fortes e ternos.

"Susan...a Mãe morreu?" disse Walter.

Em breves momentos tudo mudou. O Walter estava na cama, quente, alimentado, confortado. A Susan acendeu o fogão, arranjou-lhe um copo de leite quente e uma torrada dourada e um grande prato cheio dos bolinhos favoritos dele - caras de macaco-, e depois aconchegou-o com uma botija de água quente aos pés. Ela tinha beijado e curado o seu joelhinho ferido. Era tão bom saber que alguém tomava conta de nós...que alguém nos queria...que éramos importantes para alguém.

"E tem a certeza Susan, que a Mãe não está morta?"

"A tua mãe está a dormir profundamente e está bem e feliz, meu querido."

"E ela não esteve doente? A Opal disse..."

"Bem, bem, querido, ela não esteve muito bem ontem, mas já terminou tudo e ela nunca esteve em risco de morrer desta vez. Espera só até teres dormido alguma coisa e amanhã vais vê-la...e a outra coisa. Se eu pusesse as minhas mãos nesses mafarricos de Lowbridge! Eu não consigo acreditar que vieste todo o caminho a pé desde lá. Seis milhas! Numa noite destas!" "Eu sofri agonias no meu espírito, Susan," disse o Walter com grande gravidade. Mas todo tinha terminado; ele estava a salvo e feliz; ele estava...em casa...ele estava...

Ele estava a dormir.

E era quase meio-dia quando acordou, para ver um sol radioso a espreitá-lo da janela, e levantou-se para ver a mãe. Ele tinha começado a pensar que tinha sido muito palerma e que talvez a Mãe não estivesse muito satisfeita com ele por ter fugido de Lowbridge. Mas a mãe só pôs um braço à volta dele e abraçou-o muito. Ela tinha ouvido a história toda pela Susan e tinha pensado numas coisas que gostava de dizer à Jen Parker.

"Oh, Mamã, não vais morrer...e ainda gostas de mim, não gostas?"

"Meu querido, eu não pensei em morrer...e gosto tanto de ti que dói. Só de pensar que vieste a pé desde Lowbridge durante a noite!"

"E de estômago vazio," resmungou Susan. "Eu admiro-me que esteja vivo para contar a história. O tempo dos milagres ainda não acabou e é bem verdade."

"É um miúdo cheio de garra," riu-se o Pai, que entrara com o Shirley ao colo. Fez uma festa na cabeça do Walter e ele agarrou-lhe a mão e apertou-a na sua. Não havia ninguém no mundo como o Pai. Mas ninguém podia saber o medo que ele tinha tido.

"Eu nunca mais vou ter que sair de casa, pois não Mamã?"

"Se não quiseres não," prometeu a Mãe.

"Então nunca," começou Walter...e depois parou. Afinal de contas, ele não se importava de ver a Alice outra vez.

"Olha o que eu aqui tenho, querido," disse a Susan, entrando com uma jovem rosada de avental branco e touca que trazia um cesto.

O Walter olhou lá para dentro. Um bebé! Um bebé gordinho e fofinho, de caracóis sedosos enrolados em volta da cabeça e umas mãozinhas pequeninas e apertadas.

"Não é linda?" perguntou orgulhosamente a Susan. "Olha só para as pestanas dela...nunca vi umas pestanas compridas como as dela num bebé. E as orelhinhas dela, tão bonitas. Eu reparo sempre nas orelhas deles."

O Walter hesitou.

"Ela é muito querida, Susan...oh, olhem só para os dedinhos dos pés!...mas...não é demasiado pequena?"

A Susan riu-se.

"Quatro quilos não é pouco, querido. E ela é muito esperta, já começou a reparar nas coisas. Aquela bebé ainda não tinha uma hora quando levantou a cabeça para olhar para o doutor. Eu nunca tinha visto tal coisa na vida."

"Ela vai ter o cabelo ruivo," disse o doutor com ar de satisfação. "Um lindo cabelo ruivo dourado como o da mãe."

"E olhos cor de avelã, como o pai," disse a esposa do doutor encantada.

"Não sei porque é que nenhum de nós tem cabelo loiro," disse o Walter pensando na Alice.

"Cabelo loiro! Como os Drews!" disse a Susan num tom depreciativo.

"Ela parece tão esperta quando está a dormir," disse a enfermeira. "Eu nunca vi um bebé que tivesse esta expressão nos olhos a dormir."

"Ela é um milagre. Todos os nossos bebés foram especiais, Gilbert, mas ela é a mais especial de todos."

"Deus lhes valha," disse a Tia Mary Maria com um suspiro,"ela não é o primeiro bebé à face da terra, sabes, Annie."

"O nosso bebé ainda nunca tinha estado na Terra, Tia Mary Maria," disse o Walter orgulhoso. "Susan, posso dar-lhe um beijinho...só um...por favor?"



"Podes sim senhor," disse a Susan, olhando para a tia Mary Maria que se retirava. "E agora vou fazer uma tarte de cereja para o jantar. A Mary Maria Blythe fez uma ontem à tarde...eu só queria que visse minha querida senhora. Parece qualquer coisa trazida pelo gato. Eu vou comê-la como puder, que não gosto de desperdiçar comida, mas uma tarte daquelas nunca será levada à mesa do doutor enquanto eu tiver força e saúde, disso pode ter a certeza."

"Nem toda a gente tem o seu jeito para a doçaria, sabe," disse Anne. "Mamã," disse o Walter enquanto a porta se fechava por trás de uma Susan muito grata,"eu acho que nós somos uma família muito simpática, não acha?"

Uma família muito simpática, reflectiu Anne enquanto se recostava na cama, com a bebé ao seu lado. Cedo estaria de novo entre eles, com passos ligeiros como antes, amando-os, ensinando-os, confortando-os. Eles viriam ter com ela partilhar as suas pequenas alegrias e tristezas, as suas esperanças em botão, os seus novos receios, os seus pequenos problemas que lhes pareciam tão grandes, e os seus pequenos desgostos que lhes pareciam tão amargos. Ela teria todos os fios da vida de Ingleside novamente nas mãos para tecer como uma peça de beleza irrepetível. E a tia Mary Maria não teria qualquer razão para dizer, como ouvira há dois dias atrás, "Tu pareces tão cansado, Gilbert. Será que alguém se preocupa contigo?"

E lá em baixo a tia Mary Maria abanava pessimisticamente a cabeça, e dizia,"Eu sei que todos os recém nascidos têm as pernas tortas, mas Susan, as pernas daquela criança são tortas demais. Claro que não podemos dizer isto à pobre Annie. Vê lá se não dizes nada à Annie, Susan."

E Susan, pela primeira vez, ficou sem palavras.

## Capítulo 11

**No final** de Agosto Anne estava completamente recuperada, e ansiava por um Outono feliz. A pequena Bertha Marilla crescia de dia para dia e era o centro da adoração dos irmãos e irmãs.

"Eu pensava que um bebé era uma coisa que gritava o tempo todo," disse o Jem, enquanto olhava deliciado os pequenos dedos que agarravam os seus. "O Bertie Shakespeare é que me disse."

"Eu não duvido que os bebés dos Drew gritem o tempo todo, Jem, querido," disse a Susan. "Gritam só de pensar que são Drews, penso eu. Mas a Bertha Marilla é uma bebé de Ingleside, Jem."

"Eu gostava tanto de ter nascido em Ingleside, Susan," disse o Jem melancólico. Ele tinha sempre pena por ter nascido noutra casa. A Di aborrecia-o por isso às vezes.

"Não achas a vida aqui um bocado parada?" perguntara certo dia de forma paternalista uma antiga colega de Quenn's a Anne.

Parada! Anne quase se rira na cara da sua visita. Ingleside parada! Com um bebé deliciosos fazendo novas maravilhas a cada dia...com visitas da Diana, da pequena Elizabeth e da Rebecca Dew a serem planeadas...com o Gilbert a tratar a senhora Sam Ellison de uma doença tão rara que só se conheciam mais três casos...com o Walter a entrar para a escola...com a Nan a beber uma garrafa inteira de perfume da cómoda da Mãe...pensaram que a matasse, mas não chegou a ficar doente...com uma estranha vista de dez gatinhos no trancar-se na casa de destrancar...com o Camarão gata preta a ter uma ninhada nunca antes alpendre das traseiras...com o Shirley a banho e a esquecer-se de como se a enrolar-se numa folha de papel mata-moscas...com a Tia Mary Maria a pegar fogo às cortinas do quarto dela a meio da noite, acordando toda a casa aos gritos. Parada!

Porque a Tia Mary Maria ainda estava em Ingleside. Ocasionalmente ela dizia tristemente, "Quando estiverem cansados de mim digam...eu estou habituada à solidão." E só havia uma resposta a dar, e o Gilbert claro que a dava sempre. Apesar de não a dar com tanta sinceridade como no início. Até o apego do Gilbert à família começava a ficar um pouco gasto; estava a aperceber-se de forma impotente...mesmo à homem, como diria a Miss Cornélia...que a Tia Mary Maria estava a começar a tornar-se um problema na sua casa. Certo dia ele tinha-se aventurado a insinuar que as casas se

deterioravam quando estavam muito tempo sem habitantes; e a Tia Mary Maria concordou com ele, comentando calmamente que estava a pensar em vender a sua casa de Charlottetown. "Não é uma má ideia," encorajou-a Gilbert. "E eu sei de uma bela casa aqui na cidade que está para venda...um amigo meu vai-se mudar para a Califórnia...é como aquela que a Tia gosta, onde mora a senhora Sarah Newman..."

"Sim, ela vive lá sozinha," suspirou a Tia Mary Maria.

"Mas ela gosta," disse Anne ainda com esperança.

"Há qualquer coisa de errado numa pessoa que gosta de viver sozinha, Annie," disse a Tia Mary Maria.

Susan reprimiu a custo um resmungo.

A Diana veio ficar uma semana em Setembro. Depois veio a pequena Elizabeth...que já não era pequena...alta, elegante, uma linda Elizabeth agora. Mas ainda tinha o cabelo dourado e um sorriso doce. O pai dela regressara ao escritório de Paris e a Elizabeth ia com ele para lhe tomar conta da casa. Anne e ela deram longos passeios nas costas do velho porto, regressando a casa sob as estrelas silenciosas e atentas do céu de Outono. Reviveram a vida de Windy Poplars e retomaram os seus caminhos no mapa da terra de sonhos que Elizabeth ainda tinha e pensava manter para sempre.

"Pendurado no tecto do meu quarto para onde quer que eu vá," disse. Certo dia o vento soprou através do jardim de Ingleside...o primeiro vento do Outono. Nessa noite, o rosa do pôr-do-sol foi um pouco austero. Repentinamente, o Verão envelhecera. Tinha chegado a mudança de estação.

"O Outono veio tão cedo," disse a Tia Mary Maria num tom que dava a entender que o Outono a insultara.

Mas o Outono era maravilhoso também. Havia a alegria dos ventos que sopravam do golfo azul profundo, e o esplendor da lua em tempo de colheita. Haviam asteres líricas no vale e crianças que riam num pomar cheio de maçãs, noites serenas e limpas nos montes e pastagens do Glen, e céus cavados com pequenas nuvens prateadas, atravessados por aves recortadas a negro; e enquanto os dias diminuía, pequenas névoas cinzentas instalavam-se nas dunas e sobre o porto.

Com a queda das folhas chegou Rebecca Dew a Ingleside, cumprindo com a sua visita uma promessa com muitos anos. Veio por uma semana mas convenceram-na a ficar duas...e a principal responsável foi a Susan. Susan e

Rebecca Dew descobriram à primeira vista que eram espíritos afins...talvez porque ambas amavam Anne...talvez porque ambas odiavam a Tia Mary Maria.

Certa noite em que a chuva caía sobre as folhas mortas lá fora e o vento soprava pelos cantos de Ingleside, Susan desabafou todas as suas queixas com a compreensiva Rebecca Dew na cozinha. O Doutor e a esposa tinham ido fazer uma visita, os pequenos estavam deitados nas suas camas, e a Tia Mary Maria estava felizmente recolhida com uma dor de cabeça..."como se fosse uma garra de ferro à volta da minha cabeça," dissera.

"Qualquer pessoa," comentou Rebecca Dew, abrindo a porta do forno e lá depositando confortavelmente os pé,"que coma tantos peixes fritos como aquela mulher comeu ao jantar merece ter uma dor de cabeça. Eu não nego que comi a minha parte... porque posso dizer-lhe Miss Baker, que ninguém frita peixe como você...mas eu não me servi quatro vezes." "Minha querida Miss Dew," disse Susan sinceramente, deixando o tricot de lado e fitando com ar suplicante os pequenos olhos negros de Rebecca, "você viu um pouco do que é a Mary Maria Blythe desde que cá está. Mas não sabe a metade...não, nem sequer um quarto. Minha querida Miss Dew, eu sinto que posso confiar em si. Posso abrir-lhe o meu coração sem receio?"

"Pode, Miss Baker."

"Aquela mulher veio para cá em Junho e a minha opinião é que ela quer aqui ficar o resto da vida. Toda a gente nesta casa a detesta...agora até o doutor, apesar de esconder bem o que sente. Ele é muito ligado à família que seja e acha que a prima do pai dele não deve sentir-se um peso na casa dele. Eu implorei," disse Susan, num tom que parecia implicar que o tinha feito de joelhos, "eu implorei à minha querida senhora que insistisse para que a Mary Maria Blythe se fosse embora. Mas a senhora tem um coração de ouro...e por isso estamos condenadas, Miss Dew...completamente condenadas."

"Eu é que gostava de lhe tratar da saúde," disse a Rebecca Dew, que se tinha comportado incrivelmente bem depois de algumas observações da Tia Mary Maria. "Eu sei tão bem como você, Miss Baker, que nós não podemos violar as regras sagradas da hospitalidade, mas eu asseguro-lhe, Miss Baker, que eu lhe punha os pontos nos i's."

"Eu também lho fazia, se não soubesse o meu lugar nesta casa, Miss Dew. Eu nunca me esqueço que nesta casa não sou patroa. Tenho alturas,

Miss Dew, em que penso para mim, 'Susan Baker, serás tu um tapete?' Mas como vê as minhas mãos estão atadas. Eu não posso abandonar a minha querida senhora, e não posso perturbá-la mais ainda brigando constantemente com a Mary Maria Blythe. Vou continuar a cumprir o meu dever. Porque, minha querida Miss Dew," disse a Susan solenemente, "eu morreria de bom grado pelo doutor ou pela esposa. Nós éramos uma família tão feliz antes dela vir, Miss Dew. Mas ela tem tornado as nossas vidas num inferno, e não sei no que isto vai dar, não sendo profetisa, Miss Dew. Ou por outra, posso imaginar. Vamos ser todos internados num asilo de loucos. É que não é uma coisa, Miss Dew...são dezenas delas, Miss Dew...centenas. Nós conseguimos suportar um mosquito, Miss Dew...mas imagine milhões deles!"

Rebecca Dew imaginou-os com um triste aceno de cabeça.

"Ela está sempre a dizer à senhora como é que tem que governar a casa e o que deve vestir. Está-me sempre a vigiar...e diz que nunca viu umas crianças mais conflituosas. Minha querida Miss Dew, pôde ver por si própria que as nossas crianças nunca brigam...bem, quase nunca..." "Estão entre as crianças mais admiráveis que já vi, Miss Baker."

"Ela intromete-se e resmunga..."

"Eu já a vi fazer isso, Miss Baker."

"Está sempre a ficar magoada ou ofendida por qualquer razão, mas nunca é o suficiente para se ir embora. Deixa-se para ali estar sentada, com um ar negligenciado e sozinho, até perturbar a pobre senhora. Nada lhe agrada. Se abrimos a janela queixa-se de correntes de ar, se a fechamos diz que gostava de ter algum ar fresco de vez em quando para variar. Não suporta as cebolas...nem sequer o cheiro. Diz que lhe fazem ma. Por isso a senhora diz que não pudemos usá-las. Mas," disse enfaticamente Susan, "pode ser muito vulgar gostar de cebolas, mas aqui em Ingleside todos somos culpados dessa vulgaridade."

"Eu também gosto bastante de cebolas," admitiu Rebecca Dew.

"Ela não suporta gatos. Diz que lhe dão arrepios. Não faz diferença se os vê ou não. Só de saber que há um dentro de casa já é suficiente. E por isso o pobre Camarão nem se atreve a pôr os pés cá em casa. Eu nunca fui muito amiga de gatos, Miss Dew, mas eu pelo menos acho que eles têm o direito de viver à sua vontade. E é 'Susan, não se esqueça que eu não posso comer ovos,' ou 'Susan, quantas vezes lhe tenho que dizer que não posso comer as torradas frias?' ou 'Susan, algumas pessoas podem beber chá

aquecido mas eu não pertença a esse grupo abençoado,'. Chá aquecido, Miss Dew! Como se eu alguma vez tivesse servido tal coisa!"

"Nem ninguém poderia imaginar tal coisa de si, Miss Baker."

"Se há perguntas inconvenientes de fazer, ela fá-las. Tem ciúmes porque o doutor conta primeiro as coisas à esposa do que a ela...e ela está sempre a tentar saber coisas sobre os doentes dele. Não há nada que o irrite mais do que isso, Miss Dew. Um médico tem que saber estar calado, como bem sabe. E as birras que ela faz por causa do fogo! 'Susan Baker', diz-me ela, 'espero que nunca acendas o lume com petróleo. Ou deixes trapos de óleo por ai, Susan. Sabe-se que eles podem entrar em combustão espontânea em menos de uma hora. Gostavas de ver esta casa arder até às fundações sabendo que era por tua culpa?' Bem , minha querida Miss Dew, eu fartei-me de rir por causa disso. Foi nessa mesma noite que ela pegou fogo às cortinas e os gritos que deu ainda não me saíram dos ouvidos. E logo quando o pobre doutor se tinha ido deitar depois de estar duas noites a pé! E o que mais me enfurece, Miss Dew, é que antes dela antes deir seja onde for vai à despensa contar os ovos.Eu tenho que reunir todas as minhas forças para não lhe dizer, 'E porque não conta também as colheres?' E as crianças odeiam-na, claro. A minha senhora está praticamente exausta, do esforço que faz para os impedir de lho demonstrarem. Ela chegou a dar uma bofetada na Nan num dia em que a senhora e o doutor estavam fora...uma bofetada...só porque a Nan lhe chamou senhora 'Matusalem'...tinha ouvido esse nome ao Ken Ford."

"Eu é que a tinha esbofeteado a ela," disse Rebecca Dew furiosa.

"Eu disse-lhe que se ela tornasse a fazer uma coisa dessas era eu que a esbofeteava. 'Umas palmadas ocasionais são permitidas em Ingleside,' disse-lhe eu, 'mas bofetadas não, e pode escrever o que eu digo.' Ela ficou ofendida uma semana, mas pelo menos nunca mais se atreveu a tocar numa das crianças com um dedo que fosse. Mas ela adora quando os pais as castigam. 'Se eu fosse tua mãe,' disse ela ao pequeno Jem um dia. 'Oh, oh, mas a senhora nunca vai ser mãe de ninguém,' disse-lhe o pobre pequeno...viu-se obrigado, Miss Dew, mesmo obrigado a dizer-lhe. O doutor mandou-o para a cama sem jantar, mas quem acha, Miss Dew, que lho mandou para cima mais tarde?"

"Ah, e quem foi?" perguntou Rebecca Dew, entrando no espirito da história.

"Tinha-lhe cortado o coração, Miss Dew, ouvir a oração que o pequeno fez nessa noite...da ideia dele, 'Oh Deus, por favor perdoa-me por ter sido impertinente com a Tia Mary Maria. E oh, Deus, por favor ajuda-me a ser sempre muito educado com ela.' Fez-me crescer lágrimas nos olhos, o pobre menino. Eu sou contra a irreverência e a impertinência seja em que idade for, minha querida Miss Dew, mas tenho que admitir que quando o Bertie Shakespeare lhe mandou uma bola de cuspo...e lhe falhou o nariz por dois centímetros, Miss Dew...eu gritei-lhe quando se ia embora para casa e dei-lhe uma caixa de bolos. Claro que não lhe disse porquê. Ele ficou um bocado intrigado...porque os bolos não crescem nas árvores e a senhora Desnatada nunca faz bolos. A Nan e a Di...eu nunca diria isto a outra pessoa sem ser a si, Miss Dew...o doutor e a esposa nem sonham, senão acabavam com isso...a Nan e a Di chamaram Tia Mary Maria a uma velha boneca de porcelana com a cabeça partida, e quando ela lhes ralha elas afogam-na...à boneca, quero dizer...no barril do algeroz. E temos tido muito afogamentos, posso dizer-lhe. Mas não ia acreditar no que aquela mulher fez na outra noite, Miss Dew."

"Eu dela acredito em tudo, Miss Baker."

"Ela não quis comer nada ao jantar porque estava magoada com qualquer coisa, mas foi à despensa antes de se deitar e comeu um lanche que eu tinha feito para o pobre doutor...comeu-o até à última migalha, minha querida Miss Dew. Eu espero que não me ache impia, Miss Dew, mas eu não sei como é que Deus não se cansa de certas pessoas."

"Miss Baker, não pode deixar de manter o seu sentido de humor," disse Rebecca Dew com determinação.

"Oh, eu sei bem que há um lado cómico em cada situação dramática, Miss Dew. Mas a questão é, será que a pessoa em causa se apercebe? Eu tenho pena de a ter aborrecido com isto tudo, minha querida Miss Dew, mas foi um grande alívio para mim. Eu não posso dizer estas coisas à senhora, e ultimamente tenho sentido que se não desabafar rebento." "Eu sei bem o que isso é, Miss Baker."

"E agora, minha querida Miss Dew," disse a Susan, levantando-se com ligeireza, "o que me diz a uma chávena de chá antes de irmos para a cama? E uma coxa de galinha, Miss Dew?"

"Eu nunca neguei," disse Rebecca Dew, retirando os pés quentes da porta do forno, "que apesar de não podermos esquecer as coisas mais

elevadas da vida, a boa comida é uma coisa muito agradável quando se toma com moderação."



## Capítulo 12

**O Gilbert** teve as suas duas semanas de caça em Nova Escócia...nem mesmo a Anne o conseguiu convencer a tirar um mês...e Novembro caiu sobre Ingleside. Os montes escuros, com os abetos recortados sobre eles, tinham um ar soturno naquelas noites que cedo se instalavam, mas Ingleside florescia com risos à luz da lareira, apesar do ventos que vinham do Atlântico cantarem canções de tristeza.

"Porque é que o vento não é feliz, Mamã?" perguntou Walter certa noite.

"Porque se lembra de todas as mágoas do mundo desde que o tempo começou," respondeu Anne.

"Só geme porque há tanta humidade no ar," resmungou a Tia Mary Maria, "e as minha costas estão a dar cabo de mim."

Mas nalguns dias até o vento soprava alegremente através o bosque de aceres prateados e nalguns dias nem sequer havia vento, apenas uma luz suave de verão e as sombras tranquilas das árvores despidas ao longo do relvado, e um sossego gelado ao pôr-do-sol.

"Olhem só para aquela estrela branca por cima daqueles álamos ali do canto," disse Anne. "Sempre que vejo uma coisa destas fico tão contente por estar viva."

"Você diz coisas tão estranhas, Annie. As estrelas são muito vulgares na Ilha do Príncipe Eduardo," disse a Tia Mary Maria...e pensou:"Estrelas! Como se uma pessoa nunca tivesse visto uma estrela! Será que a Annie não via o desperdício terrível que reinava na cozinha todos os dias? Será que ela não via como a Susan desperdiçava os ovos e usava banha onde o óleo teria sido suficiente? Ou será que não se importava? Pobre Gilbert! Não admirava que tivesse que trabalhar de dia e de noite!"

Os dias de Novembro passaram-se castanhos e cinzentos; mas pela manhã a neve tinha tecido o seu velho feitiço branco e o Jem gritou de alegria enquanto corria para o pequeno-almoço.

"Oh, Mamã, estamos quase no Natal e o Pai Natal está quase a chegar!" "Tu com certeza já não acreditas no Pai Natal?" disse a Tia Mary Maria.

Anne lançou um olhar de alarme a Gilbert, que disse com gravidade: "Nós queremos que as crianças usufruam do seu direito a uma terra de

sonhos enquanto possam, Tia."

Felizmente, o Jem não prestou qualquer atenção à tia Mary Maria. Ele e o Walter estavam ansiosos de sair para este novo mundo maravilhoso, ao qual o Inverno acabara de trazer o seu próprio encanto. Anne sempre detestara ver a beleza da neve imperturbada manchada por pegadas; mas isso não se podia evitar e havia sempre muita beleza de sobra ao fim do dia, quando o oeste se inflamava sobre todos os vales embranquecidos nos vales violeta e Anne se sentava na sala de estar frente a um bom lume. A luz da lareira, pensava, era sempre tão bonita. Tinha com cada truque, cada coisa inesperada. Partes da sala tomavam forma e tornavam a perdê-la. Imagens criavam-se e desapareciam. Sombras encolhiam e alastravam. Lá fora, através da grande janela, todo o cenário se reflectia elficamente no relvado, com a tia Mary Maria sentada muito direita...a Tia Mary Maria nunca se permitia reclinar...debaixo do pinheiro escocês.

Gilbert por sua vez estava reclinado no sofá, tentando esquecer que perdera um doente com pneumonia nesse dia. A pequena Rilla estava a tentar comer os seus pequenos punhos cor-de-rosa no seu cestinho; e até o Camarão, com as suas patas brancas dobradas sob o peito, se atrevia a ronronar no tapete ao pé do lume, apesar da desaprovação da tia Mary Maria.

"Falando de gatos," disse a Tia Mary Maria estranhamente...apesar de ninguém ter falado nesse assunto..."será que todos os gatos do Glen nos visitam de noite? Não faço a mais pequena ideia como é que alguém pôde dormir nesta casa com toda a gritaria que fizeram. Claro que como o meu quarto fica virado para as traseiras eu tive o privilégio de um concerto grátis."

Antes que qualquer pessoa pudesse responder, a Susan entrou, dizendo que tinha visto a senhora Marshall Elliot na loja do Carter Flagg e que ela ia lá a casa quando terminasse as compras. Susan não acrescentou que a senhora Marshall tinha perguntado ansiosamente, "O que é que se passa com a senhora Blythe, Susan? Eu achei-a tão cansada e preocupada no domingo passado quando a vi na igreja. Eu nunca a vi com aquele aspecto."

"Eu digo-lhe o que se passa com a senhora Blythe," tinha respondido tristemente Susan. "Ela teve um grande ataque de Tia Mary Maria. E o doutor não é capaz de ver isso, apesar de venerar o chão que ela pisa."

"Não é mesmo à homem?" disse a senhora Elliot.

"Ainda bem," disse Anne, acendendo uma lâmpada. "Eu já não vejo a Miss Cornélia há tanto tempo. Agora vamos ficar a saber as novidades todas."

"Se vamos!" respondeu Gilbert secamente.

"Aquela mulher é uma mexeriqueira perversa," disse a Tia Mary Maria. Talvez pela primeira vez na sua vida, Susan armou-se me defesa de Miss Cornélia.

"Isso é que ela não é, Miss Blythe, e a Susan Baker nunca irá ouvir uma calúnia dessas calada. Perversa...! Alguma vez ouviu, Miss Blythe, a história do roto que diz para o nu, porque não te vestes tu?" "Susan...Susan," disse Anne em tom implorante.

"E peço desculpa, minha querida senhora. Admito que me esqueci do meu lugar. Mas há coisas que não se conseguem suportar."

E ouviu-se bater uma porta, como raramente se ouviam bater em Ingleside.

"Vês, Annie?" disse a Tia Mary Maria. "Mas parece-me que enquanto estiverem dispostos a tolerar este tipo de coisas numa criada não há nada a fazer."

Gilbert levantou-se e foi para a biblioteca, onde um homem cansado ainda podia esperar alguma paz. E a Tia Mary Maria, que não gostava da Miss Cornélia, retirou-se para o quarto. Por isso, quando a Miss Cornélia chegou deu com Anne sozinha, debruçando-se um pouco apática sobre o cesto da bebé. Miss Cornélia não começou, como era seu costume, por descarregar a sua conta de mexericos. Em vez disso, quando terminou de despir os seus agasalhos, sentou-se ao lado de Anne e pegou-lhe na mão.

"Anne, queridinha, o que é que se passa? Eu sei que há qualquer coisa. Será que é aquela alma caridosa da Mary Maria que te está a atormentar até à morte?"

Anne tentou sorrir.

"Oh, Miss Cornélia...eu sei que sou uma tola ao dar-lhe tanta importância...mas este foi um daqueles dias em que me parece que não consigo continuar a suportar. Ela...ela simplesmente envenena a nossa vida aqui..."

"Mas porque é que não lhe dizes que se tem que ir embora?"

"Oh, nós não podemos fazer isso, Miss Cornélia. Pelo menos eu não consigo, e o Gilbert não o vai fazer. Ele diz que nunca mais se conseguia ver ao espelho se pusesse uma pessoa da sua família na rua." "Raios a

partam!" disse Miss Cornélia com eloquência. "Ela tem muito dinheiro e uma belíssima casa. Como é que ele a punha na rua se lhe dissesse que mais valia ir para a casa dela?"

"Eu sei...mas o Gilbert...eu não sei se ele se apercebe de tudo. Ele passa tanto tempo fora...e de facto...são coisas tão pequenas...até fico envergonhada..."

"Eu sei, queridinha. São aquelas coisas pequenas que todas juntas fazem uma coisa horrivelmente grande. Claro que um homem não ia compreender. Eu conheço uma mulher de Charlottetown que a conhece bem. Ela diz que a Mary Maria Blythe nunca teve um amigo na vida. O que tu precisas, queridinha, é de um pouco de coragem para lhe dizeres que não aguentas mais tempo esta situação."

"Eu sinto-me como quando sonhamos que queremos correr e só conseguimos arrastar os pés," disse Anne tristemente. "Se fosse só de vez em quando...mas é todos os dias. As refeições são horríveis agora. O Gilbert diz que já não consegue cortar a carne."

"Mas nisso ele repara," resmungou Miss Cornélia.

"Não conseguimos ter conversa nenhuma às refeições porque ela consegue sempre dizer qualquer coisa desagradável quando alguém fala. Está sempre a corrigir as crianças e a chamar-lhes a atenção à frente das pessoas quando temos visitas. Nós costumávamos ter umas refeições tão agradáveis...e agora! Ela ofende-se se rimos...e a senhora sabe como gostamos de rir. Estamos sempre a fazer piadas...ou costumávamos fazer. Ela não deixa passar nada. Hoje disse, 'Gilbert, não amues. Será que tu e a Annie discutiram?' Só porque estávamos calados. Você sabe como o Gilbert fica um pouco deprimido quando perde um paciente que acha que devia ter sobrevivido. E depois ela deu-nos um sermão sobre a nossa falta de senso e avisou-nos para não nos irmos deitar amuados. Oh, como nos rimos depois...mas na altura! Ela e a Susan não se suportam. E nós não podemos impedir a Susan de reclamar quando ela é mal-educada. Ela fez mais do que resmungar quando a Tia disse que nunca tinha visto um mentiroso pior que o Walter...porque o ouviu contar uma história à Di sobre ter visto um homem da lua e as perguntas que lhe fez. Ela queria lavar-lhe a boca com sabão. Ela e a Susan travaram uma grande batalha nesse dia. E ela está sempre a encher a cabeça das crianças com ideias horríveis. Disse à Nan que tinha conhecido uma criança que era má e que tinha morrido a dormir, e agora a Nan tem medo de adormecer. Disse à Di que se ela fosse muito boa

menina os pais iam gostar tanto dela como da Nan, apesar dela ser ruiva. O Gilbert ficou muito zangado com ela dessa vez, e chamou-lhe a atenção. Eu não pude deixar de desejar que ela se ofendesse e se fosse embora...apesar de detestar que alguém se fosse embora da minha casa ofendido. Mas ela só ficou com os olhos rasos de lágrimas e disse que não tinha dito aquilo por mal. Ela tinha ouvido dizer que os gémeos nunca eram igualmente amados e tinha medo que nós gostássemos mais da Nan e que a pobre Di sentisse isso. Chorou toda a noite e o Gilbert achou que tinha sido bruto...e pediu-lhe desculpa.

"Não!" disse a Miss Cornélia.

"Oh, eu não devia dizer estas coisas, Miss Cornélia. Quando eu vejo bem as coisas sei que sou muito mesquinha por levar estas coisas tão a sério....mesmo que elas me tirem um pouco de gosto pelas coisas. E ela não é sempre tão horrível...ela até é simpática de vez em quando..."

"A sério?" disse Miss Cornélia com sarcasmo.

"Sim...e generosa. Ela ouviu-me dizer que gostava de ter um serviço de chá novo, e foi a Toronto compara-me um...por catálogo! E oh, Miss Cornélia, é tão feio!"

Anne deu uma gargalhada que terminou num soluço. E depois riu novamente.

"Agora vamos parar de falar dela...já não parece tão mau agora que chorei...como um bebé. Olhe só para a minha pequena Rilla, Miss Cornélia. Não tem umas pestanas lindas quando está a dormir? Então conte-me lá as novidades.."

Anne estava ela própria de novo quando Miss Cornélia saiu. Ainda assim, sentou-se pensativa em frente à lareira durante algum tempo. Ela não tinha contado tudo à Miss Cornélia. Também não dissera nada ao Gilbert. Havia tantas coisas pequenas...

"Tão pequenas que não me consigo queixar delas," pensou Anne. Mas mesmo assim...são as pequenas coisas que dão sentido à vida...ou a estragam completamente."

A Tia Mary Maria com a mania de se armar em dona da casa...a Tia Mary Maria a convidar pessoas e a não dizer nada enquanto eles não chegavam..."Ela faz-me sentir como se eu não pertencesse à minha própria casa." A Tia Mary Maria a mudar a mobília quando Anne não estava em casa. "Eu espero que não te importes, Annie; eu achei que a mesa fazia aqui mais falta do que a estante." A Tia Mary Maria e a sua curiosidade infantil

acerca de tudo...as perguntas indiscretas acerca de coisas intimas..."sempre a entrar no meu quarto sem bater...sempre a cheirar fumo...sempre a bater as almofadas que eu arranjei...sempre a dar a entender que eu falo demais com a Susan sobre mexericos...sempre a implicar com as crianças...Temos que andar sempre atrás deles a ver se se comportam, e nem sempre conseguimos."

"A velha e feia Tia Mary Maria," tinha dito distintamente o Shirley outro dia. O Gilbert ouviu-o e ia dar-lhe uma palmada, mas a Susan tinha-se levantado em defesa dele e proibiu-o.

"Estamos encurralados," pensou Anne. "Esta casa começou a girar em volta desta questão, 'Será que a Tia Mary Maria vai gostar?' Nós não o admitimos mas é verdade. Fazemos seja o que for que a impeça de andar por ai a derramar lágrimas em silêncio. Isto não pode continuar."

Então Anne lembrou-se do que dissera a Miss Cornélia...que a Tia Mary Maria nunca tinha tido um amigo. Que tristeza! Da sua enorme riqueza em amizades Anne sentiu uma súbita compaixão por esta mulher que nunca tinha tido uma amiga...que não tinha nada a não ser solidão e idade, sem ninguém que a procurasse para abrigo ou alívio, para esperança e ajuda, para calor humano e amor. Com certeza que podiam ter paciência com ela. Estes aborrecimentos eram apenas superficiais, afinal de contas. Eles não conseguiam envenenar as fontes mais profundas da vida.

"Eu tive só um terrível ataque de pena de mim mesma, foi o que foi," disse Anne, pegando em Rilla e encostando o rostinho dela contra o seu. "Já passou, e sinto-me sinceramente envergonhada por isso."

## Capítulo 13

**"Parece** que já nunca temos um invernos dos de antigamente, pois não?", disse sombriamente Walter.

Porque a neve de Novembro já tinha desaparecido, e durante todo o mês de Dezembro Glen St. Mary foi uma terra escura e sombria, recortada por um golfo cinzento salpicado de cristas encaracoladas e espuma branca como o gelo. Tinham havido apenas alguns dias de sol, em que o golfo brilhara nos braços dourados dos montes; os outros tinham sido tristes e duros. Foi em vão que os habitantes de Ingleside esperaram a neve pelo Natal: mas os preparativos sucediam-se e quando as últimas semanas se começaram a aproximar Ingleside ficou cheia de mistérios e segredos, murmúrios e cheiros deliciosos. E agora, no último dia antes do Natal, tudo estava pronto. O pinheiro que Walter e Jem tinham trazido do vale estava a um canto da sala de estar, as portas e as janelas tinham penduradas coroas verdes atadas com grandes laços de fitas vermelhas. Os corrimãos estavam enrolados em ramos de abeto e a despensa de Susan estava à beira de rebentar. Então, já ao fim da tarde, quando todos eles se tinham conformado com um Natal "verde" desbotado, alguém olhou lá para fora e viu flocos brancos grandes como penas que caíam espessamente.

"Neve! Neve!! Neve!!!" gritou Jem. "Afimal vamos ter um Natal branco, Mamã!"

As crianças de Ingleside foram felizes para as suas camas. Era tão agradável entrar na cama quente e fofinha e ouvir a tempestade lá fora, através da noite cinzenta. Anne e Susan puseram mãos à obra para decorarem a árvores de Natal..."parecem crianças," pensou com desdém a Tia Mary Maria. Ela não concordava com o uso de velas numa árvore..."imaginem que a casa pega fogo por causa delas." Ela não concordava com o uso de bolas coloridas..."imaginem que as gémeas as comem." Mas ninguém lhe ligava. Eles tinham aprendido que era a única forma de se conseguir viver com a Tia Mary Maria.

"Acabámos!" exclamou Anne, enquanto pregava a grande estrela prateada ao alto do pequeno pinheiro orgulhoso. "E oh, Susan, não está bonito? Não é bom podermos todos ser crianças novamente no Natal sem termos vergonha disso? Ainda bem que nevou...mas espero que a tempestade não dure até amanhã."

"Vai durar todo o dia e toda a noite de amanhã," disse a Tia Mary Maria otimista. "Eu bem sinto as minhas pobres costas."

Anne atravessou o hall, abriu a grande porta de entrada e espreitou para fora. O mundo estava perdido numa paixão branca de tempestade de neve. Os vidros das janelas estavam cinzentos pelas camadas de neve que se tinham depositado. O pinheiro escocês era um enorme fantasma coberto.

"Não me parece muito promissor," admitiu Anne contrariada.

"Ainda é Deus que comanda o tempo, minha querida senhora, não é a Mary Maria Blythe," disse a Susan por cima do ombro.

"Eu espero que pelo menos não hajam doentes a chamar o Gilbert esta noite," disse Anne enquanto fechava a porta. Susan ainda deitou um último olhar à noite antes que a porta se fechasse por detrás da tempestade.

"Vê lá se não tens nenhum bebé esta noite," disse muito séria a direcção do Glen, onde a senhora George Drew esperava o quarto filho. Apesar das dores nas costas da Tia Mary Maria a tempestade dissipou-se na noite a manhã encheu os vales secretos entre os montes com o vinho rose de um nascer do sol de Inverno. Todos os pequenos se levantaram cedo, com olhos muito abertos e expectantes.

"O Pai Natal conseguiu passar a tempestade, Mamã?"

"Não. Ele estava doente e nem sequer se atreveu a tentar," disse a Tia Mary Maria, que estava de bom humor...relativo...e se sentia inclinada a gracejar.

"O Pai Natal veio sim senhor," disse a Susan, antes que os olhos deles tivessem tempo de empalidecer, "e depois de tomarem o vosso pequeno-almoço vão ver o que ele fez à vossa árvore."

Depois do pequeno-almoço o Pai desapareceu misteriosamente, mas ninguém sentiu a falta dele porque estavam tão distraídos com a árvore...a linda árvore cheia de bolas douradas e prateadas com velas acesas na escuridão silenciosa, com presentes de todas as cores atados com os mais lindos laços apinhados à sua volta. Então o Pai Natal apareceu, um magnífico Pai Natal, todo envolto em carmim e peles brancas, com uma longa barba branca e uma barriga tão grande...a Susan tinha enfiado três almofadas no casacão de veludo vermelho que Anne tinha feito para o Gilbert. O Shirley gritou de terror ao início, mas apesar disso não quis sair da sala. O Pai Natal distribuiu os presentes com um pequeno discurso engraçado para todos eles, com uma voz que lhes parecia estranhamente familiar; e no fim a barba dele pegou fogo numa vela, incidente que satisfez



a Tia Mary Maria, embora não o suficiente para a impedir de suspirar com tristeza.

"Ah, o Natal já não é o mesmo desde o meu tempo de criança." Disse com desagrado olhando para o presente que a pequena Elizabeth tinha enviado a Anne de Paris...uma pequena representação em bronze da Artemis do arco prateado.

"Que coisa sem vergonha vem a ser essa?" perguntou secamente.

"A deusa Diana," disse Anne, trocando um sorriso com Gilbert.

"Oh, uma ateia! Bem, essa é diferente, penso eu. Mas se fosse a ti, Annie, não deixava isso onde as crianças a pudessem ver. Às vezes acho que já não há decência no mundo. A minha avó," concluiu a Tia Mary Maria, com a maravilhosa inconsequência que caracterizava a maior parte dos seus reparos, "nunca usava menos de três saiotos, fosse Verão ou Inverno."

A Tia Mary Maria tinha tricotado umas luvas para as crianças de um horrível tom magenta, e uma camisola para a Anne; o Gilbert recebeu uma gravata muito interessante, e a Susan um saiote de flanela encarnada. Até a Susan considerava os saiotos de flanela antiquados, mas agradeceu galantemente à Tia Mary Maria.

mas se eu escondê-lo, "Algum missionário pobre pode aproveitá-lo melhor," pensou. "Três saiotos! Eu acho que sou uma mulher decente e até gostei daquela senhora do arco. Ela não tem realmente muito no que respeita à roupa, tivesse um corpo daqueles também não sei se ia querer Mas agora tenho que ir tratar do recheio do peru...se bem que não vá ficar grande coisa, sem cebolas nenhuma."

Ingleside ficou repleta de felicidade nesse dia, uma felicidade simples e antiquada, apesar da Tia Mary Maria, que certamente não gostava de ver as pessoas demasiado felizes.

"Só carne magra, por favor. (James, come a tua sopa em silêncio.) Ah, tu não sabes cortar a carne tão bem como o teu pai, Gilbert. Ele conseguia dar a todas as pessoas o pedaço que mais gostavam. (Gêmeas, as pessoas mais velhas também gostam de dizer umas palavras de vez em quando. Eu fui educada no principio que as crianças devem ser vistas, não ouvidas.) Não, obrigada Gilbert, não quero salada. Eu não como nada cru. Sim, Annie, vou comer um bocadinho de pudim. As tartes de frutas são muito indigestas."

"As tartes de frutas da Susan são poemas, mas as tartes de maçã são líricas." Disse o doutor. "Dá-me um pedaço de cada uma, miúda-Anne."

"Tu gostas realmente que ele te chame miúda, com a idade que tens, Annie? Walter, ainda não comeste todo o teu pão com manteiga. Muitas crianças pobres iam adorar comer um bocadinho. James, querido, assoa o nariz de uma vez, eu não suporto ouvir crianças a sorver."

Mas foi um Natal alegre e bonito. Até a Tia Mary Maria amansou um pouco depois do almoço, tendo dito que os presentes que recebera tinham sido bonitos, e até tolerou o Camarão com um ar de martírio paciente que os fez sentir a todos um pouco envergonhados por gostarem tanto dele.

"Eu acho que os pequenos passaram um belo dia," disse Anne feliz nessa noite, enquanto observava o padrão de árvores tecido contra os montes brancos e o céu do pôr-do-sol, e as crianças lá fora no relvado atarefadas a deitarem migalhas para as aves na neve. O vento cantava suavemente entre os ramos, libertando remoinhos de neve no relvado e prometendo nova tempestade para amanhã, mas Ingleside tinha desfrutado o seu dia.

"Acho que sim," concordou a Tia Mary Maria. "Tenho a certeza que guincharam bastante, pelo menos. E quanto ao que comeram...ah, bem, só são novos uma vez, e deves ter bastante óleo de rícino cá em casa."

## Capítulo 14

**Foi o** que Susan chamava um Inverno manchado...de nevões e degelos, que manteve Ingleside decorada com fantásticas orlas de gelo. As crianças alimentaram sete passarinhos que vinham frequentemente ao pomar tomar as suas refeições, e deixavam-se agarrar pelo Jem, apesar de fugirem das outras pessoas. Anne sentava-se à noite a consultar catálogos de flores em Janeiro e Fevereiro. Então os ventos de Março encaracolaram-se nas dunas e no porto, e sobre as colinas. Os Coelhos, dizia a Susan, começavam a deixar os ovos da Páscoa.

"Março não é um mês 'xitante', Mamã?" gritava Jem, que era irmão mais novo de todos os ventos que sopravam.

E eles podiam ter passado bem sem a 'xitação' de verem o Jem arranhar a mão num ferro ferrugento e passar um mau bocado por causa disso, enquanto a Tia Mary Maria contava todas as histórias de tétano que conhecia. Mas isso, reflectia Anne quando o perigo passou, era o que se podia esperar de um filho pequeno que estava sempre a experimentar coisas novas.

E então, veio Abril! Com o riso da chuva de Abril...o murmúrio da chuva de Abril...o pingar, deslizar, correr, dançar, salpicar da chuva de Abril. "Oh, Mamã, o mundo não ficou tão lavado e bonito?" Exclamou Di na manhã em que o Sol regressou.

Houve estrelas pálidas de primavera brilhando sobre campos cobertos de névoas, houve florinhas novas nos pântanos. Até os pequenos raminhos das árvores pareciam ter perdido as suas características frias e terem-se tornado suaves e lânguidos. O primeiro pisco foi um evento; o vale era mais uma vez um espaço cheio de delícias selvagens e livres; Jem trouxe à mãe os primeiros Maios...para ofensa da Tia Mary Maria, que achava que lhe deviam ter sido oferecidos a ela; a Susan começou a arrumar as prateleiras do sótão, e Anne, que não tivera um minuto do Inverno para si própria, vestiu a alegria primaveril e viveu literalmente no jardim, enquanto o Camarão mostrava o seu enlevo primaveril rebolando-se pelos caminhos entre os canteiros.

"Tu trataas melhor do jardim do que do teu marido, Annie," disse a Tia Mary Maria.

mim," respondeu Anne de forma implicações que dali poderiam "O meu jardim é tão agradável para sonhadora...então, apercebendo-se das ser retiradas começou a rir.

"Tu dizes as coisas mais extraordinárias, Annie. Claro que eu sei que tu não queres dizer que o Gilbert não é agradável...mas o que pensaria um estranho se te ouvisse dizer uma coisa dessas?"

"Querida Tia Mary Maria," disse Anne alegremente, "eu não sou responsável pelo que digo nesta altura do ano. Toda a gente aqui sabe disso. Eu fico sempre um bocadinho louca na primavera. Mas é uma loucura tão divina. Já reparou nas névoas sobre as dunas, como bruxas dançarinas? E nos narcisos? Nós nunca tivemos tantos narcisos em Ingleside como este ano."

"Eu não ligo muito a narcisos. São uma coisas tão exibicionistas," disse a Tia Mary Maria, enrolando-se no xaile e indo para dentro para proteger as costas.

"Sabe, minha querida senhora," queixou-se Susan, "o que aconteceu àquelas íris novas que a senhora queria plantar naquele canto sombrio? Ela plantou-as esta tarde quando a senhora cá não estava no lugar mais solarengo do jardim das traseiras."

"Oh, Susan! E nós não podemos transplantá-los porque ela ia ficar magoada!"

"Se me deixar, minha querida senhora..."

"Não, não Susan, vamos deixá-los lá por agora. Lembra-se que ela chorou quando eu dei a entender que ela não devia ter podado as aleluias antes de florirem." "Mas desdenhar dos nossos narcisos, minha querida senhora...quando são famosos em todo o porto..."

"E merecem ser. Olhe só para eles a rirem-se de si por se importar com o que a Tia Mary Maria diz. Susan, as capuchinhas estão sempre a florir neste canto. Não é divertido quando estamos quase a perder a esperança de uma coisa e ela acontece? Eu vou fazer um pequeno jardim de roseiras no canto sudeste. Só o nome de jardim de rosas me dá arrepios. Já alguma vez viu um céu azul como este, Susan? E se estiver com muita atenção à noite consegue ouvir todos os pequenos riachos do campo a murmurarem uns para os outros. Quase me apetece dormir esta noite no vale com uma almofada de violetas bravas."

"Ia achar a cama muito húmida," disse Susan paciente. A senhora era sempre assim na primavera. Mas ia passar.

"Susan," disse Anne, "eu quero fazer uma festa de aniversário na próxima semana."

"Sim, e porque não?" perguntou Susan. Era verdade que ninguém da família fazia anos na última semana de Maio, mas se a senhora queria fazer uma festa então porque não havia de a fazer?

"Para a Tia Mary Maria," continuou Anne, determinada a passar a parte pior. "O aniversário dela é na próxima semana. O Gilbert diz que ela faz cinquenta e cinco anos e eu pensei nisto."

"Minha querida senhora, pensa realmente dar uma festa para aquela..."  
"Conte até cem, Susan...conte até cem, minha querida Susan. Ela ia ficar tão contente. E afinal, o que é que ela tem na vida?"

"A culpa é dela..."

"Talvez seja. Mas Susan, eu realmente gostava de fazer isto por ela."  
"Minha querida Senhora," disse Susan contrariada, "A senhora sempre teve a gentileza de me deixar tirar uma semana de férias quando eu precisei. Talvez as deva tirar na próxima semana! Eu vou pedir à minha sobrinha Gladys para ir lá para casa ajudá-la. E nessa altura a Mary Maria Blythe pode ter uma dúzia de festas de aniversário que eu não me importo."

"Se é isso que pensa, Susan, eu desisto da ideia, claro," disse Anne lentamente.

"Minha querida senhora, aquela mulher enfiou-se aqui em casa e tem intenção de cá ficar para sempre. Ele tem-na arreliado...e chateado o doutor...e tem feito a vida das crianças num inferno. Eu de mim nem digo nada, afinal quem sou eu? Ela ralha e chateia e insinua e queixa-se...e agora quer-lhe fazer uma festa de aniversário! A única coisa que eu posso dizer, se a quer mesmo fazer... é então vamos embora fazê-la!"

"Susan, minha admirável velha amiga!"

E seguiu-se o planeamento. Susan, que tinha cedido, estava determinada que para honra de Ingleside a festa tinha que ser qualquer coisa em grande, tão perfeita que nem sequer a Mary Maria pudesse encontrar falha.

"Eu acho que vamos fazer um lanche, Susan. Assim as pessoas vão sair cedo e eu vou poder ir ao concerto em Lowbridge com o doutor. Vamos fazer segredo para ser uma surpresa. Ela não vai saber de nada até ao último minuto. Vou convidar todas as pessoas do Glen que ela gosta..." "E quem são elas, minha querida senhora?"

"Bem, as que ela tolera, então. E a prima dela Adela Carey de Lowbridge, e algumas pessoas da cidade. Vamos ter um grande bolo de aniversário com cinquenta e cinco velas..."

"Que vai ser feito por mim, claro..."

"Susan, você sabe que faz o melhor bolo de frutas da Ilha do Príncipe Eduardo..."

"Eu sei que sou como cera nas suas mãos, minha querida senhora."

E seguiu-se uma semana misteriosa. Um ar de segredo pairava sobre Ingleside. Toda a gente tinha jurado não divulgar o segredo à Tia Mary Maria. Na noite antes da festa a Tia Mary Maria chegou de uma visita no Glen para as encontrar sentadas com ar cansado na sala de estar já sombria.

"Estão às escuras, Annie? Nem sei como é que alguém consegue estar assim sentada às escuras. Fico deprimida."

"Não estamos às escuras...está a anoitecer...houve um encontro amoroso entre a luz e a escuridão, e o fruto excepcionalmente belo que geraram foi este," disse Anne, mais para ela do que para qualquer outra pessoa.

"Eu acho que tu deves perceber o que disseste, Annie. E então vão fazer uma festa amanhã?"

Anne subitamente sentou-se muito direita. Susan, que já assim estava sentada, não se conseguiu endireitar mais.

"Tia...como...como..."

"Tu deixas-me sempre saber estas coisas por estranhos," disse a Tia Mary Maria, parecendo mais triste que ofendida.

"Mas nós queríamos que fosse uma surpresa, tia..."

"Eu não sei porque é que vais dar uma festa nesta altura do anos quando o tempo não é de fiar, Annie."

Anne deu um suspiro de alívio. Era evidente que a Tia Mary Maria apenas sabia que ia haver uma festa, mas desconhecia que tinha ligação com ela.

"Eu...queria fazê-la antes de se acabarem as flores da primavera, Tia."

"Eu vou usar o meu vestido de tafetá bordeaux. Se não tivesse ouvido a conversa hoje na vila, Annie, com certeza era apanhada de surpresa pelos teus amigos num vestido de algodão."

"Oh, não, Tia. Eu ia dizer-lhe a tempo de mudar de roupa, claro..."

"Bem, se o meu conselho te é de alguma utilidade...e às vezes vejo-me tentada a pensar que não...eu ia dizer-te que no futuro não devias ser tão

misteriosa com certas coisas. E por falar nisso, sabes que andam a dizer no Glen que foi o Jem que atirou a pedra ao vidro da janela da igreja metodista?"

"Mas não foi," disse Anne calmamente. "Ele disse-me que não foi."

"Tens a certeza, Annie, querida, que não te mentiu?"

A "Annie querida" ainda assim respondeu calmamente.

"Toda a certeza, Tia Mary Maria. O Jem nunca disse uma mentira na vida."

"Bem, eu achei que tu devias saber o que se diz por aí."

A Tia Mary Maria saiu então, graciosamente como era habitual, evitando ostensivamente o Camarão, que estava deitado no chão de barriga para cima incitando alguém a fazer-lhe festas na barriga.

Susan e Anne deram um suspiro de alívio.

"Acho que me vou deitar, Susan. E eu espero que amanhã esteja bom tempo. Eu não gosto nada do aspecto daquela nuvem por cima do porto."

"Vai estar com certeza, minha querida senhora," assegurou Susan. "O almanaque diz que sim."

A Susan tinha um almanaque que previa o tempo para todo o ano, e estava certo vezes suficientes para se considerar credível.

"Deixe a porta do lado destrancada para o doutor, Susan. Ele pode chegar tarde da cidade. Foi buscar as rosas...cinquenta e cinco rosas douradas...eu ouvi dizer à tia Mary Maria que as rosas amarelas eram as únicas flores de que gostava."

Meia hora mais tarde, quando lia o seu capítulo diário da Bíblia, Susan deu com o versículo, "Retira o teu pé da casa do teu vizinho antes que ele se canse de ti e te odeie." Ela pôs um raminho de uma flor lá para marcar a página. "Até naquela altura," reflectiu.

Anne e Susan levantaram-se ambas cedo, desejando completar alguns preparativos finais antes que a Tia Mary Maria se levantasse. Anne sempre gostou de se levantar cedo e apanhar aquela meia hora mística antes do sol nascer, quando o mundo pertence às fadas e aos deuses antigos. Ela gostava de ver o céu da manhã rosa pálido e dourado por detrás da torre da igreja, os brilhos finos e translúcidos do nascer do sol espalhando-se sobre as dunas, as primeiras espirais violetas de fumo a flutuarem sobre os tectos da vila.

"É como se o tivéssemos encomendado, minha querida senhora," disse Susan contente, enquanto enfeitava um bolo com cobertura de laranja com coco. "Eu vou deitar mãos à obra com as novas bolas de manteiga depois do

pequeno-almoço, e vou telefonar ao Cárter Flagg de meia em meia hora para ver se ele não se esquece do gelado. E ainda vou ter tempo de esfregar os degraus da varanda."

"Será necessário, Susan?"

"Minha querida senhora, não convidou a senhora Marshall Elliot? Ela não vai ver os degraus da nossa varanda noutra estado que não seja impecavelmente limpo. Mas a senhora trata das decorações, não é? Eu não nasci com o dom de fazer arranjos de flores."

"Quatro bolos! Ena!" disse o Jem.

"Quando nós damos uma festa," disse Susan orgulhosa, "damos uma festa!"

Quando os convidados chegaram foram recebidos pela Tia Mary Maria vestida de tafetá bordeaux e pela Anne, de voile creme. A Anne ainda pensou em vestir o vestido de musselina branca porque o dia estava quente, mas decidiu-se pelo outro.

"Foste muito sensata, Annie," comentou a Tia Mary Maria. "O branco, tenho sempre dito, é só para as jovens."

E tudo se passou conforme planeado. A mesa estava linda com o serviço mais bonito de Anne e a beleza exótica das íris roxas e brancas. As bolas de manteiga da Susan fizeram sensação, nunca antes se tinham visto no Glen; a sopa cremosa estava excelente; a salada de galinha tinha sido feita com as galinhas de Ingleside 'galinhas verdadeiras; o martirizado Carter Flagg entregou o gelado mesmo em cima da hora. Finalmente a Susan, carregando o bolo dos anos com as suas cinquenta e cinco velas acesas como se fosse a cabeça de São João Baptista, marchou sala a dentro e colocou-o em frente à Tia Mary Maria.

Anne, por fora uma anfitriã sorridente e serena, há algum tempo que se estava a sentir muito desconfortável. Apesar de exteriormente parecer estar a correr tudo bem, ela tinha a convicção cada vez mais profunda que qualquer coisa estava terrivelmente errada. Quando chegaram os convidados ela tinha estado muito ocupada para reparar na mudança que se dera no rosto da tia Mary Maria quando a senhora Marshall Elliot lhe tinha desejado que o dia se repetisse por muitos e longos anos. Mas quando se sentaram todos em volta da mesa Anne despertou para o facto da Tia Mary Maria parecer tudo menos satisfeita. Ela estava inclusivamente branca...e não podia ser de fúria!...e não disse uma palavra enquanto a refeição progredia, a não ser dar curtas respostas a quem lhe dirigia a palavra.



Apenas comeu três colheres de sopa e duas de salada; e quanto ao gelado comportou-se como se lá não estivesse.

Quando a Susan lhe pôs o bolo de anos com as velas tremeluzentes na frente, a Tia Mary Maria engoliu em seco como se estivesse a engolir um soluço, mas na sua falta de sucesso acabou por soar como um grito estrangulado.

"Tia, não se sente bem?" exclamou Anne.

A Tia Mary Maria fitou-a como gelo.

"Bastante bem, Annie. Sinto-me até muito bem, para uma pessoa da minha idade."

E foi neste momento auspicioso que entraram as gémeas, trazendo um cesto com cinquenta e quatro rosas amarelas, e entre um silêncio súbito e sepulcral, o entregaram à Tia Mary Maria com votos de parabéns. Um coro de admiração elevou-se da mesa, mas a Tia Mary Maria não o acompanhou.

"As...as gémeas vão soprar as velas por si, Tia," disse Anne nervosa, "e depois pode cortar o bolo de aniversário."

"Como ainda não estou bem senil...Annie, eu posso soprar as velas sozinha."

E a Tia Mary Maria começou a apagá-las, de forma deliberadamente vagarosa. E com igual calma e deliberação cortou o bolo. E então pousou a faca.

"E agora talvez me dêem licença, Annie. Uma senhora idosa como eu precisa de descansar depois de tanta agitação."

E marchando se foi a saia de tafetá bordeaux da Tia Mary Maria. O cesto de rosas estatelou-se quando ela lhe passou ao pé. Ouviram-se os baques distintos dos saltos dos sapatos enquanto subia as escadas. Finalmente, um estrondo anunciou o bater da porta do quarto à distância.

Os convidados atónitos comeram as suas fatias de bolo de aniversário com tanto apetite quanto conseguiram reunir, num silêncio apenas quebrado por uma história que a senhora Amos Martin contou desesperada sobre um médico de Nova Escócia que envenenara vários pacientes com uma injeção de germens de difteria. Os outros, sentindo que esta história não seria do melhor gosto na presente circunstância, não a secundaram no esforço para animar o ambiente e foram saindo à medida que puderam.

Uma Anne muito perturbada subiu até ao quarto da Tia Mary Maria.

"Tia, mas o que é que se passa...?"

"Seria necessário divulgares a minha idade em público, Annie? E convidarem a Adela Carey...para ela descobrir a minha idade...quando há anos que ela tenta saber!"

"Mas tia, nós só queríamos...só queríamos..."

"Eu não sei qual era o teu propósito Annie. Mas por detrás disto tudo está uma coisa que eu sei muito bem...oh, eu consigo lê-la na tua mente, Annie...mas eu não vou tentar descobri-la...eu vou deixá-la entre ti e a tua consciência."

"Tia Mary Maria, a minha única intenção foi proporcionar-lhe um aniversário feliz. Tenho muita pena..."

A Tia Mary Maria levou o lenço aos olhos e sorriu corajosamente.

"Claro que te perdoou, Annie. Mas tu tens que compreender que depois de uma tentativa deliberada para injuriar os meus sentimentos eu não posso aqui permanecer mais tempo."

"Tia, não acredite..."

A Tia Mary Maria levantou uma mão longa e magra.

"Não vale a pena discutir mais o assunto, Annie. Eu quero paz...só paz. 'Quem consegue suportar um espírito ferido?'"

Anne acabou por ir ao concerto com Gilbert mas não se pode dizer que o tivesse apreciado. Gilbert levou o assunto 'mesmo à homem', como diria a Miss Cornélia.

"Eu lembro-me que ela foi sempre um pouco sensível em relação à idade. O pai costumava brincar com ela. Eu devia ter-te avisado...mas esqueci-me. Se ela se for embora, não a tentes dissuadir"...e retraiu a custo a observação "diabos a levem!"

"Ela não vai. Não temos assim tanta sorte, minha querida senhora," disse a Susan incrédula.

Mas por uma vez Susan enganou-se. A Tia Mary Maria foi-se embora no dia seguinte, perdoando a todos enquanto se despedia.

"Não culpes a Annie, Gilbert," disse magnânima. "Eu absolvo-a de qualquer insulto intencional. Eu nunca me importei que ela guardasse segredos de mim...apesar de eu ter uma mente tão sensível...mas apesar de tudo eu sempre gostei da pobre Annie"...com o ar de quem confessa uma fraqueza. "Mas a Susan Baker é uma coisa completamente diferente.

O meu último conselho para ti é...põe a Susan Baker no lugar dela e mantêm-na lá."

Ninguém acreditou na sua boa sorte de início. Mas acabaram por se aperceber que a Tia Mary Maria tinha realmente partido...que era novamente possível rirem sem ter medo de magoar os sentimentos de alguém...abrir todas as janelas sem ouvir queixas de correntes de ar...comer uma refeição sem ouvir que qualquer coisa de que gostavam especialmente podia provocar cancro de estômago.

"Eu nunca vi sair um convidado com tanto prazer," pensou Anne, meia culpada. "E é tão bom sentirmo-nos nós próprios outra vez."

O Camarão lavava-se meticulosamente, sentindo que afinal, sempre era divertido ser gato. A primeira peónia floresceu no jardim.

"O mundo está cheio de poesia, não é Mamã?" disse Walter.

"Vai ser um Junho mesmo agradável," previu Susan. "O almanaque diz que sim. Vão haver algumas noivas, e alguns funerais também. Não parece estranho pudermos respirar novamente? Quando eu penso que quase a convenci a não dar aquela festa, minha querida senhora, apercebo-me que há realmente uma Providência Divina. E não acha, minha querida senhora, que hoje o doutor vai gostar de comer o bife dele com cebolas?"

## Capítulo 15

**"Hoje** de manhã disseram do hospital que ela tinha falecido durante a noite, e eu senti-me na obrigação de a informar, uma vez que ela era doente do doutor. Mas foi outra Sarah Chase e a prima Sarah está viva e é provável que sobreviva, ainda bem. Está-se aqui muito bem Anne. Eu sempre disse que se há uma brisa fresca nalgum lado deve ser em Ingleside."

"A Susan e eu temos estado a apreciar o encanto do entardecer estrelado," disse Anne, pondo de lado o vestido de musselina cor-de-rosa com favinhos de mel que estava a fazer para a Nan, e cruzou as mãos sobre os joelhos. Não era de desperdiçar uma desculpa para deixar o trabalho. Nem ela nem Susan tinham muitas ocasiões para descansar ultimamente.

A Lua estava para nascer e a profecia era ainda mais encantadora que a ocasião. Os lírios bicolores brilhavam como chamas ao longo do passeio e tufos de honeysuckle agitavam-se ao sabor do vento sonhador.

"Veja só aquela onda de papoilas a despontar ao pé do muro do jardim, Miss Cornélia. A Susan e eu estamos muito orgulhosas das nossas papoilas, apesar de não termos tido nada a ver com elas. O Walter despejou ali um pacote de sementes por descuido na primavera e é o resultado. Todos os anos temos uma surpresa agradável como esta."

"Eu gosto muito de papoilas," disse a Miss Cornélia, "Apesar de não durarem muito."

"Só vivem um dia," admitiu Anne, "Mas vivem-no de uma maneira tão imperial, tão extraordinária! Não é muito melhor do que ser uma rígida zínia, que duram praticamente para sempre? Nós não temos zínias em Ingleside. São as únicas flores com que não nos damos. A Susan nem sequer lhes fala." "Há alguém a ser assassinado no Vale?" perguntou Miss Cornélia. De facto, os sons que de lá vinham pareciam indicar que alguém estava a ser sacrificado. Mas Anne e Susan estavam demasiado acostumadas para notar.

"A Persis e o Kenneth têm cá passado o dia e decidiram fazer um banquete no Vale. E quanto à senhora Chase, o Gilbert foi hoje de manhã à cidade e contaram-lhe o que realmente se passou. Eu fico contente por tudo estar a correr bem...os outros médicos não concordavam com o diagnóstico dele e ele estava um bocado preocupado." "A Sarah avisou-nos quando foi

para o hospital que não a enterrássemos enquanto não tivéssemos a certeza que estava morta," disse a Miss Cornélia, abanando-se majestosamente e interrogando-se como é que a mulher do doutor parecia sempre tão fresca. "Sabe, nós ficámos sempre com a desconfiança que o marido dela tivesse sido enterrado vivo...ele parecia tão bem encarado. Mas ninguém pensou nisso senão quando já era tarde demais. Ele era irmão desse Richard Chase que comprou a quinta do velho Poorside e que se mudou de Lowbridge na primavera. Ele é cá uma bisca. Disse que vinha para o campo para ter alguma paz...tinha que passar o tempo em Lowbridge a distrair viúvas"...e solteironas," poderia ter acrescentado Miss Cornélia, mas não o fez, para não magoar os sentimentos de Susan.

"Eu conheci a filha dela, a Stella...ela costuma vir ao ensaio do coro. Nós simpatizamos bastante uma com a outra."

"A Stella é realmente uma rapariga adorável...uma das poucas raparigas que ainda consegue corar. Eu sempre gostei dela. Eu e a mãe dela costumávamos ser grandes amigas. Pobre Lisette!"

"Morreu jovem?"

"Sim, quando a Stella só tinha oito anos. O Richard acabou por criar a Stella sozinho. E ele que é um perfeito ateu! Ele diz que as mulheres só são importantes do ponto de vista biológico...o que quer que seja que isso quer dizer. Ele está sempre a fazer grandes discursos desse género."

"Ele não parece ter feito um mau trabalho com a filha," disse Anne, que achava a Stella Chase uma das raparigas mais encantadoras que já conhecera.

"Oh, nem ele conseguia estragar a Stella. E eu não nego que o Richard fez um bom trabalho. Mas ele é um patife para os rapazes...nunca deixou a pobre Stella ter um único namorado em toda a vida! Todos os jovens que se aproximam dela ele enxota-os com sarcasmos. É o homem mais sarcástico que já conheci. A Stella não dá conta dele...nem a mãe dava antes dela. Não sabem como. Ele faz sempre tudo ao contrário, mas nenhuma delas percebeu isso."

"Mas pareceu-me que a Stella era muito ligada ao pai."

"Oh, e é. Ela adora-o. Ele é uma pessoa muito agradável quando lhe fazem as vontades em tudo. Mas ele devia ter o senso suficiente para deixar a Stella casar. Ele deve saber que não vai viver para sempre...apesar de quem o ouvir falar pensar que não. Ele não é velho, claro...era muito

novo quando casou. Mas é uma família dada às trombozes. E o que vai ser da Stella depois dele morrer? Fica pr'ali encolhida, deve ser."

Susan levantou os olhos da intrincada flor do croché irlandês para dizer decididamente:

"Eu não acho bem que as pessoas mais velhas estraguem a vida das mais novas dessa maneira."

"Talvez se a Stella gostasse realmente de alguém a objecção do pai dela não tivesse tanto peso."

"Mas é aí que se engana, Anne querida. A Stella nunca casaria com ninguém de quem o Pai dela não gostasse. E posso dizer-lhe já outra pessoa a quem estão a estragar a vida, o sobrinho do Marshall, o Alden Churchill. A Mary está determinada a não o deixar casar enquanto ela o puder impedir. Ela até é mais espírito de contradição que o Richard...se fosse um cata-vento apontava o norte quando o vento estivesse de Sul. A propriedade é dela até que o Alden case, sabe. De cada vez que ele se interessou por uma rapariga ela arranjou maneira de lhe pôr um fim."

"E será de facto só ela a fazer isso, senhora Marshall Elliot?" perguntou sarcasticamente Susan. "Algumas pessoas acham que o Alden muda de ideias com muita facilidade. Até há quem diga que ele é um desencaminhador."

"O Alden é bonito, e as raparigas perseguem-no," respondeu Miss Cornélia. "Eu não o censuro por se deixar levar e as largar quando lhes dá uma lição. Mas já houve uma ou duas raparigas de quem ele gostou realmente e a Mary bloqueou-lhe o caminho de todas as vezes. Ela é que mo disse...disse-me que tinha recorrido à Bíblia...ela está sempre a 'recorrer à Bíblia...e de todas as vezes abriu num versículo que era muito desfavorável ao casamento do Alden. Eu não tenho paciência nem para ela nem para as esquisitices dela. Porque é que ela não pode ir à igreja e ser uma pessoa decente como a maioria de nós em Four Winds? Mas não, ela tem que ter a sua própria religião que consiste em 'recorrer à Bíblia'. No Outono passado, quando aquele cavalo valioso adoeceu...valia quatrocentos dólares...em vez de o mandar ao veterinário de Lowbridge ela 'recorreu à Bíblia' e deu com um versículo...'O Senhor o deu, o Senhor o levou. Abençoado seja o nome do Senhor'. Pois não quis chamar o veterinário e o cavalo morreu. Imaginem só, aplicar um versículo daqueles daquela maneira, Anne queridinha. Eu acho de uma irreverência! E disse-lho logo, mas a resposta que tive foi um olhar furioso. E ela não quer mandar instalar

o telefone. 'Pensas que vou falar para uma caixa na parede?' É o que diz quando lhe tocam no assunto."

Miss Cornélia parou, um pouco sem fôlego. As excentricidades da cunhada sempre lhe tinham causado impaciência.

"O Alden não sai à mãe, pois não?" perguntou Anne.

"O Alden é como o pai...nunca houve melhor homem...na medida do possível, claro. O porquê dele ter casado com a Mary foi coisa que os Elliots nunca compreenderam. Apesar de terem ficado muito satisfeitos por ele ter casado tão bem...ela teve sempre um parafuso a menos, e nunca foi muito bonita. Claro que tinha muito dinheiro...a Tia Mary deixou-lhe tudo...mas não foi essa a razão, o George estava realmente apaixonado por ela. Eu não sei como é que o Alden suporta os lamentos da mãe; mas ele foi sempre tão bom filho."

"Sabe o que é que me acabou de ocorrer, Miss Cornélia?" disse Anne com um sorriso provocante. "Não seria bom de o Alden e a Stella se apaixonassem um pelo outro?"

"Não têm grandes hipóteses disso, e também não iam longe se acontecesse. A Mary ia escangalhar tudo, e o Richard ia dar com a porta na cara do lavrador, apesar dele próprio ser um. Mas a Stella não é o tipo de rapariga que o Alden gosta...ele gosta delas coradas e divertidas. E a Stella não lhe ia ligar a ele. Eu ouvi dizer que o pastor de Lowbridge lhe andava a fazer olhinhos."

"Mas ele não é um bocado anémico e míope?" perguntou Anne.

"E tem os olhos esbugalhados," disse a Susan. "Deve ficar horrível quando tenta parecer sentimental."

"pelo menos é presbiteriano," disse a Miss Cornélia como se isso fosse compensação. "Bem, tenho que ir indo. Agora se estou muito tempo fora a minha nevralgia aumenta."

"Eu vou consigo até lá abaixo."

"Você sempre pareceu uma rainha com esse vestido, Anne, queridinha," disse Miss Cornélia, com admiração.

Anne encontrou Owen e Leslie Ford ao portão e trouxe-os de volta até à varanda. Susan tinha desaparecido indo buscar limonada para o doutor, que tinha acabado de chegar a casa, e as crianças vinham chegando de enxurrada do Vale sonolentas e felizes.

"Vocês estavam a fazer uma barulheira horrível quando passei, disse o Gilbert. "Toda a região os deve ter ouvido."

A Persis Ford, abanando os seus espessos caracóis cor de mel deitou-lhe a língua de fora. A Persis era a grande favorita do 'Tio Gil'.

"Nós só estávamos a imitar o grito do dervixe, por isso tínhamos que uivar," explicou Kenneth.

"Olha só para o estado da tua blusa," disse Leslie com severidade.

"Eu cai no bolinho de lama da Di," disse o Kenneth, com grande satisfação no seu tom de voz. Ele detestava aquelas camisas engomadas impecáveis que a mãe o obrigava a usar quando ia ao Glen.

"Mãezinha querida," disse Jem, "eu posso ficar com aquelas penas de avestruz que estão no sótão para coser nos fundos das calças para parecerem uma cauda? Nós vamos fazer um circo amanhã e eu vou ser a avestruz. E nós vamos arranjar um elefante."

"Vocês sabem que alimentar um elefante custa seiscentos dólares por ano?" perguntou Gilbert solenemente.

"Um elefante imaginário não custa coisa nenhuma," explicou Jem pacientemente.

Anne riu. "Ainda bem que não temos que ser económicos com a nossa imaginação."

Walter não disse nada. Ele estava um pouco cansado e muito contente por poder sentar-se ao lado da Mãe nos degraus e encostar a cabeça morena no ombro dela. Leslie Ford, olhando para ele, achava que ele tinha o rosto de um génio...o olhar remoto e desapegado de alguém que veio de outra galáxia. A terra não era o seu habitat.

Toda a gente estava muito feliz nesta hora dourada de um dia dourado. Um sino de igreja soava doce e tenuemente através do porto. A lua desenhava padrões sobre a água. As dunas rebrilhavam com tons de prata enevoadas. Havia um odor de menta no ar e algumas rosas invisíveis eram insuportavelmente doces. E Anne, olhando sonhadora para além do relvado com olhos que apesar dos seus seis filhos eram ainda muito jovens, pensava que não havia nada mais belo no mundo que a figura delgada e élfica de um jovem álamo negro ao luar.

Então ela começou a pensar em Stella Chase e no Alden Churchill, até que Gilbert lhe ofereceu uma moeda pelos seus pensamentos.

"Eu estou a pensar seriamente em me tornar casamenteira," respondeu Anne.

Gilbert olhou para os outros com ar desesperado.



"Eu tinha receio de uma coisa destas novamente. Eu esforcei-me, mas não se consegue mudar uma casamenteira nata. Ela tem uma verdadeira paixão pela coisa. O número de casamentos que já fez é incrível. Eu não conseguia descansar de noite se tivesse uma responsabilidade destas sobre mim."

"Mas são todos felizes," protestou Anne. "Eu sou realmente uma adepta. Pensa só em todos os casamentos que fiz...ou fui acusada de fazer... Theodora Dix e Ludovic Speed...Stephen Clark e Prissie Gardner...Janet Sweet e John Douglas...Professor Carter e Esme Taylor...Nora e Jim...e Dovie e Jarvis..."

"Oh, eu admito. Esta minha mulher, Owen, nunca perdeu a esperança. Para ela, qualquer dia ainda vão nascer rosas sem espinhos. Acho que ela vai continuar a tentar casar as pessoas até crescer."

"Eu acho que ela também teve qualquer coisa a ver com outro casamento," disse Owen, sorrindo para a sua mulher.

"Eu não," disse Anne prontamente. "Culpem o Gilbert por esse. Eu fiz o que pude para o convencer a não fazer a operação ao George Moore. E por falar em não dormir de noite...há noites em que acordo banhada em suor de sonhar que consegui convencê-lo."

"Pois bem, mas dizem que só as mulheres felizes é que conseguem ser boas casamenteiras, por isso é uma a meu favor," disse complacientemente Gilbert. "E que novas vítimas tens agora em mente, Anne?"

Anne limitou-se a sorrir para ele. Ser casamenteira exige subtileza e discrição e há coisas que não se dizem nem aos maridos.

## Capítulo 16

**Anne** ficou acordada até tarde nessa noite e noutras que se seguiram, pensando do Alden e na Stella. Ela tinha a sensação que a Stella desejava um casamento...um lar...bebés. Ela tinha-lhe pedido certa noite para dar banho a Rilla..."É tão agradável dar banho a este corpinho gordinho, cheio de covinhas"...e ainda timidamente dissera, "É tão bom, senhora Blyhte, ter pequenos bracinhos aveludados estendidos para nós. Os bebés são tão completos, não são?" Seria uma pena se um pai rabugento impedisse o desabrochar dessas esperanças secretas.

Seria um casamento ideal. Mas como é que se poderia realizar, com todos os envolvidos teimosos e contrários a ele? Porque a teimosia e a contradição não estavam apenas nos elementos mais velhos. Anne suspeitava que também Alden e Stella tinham uns laivos dela. Isto requeria uma técnica completamente diferente de qualquer arranjo anterior. E de súbito Anne lembrou-se do pai de Dovie.

Anne apoiava o queixo na mão e continuava a pensar. O Alden e a Stella, pensava, estavam praticamente casados desde aquela hora.

E não havia tempo a perder. O Alden, que vivia em Harbour Head e ia a igreja anglicana por cima do porto, não conhecia a Stella Chase...talvez até ainda nunca a tivesse visto. Ele não estava interessado em nenhuma rapariga há meses, mas poderia começar a qualquer momento. A senhora Janet Swift, do lado de cima do Glen, tinha uma sobrinha muito bonita de visita, e o Alden andava sempre atrás das raparigas novas. A primeira coisa a fazer, então, era arranjar maneira dos dois se encontrarem. E como é que se havia de fazer? Tinha que ser de uma forma absolutamente inocente, pelo menos de aparência. Anne pensou e repensou mas não conseguia encontrar nada mais original do que dar uma festa e convidá-los a ambos. E essa ideia não lhe agradava. Estava muito calor para dar uma festa...e os jovens de Four Winds eram tão agitados. Anne sabia que a Susan não ia concordar com uma festa sem Ingleside ser limpa praticamente da cava até ao sótão...e ela também se queixava do calor deste verão. Mas uma boa causa exige alguns sacrifícios. A Jen Pringle, sua colega de colégio, tinha-lhe escrito a dizer que vinha fazer a sua à muito prometida visita a Ingleside e essa seria a desculpa perfeita para uma festa. A sorte parecia estar do seu lado. Jane

chegou...os convites foram enviados...Susan fez a tal limpeza...e ambas cozinham para a festa no auge de uma vaga de calor.

Anne estava terrivelmente cansada na noite antes da festa. O calor fora terrível...o Jem estava doente com um ataque de qualquer coisa que Anne suspeitava ser apendicite mas que Gilbert atribua às maçãs verdes...e o camarão quase tinha sido escaldado de morte quando a Jen Pringle, tentando ajudar a Susan, entornara uma panela de água quente de cima do fogão para cima dele. A Anne dola-lhe cada osso do corpo, dola-lhe a cabeça, dolam-lhe os pés dolam-lhe os olhos. Jen tinha ido com um grupo de jovens ver o farol, dizendo a Anne que se fosse deitar; mas em vez disso ela sentou-se na varanda apreciando a humidade que se seguiu à trovoadas dessa tarde e falou com o Alden Churchill, que tinha vindo buscar um medicamento para a bronquite da mãe mas que não queria entrar. Anne achou que era a oportunidade que precisava, porque queria muito falar com ele. Eram bons amigos, uma vez que Alden a visitava muitas vezes por assuntos similares.

Alden sentou-se no degrau da varanda com a cabeça encostada a um dos pilares. Ele era, como Anne sempre pensara, um homem muito bonito...alto e de ombros largos, com um rosto branco que nunca se bronzeava, olhos azuis, e um cabelo muito negro espesso e espetado.

Tinha uma voz divertida e uma atitude simpática e atenciosa que as mulheres de todas as idades apreciavam muito. Ele tinha estado três anos em Queens e pensara em ir para Redmond mas a sua mãe não concordara alegando razões bíblicas, pelo que o Alden tinha assentado relativamente satisfeito na quinta. Ele gostava da agricultura, dissera a Anne; era um trabalho independente, livre e ao ar livre; tinha o jeito da mãe para arranjar dinheiro e a personalidade atraente do pai. Não admirava que fosse considerado um bom partido.

"Alden, gostava de te pedir um favor," disse Anne de forma cativante. "Podias ajudar-me?"

"Claro, senhora Blythe," respondeu sinceramente. "Diga o que precisa. Sabe que eu faria qualquer coisa por si."

O Alden gostava muito da senhora Blythe, e teria feito realmente muitas coisas por ela.

"Tenho receio que se aborreça," disse Anne ansiosamente. "Mas é só isto...eu gostava que a Stella Chase se divertisse na minha festa amanhã à noite. Tenho receio que não se divirta. Ela ainda não conhece muita gente

jovem por aqui...a maior parte deles são mais novos que ela...pelo menos os rapazes. Peça-lhe para dançar consigo e veja se não fica sozinha e isolada. Ela é tão tímida com desconhecidos. E eu gostava mesmo que ela se divertisse."

"Oh, eu vou dar o meu melhor," disse Alden prontamente.

"Mas você não se pode deixar apaixonar por ela, sabe," avisou Anne, rindo-se.

"Mas porquê, senhora Blythe?"

"Bem," confidenciou,"eu acho que o senhor Paxton de Lowbridge se afeiçãoou bastante a ela."

"Aquele palerma emproado?" explodiu Alden, com uma intensidade inesperada.

Anne pareceu levemente surpreendida e disse num tom levemente repreensivo.

"Mas Alden, disseram-me que ele era um jovem bastante simpático. E é o tipo de homem que poderia ter hipóteses com o pai da Stella, sabe?"

"Ah, sim?" disse Alden, regressando à indiferença inicial.

"Sim...e nem sei se ele conseguiria. Eu acho que o senhor Chase acha que não há ninguém que esteja à altura da Stella. Receio que um simples agricultor não teria nenhuma hipótese. Por isso não quero que se meta em sarilhos apaixonando-se por uma rapariga que nunca poderá ter. Estou só a dar-lhe um conselho de amiga. Com certeza que a sua mãe pensará como eu."

"Oh, obrigado...E que tipo de rapariga é ela? É bonita?"

"Bem, eu admito que ela não é nenhuma beleza. Eu gosto muito da Stella...mas ela é um pouco pálida e reservada. Não é muito forte...mas eu já ouvi dizer que o senhor Paxton tem algum dinheiro. Na minha opinião era um bom casamento, por isso não gostava que lho estragassem."

"Porque é que não convidou o senhor Paxton para a sua festa e lhe pediu a ele que divertisse a sua Stella?" perguntou arditosamente Alden.

"Você sabe que um pastor não vinha a uma festa, Alden. Vá lá, não seja assim...veja se a Stella alegre."

"Oh, eu vou ver se ela se diverte. Boa noite senhora Blythe."

Alden retirou-se abruptamente. Já sozinha, Anne riu-se. "E se eu conheço alguma coisa da natureza humana aquele rapaz vai demonstrar que ele pode ter a Stella se ele quiser, apesar de seja quem for.Ele mordeu o meu

isco em relação ao pastor. Bem, acho que vou passar uma noite terrível com esta dor de cabeça."

Ela passou uma noite má, complicada por um torcicolo, e sentia-se tão brilhante como flanela cinzenta pela manhã; mas de tarde era uma anfitriã alegre e galante. A festa foi um sucesso. Toda a gente se divertiu, e Stella certamente que sim. O Alden levou o assunto de uma forma quase demasiado zelosa, pensou Anne. E era um pouco ousado para um primeiro encontro que o Alden levasse a Stella para um canto da varanda e lá a mantivesse durante uma hora. Mas no geral Anne ficou satisfeita quando reviu todas as coisas pela manhã. Para dizer a verdade, a carpete da casa de jantar estava praticamente arruinada com dois pires de gelado e um prato de bolo que se lá se tinham incrustado; os castiçais de vidro de Bristol da avó do Gilbert tinham sido feitos em estilhaços; alguém tinha derrubado uma jarra cheia de água da chuva no quarto de hóspedes que tinha ensopado e descolorado o tecto da biblioteca de uma forma incrível; as franjas tinham-se descolado do sofá; o grande feto da Susan, o orgulho do seu coração, tinha sido aparentemente usado como cadeira por uma pessoa gorda e corpulenta. Mas o lado positivo da questão era que, pelo que tudo indicava, de facto Alden tinha-se apaixonado por Stella. Anne achava que o balanço estava a seu favor.

Os mexericos locais durante duas semanas confirmaram este ponto de vista. Tornou-se cada vez mais evidente que o Alden fora fisgado. Mas e o que dizer de Stella? Anne não achava que Stella fosse o tipo de jovem que cedesse facilmente nas mãos de um homem qualquer. Ela tinha um pouco daquele espirito de contradição do pai, que no seu caso funcionava como uma charmosa independência.

Mais uma vez, a sorte favoreceu uma casamenteira preocupada. Stella veio visitar os delfins de Ingleside certa tarde e depois sentaram-se na varanda a conversar. Stella Chase era uma figura pálida e esguia, muito tímida mas intensamente meiga. Tinha uma suave nuvem de cabelo louro claro e olhos castanhos. Anne achou que as pestanas dela eram o seu maior encanto, porque ela não era realmente bonita. Eram incrivelmente longas e quando ela as levantava e baixava modificava certas coisas nos corações masculinos. Ela tinha uma certa distinção que a fazia parecer ter mais do que os seus vinte e quatro anos, e um nariz que mais tarde seria definitivamente aquilino.

"Eu tenho ouvido umas coisas sobre si, Stella," disse Anne, apontando-lhe um dedo. "E...eu...não...sei...se...gostei do que ouvi. Será que me perdoa se lhe disser que não sei se o Alden será o noivo mais adequado para si?"

Stella ficou completamente consternada.

"Mas...eu pensava que a senhora gostava do Alden, senhora Blythe."

"E gosto. Mas...bem, você sabe...ele tem a reputação de ser muito mulherengo. Dizem que não fica muito tempo com nenhuma rapariga. Muitas tentaram...e falharam. Eu detestava vê-la nessa posição se a vontade dele se alterasse."

"Eu acho que a senhora está enganada em relação ao Alden, senhora Blythe," disse Stella lentamente.

"Eu espero que sim, Stella. Se você tivesse um tipo diferente...alegre e viva como a Eileen Swift..."

"Oh, bem...eu tenho que ir para casa," disse Stella vagamente. "O Pai deve estar sozinho."

Então quando ela saiu Anne riu-se novamente.

"Parece-me que a Stella se foi embora jurando secretamente mostrar aos amigos intrometidos que consegue manter o Alden e que nenhuma Eileen Swift alguma vez lhe vai pôr as mãos em cima. Aquele abanar de cabeça e o vermelho do rosto era o que estavam a dizer. E está resolvido o problema dos jovens. Parece-me que os mais velhos vão ser mais duros de roer."

## Capítulo 17

**A sorte** de Anne manteve-se. A Liga das Mulheres Auxiliares perguntou-lhe se poderia ir visitar a senhora Georges Churchill para lhe pedir a sua contribuição anual. A senhora Churchill ia muito raramente à igreja e não era membro das Auxiliárias, mas ela acreditava nas missões, e dava sempre uma contribuição generosa se alguém lá fosse a casa. As pessoas gostavam tão pouco de o fazer que iam à vez, e este ano era a vez de Anne.

Ela foi a pé certa noite, por um caminho cheio de margaridas atravessando campos que levavam à doce e fresca beleza do cimo de um monte até à estrada que dava para a quinta dos Churchill, a uma milha do Glen. Era uma estrada um pouco monótona, com vedações cinzentas que descreviam pequenas curvas...mas ainda assim haviam luzes acesas nas casas...um riacho...o cheiro dos campos de feno que se estendiam até ao mar...jardins. Anne parou para ver cada jardim por que passava. O seu interesse pelos jardins era perene. Gilbert costumava dizer que Anne tinha que comprar qualquer livro que tivesse a palavra 'jardim' no título.

Um barco preguiçoso passeava lentamente no porto e ao largo via-se um navio parado. Anne observava sempre os barcos que iam para longe com um pequeno aumento da pulsação. Ela tinha compreendido o Capitão Franklin Drew, que certo dia em que ia embarcar no seu navio dissera: "Deus, como tenho pena das pessoas que deixamos em terra!"

A grande casa dos Churchill, com os seus ferros forjados trabalhados em volta do tecto plano em mansarda, dava para o porto e para as dunas. A senhora Churchill saudou-a educadamente, se bem que sem entusiasmo, e recebeu-a numa sala de visitas sombria e esplêndida, cujas paredes forradas de papel castanho estavam repletas de inúmeros desenhos a carvão dos falecidos Churchills e Elliots. A senhora Churchill sentou-se num sofá de veludo verde, juntou as suas mãos magras e compridas sobre o colo e olhou de forma firme para a sua visita.

Mary Churchill era uma mulher alta, magra e austera. Tinha um queixo proeminente, olhos profundos, azuis como os de Alden, e uma boca larga e comprimida. Ela nunca desperdiçava palavras e não ouvia mexericos.

Por isso Anne achou bastante difícil chegar ao seu objectivo de uma forma natural, mas conseguiu-o através do novo pastor do outro lado do

porto, do qual a senhora Churchill não gostava.

"Ele não é um homem espiritual," disse a senhora Churchill friamente. "Eu ouvi dizer que alguns dos seus sermões são surpreendentes," disse Anne.

"Eu ouvi um e não penso ouvir mais. A minha alma procurava alimento foi-lhe servido um sermão. Ele pensa que o Reino dos Céus pode ser alcançado pelo cérebro. Mas não pode."

"Falando de pastores...eles agora têm um muito esperto em Lowbridge. Eu acho que ele está interessado na minha jovem amiga Stella Chase. As pessoas dizem que vai dar em casamento."

"Ah sim?" disse a senhora Churchill de forma displicente.

Anne sentiu-se desprezada, mas achou que tinha que suportar coisas desse género quando interferia em assuntos que não lhe diziam respeito.

"Eu acho que vai ser muito apropriado, senhora Churchill. A Stella é particularmente adequada para mulher de um pastor. Eu tenho dito ao Alden que ele não deve tentar estragar a união."

"E porquê?" perguntou a senhora Churchill, sem sequer pestanejar. "Bem...realmente...a senhora sabe...eu receio que o Alden não tenha grande hipótese. O senhor Chase acha que ninguém é suficientemente bom para a Stella. Qualquer amigo do Alden detestaria vê-lo deitado fora como um trapo velho. Ele é um rapaz bom demais para isso."

"Ainda não houve uma rapariga que deixasse o meu filho," disse a senhora Churchill, comprimindo os finos lábios. "Foi sempre ao contrário. Ele sempre descobriu como elas eram, por detrás dos risinhos e dos caracóis. O meu filho pode casar com qualquer mulher que ele escolha, senhora Blythe...seja quem for." "Oh?" disse Anne. O tom que empregou dizia, "Claro que sou muito educada para a contradizer, mas não mudei de opinião." A Mary Churchill compreendeu e o seu rosto branco e anguloso aqueceu um pouco enquanto saía da sala para ir buscar o dinheiro da sua contribuição.

"A senhora tem uma vista maravilhosa," disse Anne, quando a senhora Churchill a acompanhou à porta.

A senhora Churchill lançou ao golfo um olhar de desaprovação "Se lhe sentisse o ferrão no Inverno, senhora Blythe, não ia pensar assim da vista. Esta noite está bastante fresca. Se eu fosse a si ia ter medo de apanhar uma constipação com um vestido tão fino. É claro que é muito bonito. A senhora



ainda é jovem o suficiente para se interessar por vaidades e luxos. Eu já não sinto qualquer interesse por essas coisas transitórias."

Anne sentia-se bastante satisfeita com o encontro enquanto ia para casa naquele suave início de noite.

"Claro que não podemos contar com a senhora Churchill, "disse para um bando de estorninhos que conferenciavam sobre um pequeno campo afastado do bosque, "mas eu acho que a preocupei um pouco. Eu vi que ela não gostou nada que algumas pessoas pensassem que o Alden pudesse ser rejeitado. Bem, eu fiz o que me foi possível com todos menos com o senhor Chase, e não sei o que possa fazer com esse quando nem sequer o conheço. Eu nem sei se ele tem ideia que o Alden e a Stella começaram a namorar. Não é provável. A Stella nunca se atreveria a levar o Alden lá a casa, claro. Mas o que é que eu poderei fazer com o senhor Chase?"

E foi mesmo invulgar...a forma como as coisas se conjugaram. Certa tarde a Miss Cornélia veio vê-la e pediu-lhe que a acompanhasse a casa do senhor Chase.

"Eu vou-lhe pedir uma contribuição para o fogão novo da igreja. Vem comigo, queridinha, só para me dar apoio moral? Eu detestava ter que o enfrentar sozinha."

Elas encontraram o Richard Chase à porta, olhando em volta, com as suas longas pernas e o seu longo nariz, como um poste meditativo. Ele tinha uns poucos de cabelos brilhantes penteados para cima da sua cabeça careca, e os seus pequenos olhos cinzentos cintilaram para elas. Ele estava a pensar que se era a mulher do doutor que vinha com a velha Cornélia, então era uma bela figura. E quanto à prima Cornélia, que tinha uma figura um pouco sólida demais e o intelecto de um gafanhoto, não era má pessoa afinal de contas se se soubesse levar da melhor maneira.

Ele convidou-as de forma cortes a entrar na sua pequena biblioteca, onde a Miss Cornélia se instalou numa cadeira com um pequeno resmungo. "Está uma noite terrivelmente quente! Receio que vamos ter uma trovoadas. Valha-me Deus, Richard esse gato está maior que nunca!" Richard Chase tinha um amigo sob a forma de gato amarelo, de um tamanho anormalmente grande que lhe trepava para o joelho. Ele afagou-o ternamente.

"Thomas o Poeta mostra ao mundo o que é um gato," disse. "Não é Thomas? Olha para a tua tia Cornélia, Poeta. Observa o olhar maléfico que ela te deita, daqueles olhos criados para expressar apenas ternura e afecto."

"Não me chames tia desse animal!" protestou a senhora Elliot indignada. "Uma piada é uma piada, mas isso é levaras coisas longe demais."

"Mas não é preferível ser tia do Poeta do que do Neddy Churchill?" perguntou ironicamente Richard Chase. "O Neddy é um guloso e um bebedolas, não é? Eu já te ouvi catalogar os pecados dele. Não preferias ser tia de um gato respeitável como este, com um registo impecável no que diz respeito a whisky e gatinhas?"

"O pobre Ned é um ser humano," respondeu Miss Cornélia. "Eu não gosto de gatos. É o único defeito que encontro no Alden Churchill. Ele também tem uma predilecção estranha por gatos. Só Deus sabe onde a foi buscar...tanto o pai dele como a mãe os detestavam."

"Deve ser um jovem muito sensato!"

"Sensato! Bem, ele é suficientemente sensato...excepto no gosto por gatos e no facto de acreditar na evolução...outra coisa que não herdou da mãe."

"Sabe, senhora Elliot," disse solenemente Richard Chase, "que eu também tenho uma inclinação secreta pela evolução."

"Já mo tinhas dito antes. Bem acredita no que quiseres, Dick Chase...mesmo como um homem. Graças a Deus que a mim ninguém faria acreditar que descendo de um macaco."

"E de facto não parece, tenho que admitir. Eu não vejo nenhuma semelhanças com os símios na sua fisionomia rosada, confortável e eminentemente graciosa. Mas ainda assim, a sua tetravó de há um milhão de anos balançava-se de ramo em ramo. A ciência prova-o, Cornélia...quer queiras quer não."

"Pois não quero. Não vou discutir contigo nesse ponto. Eu tenho a minha própria religião, e nenhum macaco ancestral figura nela. E já agora, Richard, a Stella não tem tão bom aspecto este Verão como eu gostaria que tivesse."

"Ela sofre sempre um bocado com o calor. Vai recuperar quando o tempo refrescar."

"Eu espero que sim. A Lisette recuperou todos os verões menos no último, Richard...não te esqueças. A Stella tem a constituição da mãe. Ainda bem que não é provável que case."

"E porque não? Eu pergunto por curiosidade, Cornélia...pura curiosidade. O processo de pensamento feminino parece-me muito

interessante. De que dados ou premissas retiras tu a conclusão de que a Stella não vá casar?"

"Bem, para te ser franca, Richard, ela não é o tipo de rapariga que seja popular entre os homens. Ela é uma rapariga boa e amorosa, mas não faz o tipo dos homens."

"Ela tem admiradores. Eu tenho gasto alguns recursos na compra e manutenção de caçadeiras e cães de guarda."

"Eles admiram a tua bolsa, é o que me parece. Desencorajaste-os com facilidade, não foi? Só precisaste de os varrer com o teu sarcasmo e por ali se foram. Se eles quisessem realmente a Stella não se iam embora por isso, nem pelo teu cão de guarda imaginário. Não, Richard, bem podes admitir o facto da Stella não ser rapariga que cativa rapazes desejáveis. A Lisette também não era. Ela nunca teve um namorado até tu apareceres."

"Mas não valeu a pena a espera? Com certeza que a Lisette foi uma rapariga sensata. Tu não ias querer que eu desse a minha filha a um tipo qualquer, ou querias? A minha estrela, que apesar dos teus reparos desdenhosos, é suficientemente bela para brilhar no salão de um rei?"

"Nós não temos reis no Canadá," respondeu Miss Cornélia. "Eu não digo que a Stella não é uma rapariga amorosa. Eu só digo que os homens não reparam nisso, e considerando a constituição dela eu acho que até é pelo melhor. Uma coisa boa para ti também. Tu não ias conseguir passar sem ela...ficavas tão desamparado como um bebé. Bem, promete-me uma contribuição para o fogão novo da igreja que eu vou-me já embora. Eu sei que tu estás morto por pegar nesse teu livro."

"Que mulher admirável e perspicaz! Que tesouro deves ser para o meu primo por afinidade! Eu admito...estou a morrer. Mas ninguém a não ser tu teria sido perspicaz o suficiente para o ver, ou simpática o suficiente para tomar uma atitude. E quanto é que queres?"

"Tu podes dar cinco dólares."

"Eu nunca discuto com uma senhora. Então são cinco dólares. Ah, já de saída? Ela nunca perde tempo, é uma mulher única! Uma vez atingido o objectivo deixa-nos imediatamente em paz. Já não se fazem desta natureza. Boa noite, pérola entre as primas!"

Durante toda a visita Anne não proferiu uma palavra. Porque o havia de fazer se a senhora Elliot estava a fazer o trabalho dela de uma forma tão inteligente e inconsciente? Mas quando Richard Chase se despediu dela dobrou-se subitamente e disse-lhe em confidência:

"Você tem o melhor par de tornozelos que eu já vi, senhora Blythe, e eu vi bastantes no meu tempo."

"Não é horrível?" disse Miss Cornélia enquanto desciam a alameda. "Ele está sempre a dizer essas coisas abomináveis às mulheres. Não lhe podes ligar, Anne, queridinha."

Anne não ligara. Ela até gostara de Richard Chase.

"Eu não acho," reflectiu, "que ele tenha gostado da ideia da Stella não ser muito popular entre os homens, apesar deles descenderem dos macacos. Eu também acho que ele ia gostar de mostrar às pessoas o contrário. Bem, fiz tudo o que podia. Interessei o Alden e a Stella um no outro; e entre nós, eu e a Miss Cornélia pusemos a senhora Churchill e o senhor Chase mais a favor do que contra o namoro. Agora temos que esperar para ver no que isto vai dar."

Um mês mais tarde Stella Chase veio a Ingleside e mais uma vez sentou-se nos degraus da varanda ao lado de Anne...pensando enquanto o fazia que um dia gostaria de se parecer com a senhora Blythe...com aquele ar maduro...o ar de uma mulher que viveu plena e graciosamente.

O fim de tarde fresco e enevoado tinha sido precedido de um dia fresco e amarelado de início de Setembro. Estava entretecido pelo gentil murmúrio do mar.

"O mar está triste hoje," diria Walter quando ouvisse aquele som.

Stella parecia ausente e calada. De súbito, disse abruptamente, olhando para uma tapeçaria de estrelas que se ia tecendo na noite púrpura, "Senhora Blythe, eu quero dizer-lhe uma coisa."

"Sim, querida?"

"Estou noiva do Alden Churchill," disse Stella desesperadamente. "Nós estamos noivos desde o Natal passado. Nós dissemos logo ao Pai e à senhora Churchill, mas mantivemos segredo em relação às outras pessoas porque era tão bom ter um segredo. Nós detestávamos ter que o partilhar com o resto do mundo. Mas nós vamos casar para o mês que vem."

Anne fez uma excelente imitação de alguém petrificado de surpresa. A Stella continuava a olhar para as estrelas, pelo que não viu a expressão da senhora Blythe. Continuou, um pouco mais à vontade:

"O Alden e eu conhecemo-nos numa festa em Lowbridge, em Novembro. Nós...apaixonámo-nos um pelo outro desde o primeiro momento. Ele disse que sempre sonhara comigo...sempre esperara por mim. Ele disse para ele próprio 'Aqui está a minha esposa', quando me viu chegar

à porta. E eu...senti o mesmo. Oh, nós estamos tão felizes, senhora Blythe!" Ainda assim, Anne não disse nada.

"A única nuvem que paira sobre a nossa felicidade é a sua atitude sobre o assunto, senhora Blythe. Porque é que não tenta compreender? Tem sido uma amiga tão querida desde que eu vim para o Glen St.

Mary...eu senti que era como uma irmã mais velha. E sinto-me tão mal de pensar que o meu casamento é contra a sua vontade."

Havia um prenúncio de lágrimas na voz de Stella. Anne recuperou a sua capacidade de falar.

"Minha querida, eu só quero a tua felicidade. Eu gosto do Alden...ele é um esplêndido rapaz...só que ele tinha a reputação de ser um conquistador..."

"Mas não é. Ele estava apenas à procura da pessoa ideal, não percebe, senhora Blythe? E não a conseguia encontrar."

"E como é que o teu pai vê o assunto?"

"Oh, o Pai está muito contente. Ele gostou logo do Alden. Costumavam conversar durante horas sobre a evolução. O Pai sempre disse que me gostava que eu me casasse, quando aparecesse o homem certo. Eu sinto-me muito mal por o deixar, mas ele diz que os pássaros jovens têm direito ao seu próprio ninho. A prima Delia Chase vem tomar conta da casa para ele e o Pai gosta muito dela."

"E a mãe do Alden?"

"Ela também está satisfeita. Quando o Alden lhe disse no Natal passado ela recorreu à Bíblia e o primeiro versículo que encontrou foi 'o homem deixará pai e mãe e unir-se-à à mulher'. Ela disse que era perfeitamente claro o que deveria fazer, e consentiu de imediato. Ela vai para aquela pequena casa deles em Lowbridge."

"Ainda bem que não vais ter que viver com aquele sofá de veludo verde," disse Anne.

"O sofá? Oh, sim, a mobília é muito antiquada mas ela vai levá-la com ela, e o Alden vai comprar mobílias novas. Por isso toda a gente está satisfeita, senhora Blythe, não nos dá também os parabéns?"

Anne inclinou-se para a frente e beijou o rosto acetinado de Stella.

"Eu fico muito contente por ti. Deus te abençoe e aos dias que te esperam, minha querida."

Quando Stella saiu Anne voou escadas acima para o seu próprio quarto, para evitar que alguém a visse por alguns momentos. Uma lua

cínica e assimétrica aparecia por detrás de umas nuvens esburacadas a este e os campos para além dela pareciam piscar-lhe os olhos, irónicos e impiedosos.

Ela fez as contas às semanas precedentes. Tinha arruinado a carpete do chão da sala de jantar, destruiu dois tesouros de família e estragou o tecto da biblioteca; tentara usar a senhora Churchill e ela deve ter-se rido da cara dela o tempo todo.

"Quem," perguntava Anne à Lua, "foi a maior palerma desta história? Eu sei qual vai ser a opinião do Gilbert. Este trabalho todo para unir duas pessoas que já estavam noivas? Estou completamente curada de servir de alcoviteira...absolutamente curada. Nunca mais levantarei um dedo para promover um casamento, mesmo que nunca mais ninguém se case no mundo. Bem...resta-me um consolo...na carta de ontem a Jen Pringle dizia que ia casar com o Lewis Stedman que conheceu na minha festa. Os castiçais de Bristol não se sacrificaram em vão. Rapazes...rapazes! Têm mesmo que fazer esses barulhos tão estranhos?"

"Nós somos mochos...temos que piar," proclamou a voz injuriada do Jem detrás da escuridão dos arbustos. Ele sabia que estava a fazer uma belíssima imitação. O Jem conseguia imitar a voz de qualquer coisa selvagem dos bosques. O Walter não era tão bom e deixara de tentar ser um mocho, para se tornar um rapazinho um pouco desiludido procurando a Mãe em busca de consolo.

"Mãe, eu pensava que os grilos cantavam...e o senhor Cárter Flagg disse que não é verdade...que só fazem aquele barulho porque esfregam as patas de trás. É verdade, Mamã?"

"É qualquer coisa do género...eu não tenho a certeza. Mas essa é a maneira que eles têm de cantar, sabes."

"Mas assim não gosto. Nunca mais vou gostar de os ouvir cantar."

"Oh, vais gostar, pois. Vais-te esquecer das patas de trás num instante, e só te vais lembrar do coro de fadas que eles fazem nos prados ceifados e nos montes de Outono. Não é já hora de ires para a cama, filho pequeno?"

"Mamã, conta-me uma história antes de dormir, daquelas que dão um arrepio pelas costas abaixo? E senta-se ao meu lado até eu adormecer?" "E para que mais servem as mães, querido?"

## Capítulo 18

**Eles** não tinham um cão em Ingleside desde que o velho Rex tinha sido envenenado: mas os rapazes deviam ter um cão e o doutor decidiu que tinha que lhes arranjar outro. Mas andava tão atarefado que passava a vida a adiar o assunto; até que finalmente certo dia de Novembro o Jem voltou a casa de uma tarde passada com um amigo carregando um cão...um pequeno cão tipo dingo com duas orelhas pretas espetadas para fora.

"O Joe Reese deu-mos, Mãe. O nome dele é Gyp. Não tem uma cauda engraçada? Posso ficar com ele, não posso, Mãe?"

"E de que raça é ele, querido?" perguntou Anne duvidosa.

"Eu...eu acho que ele é uma mistura de raças," disse Jem. "E isso torna- o mais interessante, não acha Mãe? Mais excitante do que se só tivesse uma. Por favor, Mãe."

"Oh, se o teu Pai concordar..."

E o Gilbert concordou, pelo que Jem tomou posse do seu presente. Toda a gente em Ingleside deu as boas vindas a Gyp, excepto o Camarão, que expressou a sua opinião sem grande discrição. Até a Susan se afeiçoou a ele e quando ela fiava no sótão em dias de chuva o Gyp, com o dono ausente na escola, ficava com ela, perseguindo ratos imaginários nos cantos escuros e dando gritos de terror sempre que a sua agitação o levava a aproximar-se mais da pequena roda de fiar. Nunca era usada...os Morgans tinham-na lá deixado quando venderam a casa...e para ali estava num canto escuro como uma velhinha curvada. Ninguém conseguia compreender o medo que Gyp tinha dela. Ele não se incomodava com a grande roda de fiar, até se sentava ao pé dela quando Susan a fazia girar, e corria para trás e para a frente com ela enquanto ela dobava os longos novelos de fio. A Susan admitiaque um cão podia ser uma boa companhia e achava que a maneira como ele se deitava de costas abanando as patas da frente no ar quando queria um osso era a habilidade canina mais inteligente de todos os tempos. Chegou a ficar tão zangada quanto o Jem quando o Bertie Shakespeare perguntou desdenhoso: "Chamas a isso um cão?"

"Nós chamamos-lhe um cão," disse Susan com grande calma. "Talvez tu lhe chames um hipopótamos." E nesse dia o Bertie teve que regressar a casa sem ter provado uma fatia da maravilhosa tarte estaladiça de maçã que a Susan sempre fazia sempre para os dois rapazes e para os amigos que

vinham lanchar. Ela não estava presente quando o Mac Reese perguntou, "Isso veio com a maré?" mas o Jem foi capaz de defender o cão dele, e quando o Nat Flagg disse que as pernas do Gyp eram compridas demais para o tamanho dele o Jem respondeu que as pernas de um cão tinham que ser suficientemente compridas para chegar ao chão. O Nat não era muito esperto e essa afirmação baralhou-o.

O mês de Novembro foi cheio de sol nesse ano: o vento soprava através dos ramos despídos do bosque de aceres prateados e o vale estava quase constantemente coberto de névoa...não uma névoa graciosa e aérea como um nevoeiro mas o que o Pai chamava uma névoa espessa escura e deprimente. Os miúdos de Ingleside tinham que passar a maior parte do tempo a brincar no sótão, mas fizeram amizade com duas grandes perdizes que vinham todos os fins de tarde ter a uma enorme macieira, e cinco dos seus pássaros mantinham-se fiéis, piando desavergonhados enquanto comiam as migalhas que as crianças lhes davam. Só que eles eram egoístas e gananciosos e mantinham os outros pássaros à distância.

O Inverno instalou-se em Dezembro e nevou incessantemente durante três semanas. Os campos para além de Ingleside eram pastagens de prata sem fim, as cancelas e as vedações usavam grandes capas brancas, as janelas estavam cobertas de padrões de fadas e em Ingleside as luzes brilhavam através do anoitecer dando as boas vindas a todos os viajantes. Parecia à Susan que nunca tinham havido tantos bebés a nascer no Inverno como naquele ano; e quando noite após noite deixava um lanche nocturno para o doutor na despensa ia pensando que seria um milagre se ele aguentasse à primavera.

"O nono bebé Drew! Como se já não houvessem Drews suficientes no mundo!"

"A senhora Drew deve-o achar uma maravilha tão grande como a Rilla foi para nós, Susan."

"Se isso é uma piada, minha querida senhora..."

Mas na biblioteca ou na grande cozinha as crianças planearam uma casinha de brincar para o Verão a fazer no Vale enquanto as tempestades rugiam lá fora, ou nuvens fofas e brancas se deslocavam sobre estrelas geladas. Fosse como fosse, em Ingleside havia sempre uma lareira acesa, o conforto, o abrigo das tempestades, odores de boas comidas, camas para pequenas criaturas cansadas.



O Natal veio e passou sem qualquer sombra da Tia Mary Maria. Haviam rastros de coelhos na neve para seguir e grandes campos cobertos para as crianças perseguirem as suas sombras, encostas brilhantes para descer deslizando e novos patins para experimentar no gelo do lago, ao anoitecer rosado de um dia de Inverno. E havia sempre um cão amarelo de orelhas pretas que corria com eles ou ao encontro deles, que dormia aos pés da cama ou se deitava aos pés deles enquanto faziam os trabalhos da escola, se sentava ao lado deles à hora das refeições e os lembrava disso com pancadinhas nas pernas.

"Mãe querida, eu não sei como vivia antes de vir o Gyp. Ele fala, Mãe...ele fala mesmo...com os olhos, sabe?"

Então...que tragédia! Certo dia o Gyp parecia um pouco mole. Não queria comer apesar de a Susan o desafiar com uma costeleta de que ele tanto gostava; no dia seguinte o veterinário de Lowbridge foi chamado e saiu abanando a cabeça. Era difícil de saber...o cão podia ter apanhado qualquer coisa venenosa no bosque...podia recuperar ou não. O pequeno cão estava deitado muito quieto, não ligando a nada a não ser ao Jem; até ao fim tentando abanar a cauda quando Jem lhe tocava.

"Mãe, faz mal se eu rezar pelo Gyp?"

"Claro que não, querido. Nós podemos rezar por tudo o que gostamos. Mas parece-me...que o Gyp é um cãozinho muito doente."

"Mãe, você não pensa que o Gyppy vai morrer!"

Gyp morreu na manhã seguinte. Foi a primeira vez que a morte entrou no mundo de Jem. Nenhum de nós consegue esquecer a experiência de ver morrer qualquer coisa de que gostamos, mesmo quando é "só um cão". Ninguém na chorosa Ingleside usou essa expressão, nem mesmo a Susan, que limpava um nariz muito vermelho e resmungava:

"Eu nunca tinha gostado de um cão...e nunca mais vou gostar. Dói demais."

A Susan não tinha conhecimento do poema de Kipling sobre como é louco quem dá a um cão o seu coração para despedaçar; mas se conhecesse apesar do seu desinteresse pela poesia, teria pensado que por uma vez, um poeta tinha dito uma coisa com senso.

A noite foi dura para o pobre Jem. A Mãe e o Pai tiveram que sair. O Walter tinha adormecido a chorar e ele estava sozinho...sem ter sequer um cão com quem conversar. Os queridos olhos castanhos que se levantavam para ele com tanta confiança estavam vidrados para sempre. "Querido

Deus," rezou Jem, "por favor toma conta do meu cãozinho que morreu hoje. Vai conhecê-lo pelas orelhas pretas. Não o deixe ter saudades minhas..."

Jem enterrou a cara na almofada para dar um soluço. Quando ele apagasse a luz a noite escura estaria à sua espera e não haveria mais Gyp. A manhã fria de Inverno viria também e não haveria mais Gyp. Os dias seguir-se-iam uns aos outros durante anos e não haveria mais Gyp. Ele não aguentava isso.

Então um braço meigo enlaçou-o e abraçou-o com calor e ternura. Oh, ainda havia amor no mundo, mesmo se o Gyppy não estivesse lá.

"Mamã, vai ser sempre assim?" "Não para sempre." Anne não lhe disse que ele depressa o ia esquecer...que daí a pouco o Gyp seria apenas uma boa memória. "Não para sempre, pequeno Jem. Vais ficar bom outra vez...da mesma maneira que ficaste bom da mão que te doía tanto ao principio."

"O Pai disse que me ia arranjar outro cão. Eu não tenho que ficar com ele, pois não? Eu não quero outro cão Mãe...nunca mais."

"Eu sei, querido."

A Mãe sabia tudo. Ninguém tinha uma mãe como a dele. Ele queria fazer qualquer coisa por ela...e de súbito ocorreu-lhe o que podia fazer. Ele ia comprar-lhe um colar de pérolas da loja do senhor Flagg. Ele tinha-a ouvido um dia dizer ao pai que gostava de ter um colar de pérolas, e o Pai tinha dito, "Quando chegar o nosso barco eu compro-te um miúda-Anne."

E tinha que pensar em como arranjar o dinheiro para ele; tinha uma mesada mas era só para coisas que precisava e colares de pérolas não estavam entre elas. Além disso, queria ser ele a ganhar o dinheiro. Seria realmente um presente dele dessa maneira. O aniversário da mãe era em Março...só dali por seis semanas. E o colar custava cinquenta cêntimos!

## Capítulo 19

**Não** era fácil ganhar dinheiro no Glen, mas o Jem atirou-se à tarefa com determinação. Fez arcos para os rapazes da escola com rodas velhas, que vendia a dois cêntimos cada. Vendeu três dentes de leite preciosos por três cêntimos. Vendia a sua fatia de tarte de maçã todos os sábados à tarde ao Bertie Shakespeare Drew. Todas as noites guardava o que ganhara no pequeno porquinho de cobre que a Nan lhe tinha dado de prenda de Natal. Um porquinho tão engraçado com uma fenda nas costas por onde se podiam enfiar as moedas. Quando tivéssemos as cinquenta moedas o porquinho ia abrir-se por si só se lhe torcêssemos a cauda. Finalmente, para arranjar os últimos oito cêntimos vendeu o colar de ovinhos ao Mac Reese. Era o melhor colar do Glen, e custou-lhe um pouco separar-se dele. Mas aproximava-se a data do aniversário e tinha que ter o dinheiro. Jem deitou os oito cêntimos para dentro do mealheiro assim que o Mac lho pagou, e rejubilou-se. "Torce-lhe a cauda para ver se ele se abre mesmo," disse o Mac, que não acreditava. Mas o Jem recusou-se a fazê-lo; ele não ia abri-lo antes de ter todo o dinheiro do colar.

A Liga das senhoras Auxiliares das Missões reuniu-se em Ingleside na tarde seguinte e nunca mais se esqueceu de tal. Mesmo a meio da oração da senhora Norman Taylor...e a senhora Norman Taylor tinha fama de ter muito orgulho nas suas orações...um pequeno rapaz em pânico entrou pela sala a dentro.

"O meu porquinho desapareceu, Mãe...o meu porquinho desapareceu!"

Anne levou-o para fora da sala mas a senhora Norman considerou para sempre que a sua oração tinha sido estragada, uma vez que tinha querido impressionar especialmente a esposa do pastor, e levou anos a perdoar o Jem ou a ter o pai dele como médico novamente. Depois das senhoras terem saído Ingleside foi passada a pente fino mas não se obtiveram resultados. Jem, entre o raspanete que levava pelo seu comportamento e a angústia que sentia com a sua perda, lembrou-se da última vez que o tinha visto. Telefonou ao Mac Reese, que lhe disse que a última vez que vira o porco fora em cima da secretária de Jem. "Não acha, Susan, que o Mac Reese..."

"Não, minha querida senhora, com certeza que não. Os Reeses têm os seus defeitos...muito agarrados ao dinheiro, é verdade, mas só quando e ganho honestamente. Onde é que pode estar o bendito porco?"

"Talvez os ratos o tenham comido?" disse Di. Jem gozou com a ideia, mas preocupou-o. Claro que os ratos não podiam comer um porco de cobre com cinquenta cêntimos lá dentro. Mas seria possível?

"Não, não, querido. O teu porco vai aparecer," assegurava a Mãe.

Mas não tinha aparecido quando Jem voltou a casa na manhã seguinte. As notícias da sua perda tinham chegado à escola antes dele e muitas coisas lhe foram ditas, nem todas reconfortantes. Mas ao intervalo a Sissy Flagg pôs-se a seu lado. A Sissy gostava do Jem e o Jem não gostava dela, apesar - ou talvez por causa de - ela ter uns caracóis fartos e loiros e enormes olhos castanhos. Até aos oito anos se podem ter problemas relativamente ao sexo oposto.

"Eu posso dizer-te quem tem o teu porco."

"Quem?"

"Tens que me escolher para jogar às palmas contigo, depois digo-te."

Era um grande sacrifício mas o Jem fê-lo. Tudo para encontrar aquele porco! Sentou-se numa agonia de rubores em frente à triunfante Sissy enquanto batiam as palmas e ela dizia a lengalenga, até que tocou o sino e ele exigiu a sua recompensa.

"A Alice Palmer disse que o Willie Drew lhe disse que o Bob Russel lhe disse que o Fred Elliot sabia onde estava o teu porco. Vai lá perguntar ao Fred."

"Batoteira!" exclamou Jem, olhando para ela. "Batoteira!"

A Sissy riu-se de forma arrogante. Ela não se importava. O Jem Blythe tinha-se sentado com ela a brincar pelo menos uma vez.

Jem foi ter com o Fred Elliot, que de inicio lhe disse não saber nada do porco, e nem queria saber. Jem estava em desespero. O Fred Elliot era três anos mais velho que ele e era um brigão reconhecido. Subitamente ele teve uma inspiração. Apontou um dedo sisudo ao rosto vermelho e largo do Fred Elliot.

"Tu és um transubstancialista," disse distintamente.

"Vê lá se não me chamas nomes, jovem Blythe."

"Isso não é um nome," disse-lhe Jem. "É uma palavra de voodoo. Se eu a disser outra vez com o dedo apontado para ti...desta maneira...podes ter azar durante uma semana. Talvez te caiam os dedos dos pés. Vou contar até dez, e se tu não me disseres antes que eu chegue ao dez eu faço-te o voo doo."

O Fred não acreditou. Mas a corrida de patins ia ser nessa noite e ele não queria correr riscos. Além disso, os dedos dos pés são uma parte importante do corpo. Quando Jem chegou ao seis ele rendeu-se.

"Está bem...está bem. Não te incomodes a dizer isso segunda vez. O Mac sabe onde está o teu porco...ele disse que sabia."

O Mac não estava na escola, mas quando Anne soube da história pelo Jem telefonou à mãe dele. A senhora Reese foi lá a casa um pouco depois, corada e com ar de justificação.

"O Mac não roubou o porco, senhora Blythe. Ele só queria ver se se abria, por isso quando o Jem saiu do quarto ele torceu-lhe a cauda. O porco partiu-se em dois e ele não o conseguia juntar outra vez, por isso pôs o dinheiro nas botas de domingo do Jem. Ele não devia de ter mexido nele...e o Pai deu-lhe uma grande sova...mas ele não o roubou, senhora Blythe."

"Que palavra foi essa que tu disseste ao Fred Elliot, Jem?" perguntou Susan, quando se encontrou o porco desmembrado e se contou o dinheiro. "Transsubstancialista," disse o Jem orgulhoso. "O Walter descobriu-a no dicionário na semana passada...você sabe como ele gosta dessas palavras grande, Susan...e nós os dois aprendemos a dizê-la. Já a dissemos um ao outro mais de vinte vezes antes de nos deitarmos, para nos lembrarmos dela."

E agora que o colar estava comprado e guardado na terceira caixa da gaveta do meio da cómoda da Susan...tendo esta tido conhecimento do plano desde o início...Jem achava que o aniversário nunca mais chegava. Ele deliciava-se com a inconsciência da sua mãe. Mal sabia ela do que estava na gaveta da Susan...mal sabia ela o que lhe ia trazer o seu aniversário...mal sabia ela enquanto cantava para as gémeas ao adormecer, "Eu vi um navio navegando, navegando sobre o mar E oh, estava todo carregado de lindas coisas para mim // O que o navio lhe havia de trazer.

Gilbert teve um ataque de gripe no início de Março que quase acabou em pneumonia. Passaram-se uns dias ansiosos em Ingleside. Anne continuava como habitual, deslindando os nós, dando consolo, debruçando-se sobre caminhas ao luar para ver se os pequenos corpinhos estavam aconchegados; mas as crianças sentiam falta do riso dela.

"Como é que o mundo vai continuar se o Pai morrer?" murmurou Walter, de lábios muito brancos.

"Ele não vai morrer, querido. Ele agora já está fora de perigo."

Anne perguntava a ela própria o que faria o seu pequeno mundo de Ingleside, de Four Winds e do Porto se...se...acontecesse alguma coisa a Gilbert. Estavam todos tão dependentes dele. As pessoas do Glen de cima principalmente achavam que ele conseguia ressuscitar os mortos, e só não o diziam porque achavam que seria desafiar o todo Poderoso. Ele tinha-o feito uma vez, declaravam...o velho tio Archibald MacGregor tinha jurado solenemente à Susan que o Samuel Hewett estava completamente acabado quando o Doutor Blythe o tinha ido ver. Fosse como fosse, sempre que as pessoas viam o rosto esguio e os atentos olhos cor de avelã de Gilbert à sua cabeceira, e ouviam a sua voz animada dizendo, "Então, mas não tem nada de especial,"...acreditavam que era verdade até que se tornava verdade. E quanto a crianças do mesmo nome, já eram mais do que se conseguiam contar. Todo o distrito estava povoado de pequenos Gilberts. Até havia uma pequena Gilbertine. Mas o Pai acabou por melhorar, a Mãe recomeçou a rir, e...por fim, veio a noite antes do aniversário.

"Se fores cedo para a cama, Jem, vai ser amanhã mais depressa," assegurava Susan.

Jem ainda tentou, mas não pareceu resultar. Walter adormeceu logo, mas o Jem continuava às voltas. Tinha receio de adormecer. E se não acordasse a tempo e fosse o último a dar o presente à mãe? Ele queria ser o primeiro. Porque é que não tinha pedido à Susan para o acordar?

Ela tinha ido visitar alguém, mas ele ia pedir-lhe quando ela chegasse. Mas e se não a ouvisse chegar? Bem, tinha que se ir deitar no sofá lá de baixo para ela não lhe escapar.

Jem foi lá para baixo e deitou-se no sofá. Podia ver todo o Glen. A Lua enchia os vales entre as dunas brancas com uma luz mágica. As grandes árvores que eram tão misteriosas à noite estendiam os seus braços em volta de Ingleside. Ele ouvia todos os sons nocturnos de uma casa...o chão que estalava...alguém que se virava na cama...o crepitar do carvão na lareira...os passos de um pequeno rato no armário da loiça. Seria uma avalanche? Não, era só a neve que caía do telhado. Estava um bocadinho sozinho...porque é que a Susan não vinha?...se ainda tivesse o Gyp...querido Gippy. Tinha-se esquecido do Gyp? Não, não propriamente. Mas já não lhe custava tanto lembrar-se dele. Lembrava-se de certas coisas muitas vezes. Dorme em paz, mais querido dos case. Talvez ele viesse a ter outro cão, afinal de contas. Seria bom ter um agora...ou o Camarão. Mas o Camarão não estava por ali. Gato egoísta! Não pensava em nada senão nele próprio!

Não haviam sinais da Susan, por aquela estrada que se desenrolava interminavelmente pela distância iluminada pela lua que seria o seu Glen familiar de dia. Bem, teria que imaginar coisas para fazer passar o tempo. Um dia ele iria para a Antártida viver com os esquimós. Um dia ele ia atravessar mares distantes e cozinhar um tubarão para uma ceia de Natal como tinha feito o Capitão Jim. Ia fazer uma expedição ao Congo à procura de gorilas. Ele ia ser mergulhador e ia explorar cavernas cintilantes de cristal nas profundezas do mar. Da próxima vez que fosse a Avonlea ele ia pedir ao Tio Davy que o ensinasse a mandar o leite da vaca directamente para a boca do gato. O tio fazia isso tão bem. Talvez viesse a ser um pirata. A Susan gostava que ele fosse Pastor. O Pastor faria o bem, mas ser pirata não era muito mais divertido? E se os pequenos soldados de Madeira em cima da lareira ganhassem vida e começassem a disparar? E se as cadeiras começassem a andar pela sala! E se as abelhas assassinas que ele e o Walter imaginavam que havia pela casa quando era pequenos aparecessem realmente! O Jem ficou subitamente assustado. De dia nunca se esquecia da distância entre a imaginação e a realidade, mas era muito diferente nesta noite sem fim. Tick.tack, fazia o relógio...tick-tack...e de cada vez que fazia tick havia mais uma abelha sentada num degrau das escadas. As escadas estavam agora negras com abelhas assassinas. Elas iam ali ficar sentadas até amanhecer...zumbindo.

E se Deus se esquecesse de mandar nascer o sol? O pensamento foi tão terrível que o Jem enterrou a cara na manta para se esconder, e foi aí que a Susan o encontrou adormecido, quando chegou no laranja flamejante de um amanhecer de Inverno.

"Pequeno Jem!"

Jem desenroscou-se e sentou-se bocejando. Tinha tido uma noite ocupada, pois os campos cheios de geada e os bosques eram a Terra das Fadas. Um monte distante fora tocado por uma lança carmim. Todos os campos em volta do Glen tinham uma linda cor rosada. Era a manhã do aniversário da Mãe.

"Eu estava à sua espera, Susan...para lhe dizer que me acordasse..e você nunca mais vinha."

"Eu fui a casa dos Warrens porque a tia deles morreu e eles pediram-me que ficasse a velar o corpo," explicou animadamente Susan. "Eu nunca pensei que tu tentasses apanhar pneumonia também, assim que virei as

costas. Faça o favor de ir para o seu quarto, que eu chamo-o assim que a Mãe se levantar."

"Susan, como é que se apunhala um tubarão?" perguntou o Jem, querendo saber antes de ire para o quarto.

"Eu não os apunhalo," respondeu Susan.

A Mãe estava levantada quando ele entrou no quarto dela, penteando o longo cabelo brilhante em frente ao espelho. Os olhos dela brilharam quando viu o colar!

"Jem, querido! Para mim!"

"Agora não vai ter que esperar que o barco do Pai chegue," disse Jem com um ar indiferente. E o que era aquele brilho na mão da Mãe? Um anel...o presente do Pai. Estava muito bem, mas um anel é um presente vulgar...até a Sissy Flagg tinha um. Mas um colar de pérolas!

"Um colar de pérolas é um presente de anos tão agradável," disse a Mãe.



## Capítulo 20

**Quando** o Gilbert e a Anne foram jantar com uns amigos a Charlottetown certa noite do fim de Maio Anne vestiu um vestido novo de um verde-claro debruado a prateado em volta do pescoço e dos braços; e ela levava o anel de esmeraldas do Gilbert e o colar de pérolas do Jem.

"Não tenho uma esposa linda, Jem?" perguntou o Pai orgulhoso.

O Jem achou que a Mãe estava muito bonita e que o vestido dela era lindo. Ficavam-lhe tão bem as pérolas na garganta branca. Ele sempre gostara de ver a Mãe arranjada, mas ainda gostava mais quando ela vestia um vestido esplêndido. Transformava-a numa outra pessoa. Não era de todo a Mãe.

Depois do jantar o Jem foi à aldeia fazer um recado à Susan e foi enquanto esperava na loja do senhor Flagg...com receio que a Sissy lá fosse como muitas vezes acontecia e fosse demasiado amigável...que se deu o choque...o choque despedaçante da desilusão que é tão terrível para uma criança porque é tão inesperado e tão aparentemente inevitável.

Duas raparigas estavam em frente da montra de vidro onde o senhor Carte tinha os colares, as pulseiras e as redes para o cabelo.

"Aqueles fios de pérolas são tão bonitos..." disse a Abbie Russel.

"Quase parecem verdadeiros," disse a Leona Reese.

E seguiram em frente, sem noção do que tinham acabado de fazer a um pequeno rapaz sentado na caixa dos pregos. Jem continuou lá sentado durante algum tempo. Estava incapaz de se mexer.

"O que é que se passa, filho?" perguntou o senhor Flagg. "Pareces um bocado murcho."

Jem olhou para o senhor Cárter com olhos trágicos. A sua boca estava invulgarmente seca.

"Por favor, senhor Flagg...aqueles...colares...têm pérolas verdadeiras, não têm?"

O senhor Flagg riu-se.

"Não Jem. Infelizmente não consigo comprar pérolas verdadeiras por cinquenta cêntimos, sabes. Um colar de pérolas verdadeiro como aqueles custava centenas de dólares. São só contas a imitar pérolas...muito boas, por sinal. Eu comprei-as na liquidação de uma loja...por isso é que as posso

vender tão baratas. Normalmente custam um dólar. Só já tenho aquele...venderam muito bem."

Jem levantou-se do banco e saiu, esquecendo-se completamente do que a Susan lhe tinha pedido. Caminhou cegamente pela estrada cheia de neve e gelo. Por cima tinha um céu duro e escuro de Inverno; e havia o que a Susan chamava de "cheiro a neve" no ar, e uma fina capa de gelo sobre as poças. O porto jazia amuado e negro entre as suas margens vazias. Antes de Jem chegar a casa uma nuvem carregada de neve embranquecia por cima dele. Ele desejava que nevasse...até ficar enterrado e toda a gente ficasse enterrada em toneladas de neve. Não havia justiça no mundo.

O coração de Jem estava despedaçado. E não admitia que ninguém brincasse com o seu desgosto ou com a sua causa. A sua humilhação era profunda e completa. Ele tinha dado à mãe o que ele achava ser um colar de pérolas...e era só uma imitação. O que é que ela diria...o que é que sentiria...quando soubesse? Claro que ela tinha que saber. Nunca nem por um momento ocorreu a Jem pensar que ela não devia saber. Ela não deveria ser enganada mais tempo. Ela tinha que saber que as pérolas não eram verdadeiras. Pobre Mãe! Ela tinha ficado tão orgulhosa delas...não tinha ele visto o brilho orgulhosos nos seus olhos quando o beijara e lhe agradecera?

Jem entrou de mansinho pela porta de lado e meteu-se na cama, onde Walter já dormia profundamente. Mas Jem não conseguia dormir; ficou acordado até que a Mãe chegou a casa e foi ao quarto ver se ele e o Walter estavam bem tapados.

"Jem, querido, ainda estás acordado a esta hora? Estás doente?"

"Não, mas estou muito infeliz aqui, mãe querida," disse Jem, levando a mão ao estômago e acreditando firmemente tratar-se do coração.

"O que é que se passa, querido?"

"Eu...eu...tenho que lhe dizer uma coisa, Mãe. Vai ficar terrivelmente desiludida...mas eu não quis enganá-la, mãe, de verdade não quis."

"Mas com certeza que não, querido. O que é que foi? Não tenhas receio."

"Oh, Mãe querida, aquelas pérolas não são verdadeiras...eu pensava que eram...pensava mesmo..."

Os olhos de Jem estavam cheios de lágrimas. Ele não conseguia aguentar mais.

Se Anne teve vontade de rir não se viu nenhum sinal disso no seu rosto. O Shirley tinha batido com a cabeça naquele dia, a Nan tinha torcido

um tornozelo e a Di tinha ficado sem voz por causa de uma constipação. Anne tinha beijado e acalmado, e enrolado ligaduras; mas isto era diferente...isto precisava de toda a sabedoria secreta das mães.

"Jem, eu nunca pensei que tu achasses que eram pérolas verdadeiras. Eu sabia que não eram...pelo menos na realidade. Porque noutro sentido são as coisas mais reais que já me deram. Porque houve amor e trabalho e sacrifício nelas...e isso torna-as mais preciosas do que todas as pedras preciosas que foram desenterradas no mundo para as rainhas usarem. Meu querido, eu não ia trocar as minhas lindas contas pelo colar de que falavam num jornal que li ontem à noite, que foi dado por um milionário à noiva dele e que custou meio milhão de dólares. E isso mostra o quanto o teu presente significou para mim, mais querido dos filhos pequenos. Sentes-te melhor agora?"

O Jem ficou tão feliz que se envergonhou. Tinha medo de ser infantil por estar tão feliz. "Oh, a vida é outra vez suportável," disse cauteloso.

As lágrimas tinham desaparecido dos seus olhos brilhantes. Estava tudo bem. Os braços da mãe envolviam-no...a Mãe gostava mesmo do colar...mais nada importava. Um dia, ele ia dar-lhe um que custasse não meio milhão, mas um milhão inteiro de dólares. Entretanto, ele estava cansado...a cama era quente e confortável...as mãos da Mãe cheiravam a rosas...e ele já não odiava a Leona Reese.

"Mãe querida, fica tão bonita com esse vestido," disse já muito ensonado. "Doce e pura...pura como o cacau de Epp's."

Anne riu-se enquanto o abraçava e pensava numa coisa ridícula que tinha lido nesse dia num jornal de medicina, assinado pelo doutor V.Z. Tomachowsky. "Você nunca deve beijar os seus filhos sob pena de lhes desencadear o complexo de Jocasta." Ela tinha-se fartado de rir com aquilo, e ficado um pouco zangada também. Agora só sentia pena do escritor. Pobre, pobre homem! Porque o V.Z. Tomachowsky era um homem. Mulher nenhuma escreveria algo tão palerma e tão malvado.

## Capítulo 21

**O mês** de Abril veio em bicos de pés nesse ano com sol e ventos suaves por uns dias; e depois uma tempestade de neve de noroeste deitou um tapete branco sobre o mundo novamente. "A neve em Abril é abominável," disse Anne. "É como uma bofetada na cara quando esperávamos um beijo." Ingleside ficou debruada a pingente de gelo e durante duas longas semanas os dias foram frios e as noites difíceis de passar. Então a neve lá foi desaparecendo a resmungar e quando se ouviu dizer que se vira um pisco no vale Ingleside respirou fundo e acreditou que o milagre da Primavera se repetira novamente.

"Oh, Mamã, cheira a Primavera hoje," exclamou Nan, cheirando deliciada o ar húmido da manhã. "Mamã, a Primavera é uma altura tão excitante!"

A Primavera experimentava os primeiros passos nesse dia...como um bebé adorável que começa a andar. Os padrões invernais de árvores e campos começavam a ficar carregados de salpicos de verde e Jem trouxe mais uma vez as primeiras flores de Maio. Mas uma senhora tremendamente gorda, afundando-se numa cadeira em Ingleside suspirava e dizia que as primaveras agora não eram tão agradáveis como quando ela era nova.

"Não acha que a mudança está em nós...e não na Primavera, senhora Mitchell?" disse Anne com um sorriso.

"Talvez esteja. Eu bem sei que estou mudada. Ninguém diria ao olhar para mim agora que fui uma das raparigas mais bonitas desta zona."

Anne reflectiu que com certeza que não. O cabelo fino e ralo, cor de rato por debaixo do chapéu da senhora Mitchell e do longo véu de viúva estava salpicado de cinzento; os seus olhos azuis inexpressivos eram gastos e vazios; e chamar queixo ao duplo queixo dela era uma questão de caridade. Mas a senhora Antony Mitchell sentia-se bastante satisfeita consigo própria nessa altura porque mais ninguém em Four Winds tinha um guarda-roupa mais fino. O seu volumoso vestido negro era de crepe até aos joelhos. Nesses tempos usava-se luto como por vingança.

Anne foi poupada à necessidade de responder porque a senhora Mitchell não lhe deu oportunidade.

"As minhas canalizações avariaram-se esta semana...têm uma fuga...por isso vou à aldeia esta manhã para pedir ao Raymond Russel que mas venha arranjar. E pensei cá para comigo, 'Já que lá vou, posso pedir à senhora Blythe que me escreva o obituário para o Anthony.'"

"O obituário?" disse Anne incrédula.

"Sim...aquelas coisa que se põem nos jornais sobre as pessoas que morrem, sabe," explicou a senhora Mitchell. "Eu gostava que o Anthony tivesse um bom...uma coisa fora do vulgar. A senhora escreve, não é?" "De vez em quando escrevo umas histórias," admitiu Anne. "Mas uma mãe ocupada não tem muito tempo para isso. Eu tinha grandes sonhos aqui há uns anos, mas receio que nunca vá aparecer no Quem é Quem, senhora Mitchell. E nunca escrevi um obituário na vida."

"Oh, não são difíceis de escrever. O velho tio Charlie Bates lá do pé de mim escreve a maior parte deles lá no Glen de baixo, mas ele não é nada poético e eu gostava de ter uma poesia no do Anthony. Ele sempre gostou tanto de poesia. Eu fui lá vê-la dar aquela palestra sobre ligaduras no Instituto do Glen na semana passada e pensei para mim, 'Uma pessoa que fala assim tão bem deve escrever um obituário mesmo poético. A senhora vai fazer isso por mim, não vai, senhora Blythe? O Anthony ia gostar tanto. Ele sempre a admirou. Ele disse uma vez que quando a senhora entrava numa sala fazia as outras mulheres todas parecerem 'vulgares e indistintas'. Ele às vezes falava de uma maneira poética, mas não era por mal. Eu tenho lido muitos obituários...tenho aqui uns poucos de recortes...mas não gostei de nenhum deles. Ele costumava rir-se tanto deles. Mas já é altura de lho fazer. Já morreu há dois meses. Ele morreu lentamente mas não sofreu. Isto de morrer na Primavera não é muito conveniente, senhora Blythe, mas eu tentei dar o meu melhor. O tio Charlie vai ficar furioso por eu pedir a outra pessoa que faça o obituário do Anthony, mas eu não me importo. O Tio Charlie fala muito bem, mas ele e o Anthony nunca se deram muito bem por isso não quero que seja ele a escrevê-lo. Eu fui esposa do Anthony...uma esposa dedicada e fiel durante trinta e cinco anos...trinta e cinco anos, senhora Blythe,"...como se tivesse medo que Anne pensasse que foram apenas trinta e quatro..." e vou-lhe arranjar um obituário que ele gostasse nem que corra meio mundo. Foi o que me disse a minha filha Seraphine, ela casou para Lowbride, sabe...Seraphine é um nome bonito, não é?...eu copieei-o de uma lápide. O Anthony não gostou...ele queria que ela se chamasse Judith como a mãe dele. Mas eu disse que era um nome

muito solene e ele fez-me a vontade. Ele não gostava de discussões...apesar de lhe chamar sempre Seraph...mas onde é que eu ia?"

"A sua filha dizia..."

"Oh, sim, a Seraphine dizia-me, 'Mãe, seja o que for que faça, arranje um obituário bonito ao Pai.' Ela e o pai eram muito chegados, apesar dele às vezes gozar um bocadinho com ela, como fazia comigo. A senhora não me fazia isso, senhora Blythe?"

"Mas eu não sei nada do seu marido, senhora Mitchell."

"Oh, mas eu posso contar-lhe tudo sobre ele...menos a cor dos olhos dele. Sabe, senhora Blythe, quando eu e a Seraphine falámos sobre as coisas depois do funeral eu não sabia dizer a cor dos olhos dele, depois de ter vivido trinta e cinco anos com ele. Mas eram assim tipo meigo e sonhador. Pareciam tão implorantes quando me namorava. Ele passou um mau bocado para me apanhar, senhora Blythe. Esteve doido por mim durante anos. Eu era cheia de opinião nessa altura, e queria ser eu a escolher. A história da minha vida é mesmo arrepiante, se alguma vez lhe faltar material, senhora Blythe. Ah, bons tempos. Eu tinha mais pretendentes do que a senhora consegue imaginar. Mas eles iam e vinha...e o Anthony não deixava de vir. Ele também era bem parecido...um homem tão agradável e esguio. Eu nunca apreciei homens gordos...e ele era de melhores famílias que eu, seria a última pessoa a negá-lo. 'É um grande avanço para uma Plummer casar com um Mitchell,' dizia a minha mãe...eu era uma Plummer, senhora Blythe, filha do John A. Plummer. E ele fazia-me uns elogios tão românticos, senhora Blythe. Ele disse-me uma vez que eu tinha o encanto etéreo do luar. Eu sabia que era uma coisa boa, mas ainda não sei o que quer dizer etérea. Eu sempre pensei ir ver ao dicionário, mas nunca cheguei a fazê-lo. Bem, mas por fim acedi por aceitá-lo para marido. Bem, eu só gostava que me tivesse visto com o meu vestido de noiva, senhora Blythe. Toda a gente disse que eu parecia uma pintura. Magra e elegante, com o cabelo mais dourado que o ouro, e com uma pele. Ah, o tempo modifica-nos tanto. A senhora ainda não chegou a esse ponto, senhora Blythe. Ainda é muito bonita...e uma mulher muito educada também. Pois é, nem todas podemos ser espertas...algumas de nós têm que tratar dos cozinhados. Esse seu vestido é muito bonito, senhora Blythe. A senhora nunca usa preto, já reparei...tem razão...mais cedo ou mais tarde vai ser obrigada a usá-lo. Quanto mais tarde melhor, é o que eu digo. Bem, mas onde é que eu ia?"

"A senhora estava...a tentar dizer-me algumas coisas sobre o seu marido."

"Oh, sim. Bem, nós casámo-nos. Houve um grande cometa nessa noite...lembro-me de o ter visto quando iam para casa. É uma pena que não tenha visto esse cometa, senhora Blythe. Era tão bonito. Não o consegue por no obituário, pois não?"

"Deve...ser um bocado difícil..."

"Pois," a senhora Mitchell conformou-se com o cometa com um suspiro, "vai ter que fazer o melhor que puder. Ele não teve uma vida muito excitante. Ele embebedou-se uma vez...ele disse que só queria saber como era...ele era uma pessoa muito curiosa. Mas claro que não pode por isso no obituário. Não lhe aconteceu mais nada de especial. Não é para me queixar, mas ele era um bocado mole e deixa-andar. Podia sentar-se uma hora a olhar para o malvaisco. Oh, ele gostava muito de flores...detestava ter que cortar os botões de ouro. Não interessava se a colheita de trigo fosse fraca enquanto houvessem ásteres de outono e plumas douradas. E árvores...aquele pomar dele...eu sempre lhe disse, a brincar, que ele gostava mais das árvores dele do que de mim. E a quinta dele, como ele adorava aquele pedaço de terra. Era como se fosse uma pessoa, para ele. Muitas vezes o ouvi dizer, 'Acho que vou lá fora conversar um bocado com a minha quinta'. Quando ficámos mais velhos eu queria que ele a vendesse, uma vez que não tínhamos rapazes, e fossemos viver para Lowbridge, mas ele respondia-me 'Eu não posso vender a minha quinta...não posso vender o meu coração'. Não são engraçados, os homens? Pouco tempo antes de morrer quis comer uma galinha, 'Cozinhada como tu costumás fazer', disse-me ele. Ele gostava muito dos meus cozinhados. A única coisa que não gostava era da minha salada de alface com nozes. Dizia sempre que as nozes eram tão inesperadas. Mas não havia nenhuma galinha para matar...estavam todas a pôr tão bem...e só tínhamos um galo, por isso não o podia matar. E eu que gosto tanto de um galo. Não há nada mais bonito que um bom galo, não acha, senhora Blythe? Bem, mas onde é que eu ia?"

"A senhora estava a contar que ele quis que lhe cozinhasse uma galinha."

"Oh, sim. E eu tive sempre tanta pena de não lha ter feito. Acordo a meio da noite a pensar nisso. Mas eu não sabia que ele ia morrer, senhora Blythe. Ele nunca se queixava muito e dizia sempre que ia ficar melhor. E

sempre interessado pelas coisas, até ao fim. Se eu tivesse sabido que ele estava a morrer eu tinha-lhe feito a galinha, com ou sem ovos."

A senhora Mitchell tirou as suas luvas pretas e limpou os olhos com um lenço, com um debrum preto de quase dois centímetros.

"Ele ia gostar tanto," soluçava. "Ele tinha os dentes todos, meu pobre querido. Bem, de qualquer maneira"...dobrando o lenço e voltando a calçar as luvas, "ele tinha sessenta e cinco anos, por isso já não era novo. E eu fiquei com outra placa de caixão {2}. A Mary Martha Plummer e eu começámos a coleccionar placas mais ou menos na mesma altura mas ela começou logo a ter mais que eu...morreram-lhe tantas pessoas de família, sem contar com os três filhos. Ela tem mais placas do que toda a gente nestas bandas. Eu nunca tive muita sorte, mas lá consegui encher uma prateleira delas. O meu primo Thomas Bates foi enterrado na semana passada e eu pedi a placa à mulher dele, mas ela quis que fosse enterrada com ele. Disse que coleccionar placas de caixões era um resquício de barbarismo. Ela era uma Hampson, e os Hampson são todos esquisitos. Bem, mas onde é que eu ia?"

Anne não conseguia dizer à senhora Mitchell onde é que ela ia desta vez. As placas dos caixões tinham-na deixado confundida.

"Oh, bem, pois o pobre do Anthony morreu. 'Vou em sossego e de boa vontade', foi todo o que disse mas sorriu um pouco no fim...para o tecto, não para mim ou para a Seraphine. Eu fico contente por ele estar tão feliz antes de morrer. Houve alturas em que eu achei que ele não era muito feliz, senhora Blythe...ele era tão sensível. Mas parecia muito nobre e sublime no caixão dele. Teve um belo funeral. Foi um dia muito bonito. Foi enterrado com montes de flores. Eu tive um desmaio no fim, mas de resto correu tudo bem. Nós enterrámo-lo no cemitério do Glen de baixo, apesar de toda a família dele estar em Lowbridge. Mas ele já tinha escolhido aquele cemitério há muito tempo...disse que queria ser enterrado ao pé da quinta dele, onde pudesse ouvir o mar e o vento nas árvores...há árvores em três lados à volta do cemitério, sabe. Eu também fiquei contente...eu sempre achei que era um cemitério muito aconchegado e assim podemos ter malvas a florir na campa dele. Ele era um bom homem...concerteza agora está no Céu, por isso não se deve preocupar. Eu sempre achei que deve ser muito trabalhoso escrever um obituário quando não se sabe para onde foi o falecido, não acha? Posso contar consigo, não posso, senhora Blythe?"



Anne acabou por consentir, achando que a senhora Mitchell ficaria lá até que ela o fizesse. A senhora Mitchell, com outro suspiro de alívio, levantou-se da cadeira.

"Eu tenho que ir andando. Estou à espera que me vão levar uns perus hoje. Eu gostei muito de conversar consigo e gostava de poder ficar mais tempo. É muito sozinha a vida de uma viúva. Um homem pode não ser grande coisa, mas sentimos um bocado a falta dele quando se vai."

Anne acompanhou-a educadamente até ao fim do jardim. As crianças perseguiram pintarroxos e haviam narcisos a despontar por todo o lado. "Tem aqui uma bela casa...uma bela casa, senhora Blythe. Eu sempre achei que ia gostar de uma casa grande. Mas éramos só nós e a Seraphine...e de onde é que vinha o dinheiro?...e de qualquer forma o Anthony não queria ouvir falar disso. Ele tinha um grande apego àquela velha casa. Eu quero vendê-la se tiver uma boa oferta e ir viver para Lowbridge ou para Mowbray Narrows, depois tenho que ver que sítio é melhor para uma viúva. O seguro do Anthony vai vir a calhar. Digam o que disserem é sempre melhor suportar uma mágoa cheia do que uma vazia. A senhora vai ver, quando for viúva...embora espere que ainda faltem uns bons anos. E como é que vai o doutor? Foi um Inverno enfermício, ele deve ter-se safado bem. Bem, mas que bela família que a senhora tem! Três raparigas! Agora é muito bonito, mas espere só até elas chegarem à idade dos namoros. Não que eu tenha tido muitos problemas com a Seraphine. Ela era muito sossegada...como o pai dela...e teimosa como ele. Quando ela se apaixonou pelo John Whitaker teve que se casar com ele apesar de tudo o que lhe dizia. Uma tramazeira? Porque é que não a plantou em frente da porta? Ia manter as fadas à distância."

"Mas quem é que quer manter as fadas à distância, senhora Mitchell?" "Você agora parecia o meu Anthony a falar. Eu estava só a brinacr. Claro que eu não acredito em fadas...mas se existissem, ouvi dizer que eram muito velhacas. Bem, adeus, senhora Blythe. Eu volto cá na próxima semana para vir buscar o obituário."

## Capítulo 22

**"O senhor** deixou-se cair nessa, caro Sr. Dr.", disse Susan que tinha ouvido a maior parte da conversa, enquanto polia as pratas na despensa.

"Acha? Mas, Susan, eu gostava mesmo de escrever esse obituário. Eu gostei do Anthony Mitchell...do pouco que vi dele...e acho que ele ia dar voltas na campa se o obituário dele fosse como os que aparecem no Daily Enterprise. O Anthony tinha um sentido de humor um bocado inconveniente."

"O Anthony Mitchell era um rapaz muito simpático quando era novo, minha querida senhora. Apesar de ser um bocado sonhador. Ele não era suficientemente mexido para a Betty Plummer, mas ganhava a vida honestamente e pagava as contas a tempo e horas. Claro que ele casou com a rapariga menos indicada. Mas apesar de a Betty Plummer parecer uma boa agora ela era muito bonita na altura. Algumas de nós, minha querida senhora," concluiu Susan com um suspiro, "nem isso temos para recordar."

"Mamã," disse o Walter, "há um casal de pintarroxos a fazerem ninho no parapeito da despensa. Vai deixá-los ficar lá, não vai, Mamã? Não vai abrir a janela e assustá-los, pois não?"

Anne tinha visto o Anthony Mitchell uma ou duas vezes, apesar da pequena casa cinzenta onde ele vivia entre o bosque de abetos e o mar, com o grande salgueiro por cima como um guarda-sol, onde viviam, ser no Glen de baixo e o médico de Mowbray Narrows atendia quase toda a gente de lá. Mas o Gilbert comprava-lhe feno de vez em quando, e certo dia em que ele viera trazer uma carrada Anne tinha-o acompanhado pelo jardim e descobriram que falavam a mesma linguagem. Ela tinha gostado dele...o seu rosto esguio, claro e amigável, os seus olhos corajosos e astutos, de cor castanho amarelado, que nunca fraquejaram ou se deixaram enganar...senão talvez quando beleza oca e fugaz de Betty Plummer o induzira a um casamento insensato. Mas apesar disso, ele não parecera infeliz ou insatisfeito. Enquanto ele pudesse arar a terra, semear e colher ele era tão feliz como uma pastagem ao sol. O seu cabelo negro estava ligeiramente marcado por veios prateados, e um espírito sereno e maduro revelava-se por entre os seus sorrisos raros mas doces. Os seus velhos campos tinham-lhe dado pão e prazer, a alegria nas conquistas e o conforto nas perdas. Anne

ficou satisfeita por ele ter sido enterrado perto deles. Ele podia ter partido contente, mas também tinha vivido contente. O médico de Mowbray Narrows tinha dito que quando dissera ao Anthony que não deveria ter esperança de melhorar o Anthony tinha sorrido e respondido, 'Bem, a vida também estava a ficar um bocado monótona desde que comecei a envelhecer. A morte vai ser uma mudança. Estou curioso, doutor.' Até a senhora Anthony, entre todas as suas palermices, tinha dito algumas coisas que revelavam o verdadeiro Anthony. Anne escreveu "A Campa do Homem Velho" umas noites depois à janela do seu quarto e leu-a com uma certa satisfação.

"Ponham-na onde os ventos possam passar  
Através de ramos suaves e profundos,  
E o murmúrio do mar  
Se oiça dos lados de oriente,  
E as gotas de chuva caindo cantem  
Gentilmente sobre o seu descanso.  
Ponham-na onde os prados vastos  
Jazem verdes por todos os lados,  
Campos que ele ceifou e percorreu,  
Curvas a oeste forradas de trevo,  
Terras de pomar onde florescem e sopram  
Árvores que plantou há muito tempo  
Ponham-na onde o brilho das estrelas  
Possa estar sempre ao pé de si  
E a glória que o nascer do sol espalha  
Docemente sobre a sua cama  
E a relva repleta de maresia  
Seja terna sobre o seu sono

Uma vez que para ele estas coisas eram queridas  
Através de cheios anos bem vividos,  
Com certeza obteve as suas graças  
Devem estar sobre o sitio onde repousa  
E o murmúrio do mar  
Seja a sua canção eterna de embalar."

"Eu acho que o Anthony Mitchell ia gostar," disse Anne, abrindo a sua janela à primavera. Já haviam pequenas filas de alfaces no jardim das crianças; o pôr-do-sol era suave e rosado por detrás do bosque de aceres; o Vale ecoava com o riso doce e longínquo das crianças.

"A Primavera é tão encantadora que detesto ter que dormir e perdê-la," disse Anne.

A senhora Anthony Mitchell veio buscar o seu obituário na semana seguinte. Anne leu-lho com um certo orgulho; mas o rosto da senhora Anthony não expressava uma satisfação muito clara.

"Bem, está muito alegre. A senhora escreve tão bem. Mas...mas...não disse nada sobre ele estar no Céu. Não tem a certeza que ele lá está?"  
"Tanta que não achei que fizesse falta falar nisso, senhora Mitchell."  
"Bem, algumas pessoas podiam duvidar. Ele...ele não ia muito à igreja...apesar de ser um membro respeitado. E não fala da idade dele...nem menciona as flores. Se nem sequer se conseguiam contar as coroas sobre o caixão. As flores são muito poéticas, na minha opinião."

"Tenho muita pena..."

"Oh, não se preocupe...eu não a recrimino. A senhora fez o seu melhor e está muito bonito. Quanto lhe devo?"

"Oh, nada, senhora Mitchell. Eu nunca pensei em tal coisa."

"Bem, eu pensei que pudesse dizer isso, por isso trouxe uma garrafa do meu vinho de dente de leão. Adoça o estômago se alguma vez tiver gases. Tinha trazido uma garrafa do meu chá de ervas também, só que

tive medo que o doutor ficasse aborrecido. Mas se gostar e achar que consegue ir buscá-lo sem ele saber só tem que me mandar dizer."

"Não, não, obrigada," disse Anne um pouco ausente. Ela ainda não recuperara do primeiro embate.

"Como queira. Tinha muito gosto. Eu não vou precisar de mais remédios esta primavera. Quando o meu segundo primo Malachi Plummer morreu no inverno eu pedi à viúva dele que me desse as três garrafas de remédio que lhe tinham sobrado...eles tinham-nas às dúzias. Ela ia-as deitar fora mas eu nunca consegui ver nada desperdiçado. Eu não conseguia tomar mais do que uma, mas dei o resto ao homem da lavoura. 'Se não nos fizer bem também não nos vai fazer mal', disse-lhe eu. Eu não vou dizer que não fiquei aliviada por não me ter pedido dinheiro pelo obituário, agora estou um bocado curta de dinheiro. Um funeral é uma coisa cara, apesar do D.B. Martin ser o cangalheiro mais em conta desta zona. Eu ainda nem paguei a minha roupa preta. Eu não me vou sentir de luto enquanto não pagar. Felizmente não tive que mandar fazer o chapéu. Este que tenho foi o que usei no funeral da minha mãe, há dez anos. Tenho sorte por o preto me ficar bem, não acha? Se visse a mulher o Malachi Plummer com a cara de marinheiro que ela tem! Bem, tenho que ir andando. E estou-lhe muito agradecida, senhora Blythe, mesmo que...mas com certeza que fez o seu melhor e são uns versos muito bonitos." "não quer ficar para jantar connosco?" perguntou Anne. "A Susan e eu estamos sozinhas...o doutor saiu e as crianças estão a fazer o primeiro piquenique do ano no Vale."

"Posso ficar," disse a senhora Anthony, voltando a sentar-se na cadeira. "Vai ser bom ficar mais um bocado sentada. Parece que quando envelhecemos começamos a ter que descansar mais tempo. E,"

acrescentou, com um sorriso de beatitude na sua cara rosada, "não me cheirou a cenouras fritas?"

Anne quase amaldiçoou as cenouras fritas quando chegou o Daily Enterprise da semana seguinte. Na coluna dos obituários estava "A Campa do Homem Velho"...com cinco versos em vez dos quatro originais! E o quinto verso era:

"Um marido maravilhoso, companheiro e amigo de ajudar Um melhor o Senhor nunca fez Um marido maravilhoso, gentil e verdadeiro Um num milhão, querido Anthony, eras tu."

"!!!" exclamou Ingleside.

"Eu espero que não se tenha importado por eu ter juntado aquele verso," disse a senhora Anthony a Anne na reunião seguinte do Instituto. "Eu só queria elogiar um pouco mais o Anthony...e o meu sobrinho Johnny Plummer escreveu-o. Ele sentou-se um bocadinho e aquilo saiu-lhe rápido e certinho. Ele é mesmo como a senhora...não parece muito esperto mas consegue fazer poesia. Ele herdou isso da mãe dele...era uma Wickford. Os Plummers nunca tiveram jeito para versos." "Foi uma pena não lhe ter pedido logo a ele para fazer o obituário do Anthony," disse Anne friamente.

"Foi, não foi? Mas eu não sabia que ele escrevia poesia e eu tinha tanta vontade de lhe arranjar uma coisa assim. Depois a mãe dele mostrou-me uma poesia que ele fez sobre um esquilo que morreu afogado num balde de xarope de ácer...uma coisa muito comovente. Mas o seu estava muito bonito, senhora Blythe. Eu acho que combinados fizeram qualquer coisa fora do comum, não acha?"

"Sim, sim," disse Anne.

## Capítulo 23

**As crianças** de Ingleside andavam com azar relativamente aos animais de estimação. O pequeno cachorrinho cheio de caracóis negros que o Pai trouxera de Charlottetown ao fim de uma semana desapareceu completamente.

Nunca mais ninguém o viu ou ouviu falar dele, e apesar de haverem rumores de um marinheiro do porto ter sido visto a entrar no navio com um cachorro preto debaixo do braço na noite em que se fizeram ao mar, o seu destino permaneceu um dos mistérios mais negros e insondáveis das crônicas de Ingleside. Walter sofre mais do que Jem, que ainda não tinha esquecido completamente o Gyp e nunca mais voltaria a afeiçoar-se a um cão de forma tão intensa e insensata.

Também o Tiger Tom, que vivia no celeiro e nunca era autorizado a entrar em casa por causa das suas tendências cleptómanas mas ainda assim recebia muitos mimos e afectos de todos foi encontrado hirtto e livido no chão do celeiro, teve que ser enterrado com pompa e circunstância no vale.

Finalmente o coelho do Jem, Bun que ele tinha comprado ao Joe Russel por um quarto de cêntimo, adoeceu e morreu. Talvez a sua morte tivesse sido precipitada por uma dose de remédio que o Jem lhe deu, talvez não. O Joe tinha-a aconselhado e o Joe devia saber do assunto. Mas Jem sentiu-se o assassino do Bun.

"Haverá uma maldição sobre Ingleside?" perguntou tristonho, quando o Bun foi posto a descansar próximo do Tiger Tom. Walter escreveu um epitáfio para ele e as gémeas usaram fitas negras atadas em volta dos braços durante uma semana, para horror de Susan que considerava um sacrilégio esses comportamentos. A Susan não ficou inconsolável pela morte do Bun, que certo dia se soltara e provocara grande confusão no jardim. Também não aprovava os dois sapos que Walter trouxera e instalara na cave. Ele pôs um deles na rua à noite, mas não conseguiu encontrar o outro e o Walter ficou acordado com a preocupação.

"Talvez eles fossem marido e mulher," pensava. "Talvez eles se sintam muito sozinhos e infelizes agora separados. Foi o pequeno que a Susan pôs na rua, por isso devia ser a senhora sapo e ela deve estar morta de medo num jardim tão grande sem ninguém que a proteja...como uma viúva."

O Walter não suportou imaginar o desgosto da viúva, pelo que foi até à cave em busca do senhor sapo, mas só conseguiu derrubar uma pilha de panelas que a Susan já não usava, com o conseqüente estrondo capaz de acordar os mortos. No entanto, acordou apenas a Susan, que foi lá abaixo com uma vela, cuja chama esvoaçante lhe projectava as sombras mais estranhas no rosto magro.

"Walter Blythe, o que é que andas a fazer?"

"Susan, eu tenho que encontrar aquele sapo," disse o Walter desesperado. "Susan, imagine só como é que se sentia sem o seu marido, se tivesse um."

"Mas do que é que estás a falar?" perguntou a justamente baralhada Susan.

Nesta altura o senhor sapo, que se dava por perdido quando Susan entrou em cena, apareceu por detrás do contentor de pepinos de conserva da Susan. Walter apanhou-o e pô-lo fora pela janela, onde se espera que tenha reencontrado o seu amor e uma vez reunidos tenham vivido felizes para sempre.

"Tu sabes que não devias ter trazido estas criaturas para a cave," disse Susan com dureza. "Como é que iam viver?"

"Claro que eu lhes ia caçar insectos," disse o Walter, aborrecido. "Eu queria estudá-los."

"Não há maneira de os entender," resmungou Susan, enquanto seguia um indignado jovem Blythe escadas a cima. E ela não se referia aos sapos. Tiveram mais sorte com o pisco. Tinham-no encontrado, pouco mais que um bebé, no degrau de entrada depois de uma noite de tempestade de chuva e vento em Junho. Ele tinha as costas cinzentas, o peito ás pintas e olhos brilhantes, e desde o início pareceu ter absoluta confiança em toda a gente de Ingleside, nem sequer exceptuando o Camarão, que nunca o tentou molestar, nem mesmo quando o Cock Robin se empoleirava atrevido no seu prato e se servia à vontade. De início davam-lhe minhocas, e ele tinha um tal apetite que o Shirley passava o tempo a cavar à procura delas. Ele guardava as minhocas em latas e deixava-as pela casa, para desgosto da Susan, mas ela teria suportado muito mais pelo Cock Robin, que pousava tão intrépido no seu dedo desgastado pelo trabalho e chilreava-lhe para o rosto. A Susan tinha-se afeiçoado muito ao Cock Robin, achando-o digno de ser referenciado numa carta à Rebecca Dew, dizendo que o seu peito estava a começar a mudar para um lindo vermelho ferrugem.



"Não pense que estou a ficar fraca de cabeça, minha querida Miss Dew," escrevia. "Eu acho que deve ser uma palermice gostar tanto de um pássaro mas o coração tem as suas fraquezas. Ele não está preso como um canário...nem eu tolerava uma coisa dessas, minha querida Miss Dew...mas anda por todo o lado à vontade e dorme num arco da plataforma de estudo do Walter na macieira que dá para o quarto da Rilla. Uma vez levaram-no para o Vale e ele fugiu, mas regressou ao anoitecer para grande alegria deles e tenho que confessar minha também."

O Vale já não era só o vale. Walter tinha começado a achar que um lugar tão delicioso merecia um nome mais de acordo com as suas possibilidades românticas. Certa tarde chuvosa em que tinham tido que ficar a brincar no sótão o sol despontou ao fim da tarde e inundou o Glen de esplendor. "Oh, que bonito 'aco-ilis!'" exclamou Rilla, que falava sempre com um pequeno cicio.

E era o mais magnífico arco-íris que já tinham visto. Um lado parecia apoiado na torre da igreja presbiteriana enquanto que o outro se afundava no pequeno canto do lago que corria para a ponta mais alta do vale. E o Walter logo ali lhe chamou Rainbow Valey {3}.

Rainbow Vale tinha-se tornado um mundo em si mesmo para as crianças de Ingleside. Ventos suaves brincavam interminavelmente por lá, e as canções dos pássaros ecoavam da madrugada ao anoitecer. Os álamos brancos brilhavam por todo o lado, e de um deles...a Senhora Branca...Walter imaginava que saía todas as noites uma driade para conversar com eles. A um ácer e um abeto, crescendo tão próximos que os seus ramos se entrelaçavam, ele chamou as Árvores Namoradas e uma velha corda cheia de sinos de trenós que ele lhes atou soava élfica e etérea quando o vento as embalava. A ponte de pedras que eles construíram sobre o riacho era guardada por um dragão. As árvores que sobre ele se encontravam podiam ser guardas mouros em apuros, e o pesado musgo em volta das margens do rio eram carpetes não inferiores às das Arábias. Robin dos Bosques e os seus homens alegres cirandavam por todo o lado; três espíritos da água viviam na nascente; a casa deserta do velho Barclay no final do Glen, com o seu dique coberto de relva e o seu jardim cheio de alcaravia, transformava-se com facilidade num castelo sitiado. A espada do Cruzado há muito tempo que enferrujara, mas a faca de talho de Ingleside era uma peça de metal forjada na terra das fadas e sempre que a Susan dava pela falta da tampa do assador sabia que estava a servir de escudo a um

cavaleiro emplumado e cintilante numa grande aventura em Rainbow Valley.

Por vezes brincavam aos piratas, para agradar ao Jem, que aos dez anos começava a gostar de um pouco de sangue e tripas nos seus divertimentos, mas o Walter vacilava sempre quando tinha que caminhar sobre a prancha de madeira, parte que o Jem considerava o ponto alto da brincadeira. Por vezes pensava se Walter teria mesmo o estofamento necessário para ser um lobo-do-mar, mas afastava o pensamento com lealdade e por mais de uma vez tinha enfrentado e ganho batalhas contra alguns rapazes do Glen que chamavam ao Walter o "Blythe mariquinhas"...ou chamaram enquanto não perceberam que isso significava um acerto de contas com o Jem, que tinha uns punhos muito desconcertantes.

Por vezes o Jem era autorizado a ir até ao porto comprar peixe ao fim da tarde. Era uma tarefa que o deixava deliciado, porque significava que se podia sentar na cabine do Capitão Malawi Russel aos pés de um campo coberto de verdes tapetes de relva comprida e fina, e ouvir o Capitão Malawi e os seus amigos que tinham sido jovens Capitães endiabrados, contando histórias. Todos tinham algo a dizer quando se tratava de histórias. O velho Oliver Reese...de quem se suspeitava ter sido um pirata de verdade na sua juventude...tinha sido aprisionado por um rei canibal...o Sam Elliot tinha visto o terramoto de São Francisco...o "Bravo William" Macdougall tinha lutado com um tubarão...o Andy Baker tinha sido apanhado num tornado. Para além disso, o Andy era o que conseguia cuspir até mais longe, garantia, do que qualquer homem em Four Winds. O Capitão Malachi, com o seu nariz adunco, maxilares marcados e bigode cinzento brilhante, era o favorito do Jem. Ele tinha sido capitão de um brigue quando tinha apenas dezassete anos, e navegara para Buenos Aires com cargas de madeira. Tinha uma âncora tatuada em cada face e tinha um magnífico relógio, com uma chave para lhe dar corda. Quando ele estava bem disposto deixava que o Jem lhe desse corda, quando estava mesmo muito bem disposto levava o Jem à pesca do bacalhau ou a apanhar amêijoas na maré baixa, e quando estava no seu melhor humor mostrava a Jem os muitos barcos de madeira que esculpira. O Jem achava que eram puro romance. Entre eles estava um barco viking, com uma vela quadrada às riscas e um dragão medonho à frente...uma caravela de Colombo...o Mayflower...um navio muito elegante chamado O Holandês Voador...e um sem fim de lindos brigues e lugres, barcas e fragatas.

"O Capitão Malachi podia ensinar-me a esculpir barcos assim?" pedia Jem.

O Capitão abanava a cabeça e cuspiu pensativo para o golfo.

"Isto não se aprende, filho. Tinhas que navegar nos mares trinta ou quarenta anos, só assim é que tinha entendimento dos barcos para conseguires fazê-los...entendimento e amor. Os barcos são como as mulheres, filho...têm que ser entendidos e amados, ou nunca nos mostram os seus segredos. E mesmo assim podes achar que conheces um navio da popa à proa, por dentro e por fora, e podes descobrir que mesmo assim ele te fecha a alma, te esconde segredos. Fogem-te da mão como pássaros se os deixas à larga. Houve um barco em que naveguei que nunca consegui esculpir, e tentei vezes sem conta. Um barco teimoso e seco! E houve uma mulher...mas já é tempo de para de falar. Tenho um barco pronto para ir para a garrafa e vou-te deixar ver esse segredo, filho."

Por isso o Jem nunca mais ouviu falar da tal mulher, porque não se interessava pelo outro sexo, aparte da Susan e da Mãe. Elas não eram mulheres. Eram só a Mãe e a Susan.

Quando o Gyp morreu o Jem sentira que nunca mais ia querer outro cão; mas o tempo cura de uma forma espantosa e o Jem voltava a sentir-se com inclinações caninas novamente. O cachorro não era realmente um cão...foi apenas um incidente. O Jem tinha uma procissão de cães marchando nas paredes da entrada do sótão, onde guardava a colecção de curiosidades do Capitão Jim...cães recortados de revistas...um mastim imponente...um buldogue alegre...um dachshund que parecia ter sido esticado da cabeça aos pés até ficar comprido como uma salsicha...um caniche penteado com uma fita na ponta da cauda...um fox-terrier...um cão dos lobos russo...Jem intrigava-se se os cães dos lobos russos alguma vez chegava a comer alguma coisa...um lulu da pomerânia todo atrevido...um dálmata cheio de pintas...um cocker com olhos meigos. Todos cães de prestígio, mas a todos faltava qualquer coisa aos olhos de Jem...ele não sabia bem o quê.

Então apareceu o anúncio no Daily Enterprise. "Para venda, um cão. Falar com o Roddy Crawford, Porto de Pesca." Mais nada. O Jem não conseguia explicar porque é que o anúncio lhe ficou na cabeça, ou porque é que sentia tanta tristeza na sua brevidade. Descobriu através do Craig Russel quem era o Roddy Crawford.

"O pai do Roddy morreu há um mês e ele tem que ir viver com uma tia na cidade. A mãe dele morreu há anos. E o Jake Millison comprou a quinta. Mas a casa vai ser deitada abaixo. Talvez a tia dele não o deixe levar o cão. Não é lá grande coisa, mas o Roddy sempre o achou o máximo."

"Quanto é que quererá por ele? Eu só tenho um dólar," disse o Jem. "Penso que o deve querer mais é uma boa casa para ele," disse o Craig. "Mas o teu pai dava-te o dinheiro, não dava?"

"Sim. Mas eu queria comprar o cão com o meu dinheiro," disse o Jem. "Assim vou sentir que é mais meu."

Craig encolheu os ombros. Aqueles miúdos de Ingleside eram estranhos. Para o que é que interessava quem ia pagar um velho cão?

Nesse fim de tarde o pai levou o Jem até à velha e negligenciada quinta dos Crawford, onde encontraram o Roddy Crawford e o cão dele. O Roddy era um rapaz mais ou menos da idade do Jem...um miúdo pálido, com cabelo liso de uma cor castanho arruivado e uma boa quantidade de sardas; o seu cão tinha orelhas castanhas sedosas, um nariz e cauda castanhos e os mais lindos olhos castanho claros que o Jem já vira na cabeça de um cão. No momento em que o Jem viu aquele querido cão, com uma risca branca no meio do focinho que dividia o espaço entre os olhos e delineava o nariz, soube que tinha que ficar com ele.

"Queres vender o teu cão?" perguntou ansioso.

"Eu não quero vendê-lo," disse o Roddy indiferente. "Mas o Jake diz que tenho que o vender senão ele afoga-o. Ele diz que a Tia Vinnie não quer cães por perto."

"E quanto queres por ele?" perguntou Jem, com medo de ouvir um preço proibitivo.

Roddy engoliu em seco. Agarrou-se ao seu cão.

"Aqui o tens," disse rispidamente. "Eu não vou vendê-lo...não vou. O Bruno não tem preço. Se lhe deres uma boa casa...e fores meigo com ele..."

"OH, eu vou ser muito bom para ele," disse Jem ansioso. "Mas tu tens que ficar com o meu dólar. Eu não o ia sentir meu senão ficasses. Eu não o levo se não aceites."

Ele enfiou o dólar na mão relutante de Roddy...agarrou o Bruno e aconchegou-o junto ao peito. O pequeno cão olhou para o dono. Jem não conseguia ver-lhe o olhar, mas via o de Roddy.

"Se o queres assim tanto..."

"Eu quero-o mas não posso ficar com ele," disparou Roddy. "Já cá vieram cinco pessoas e eu não quis que ninguém o levasse...o Jake ficou muito zangado, mas eu não me importo. Não eram as pessoas certas. Mas tu...eu quero que tu fiques com ele, uma vez que não posso ficar eu...e leva-o para fora da minha vista depressa!"

Jem obedeceu. O pequeno cão tremia-lhe nos braços mas não protestou. Jem pegou-lhe com carinho até que chegaram a Ingleside.

"Pai, como é que o Adão soube que um cão era um cão?"

"Porque um cão não podia ser outra coisa," sorriu o Pai. "Ou podia?"

Jem estava demasiado excitado para dormir muito nessa noite. Ele nunca vira um cão de quem gostasse tanto como do Bruno. Não admirava que o Roddy tivesse tanta pena de se separar dele. Mas o Bruno depressa se ia esquecer do Roddy e amá-lo a ele. Iam ser amigos. Tinha que se lembrar de pedir à mãe que não se esquecesse de encomendar os ossos ao homem do talho.

"Eu adoro tudo e todos no mundo," disse Jem. "Querido Deus, abençoa todos os cães e gatos do mundo, e especialmente o Bruno."

Jem adormeceu por fim. Talvez um pequeno cão deitado aos pés da cama com o queixo sobre as patas esticadas dormisse também; ou talvez não.

## Capítulo 24

**O Cock** Robin tinha deixado de subsistir apenas de minhocas, e agora comia arroz, milho, alface e sementes de capuchinha. Tinha atingido um tamanho admirável...o grande pisco de Ingleside estava a tornar-se localmente famoso...e o seu peito ficara de um vermelho admirável.

Empoleirava-se no ombro da Susan a vê-la tricotar. Voava em direcção a Anne quando ela regressava a casa de uma visita e entrava em casa à sua frente: vinha ao parapeito do Walter todas as manhãs buscar migalhas. Tomava o seu banho matinal numa bacia no pátio das traseiras, no canto onde trepava a roseira brava, e fazia a maior confusão se a encontrasse sem água. O doutor queixava-se que as suas penas e os seus fósforos estavam sempre espalhados pela biblioteca, mas não tinha quem empatizasse com ele, rendendo-se até ele certo dia em que o Cock Robin lhe aterroudestemido na mão para comer uma semente. Toda a gente estava enfeitiçada pelo Cock Robin...excepto talvez o Jem, que só tinha olhos para o Bruno e que lenta mas certamente aprendera uma amarga lição...podemos comprar o corpo de um cão mas não podemos comprar-lhe o afecto.

De início o Jem não suspeitou de nada. Claro que o Bruno ia ter saudades de casa por uns tempos, mas ia esquecer. O Bruno era o cãozinho mais obediente do mundo; fazia exactamente o que lhe diziam, e até a Susan admitia que nunca vira animal mais bem comportado. Mas não havia ânimo nele. Quando o Jem o levava a passear os olhinhos dele brilhavam de início, a cauda abanava e andava contente. Mas depois de um bocado o brilho abandonava-lhe o olhar e ele trotava ao lado do Jem com o queixo caído. Nada lhe faltava...os ossos mais suculentos estavam à sua disposição...não se levantava uma objecção por ele dormir aos pés da cama de Jem. Mas o Bruno continuava distante... inacessível...um estranho. Por vezes a meio da noite o Jem acordava e baixava-se para fazer uma festa no pequeno corpo forte; mas nunca tinha uma lambidela ou um abanarde cauda por resposta. O Bruno permitia-lhe as carícias mas não as correspondia.

Jem continuava firme. Havia uma grande dose de determinação em James Matthew Blythe e ele não se ia deixar bater por um cão...o seu cão, que comprara justa e abertamente com dinheiro guardado a custo da sua mesada. O Bruno ia ter que ultrapassar as saudades do Roddy...tinha que perder o olhar triste de uma criatura perdida...tinha que aprender a amá-lo.

Jem tinha muitas vezes que defender o Bruno, porque os outros rapazes da escola, suspeitando quanto ele gostava do cão, estavam sempre a picá-lo.

"O teu cão tem pulgas...que grandes pulgas," gozava Perry Reese. Jem teve que o escovar antes dele ter retirado o que dissera, e dito que o Bruno não tinha uma única pulga...nem uma.

"O meu cachorro tem ataques uma vez por semana," gabava-se o Rob Russel. "Eu aposto que o teu nunca teve um ataque na vida. Se eu tivesse um cão como esse passava-o pela picadora."

"Nós tivemos um cão como esse," disse o Mike Drew, "mas afogamo-lo."

"O meu cão é muito mau," disse o Sam Warren orgulhoso. "Mata as galinhas e rasga a roupa toda nos dias das barreiras. Aposto que o teu cão não tem coragem para isso."

Jem admitiu tristemente para si mesmo, se bem que não para o Sam, que de facto não tinha. Ele quase desejava que tivesse. E magoou-o quando o Watty Flagg lhe gritou, "O teu cão é um bom cão...nunca ladra aos Domingos," porque o Bruno nunca ladrava em dia nenhum.

Mas ele era um cãozinho tão adorável e querido mesmo assim.

"Bruno, porque é que não gostas de mim?" quase soluçava Jem. "Não há nada que eu não fizesse por ti...podíamos divertir-nos tanto juntos." Mas ele não admitia a derrota a ninguém.

Jem apressou-se certa tarde vindo de um petisco de mexilhões no Porto porque sabia que vinha aí uma tempestade. O mar gemia de uma forma...As coisas tinham um ar sinistro e solitário. Ouvia-se o som estrondoso como um rasgão de um trovão quando Jem entrou em Ingleside. "Onde está o Bruno?" gritou.

Era a primeira vez que tinha ido a qualquer lado sem o Bruno. Ele tinha achado que o caminho até ao porto de pesca era muito grande para um cão tão pequeno. O Jem não ia admitir para si próprio que um caminho tão longo com um pequeno cão que não era sinceramente seu seria um pouco demais para ele também.

Aconteceu que ninguém sabia onde estava o Bruno. Não fora visto deste que o Jem tinha saído depois do almoço. Jem procurou por todo o lado mas ele não estava em lado nenhum. A chuva caía num dilúvio, o mundo afogava-se em relâmpagos. Estaria o Bruno lá fora nessa noite tão escura...perdido? O Bruno tinha medo de trovoadas. As únicas vezes em

que se aproximara de Jem em espírito tinham sido sob o ribombar dos trovões.

O Jem inquietou-se tanto que quando a tempestade passou Gilbert disse: "Eu tenho que ir ao porto de pesca ver como é que está o Roy Westcott. Tu também podes vir, Jem, e vamos passar pela velha casa dos Crawford antes de irmos para casa. Talvez o Bruno lá tenha voltado."

"Seis milhas? Ele não era capaz!" disse Jem.

Mas tinha sido. Quando chegaram à velha casa deserta e escura uma criaturinha trémula e ensopada estava tristemente aninhada no degrau de entrada molhado, olhando-os com um ar cansado e insatisfeito. Não levantou objecções quando o Jem o apanhou ao colo e o levou para o buggy através da erva alta e emaranhada.

Jem estava feliz. Como a lua brilhava no céu enquanto as nuvens lhe passavam à frente! Como eram deliciosos os perfumes dos bosques molhados pela chuva enquanto passavam! Que mundo tão completo!

"Eu acho que o Bruno vai ser feliz em Ingleside depois disto, Pai." "Talvez," foi tudo o que o Pai disse. Ele detestava desiludir o filho, mas suspeitava que o coração daquele pequeno cão, ao perder o seu último lar, tinha ficado finalmente despedaçado.

Bruno nunca comera grande coisa, mas depois dessa noite comia ainda menos. Chegou um dia em que deixou de comer. Chamaram o veterinário que não lhe encontrou nada de errado.

"Eu uma vez conheci um cão que morreu de desgosto, e acho que este vai ser outro," disse para o doutor discretamente.

Deixou um tónico que o Bruno tomou obediente e depois deitou-se outra vez, com a cabeça sobre as patas, olhando o vazio. Jem olhou para ele durante muito tempo, de mãos nos bolsos; então foi até à biblioteca conversar com o pai.

Gilbert foi à cidade no dia seguinte, fez algumas perguntas, e trouxe o Roddy Crawford a Ingleside. Quando o Roddy subiu os degraus da varanda o Bruno, ouvindo-lhe os passos, levantou a cabeça e afitou as orelhas. No momento seguinte o seu pequeno corpo magro atirou-se do tapete para os braços do rapaz pálido de olhos castanhos.

"Minha querida senhora," dissera Susan pasmada nessa noite, "o cão chorava...chorava de verdade. As lágrimas rolaram-lhe pelo focinho abaixo. Eu não a censuro se não acreditar. Nunca tinha visto tal coisa, e não acreditava se não tivesse visto com os meus próprios olhos."



"Tu compraste-o, eu sei...mas ele pertence-me a mim. O Jake mentiu-me. A tia Vinnie diz que não se importava nada de ter ficado com ele, mas eu achei que não to podia tirar. Aqui tens o teu dólar...eu não gastei um cêntimo...não conseguia."

Por um momento, Jem hesitou. Então viu os olhos de Bruno. "Que mau que sou!" pensou com vergonha dele próprio. Pegou no dólar.

Roddy sorriu subitamente. O sorriso mudou-lhe o rosto sério completamente mas tudo o que conseguiu dizer foi um "obrigado" muito seco.

Roddy dormiu com Jem nessa noite, com um Bruno satisfeitíssimo esticado entre eles. Mas antes de se meter na cama Roddy ajoelhou-se para dizer as suas orações e Bruno sentou-se nas patas de trás, com as da frente apoiadas na cama. Se alguma vez ouve um cão que rezasse, Bruno rezou dessa vez...uma oração de agradecimento e alegria renovada na vida.

Quando o Roddy lhe trouxe comida o Bruno comeu-a deliciado, olhando para Roddy pelo canto do olho. Seguiu de dorso erguido atrás de Jem e Roddy quando eles foram lá abaixo ao Glen. "Nunca se viu cão mais emproado," dissera Susan.

Mas no fim de tarde seguinte, depois de Bruno e Roddy terem partido, Jem sentou-se nos degraus da porta das traseiras ao lusco-fusco durante um bom bocado. Ele recusara ir caçar piratas para Rainbow Valley com o Walter...Jem já não se sentia muito arrojado e aventureiro. Nem sequer olhava para o Camarão, aninhado na menta com a cauda a abanar como um feroz leão das montanhas pronto a atacar. Os gatos em Ingleside não tinham nada que estar alegres quando os cães tinham os corações despedaçados!

Ele até foi resmungão com a Rilla quando ela lhe trouxe o seu elefante de veludo azul. Elefantes de veludo azul, quando o Bruno se tinha ido embora! Nan também foi recebida da mesma maneira quando veio sugerir que deviam dizer o que achavam de Deus muito baixinho.

"Tu não achas que eu estou a culpar Deus por isto?" disse-lhe Jem indignado. "Não tens nenhum sentido de proporção, Nan Blythe."

Nan foi-se embora muito magoada apesar de não fazer a mais pequena ideia do que o Jem tinha querido dizer, e o Jem amuou para as cores douradas do pôr-do-sol. Os cães ladravam por todo o Glen. Os Jenkins lá em baixo chamavam o deles...chamavam-no todos à vez. Toda a gente, até a tribo dos Jenkins, podia ter um cão...toda a gente menos ele. A vida estendia-se à sua frente como um deserto onde não podiam haver cães.

Anne veio e sentou-se no degrau de baixo, com cuidado para não olhar para ele. Jem sentiu a compreensão dela.

"Mãezinha," disse numa voz embaçada. "Porque é que o Bruno não gostou de mim quando eu gostava tanto dele? Será que eu...acha que eu não sou o tipo de rapaz de quem os case gostam?"

"Não, querido. Lembras-te como o Gyp gostava de ti? O Bruno tinha tanto amor para dar...mas já o tinha dado todo. Há cães assim...cães de um só dono."

"De qualquer maneira, o Bruno e o Roddy estão felizes," disse o Jem com uma satisfação meio triste, enquanto se inclinava para dar um beijinho na testa macia da mãe. "Mas eu nunca mais vou ter outro cão." Anne achou que isto ia passar; ele sentira o mesmo quando o Gyp morreu. Mas não foi assim. Este punhal cravara-se fundo na alma de Jem. Os cães entraram e saíram de Ingleside...cães que pertenciam à família, e eram cães simpáticos, a quem o Jem fazia festas e com quem brincava como brincavam os outros. Mas não tornou a haver um "cão do Jem" até que um pequeno cão Monday se lhe apoderou do coração e o amou com uma devoção que ultrapassou o amor do Bruno...uma devoção que faria história no Glen. Mas ainda faltavam muitos anos; e um rapazinho solitário subiu para a cama do Jem nessa noite.

"Só queria ser uma rapariga," pensou revoltado, "para poder chorar e chorar!"

## Capítulo 25

**A Nan** e a Di iam para a escola. Começaram na última semana de Agosto. "Vamos saber tudo logo à noite, Mamã?" perguntava Di muito séria na primeira manhã.

Agora, no início de Setembro, Anne e Susan já se tinham habituado e até gostavam de ver as duas pequenas saindo todas as manhãs, tão despreocupadas e arranjadinhas, achando que ir para a escola era uma grande aventura. Levavam sempre no cesto uma maçã para a professora e usavam vestidos de favinhos de mel cor-de-rosa ou azuis aos quadradinhos. Uma vez que não eram parecidas nunca se vestiam de igual. Diana, com o seu cabelo ruivo, não podia usar cor-de-rosa, mas esta cor ficava muito bem a Nan, que era a mais bonita das gémeas de Ingleside. Tinha cabelos e olhos castanhos e um lindo tom de pele, e sabia-o bastante bem, mesmo tendo só sete anos. Tinha já uma certa tendência para se evidenciar. Levantava a cabeça bem alta, com o seu pequeno queixo atrevido destacado, e já a achavam um pouco convencida. "Ela vai imitar todas as manias e poses da mãe," dizia a senhora Alec Davies. "Já tem o ar dela, e a graça também, se querem saber a minha opinião."

As gémeas eram diferentes noutros aspectos para além da aparência. A Di, apesar da semelhança física que tinha com a mãe, era muito mais do pai, no que dizia respeito ao temperamento e às qualidades. Tinha o seu sentido prático, o seu senso comum, o seu sentido de humor cintilante. Nan tinha herdado em cheio da mãe o dom da imaginação e já fazia o possível por tornar a sua vida interessante em todos os aspectos. Tinha, por exemplo, tido um Verão muito excitante fazendo negócios com Deus, do tipo "Se Tu fizeres isto eu faço aquilo".

Todas as crianças de Ingleside tinham sido ensinadas a rezar o velho clássico, "Agora que vou dormir"...depois forma promovidas ao "Pai-nosso"...e finalmente eram encorajadas a fazer as suas pequenas preces na linguagem que mais lhes agradasse. Isso deu a Nan a ideia que Deus podia ser induzido a conceder-lhe os desejos com promessas de bom comportamento ou por demonstrações de coragem. Talvez uma certa jovem e bonita professora da escola dominical tivesse contribuído para isso com as suas frequentes advertências que se não fossem muito boas meninas Deus não lhes faria isto ou aquilo. E era então fácil virar a ideia ao contrário e

chegar à conclusão que se fôssemos isto ou aquilo, fizéssemos isto ou aquilo, então tínhamos o direito de esperar que Deus fizesse o que queríamos. O primeiro negócio de Nan na primavera tinha tido tanto sucesso que ultrapassou alguns fracassos que teve durante o verão. Ninguém sabia deles, nem sequer a Di. Nan mantinha o seu segredo e rezava em alturas pouco normais e em vários sítios, em vez de apenas à noite. A Di não achava bem, e disse-lho.

"Não mistures Deus com tudo," dissera-lhe com severidade. "Torna-lo demasiado vulgar."

Anne ouvira isto e respondera, "Mas Deus está em tudo, querida. Ele é o Amigo que está sempre connosco para nos dar força e coragem. E a Nan faz muito bem em rezar-lhe onde quer que queira." Mas se Anne soubesse a toda verdade sobre a devoção da sua pequena filha teria ficado bastante horrorizada.

Certa noite de Maio Nan dissera o seguinte, "Se Tu me fizeres crescer os dentes antes da festa da Amy Taylor na semana que vem, querido Deus, eu vou tomar todas as colheres de óleo de fígado de bacalhau que a Susan me der sem refilar."

No dia seguinte o dente cuja ausência tinha provocado uma falha pouco atraente e prolongada na boca de Nan apareceu, e no dia da festa já estava bastante crescido. Que mais provas se podiam exigir? Nan manteve a parte dela do acordo e a Susan ficava agradavelmente surpreendida cada vez que lhe dava o óleo de fígado de bacalhau. Nan tomava-o sem protestar, apesar de por vezes desejar ter posto um limite de tempo...três meses seria razoável.

Deus nem sempre respondia. Mas quando ela lhe pediu que lhe mandasse um botão especial para o fio de botões dela...coleccionar botões era agora tão frequente entre as meninas do Glen como o sarampo...assegurando-lhe que se ele lho mandasse nunca mais ia refilar quando a Susan lhe pusesse o prato rachado no lugar dela...o botão apareceu logo no dia seguinte, quando Susan encontrou um vestido velho no sótão. Um lindo botão vermelho com pequenos diamantes, o algo que Nan acreditou serem diamantes. Ela fez a inveja de toda a gente por causa daquele botão e quando a Di recusou o prato por estar rachado a Nan disse virtuosamente, "Dê-mo cá, Susan. Eu vou aceitá-lo para sempre depois disto." Susan achou que ela tinha sido muito altruísta e disse-o. E a Nan sentiu-se e mostrou-se orgulhosa. Teve um belo dia para o piquenique da

escola dominical quando toda a gente dizia que ia chover por prometer que ia escovar os dentes todas as manhãs sem que a mandassem fazê-lo. O seu anel perdido foi-lhe devolvido pela promessa de manter as unhas impecavelmente limpas; e quando Walter lhe deu uma imagem de um anjo a voar que ela sempre tinha desejado ter ela comeu todas as gorduras da carne sem se queixar no jantar que se seguiu.

Mas quando ela pediu a Deus que fizesse com que o seu velho e usado Ursinho Teddy ficasse novo outra vez, prometendo em troca manter sempre a sua gaveta da cómoda arrumada, qualquer coisa correu mal. O Teddy não rejuvenesceu, apesar da Nan esperar ansiosamente o milagre todas as manhãs e desejasse que Deus se despachasse a fazê-lo. Finalmente resignou-se com a idade do Teddy. Afinal, ele era um urso querido mesmo sendo velho, e seria muito trabalhoso manter a gaveta da cómoda sempre arrumada. Quando o Pai lhe trouxe um novo urso Teddy ela não gostou assim lá muito dele e apesar de alguns pequenos problemas de consciência, decidiu que não se ia preocupar demais com a gaveta. A sua fé regressou quando, tendo pedido que o olho do seu gatode porcelana ficasse arranjado, o viu no seu lugar na manhã seguinte, apesar de um pouco torto, dando ao gato um ar estrábico. Susan tinha-o encontrado quando varria e colou-o com cola, mas Nan não soube disso e manteve a sua promessa de dar catorze voltas ao celeiro de gatas. O gosto que Deus ou qualquer outra pessoa teria ao vê-la dar catorze voltas ao celeiro de gatas foi coisa que Nan não parou para considerar. Mas ela detestou fazê-lo...os rapazes estavam sempre a querer que ela e a Di fingissem ser animais nas brincadeiras em Rainbow Valley...e talvez houvesse uma vaga ideia na sua mente em desenvolvimento que uma penitência pudesse ser agradável ao ser misterioso que concedia ou negava desejos. E de vez em quando inventava várias proezas estranhas nesse verão, fazendo Susan interrogar-se frequentemente porque é que certas coisas ocorriam às crianças.

"Porque é que acha, minha querida senhora, que a Nan teve que andar em volta da sala duas vezes sem tocar no chão?"

"Sem tocar no chão! Mas como é que ela conseguiu, Susan?"

"Saltando de uma peça de mobília para a outra, incluindo a grelha da lareira. Ela escorregou nele ontem e caiu de cabeça no cesto do carvão. Minha querida senhora, acha que ela precisa de tomar qualquer coisa?"

Esse Ano foi para sempre lembrado como o ano em que o Pai quase teve pneumonia e a Mãe a teve. Certa noite, Anne que já estava constipada,

foi com o Gilbert a uma festa em Charlottetown...usando um vestido novo que lhe ficava muito bem, e o colar de pérolas do Jem. Ela estava tão bonita que todos os pequenos vieram vê-la antes de sair, pensando que era maravilhoso ter uma mãe de quem se orgulhavam tanto.

"Que lindo saiote, tão volumoso," suspirou Nan. "Quando eu for grande também vou ter uns saiotes assim, não vou Mamã?"

"Eu duvido que as raparigas ainda usem saiotes nessa altura," disse o Pai. "Eu tenho que voltar atrás e admitir que esse vestido é deslumbrante, mesmo que não goste das lantejoulas. Então, então, não te ponhas com esse ar, rapariga. Eu já te fiz todos os elogios possíveis esta noite. Lembra-te do que nós lemos hoje no Jornal de Medicina...'a vida não é mais do que química orgânica muito bem equilibrada,' e deixa que te torne humilde e modesta. Lantejoulas, realmente! Saiotes de tafetá, ora vejam bem. Nós não somos mais do que uma 'mistura fortuita de átomos'. É o grande doutor Von Bemburg que o diz." "Não me cites esse horrível doutor Von Benburg. Ele deve ter um caso grave de indigestão crónica. Ele pode ser uma mistura de átomos, mas eu não sou."

Uns dias mais tarde Anne tornou-se uma 'mistura de átomos' muito doente, e o Gilbert uma muito ansiosa. Susan andava pela casa com um ar muito cansado e desgastado, a enfermeira ia e vinha com uma expressão ansiosa, e uma sombra inominável espalhou-se, instalou-se e escureceu em Ingleside. As crianças não sabiam da gravidade da doença da mãe e mesmo o Jem não se apercebia completamente. Mas todos sentiam o gelo e o medo e andavam quietos e infelizes. Nessa altura não se ouviram risos no bosque de aceres, nem houve jogos em Rainbow Valley. Mas o pior de tudo era não os deixarem ver a Mãe. Não havia Mãe a recebê-los com um sorriso quando chegavam a casa, nenhuma Mãe a ir beijá-los depois de estarem deitados, nenhuma Mãe para os consolar e compreender, nenhuma Mãe para contar as suas piadas...ninguém se ria como a Mãe. Era muito pior do quando ela não estava em casa, porque nessas alturas sabia-se que ela ia voltar...e agora...não se sabia nada. Ninguém dizia nada...só os empurravam.

Nan veio da escola muito pálida por causa de uma coisa que a Amy Taylor lhe tinha dito.

"Susan, a Mãe...a Mãe não vai...ela não vai morrer, pois não?"

"Claro que não," disse Susan, muito rispida e seca. As mãos tremiam-lhe enquanto servia o copo de leite a Nan. "Quem é que te disse isso?" "A

Amy. Ela disse...oh, Susan, ela disse que achava que a mãe ia fazer um cadáver muito bonito!"

"Não liguês ao que ela diz, meu amor. Os Taylor têm todos uma grandes linguas. A tua abençoada mãe está muito doente, mas ela vai melhorar, podes ter a certeza. Não sabes que o teu pai está ao leme?"

"Deus não ia deixar morrer a Mãe, pois não Susan?" perguntava um Walter de lábios brancos, olhando para ela com uma atenção grave que tornava muito difícil à Susan dizer-lhe mentiras reconfortantes. Ela tinha tanto medo que fossem mentiras. Susan era uma mulher muito assustada. A enfermeira abanara a cabeça nessa tarde. O doutor tinha-se recusado a ir ceiar lá abaixo.

"O Senhor deve saber o que faz," resmungava Susan enquanto lavava a loiça do jantar...e partiu três pratos...mas pela primeira vez na sua vida honesta e simples duvidou disso.

Nan andava tristemente pela casa. O Pai sentava-se à mesa da biblioteca com a cabeça entre as mãos. A enfermeira ia e vinha, e Nan ouviu-a dizer que a crise viria nessa noite.

"O que é uma crise?" perguntou à Di.

"Acho que é de onde vêm as borboletas," disse Di um pouco a medo. "Vamos perguntar ao Jem."

O Jem sabia e disse-lhes o que era antes de se ir fechar no quarto. Walter tinha desaparecido...estava deitado no chão debaixo da Dama Branca no Rainbow Valley...e a Susan tinha metido o Shirley e a Rilla na cama. Nan saiu sozinha e sentou-se nos degraus. Por detrás dela, a casa estava num sossego pouco habitual. Na sua frente, o Glen resplandecia à luz do pôr-do-sol, mas a longa estrada vermelha estava enevoada e a vegetação dos campos estavam queimadas e caídas. Não chovia há semanas e as flores murchavam no jardim...as flores de que a Mãe tanto gostava.

Nan estava absorvida em pensamentos. Se havia uma altura para fazer negócio com Deus, era agora. O que prometeria ela em troca dele curar a mãe? Tinha que ser qualquer coisa tremenda...qualquer coisa que valesse a pena. Nan lembrou-se que o Dick Drew tinha dito ao Stanley Reese certo dia na escola, "Desafio-te a atravessares o cemitério de noite." Nan tinha-se arrepiado na altura. Como é que alguém podia atravessar o cemitério de noite...como é que alguém podia sequer pensar nisso? Nan tinha um pavor do cemitério que ninguém em Ingleside suspeitava. A Amy Taylor tinha-lhe dito que estava cheio de mortos..."e eles nem sempre ficam mortos," tinha-

lhe Amy dito, soturna e misteriosa. Nan mal tinha coragem de lhe passar ao pé sozinha em plena luz do dia.

Lá ao longe umas árvores num monte dourado envolto em neblina tocavam o céu. Nan pensava muitas vezes que se ela conseguisse chegar àquele monte também conseguiria tocar no céu. Deus morava do outro lado...Talvez lá a ouvisse melhor. Mas ela não era capaz de chegar àquele monte...tinha que dar o seu melhor aqui mesmo em Ingleside. Apertou as suas mãozitas queimadas do sol e levantou o rosto molhado de lágrimas para o Céu.

"Querido Deus," murmurou, "se fizeres com que a Mãe fique melhor eu atravesso o cemitério de noite. Oh, Deus querido, por favor, por favor. E se fizeres isso eu nunca mais te incomodo por nada."



## Capítulo 26

**Foi a** vida e não a morte que veio nas horas sombrias da noite a Ingleside. As crianças, por fim adormecidas, devem ter sentido mesmo em sonhos que a Sombra se retirava tão rápida e silenciosamente como se tinha instalado. Porque quando acordaram, para um dia que dava as boas vindas à chuva, tinham a luz do sol brilhando nos olhos. Nem foi preciso ouvirem as boas notícias dadas por uma Susan dez anos mais nova de alívio. A crise tinha passado e a Mãe ia sobreviver.

Era Sábado, e não havia escola. Não podiam ir lá para for a...apesar de adorarem andar à chuva. Esta chuvada era demais para eles...e tinham que estar muito sossegados em casa. Mas nunca se tinham sentido mais felizes. O Pai, que quase há uma semana que não dormia, tinha-se atirado para cima da cama do quarto de hóspedes e descansava...não sem antes ter enviado um telegrama para uma certa casa de telhados verdes em Avonlea onde duas velhotas tremiam de cada vez que tocava o telefone.

Susan, cujo coração não tinha tido espaço para sobremesas, cozinhou um glorioso semifrio de laranja para o jantar, prometeu uma torta enrolada com doce para o jantar, e fez uma dupla fornada de bolachinhas de manteiga. O Cock Robin chilreava por todo o lado. As próprias cadeiras pareciam querer dançar. As flores no jardim levantaram novamente os rostos corajosos enquanto a terra seca dava as boas vindas à chuva. E a Nan, entre toda a sua felicidade, tentava enfrentar as consequências do seu negócio com Deus.

Ela não tinha intenção de não cumprir a promessa apesar de não para de adiar o cumprimento, na esperança de ganhar um pouco mais de coragem para isso. O seu sangue gelava, como dizia a Amy Taylor, só de imaginar que o tinha que fazer. A Susan apercebeu-se que se passava qualquer coisa com a criança, e administrava-lhe óleo de fígado de bacalhau sem nenhuma melhoria aparentes. A Nan tomava a sua dose com muita calma, apesar de achar que a Susan agora lhe dava óleo de fígado de bacalhau muitas mais vezes do que antes dela ter feito a promessa. Mas o que era isso, comparado com atravessar de noite o cemitério? A Nan simplesmente não via como é que alguma vez seria capaz de o fazer. Mas tinha que ser.

A Mãe ainda estava tão fraquinha que as crianças só a podiam ver por pequenos períodos de tempo. E ela parecia tão magra e pálida. Seria porque ela, Nan, não cumprira a sua promessa?

"Temos que dar tempo ao tempo," dizia Susan.

Mas como é que alguém podia "dar tempo ao tempo", perguntava-se Nan. Ela sabia porque é que a Mãe não estava a melhorar como devia. Nan cerrava os dentinhos e apertava as mãos. Amanhã era Sábado outra vez, e na noite de amanhã ela ia fazer o que prometera.

Choveu novamente toda a manhã e a Nan não pode evitar uma certa sensação de alívio. Se fosse uma noite de chuva ninguém, nem mesmo Deus, ia esperar que ela andasse a atravessar cemitérios. Mas por volta da uma a chuva parou e começou a levantar-se um nevoeiro vindo do porto e envolvendo o Glen, rodeando Ingleside com o seu feitiço difuso. Ainda assim, Nan tinha esperança. Se estivesse nevoeiro ela também não podia ir. Mas depois do jantar veio o vento e a paisagem tornada fabulosa pelo nevoeiro desapareceu.

"Hoje não vai haver luar," disse a Susan.

"Oh, Susan, mas não pode chamá-la?" exclamou Nan desesperada. Se ela ia atravessar o cemitério tinha que haver luar.

"Oh minha querida, ninguém pode chamar a lua," disse Susan. "Eu só queria dizer que hoje o céu vai estar enevoado e não se vai ver a Lua. E que diferença faz, haver Lua ou não haver?"

E era isso mesmo que Nan não podia explicar pelo que a Susan ficou ainda mais preocupada. Havia qualquer coisa que assustava a criança...ela tinha andado estranha toda a semana. Comia mal e amuava. Será que andava preocupada com a Mãe? Não era preciso...a senhora estava a recuperar tão bem.

Sim, a Nan sabia que a Mãe ia deixar de recuperar se ela não cumprisse o prometido. Ao pôr-do-sol as nuvens desapareceram e a Lua nasceu. Mas era uma Lua tão estranha...enorme, vermelha como sangue. A Nan nunca tinha visto uma assim. Aterrorizava-a. Quase preferia o escuro.

As gémeas foram para a cama às oito, e a Nan teve que esperar que a Di adormecesse. E ela levou o seu tempo. Sentia-se triste e desiludida demais para dormir logo. A sua amiga, Elsie Palmer, tinha vindo da escola com outra menina e a Di achava que a vida estava praticamente terminada para ela. Só por volta das nove é que a Nan achou seguro sair da cama e vestir-se com dedos de tal forma trémulos que custou a abotoar a roupa.

Então esgueirou-se e saiu pela porta do lado enquanto Susan fazia pão na cozinha e pensava confortavelmente que todos a seu cargo estavam a salvo na cama, excepto o pobre doutor, que tinha sido levado de urgência para uma casa do porto, onde um bebé tinha engolido um prego.

A Nan saiu e dirigiu-se para o Rainbow Valley. Ela tinha que ir por um atalho que o atravessava, e depois subir a encosta de pasto. Ela sabia que se alguém visse uma gémea de Ingleside andando pela estrada que atravessava a vila as pessoas iam ficar intrigadas e poderiam insistir em levá-la de volta para casa. E estava uma noite tão fria apesar de ser Setembro! Ela não tinha pensado nisso e esquecera-se do casaco. Rainbow Valley de noite não era o local amigável que era de dia. A Lua tinha encolhido um bom bocado e já não estava vermelha, mas ainda projectava umas sinistras sombras negras. Nan sempre tinha tido medo de sombras. Seriam pés que ela ouvia na escuridão dos fetos secos perto do riacho?

Nan levantou a cabeça e espetou o queixo. "Eu não tenho medo," disse alto e com valentia. "É só o meu estômago que não está bem. Eu estou a ser uma heroína."

A ideia agradável de ser uma heroína levou-a até meio do campo. Então uma grande sombra projectou-se no mundo...uma nuvem atravessava a lua...e a lua lembrou-se da ave. A Amy Taylor uma vez contara-lhe uma história aterrorizante sobre uma grande ave negra que apanhava as crianças de noite e as levava. Seria a sombra da ave que a tinha sobrevoado? Mas a Mãe tinha dito que não havia ave nenhuma. "Eu não acredito que a Mãe me mentisse...a Mãe não," disse Nan...e continuou o caminho até chegar à vedação. Para além dela havia a estrada...e do outro lado o cemitério. Nan parou um pouco para recuperar o fôlego.

Mais uma nuvem atravessava a Lua. Tudo à sua volta parecia uma terra estranha, difusa e desconhecida. "Oh, o mundo é tão grande!" tremia Nan, encolhendo-se contra a vedação. Se ela estivesse em Ingleside! Mas..."Deus está a vigiar-me," disse para si o fedelho de nove anos...e trepou a vedação.

Caiu para o outro lado, esfolando um joelho e rasgando o vestido. E quando se pôs de pé um pico aguçado furou-lhe o sapato e picou-lhe o pé. Mas ela coxeou pela estrada até chegar ao portão do cemitério.

O velho cemitério lá estava por entre a sombra dos pinheiros que ficavam no seu limite este. Num lado estava a igreja Metodista, do outro a casa paroquial presbiteriana, agora escura e silenciosa devido à ausência do

pastor. A Lua saiu subitamente detrás da nuvem e o cemitério ficou cheio de sombras...sombras que ondulavam e dançavam...sombras que nos apanhariam se pudessem. Um jornal que alguém deitara fora veio voando pela estrada como uma bruxa velha a dançar, e apesar de a Nan saber o que era tornou-se mais uma parcela da estranheza da noite. Vouuuu,vouuu, fazia o vento da noite nos pinheiros. Uma folha comprida de um salgueiro ao pé do portão bateu- lhe subitamente no rosto como uma mão élfica. Por um momento, o coração dela parou...ainda assim, levou a mão ao fecho do portão. Imagina que um braço se levantava de uma campa e te arrastava lá para baixo!

Nan virou-se. Ela via agora que com ou sem promessa, ela nunca seria capaz de atravessar aquele cemitério de noite. Subitamente, um gemido pareceu-lhe vir de muito perto. Era apenas a vaca da senhora Baker, que pastava perto da estrada e se levantava por detrás de uns abetos. Mas a Nan não esperou para ver o que era. Num espasmo de pânico incontrolável ela correu monte abaixo, atravessou a vila e subiu até Ingleside. Antes do portão escorregou numa poça de lama. Mas ali estava a sua casa, com luzes suaves e brilhantes por detrás das janelas e um momento depois entrou na cozinha de Susan, coberta de lama com os pés molhados e ensanguentados.

"Santo Deus!" disse Susan surpreendida.

"Eu não fui capaz de atravessar o cemitério Susan...não fui capaz!" exclamou Nan.

A Susan não fez mais perguntas de início. Pegou na pobre Nan, perturbada e gelada e descalçou-lhe os sapatos e as meias. Despiu-a, vestiu-lhe a camisa de dormir e levou-a para a cama. Então foi de novo lá a baixo buscar qualquer coisa para ela comer. Fosse o que fosse que a criança tivesse feito, ela não podia deixá-la ir para a cama de barriga vazia.

A Nan comeu os biscoitos e engoliu o copo de leite quente. Como era maravilhoso estar de volta ao seu quarto quente e iluminado, a salvo na sua cama fofinha! Mas ela não ia contar nada à Susan. "É um segredo entre mim e Deus, Susan." Susan foi para a cama jurando que seria uma mulher feliz quando a sua querida senhora estivesse de novo em forma. "Estão a ultrapassar as minha forças," suspirou impotente.

A Mãe agora com certeza que morria. Nan acordou com aquela terrível convicção na mente. Ela não tinha cumprido a promessa e não devia esperar que Deus o fizesse. A vida foi aterrorizante para a Nan naquela próxima semana. Não conseguia ter gosto por nada, nem por ver a Susan fiar no

sótão...uma coisa pela qual ela sempre tinha todo tanto interesse. Nunca mais seria capaz de rir novamente. Não interessava o que fizesse. Deu o seu cão de peluche, aquele a que o Ken Ford tinha arrancado as orelhas e do qual ela gostava ainda mais do que do velho Teddy...a Nan sempre preferiu as coisas velhas...ao Shirley porque o Shirley sempre o tinha querido, e deu a sua muito valiosa casa feita de conchas, que o Capitão Malachi tinha trazido das Índias Ocidentais à Rilla, na esperança que este sacrifício satisfizesse Deus: mas ainda assim, temia que não, e quando o seu gatinho novo, que Nan tinha dado à Amy Taylor porque a Amy o queria, voltou para casa e insistia em voltar, ela teve a certeza que Deus não estava nem ficaria satisfeito.

Nada o aplacaria, a não ser atravessar o cemitério; e a pobre e aterrorizada Nan sabia que nunca seria capaz de o fazer. Era uma cobarde e uma intrujona. Só os intrujões, dissera Jem certa vez, não fazem o que prometem.

Anne já se conseguia sentar na cama. Já estava quase bem depois de ter estado tão doente. Depressa seria capaz de tomar conta da sua casa...ler os seus livros...deitar-se a descansar nas suas almofadas...comer tudo o que quisesse...sentar-se em frente da lareira....olhar pelo seu jardim...ver os seus amigos...ouvir mexericos suculentos...dar as boas vindas aos dias como se fossem pedras preciosas no colar do ano...ser de novo uma parte do cortejo colorido da vida.

Ela tinha almoçado tão bem...a perna de carneiro recheada da Susan estava mesmo no ponto. Era maravilhoso sentir-se novamente com fome. Olhou em volta do quarto para todas as coisas de que gostava. Tinha que fazer umas cortinas novas...qualquer coisa que fosse entre o verde primaveril e o amarelo dourado; e com certeza que ia arranjar para a casa de banho um daqueles novos armários para as toalhas. Então olhou lá para fora pela janela. Havia alguma magia no ar. Ela conseguia vislumbrar o azul do porto por entre os aceres; a bétula chorosa do jardim era uma suave chuva de ouro. O vasto céu arqueava-se sobre uma terra opulenta que mantinha o Outono cativo...uma terra de cores incríveis, luz suave e sombras que se aprofundavam. O Cock Robin chilreava como louco no cimo de um pinheiro; as crianças riam-se no pomar enquanto colhiam maçãs. O riso tinha regressado a Ingleside. "A vida é algo mais do que 'química orgânica muito bem equilibrada'", pensou feliz.

Nan esgueirou-se para dentro do quarto, com os olhos e nariz vermelhos de tanto chorar.

"Mamã, tenho que lhe dizer...eu não aguento mais. Mamã, eu fiz batota com Deus."

Anne deliciou-se novamente com o toque suave de uma pequena mão que a agarrava...uma criança que procurava ajuda, e conforto no seu pequeno problema tão amargo. Ela ouviu enquanto Nan soluçava toda a história e conseguiu manter uma cara séria. Anne conseguia sempre manter uma cara séria quando era preciso, por muito que se risse com o Gilbert mais tarde. Ela sabia que a preocupação de Nan era real e terrível aos olhos dela; e também se apercebeu que a teologia da sua filha pequena precisava de alguma atenção.

"Minha querida, tu estás tão enganada sobre tudo. Deus não faz negócios. Ele dá simplesmente...dá sem pedir nada em troca a não ser amor. Quando tu nos pedes, ao teu Pai ou a mim, qualquer coisa que precisas, nós não te pedimos nada em troca...e Deus é muito mais generoso do que nós somos. E ele sabe muito melhor do que nós como é bom dar."

"E ele não vai...não a vai matar, Mamã, porque eu não cumpri a minha promessa?"

"Claro que não, querida."

"Mamã, mesmo que eu me tivesse enganado...eu não devia manter a minha promessa uma vez que a fiz? É que eu disse que fazia. O Pai diz que temos sempre que cumprir o que prometemos. Não vou ficar desmoralizada para sempre se não fizer?"

"Quando eu ficar melhor, querida, eu vou contigo uma noite destas...fico lá fora ao portão...e acho que tu não vais ter nem um bocadinho de medo de dar a volta ao cemitério. Isso vai aliviar-te a consciência...e já não vais fazer mais negócios estranhos com Deus, pois não?"

"Não," prometeu Nan, com alguma pena porque achava que estava a abrir mão de uma coisa que, com todos os inconvenientes, era ainda assim bastante excitante. Mas o brilho tinha-lhe regressado ao olhar, e também algum ânimo à voz.

"Eu vou lavar a cara e depois venho-lhe dar um beijo, Mamã. E vou-lhe apanhar um ramo de flores. Isto tem sido horrível sem si, Mamã." "Oh, Susan," disse Anne quando Susan lhe levou o jantar, "que mundo este! Que mundo tão maravilhoso, lindo e interessante! Não acha?"

"Eu posso admitir," adiantou Susan, lembrando-se da maravilhosa fila de tartes que tinha acabado de deixar na despensa, "que é muito suportável."

## Capítulo 27

**Outubro** foi um mês muito feliz em Ingleside nesse ano, cheio de dias em que simplesmente tínhamos que cantar, rir e assobiar. A Mãe andava a pé novamente, recusando-se a ser tratada como convalescente, fazendo planos para o jardim, rindo...Jem achava sempre que a Mãe tinha o riso mais bonito e alegre...respondendo a inúmeras perguntas. "Mamã, quantos quilômetros são daqui até ao pôr do sol?...Mamã, porque é que não conseguimos tocar na luz do luar?...Mamã, as almas das pessoas mortas voltam mesmo no dia das bruxas?...Mamã, o que é que causa a causa?...Mamã, não preferia ser morta por uma cascavel do que por um tigre, porque o tigre ia dar cabo de si para a comer?...Mãe, o que é um petiz?...Mamã, é verdade que uma viúva é uma mulher cujos sonhos se realizaram? O Wally Taylor diz que sim...Mamã, o que é que fazem as aves pequeninas quando chove mesmo muito?...Mamã, nós somos mesmo uma família muito romântica?"

A última pergunta era do Jem, que ouvira na escola que a senhora Alec Davies tinha dito que eram. O Jem não gostava nada da senhora Alec Davies, porque fosse quando fosse que ela se encontrasse com o pai ou com a Mãe, ela tinha sempre que lhe apontar um indicador muito comprido e perguntar, "O Jemmy é um bom menino, porta-se bem na escola?" Jemmy! Talvez fossem realmente um bocado românticos demais. A Susan certamente que pensou que sim, quando descobriu o chão do celeiro decorado com salpicos tinta encarnada. "Nós precisámos dela para a nossa batalha, Susan," explicou Jem. "A tinta representa os coágulos de sangue."

À noite podiam ver-se linhas de gansos bravos que voavam com uma lua vermelha por detrás e o Jem, quando os via, sentia-se misteriosamente desejoso de voar com eles também...para costas desconhecidas em busca de macacos...leopardos...papagaios...coisas assim...para explorar a costa espanhola da América do Sul.

Algumas frases, como a costa espanhola, sempre pareceram irresistivelmente aliciantes para Jem..."segredos do mar" era outra. Ser apanhado pelo abraço mortal de uma piton ou combater um rinoceronte ferido fazia parte de um dia normal de trabalho para Jem. E a palavra "dragão" dava-lhe só por si um arrepio tremendo. A sua imagem preferida, pregada na parede aos pés da cama, era de um cavaleiro de armadura num



lindo cavalo branco que estava de pé nas patas traseiras enquanto o seu cavaleiro atacava um dragão com uma linda cauda caracoleante que terminava num tridente. Uma dama num vestido cor-de-rosa ajoelhava-se muito composta por detrás com as mãos postas. Não havia dúvidas que a dama se parecia imenso com a Maybelle Reese, por quem já se cruzavam as lanças de muitos meninos de nove anos na escola do Glen. Até a Susan se apercebera da semelhança, e brincava por causa disso com o Jem, que corava furioso. Mas o dragão era um bocadinho decepcionante...parecia tão pequeno e insignificante ao pé do enorme cavalo branco. Não parecia ser muito difícil feri-lo com a lança. Os dragões que Jem combatia, quando salvava a Maybelle em sonhos muito secretos, eram muito mais imponentes. Ele tinha-a mesmo salvo, na segunda-feira passada, do ganso da velha Sarah Palmer. Porventura...ah, porventura soava tão bem!...teria ela notado o ar cavalheiresco com que ele apanhara a criatura sibilante pelo pescoço e a atirara para trás da vedação? Mas um ganso não era nem de perto tão romântico quanto um dragão.

Foi um Outubro repleto de ventos...ventos criança que ronronavam nos vales e ventos crescidos que fustigavam os topos dos aceres...ventos que uivavam enseada a fora mas que se encolhiam quando chegavam às rochas...encolhiam-se e espreguiçavam-se. As noites, com as suas Luas vermelhas e sonolentas, eram suficientemente frescas para tornar agradável a ideia de uma cama quentinha, os arbustos de arandos tornavam-se escarlates, os fetos secos ganhavam um tom castanho avermelhado profundo, o sumagre despontava como chamas por detrás do celeiro, pastagens verdes estendiam-se por aqui e por ali como remendos nos campos ceifados do Glen de cima, e haviam crisântemos dourados e vermelhos no canto do relvado ao pé dos abetos. Havia esquilos conversando alegremente por todo o lado e os grilos tocavam violino para bailes de elfos nos muitos montes em redor. Havia maçãs a apanhar, cenouras a desenterrar. Por vezes os rapazes iam pescar marisco com o Capitão Malachi quando as misteriosas marés o permitiam...marés que vinham acariciar a terra mas voltavam a deslizar para o seu grande mar profundo. Por todo o Glen cheirava a folhas queimadas, o celeiro estava cheio de abóboras amarelas, e a Susan fazia as primeiras tartes de arandos.

Ingleside ressoava com risos do nascer ao pôr-do-sol. Até quando as crianças mais velhas estavam na escola Shirley e Rilla eram suficientemente crescidos para manter a tradição de alegria em casa. Até

Gilbert ria mais que o costume nesse Outono. "Eu gosto de um pai que se ria," reflectia Jem. O Dr. Bronson de Mowbray Narrows nunca se ri. Dizia-se que ele tinha conquistado a clientela com o seu ar de seriedade e sabedoria; mas o pai ainda tinha mais doentes e as pessoas estavam já longe da salvação quando não se conseguiam rir das suas piadas.

Anne andava ocupada com o seu jardim nos dias mornos, bebendo a cor do Outono como vinho, onde a luz do pôr-do-sol caia sobre o carmim dos aceres, deliciando-se com a fugaz beleza da época. Certa tarde dourada e cinzenta ela e Jem plantaram todos os bolbos de tulipas, que seriam uma ressurreição escarlata, rosa e dourado em Junho. "Não é bom prepararmos para a Primavera quando sabemos que ainda temos o Inverno pela frente, Jem?" "E é tão bom tornarmos o nosso jardim mais bonito," disse o Jem. "A Susan diz que é Deus que torna as coisas bonitas, mas nós podemos ajudá-lo um bocadinho, não é Mãe?" "Sempre...sempre, Jem. Ele partilha esse privilégio connosco."

Ainda assim, nada é completamente perfeito. As pessoas de Ingleside andavam preocupadas com o Cock Robin. Tinham-lhes dito que quando os outros piscos se fossem embora ele partiria também."

"Mantenha-no fechado até os outros se terem ido embora e comece a nevar," aconselhara o Capitão Malachi. "Nessa altura ele já está esquecido e fica até à primavera."

Por isso Cock Robin foi feito prisioneiro. Ficou muito inquieto. Voava sem destino em volta da casa e sentava-se nos parapeitos a olhar tristemente para os seus companheiros preparando-se para seguir sabe-se lá que chamamento misterioso. Perdeu o apetite e nem as larvas nem as nozes mais apetitosas de Susan o tentavam. As crianças referiam-lhe todos os perigos que ele poderia encontrar...frio, fome, solidão, tempestades, gatos. Mas o Cock Robin tinha sentido ou ouvido o chamamento e todo o seu ser ansiava responder.

Susan foi a última a desistir. Andou muito triste durante vários dias. Mas finalmente cedeu: "Deixem-no ir," disse. "É contra a natureza prendê-lo aqui."

Libertaram-no no último dia de Outubro, depois de estar fechado há um mês. Todas as crianças lhe deram um beijo de despedida por entre lágrimas. Ele voou feliz, regressando na manhã seguinte ao parapeito de Susan para comer migalhas, e depois esticou as asas e partiu para o seu

longo voo. "Ele pode voltar na primavera, querida," Disse Anne à pequena Rilla. Mas Rilla não queria ser confortada.

"Mas icho é muito tempo," soluçou.

Anne sorriu e suspirou. As estações que pareciam tão longas para a bebé Rilla começavam a passar demasiado depressa para ela. Mais um Verão que terminava, apagando-se da vida por entre o dourado infinito das folhas de choupo. Em breve...breve demais...todas as crianças de Ingleside deixariam de ser crianças. Mas ainda eram suas...suas para dar as boas vindas quando regressavam da escola todos os dias...suas para encherem a vida com prazer e alegria...suas para amar e mimar, e castigar...de vez em quando. Porque ás vezes eram muito más, apesar de não merecerem que a senhora Alec Davies se lhes referisse como "aquele bando de demónios de Ingleside" quando tinha ouvido contar que o Bertie Shakespeare Drew se tinha chamuscado ao tomar parte numa brincadeira em que fazia o papel de índio queimado publicamente em Rainbow Vale. O Jem e o Walter tinham tido mais dificuldade em soltá-lo do que tinham previsto. Também se tinham queimado, mas deles ninguém teve pena.

Novembro foi um mês deprimente nesse ano...um mês de ventos de este e de nevoeiros. Certos dias não havia nada a não ser uma neblina fria passando por cima do mar cinzento para além da barra. Os álamos trémulos despiram-se das suas últimas folhas. Todo o jardim morreu e toda a sua cor e personalidade tinham desaparecido...excepto o canteiro dos espargos, que era ainda uma fascinante selva dourada. Walter teve que abandonar a sua plataforma de estudo no ácer do quintal e começou a estudar dentro de casa. Choveu...choveu...e tornou a chover. "Será que o mundo vai conseguir secar outra vez?" lamentava-se Di desesperada. Então veio uma semana repleta de sol de verão tardio, e nos fins de tarde já frios a mãe acendia a lareira e a Susan assava batatas para o jantar.

A grande lareira era o centro da casa nessas noites. Era o ponto alto do dia quando se reuniam à sua volta depois do jantar. Anne cosia e planeava os pequenos guarda roupas de Inverno..."a Nan tem que ter um vestido vermelho, tem falado tanto nisso"...e pensava muitas vezes na Hannah da Bíblia, tecendo um casaquinho para o pequeno Samuel todos os anos. As mães eram iguais através das eras...uma grande irmandade de amor e dedicação...tanto as famosas como as desconhecidas.

Susan ajudava as crianças a estudar e depois elas divertiam-se à sua vontade. Walter, vivendo no seu mundo de sonhos e imaginação, estava

absorvido com a escrita de inúmeras cartas do esquilo que vivia em Rainbow Vale para o esquilo que vivia em detrás do celeiro. Susan fingia menosprezá-las quando ele lhas lia, mas copiava-as em segredo e mandava-as a Rebecca Dew.

"Eu acho-as engraçadas, querida Miss Dew, apesar de as achar muito comuns para grandes análises. E por isso sei que vai perdoar esta sua velha amiga por a incomodar com elas. Ele é considerado muito esperto na escola, e pelo menos estas composições não são poesia. E também devia acrescentar que o pequeno Jem teve 99 por cento no exame de aritmética, e ninguém percebe onde lhe descontaram o que faltava. Talvez eu não o devesse dizer, querida Miss Dew, mas a minha convicção é que esta criança foi talhada para ser grande. Nós podemos não viver o suficiente para assistir, mas ele ainda pode vir a ser Primeiro- ministro do Canadá.

O Camarão deitava-se ao lume, e o gatinho de Nan, Pussywillow, que lembrava sempre uma dama delicada vestida de preto e prata, trepava imparcialmente para as pernas de toda a gente. "Dois gatos, e rastos de ratos por todo o lado na despensa!" era o parêntesis refilão de Susan. As crianças conversavam sobre as suas pequenas aventuras e o rumor do oceano distante atravessava o espaço nas noites frias de Outono.

Por vezes a Miss Cornélia aparecia para uma curta visita enquanto o marido trocava impressões na loja do Carter Flagg. Os pequenos afilavam sempre as orelhas nessa altura, porque a Miss Cornélia sabia sempre os últimos mexericos e eles ouviam sempre as histórias mais interessantes sobre as pessoas. Seria divertido, no próximo Domingo, sentar-se na igreja e olhar para as pessoas em causa, saboreando o que se sabia sobre elas, tão compenetradas e sérias que pareciam.

"Oh Anne queridinha, que bem que se está aqui. Está uma noite muito fria, não deve tardar muito neva. O doutor saiu?"

"Sim. Eu não gostei nada de o ver sair...mas telefonaram do Porto a dizer que a senhora Brooker Shaw insistia em ser consultada por ele," disse Anne, enquanto Susan se levantava apressadamente para apanhar de cima do tapete uma espinha que o Camarão tinha trazido, rezando para que a Miss Cornélia não tivesse reparado.

"Ela está tão doente como eu," disse Susan friamente. "Mas eu ouvi dizer que ela tinha uma camisa de dormir nova de renda e deve querer que o doutor a veja com ela. Camisas de dormir de renda, francamente!" "Foi a filha dela a Leona que lha trouxe de Bóston. Ela chegou na noite de sexta-

feira com quatro baús," disse a Miss Cornélia. "Eu lembro-me bem quando ela foi para os estados, há nove anos com uma mala de asa partida e com coisas a saírem para fora. Foi quando ela ficou em baixo por causa do Phil Turner a ter deixado. Ela tentou esconder, ma toda a gente sabia. Agora voltou para tomar conta da mãe, é o que diz. Ela vai tentar atirar-se ao doutor, tenho que a visar, Anne queridinha. Embora eu ache que não vai resultar, apesar dele ser homem. E você não é como a senhora Bronson de Mowbray Narrows. Ela é muito ciumenta em relação ás pacientesdo marido,pelo que tenho ouvido dizer."

"E em relação ás enfermeiras," acrescentou Susan.

"Sim, mas algumas enfermeiras são bonitas demais para o trabalho que têm," disse Miss Cornélia. "A Janie Arthur, por exemplo; enquanto descansa entre dois trabalhos passa o tempo a tentar que os dois namorados não saibam um do outro."

"Lá bonita é ela, já não é é assim tão nova," disse Susan decididamente, "e era bem melhor para ela escolher um dos dois e assentar. Como atia dela, a Eudora...ela dizia que não casava enquanto não se cansasse de namorar, e aí está o resultado. Ainda não se cansou de namorar todos os homens que vê, apesar de já ter quarenta e cinco anos. É o que acontece quando estas coisas se tornam um hábito. Já ouviu dizer, minha querida senhora, o que ela disse à prima dela, Fanny no dia em que ela se casou? 'Ficas comos meus restos', foi o que lhe disse. Parece que a outra até deitoufaíscas, e nunca mais se falaram."

"A vida e a morte são questão de palavras..." murmurou Anne em tom ausente.

"E é bem verdade, querida. Por falar nisso, eu gostava que o senhor Stanley fosse um pouco mais sensato nos sermões dele. Ofendeu o Wallace Young e ele vai deixar a igreja. Toda a gente diz que o sermão do Domingo passado foi dirigido a ele."

"Se um pastor faz um sermão que encaixe num paroquiano qualquer as pessoas acham sempre que foi dirigido àquela pessoa," disse Anne. "Um barrete pode servir a qualquer pessoa sem querer dizer que foi feito para ela."

"Também é verdade," aprovou Susan. "E eu não simpatizo com o Wallace Young. Ele deixou que uma firma pintasse anúncios nas vacas dele aqui há uns anos. Pareceu-me uma atitude muito gananciosa."

"O irmão dele, o David vai-se casar, finalmente," disse a Miss Cornélia. "Andou uma data de tempo a decidir o que é que saia mais barato, casar ou contratar uma mulher-a-dias. 'Nós conseguimos mater uma casa sem uma mulher, Cornélia, mas olha que é difícil,' disse-me uma vez depois da mãe dele ter morrido. Eu fiquei com a impressão que ele andava a apalpar terreno, mas não teve encorajamento nenhum pela minha parte. E pelo menos ele vai casar com a Jessie King."

"Com a Jessie King! Mas eu pensei que ele namorava com a Mary North." "Ele disse que não se casava com nenhuma mulher que comesse couves. Mas também já ouvi dizer que ele a pediu em casamento mas ela lhe disse que não. A Jessie King também parece que disse que teria preferido um homem mais bem parecido, mas que tinha que se conformar. Para algumas pessoas qualquer coisa serve."

"Eu não acredito, Miss Cornélia, que as pessoas aqui digam metade das coisas que lhes atribuem," respondeu Susan. "E parece-me que a Jessie King vai ser muito melhor para o David Young do que aquilo que ele merece...embora eu admita que o aspecto exterior não é um dos pontos fortes dele."

"Sabe que o Alden e a Stella tiveram uma menina?" perguntou Anne.

"Sim, parece que sim. Eu espero que a Stella seja um bocado mais sensata com a filha do que a Lisete foi com ela. Acredita, Anne, que a Lisete chegou a chorar porque a filha da prima dela começou a andar antes da Stella?"

"Nós mães somos uma raça palerma," sorriu Anne. "Eu lembro-me que fiquei capaz de matar alguém quando o pequeno Bob Taylor, que tinha a mesma idade do Jem, teve o terceiro dente quando o Jem ainda só tinha um."

"O Bob Taylor teve que ser operado às amígdalas," disse a Miss Cornélia.

"Porque é que nós nunca somos operados a nada, Mãe?" perguntaram Walter e Di ao mesmo tempo num tom magoado. Eles diziam muitas vezes a mesma coisa ao mesmo tempo. Depois enganchavam os dedos e pediam um desejo. "Nós sentimos e pensamos o mesmo em relação a tudo," foi a explicação sincera de Di.

"Será que alguma vez me vou conseguir esquecer do casamento da Elsie Taylor?" disse Miss Cornélia. "A Maisie Millison, a melhor amiga dela, era para ter tocado a marcha nupcial. Em vez disso tocou a marcha

fúnebre. Claro que ela disse sempre que se tinha enganado porque estava tão nervosa, mas as pessoas ficaram com dúvidas. Ela queria ter ficado com o Mac Moorside. Um rapaz todo bonito com uma lingua de prata...sempre a dizer ás mulheres aquilo que elas queriam ouvir. Fez a vida da Elsie num inferno. Pois bem, Anne queridinha, já há muito tempo que morreram os dois e há anos que a Masie casou com o Harley Russel, já toda a gente se esqueceu que ele a pediu em casamento pensando que ela lhe ia dizer que não, e ela disse-lhe que sim. Até o Harley se esqueceu...mesmo à homem. Ele acha que casou com a melhor mulher do mundo e todos os dias se gaba de ter sido tão esperto." "Porque é que ele a pediu em casamento se esperava que ela lhe dissesse que não? Parece-me uma coisa um bocado estranha," disse a Susan...acrescentando imediatamente com uma grande humildade,"Mas claro, eu não sou entendida no assunto."

"O pai dele mandou-o pedir-lhe. Ele não queria, mas achou que não havia grande perigo...Ora cá temos o doutor."

Quando Gilbert entrou, um pequeno remoinho de neve seguiu-o para dentro. Tirou o casaco e sentou-se satisfeito ao pé da lareira.

"Venho mais tarde do que estava à espera..."

"Sem dúvida a camisa de noite de rende devia ser muito atraente," disse a Anne, com um sorriso provocante para a Miss Cornélia.

"Do que é que estão a falar? Alguma piada feminina que ultrapassa a minha pobre compreensão masculina, com certeza. Eu fui ao Glen de cima ver o Walter Cooper."

disse Miss "Eu nem sei como é que esse homem ainda se aguenta,"  
Cornélia.

"Eu não tenho paciência para ele," riu-se Gilbert. "Já devia ter morrido há anos. Há um ano dei-lhe dois meses de vida e o homem continua vivo e a arruinar-me a reputação."

"Se conhecesse os Cooperstão bem como eu não se ia arriscar a fazer previsões. Não sabe que oavô dele voltou à vida depois de estar com o caixão na cova? O coveiro nem o queria voltar a puxar. Mas já ouvi dizer que o Walter Cooper se tem divertido muito a ensaiar o funeral dele...mesmo à homem. Bem, ai está o Marshall...e este frasco de conserva de peras é para si, Anne."

Foram todos levar a Miss Cornélia à porta. Os olhos escuros de Walter espreitaram a noite tempestuosa.

"Onde estará o Cock Robin esta noite? Será que tem saudades nossas?" disse tristemente. Talvez o Cock Robin tivesse ido para a terra misteriosa a que a Miss Cornélia se referia como a Terra das Sombras.

"O Cock Robin está numaterra cheia de sol, lá para o Sul,"disse Anne. "Ele vai voltar na primavera, tenho a certeza, e só faltamcinco meses. Meninos, vocês já deviam estar na cama há muito tempo."

"Susan," dizia Di na despensa, "não gostavas de ter um bebé? Eu sei onde podias arranjar um...novinho em folha."

"Ah sim, e onde?"

"Têm um novo na casa da Amy. A Amy diz que foram os anjos que o trouxeram e ela acha que eles deviam ter tido maisjuízo. Já tinham oito crianças antes dele ter vindo. Eu ouvia-a dizer ontem que a fazia sentir-se sozinha ver a Rilla tão crescida...agora não tem nenhum bebé. Eu tenho a certeza que a senhora Taylor lhe dava o dela."

"As coisas de que estas crianças se lembram! Os Taylors costumam ter famílias grandes. O pai do Andrew Taylor muitas vezes nem sabia bem quantos filhos tinha...tinha que pensar um bocado e contá-los. Masnão me parece que vá buscar um bebé de fora por agora."

"Susan, a Amy diz que tu és uma solteirona. É verdade, Susan?"

"Foi o que a Divina Providência reservou para mim," disse Susan imperturbável.

"E gosta de ser, Susan?"

"Não posso dizer que sim, minha querida. Mas," acrescentou Susan, lembrando-se de algumas mulheres casadas que conhecia, "já me apercebi que há algumas compensações. Agora leva a tarte de maçã ao teu pai que eu já lhe levo o chá. O pobre homem deve estar morto de fome."

"Mãe, nós temos a casa mais Linda do mundo, não temos?" disse o Walter enquanto subiam as escadas. "Só é pena...não acha que era melhor se tivéssemos uns fantasmas?"

"Fantasmas?2 "Sim. A casa do Jerry Palmer está cheia de fantasmas. Ele já viu um. uma senhora alta vestida de branco com uma mão de esqueleto. Eu contei à Susan e ela disse que ele estava a mentir-me ou então tinha comido qualquer coisa que lhe tinha feito mal."

"A Susan tinha razão. E quanto a Ingleside, aqui só viveram pessoas felizes...por isso não podemos ter fantasmas. Agora diz as tuas orações e dorme."



"Mãe, eu acho que fui mau na noite passada. Eu disse, 'O pão nosso de cada dia nos dai amanhã', em vez de hoje. Pareceu-me mais lógico. Acha que Deus se importou Mãe?"

## Capítulo 28

**O Cock** Robin regressou quando Ingleside e Rainbow Valley ardiam de novo nas chamas verdes e transparentes da Primavera, e trouxe uma noiva com ele. Os dois construíram um ninho na macieira do Walter, e o Cock Robin retomou todos os seus velhos hábitos, mas a noiva era mais tímida ou menos aventureira e não deixava que ninguém se aproximasse dela. A Susan achou que o regresso do pisco era um verdadeiro milagre e escreveu sobre isso a Rebecca Dew nessa mesma noite.

As luzes da ribalta dos pequenos dramas de Ingleside mudavam de tempos a tempos, incidindo agora sobre este, depois no outro. Tinham passado o Inverno sem que nada de especial acontecesse e no mês de Junho foi a vez de Di ter uma aventura.

Uma menina nova entrou para a escola...uma menina que quando a professora lhe perguntava o nome dizia "Eu sou a Jenny Penny," com o tom de quem dizia "Eu sou a Rainha Elizabeth," ou "Sou a Helena de Tróia." Sentia-se logo que não conhecer a Jenny Penny era sermos nós próprios pessoa de pouca importância, e não ser conhecido de Jenny Penny remetia-nos para a mais completa insignificância. Pelo menos, foi o que Diana Blythe sentiu, apesar de não ser capaz de o dizer por estas palavras.

A Jenny Penny tinha nove anos ao passo que Di tinha oito, mas começou por se dar com as meninas maiores, de dez e onze. Elas depressa viram que não conseguiam ignorá-la ou desprezá-la. Não era bonita, mas tinha um aspecto distinto...toda a gente olhava para ela segunda vez. Tinha um rosto redondo e leitoso com uma nuvem suave de cabelo negro em volta e enormes olhos azuis com pestanas longas e encurvadas. Quando levantava lentamente as pestanas e olhava para nós com ar de desprezo sentia-se que éramos meros vermes, agradecidos por não sermos pisados. Era melhor ser desprezado por ela do que elogiado por qualquer outra pessoa; e ser escolhida como sua confidente temporária era uma honra quase demasiada para se suportar. Porque as confidências de Jenny Penny eram excitantes. Era evidente que os Pennys não eram pessoas vulgares. Lina, a tia de Jenny, tinha um colar de ouro e rubis que lhe tinha sido dado por um tio que era milionário. Um dos primos dela tinha um anel de diamantes que tinha custado mil dólares e outro primo tinha ganho um concurso de declamação entre setecentos concorrentes. Ela tinha uma tia que era missionária e

trabalhava entre os leopardos na Índia. Para resumir, todas as meninas da escola do Glen, pelo menos durante uns tempos, aceitaram a Jenny Penny com uma admiração misturada com inveja, e falavam tanto dela à hora das refeições que os pais se aperceberam da criança.

"Quem é esta menina de quem a Di fala tanto, Susan?" perguntou Anne certa tarde, depois da Di ter estado a falar da mansão onde a Jenny vivia, com madeira trabalhada nos recortes do telhado, cinco janelas panorâmicas, um maravilhoso bosque de bétulas por trás e uma lareira de mármore vermelho na sala de estar. "Penny é um nome que nunca ouvi em Four Winds. Sabe alguma coisa sobre eles?"

"São uma família nova que se mudou para a antiga quinta dos Conway lá para baixo, minha querida senhora. O senhor Penny parece que é carpinteiro mas não se governava a carpintear...estava muito ocupado ao que parece a tentar provar que Deus não existe...e decidiu tentar a agricultura. Pelo que percebi são um bocado estranhos. Os mais novos fazem o que lhes apetece. Ele diz que quando era pequeno toda a gente mandava menos ele, e que com as crianças dele não vai ser assim. É por isso que a Jenny Penny vai à escola do Glen. Eles vivem mais perto de Mowbray Narrows e os irmãos é lá que vão, mas a Jenny decidiu que ia à escola do Glen. Metade da quinta está neste distrito e o Sr. Penny paga impostos para os dois lados, por isso pode mandar os filhos para a escola que quiser. Mas parece que a Jenny é sobrinha dele, não é filha. Morreram-lhe o pai e a mãe. Dizem que foi o George Andrew Penny que pôs as ovelhas na cave da igreja Baptista de Mowbray Narrows. Eu não digo que não sejam respeitáveis, mas são tão desmazelados, minha querida senhora...e a casa está uma confusão...e se me permite aconselhá-la minha querida senhora, eu não deixava a Diana misturar-se com uma tribo assim."

"Eu não posso impedi-la de se dar com a Jenny na escola, Susan. E também não ouvi dizer nada de mal da criança, apesar de me pareceu que ela inventa um bocadinho quando fala das aventuras e dos parentes. Mas acho que a Di depressa vai ultrapassar este deslumbre e nunca mais ouvimos falar da Jenny Penny."

Mas continuaram a ouvir. A Jenny disse à Di que era dela de quem ela mais gostava entre todas as meninas da escola e a Di, sentindo-se cumprimentada por uma rainha, respondeu-lhe com uma verdadeira adoração. Tornaram-se inseparáveis ao intervalo; escreviam notas uma para a outra nos fins-de-semana; davam e recebiam guloseimas; trocavam botões

e colaboravam nos bolos de lama; e finalmente Jenny um dia convidou a Di para ir a casa dela e passar lá a noite.

A mãe disse, "Não" muito decidida e a Di chorou copiosamente.

"Mas a mãe deixa-me dormir em casa da Persis Ford," soluçava.

"Isso é...diferente," disse Anne, um pouco atrapalhada. Ela não queria que a Di se achasse superior, mas tudo o que tinha ouvido dizer sobre as crianças dos Penny punha-os fora de questão como amigos das crianças de Ingleside, e andava um bocado preocupada com o fascínio que a Jenny evidentemente possuía aos olhos da Di.

"Eu não vejo diferença nenhuma," continuava Di. "A Jenny é tão educada como a Persis! Ela nunca come pastilhas elásticas. A Jenny tem uma tia que sabe todas as regras de etiqueta e aprendeu-as todas com ela. A Jenny diz que nós não sabemos o que é etiqueta. E ela tem aventuras tão excitantes!"

"Quem é que te disse?" perguntou Susan.

"Contou-me ela. Os pais dela não são ricos mas têm parentes muito ricos e respeitáveis. A Jenny tem um tio que é juiz e um primo da mãe dela é capitão do maior navio do mundo. Foi a Jenny que baptizou o navio quando foi lançado ao mar. Nós não temos nenhum tio juiz nem nenhuma tia missionária entre os leopardos."

"Leprosos, filha, não é leopardos."

"A Jenny disse leopardos. Ela deve saber, é a tia dela. E há tantas coisas na casa dela que eu quero ver...o quarto dela tem um papel de parede com papagaios...e a sala de visitas dela está cheia de mochos embalsamados...e têm um tapete com uma casa na entrada...e cortinas cheias de rosas...e uma casa de verdade para brincar...foi o tio dela que lha fez...e a Avó dela vive com eles, e é a pessoa mais velha do mundo. A Jenny diz que ela já era viva antes do Dilúvio. Eu posso nunca mais ter uma oportunidade de ver uma pessoa que viveu antes do dilúvio."

"A avó dela tem quase cem anos, já ouvi dizer," disse Susan, "mas se a tua Jenny te disse que ela era viva antes do Dilúvio estava a mentir. Sabe Deus o que podias apanhar se fosses a uma casa dessas."

"Eles já tiveram todas as doenças há muito tempo," protestou Di. "A Jenny diz que tiveram papeira sarampo, tosse convulsa e escarlatina todos no mesmo ano."

"Eu tinha receio de ter varicela se fosse a eles," resmungou Susan. "E falam de certas pessoas estarem enfeitiçadas!"

"A Jenny tem que tirar as amígdalas," soluçou Di. "Mas isso não é contagioso, pois não? A Jenny teve uma prima que morreu quando tirou as amígdalas...sangrou até à morte sem ter chegado a recuperar a consciência. Por isso até pode ser que a Jenny também morra, se for de família. Ela é tão sensível...desmaiou três vezes na semana passada. Mas ela está preparada. E é em parte por isso que ela gostava que eu fosse passar lá a noite com ela...para eu ter o que recordar depois dela partir. Por favor, Mãe. Eu passo sem o chapéu novo com fitas que me prometeu se me deixar ir."

Mas a mãe estava inamovível e Di refugiou-se numa almofada ensopada em lágrimas. A Nan também não tinha pena dela...não achava graça nenhuma à Jenny Penny.

como "Eu não sei o que se passa com aquela criança," disse Anne preocupada. "Ela nunca se portou desta maneira. Parece que está enfeitiçada, você diz."

"A senhora fez muito bem em não a ter deixado ir a uma casa tão abaixo da dela, minha querida senhora."

"Oh, Susan, eu não quero que ela sinta que alguém está 'abaixo' dela. Mas temos que ter limites para certas coisas. Não é por causa da Jenny...eu acho que ela é inofensiva apesar da tendência que tem para mentir...é que tenho ouvido coisas tão horríveis sobre os rapazes. O professor de Mowbray Narrows está pelos cabelos com eles."

"Eles tiranizam-te dessa maneira?" perguntou Jenny secamente quando a Di lhe disse que não podia ir. "Eu não ia deixar que ninguém mandasse em mim dessa maneira. Eu sou muito independente. Tantas vezes que venho dormir para a rua só porque me apetece. Tu nunca pensaste em fazer tal coisa, não?"

Di olhou tristemente para esta menina misteriosa que "dormia na rua porque lhe apetecia". Que maravilhoso!

"Não ficas zangada por eu não ir, Jenny? Sabes que eu queria tanto ir!"

"Claro que não fico zangada contigo. Algumas raparigas não iam aceitar, claro, mas eu acho que não há nada que tu possas fazer. É pena, iam-nos divertir. Tinha planado ir pescar ao luar para o nosso ribeiro. Fazemos isso muitas vezes, sabes. Já apanhei trutas deste tamanho. E temos unsleitõezinhos tão queridos e uma ninhadade cachorrinhos. Bem, assim vou convidar a Sadie Taylor. Os pais dela dão-lhe mais liberdade."

"Os meus pais são muito bons para mim," protestou lealmente Di. "E o meu pai é o melhor médico da Ilha do Príncipe Eduardo. Toda a gente diz

isso."

"A gabares-te dos teus pais quando sabes que eu já não os tenho," disse Jenny desdenhosa. "Pois o meu pai tem asas e uma auréola dourada. Mas eu não ando por ai de nariz levantado por causa disso, ou ando? Então Di, eu não quero brigar contigo, mas não gosto nada de ouvir as pessoas gabarem-se dos pais delas. Não é etiqueta. E eu decidi que ia ser uma senhora. Quando essa tua Persis Ford vier passar o Verão a Four Winds eu não me vou dar com ela. A minha tia Lina disse que a Mãe dela era esquisita. Casou-se com um homem morto e ele voltou à vida."

"Oh, mas não foi nada disso, Jenny. Eu sei...a mãe contou-me...a tia Leslie..."

"Eu não quero saber. Seja o que for, não é assunto para se falar, Di. Tocou à entrada."

"Vais mesmo convidar a Sadie?" soluçou Di, com os olhos muito abertos com o desgosto.

"Bem, não para já. Vou esperar para ver. Talvez te dê outra oportunidade. Mas se ta der é a última."

Dias mais tarde a Jenny Penny veio falar com a Di ao intervalo.

"Eu ouvi o Jem dizer que o teu pai e a tua mãe iam sair e não voltavam senão amanhã à noite."

"Sim, eles vão a Avonlea ver a tia Marilla."

"Então é a tua oportunidade."

"A minha oportunidade?"

"De vires passar a noite à minha casa."

"Oh, Jenny...mas eu não posso."

"Claro que podes. Não sejas parva. Eles nunca vão saber." "Mas a Susan não vai deixar..."

"Tu não lhe pedes. Vens para casa comigo depois da escola. A Nan diz- lhe onde foste para ela não ficar preocupada. Ela não vai dizer aos teus pais, vai ficar com medo que a culpem a ela."

Di ficou numa agonia de indecisão. Sabia perfeitamente que não devia ir com a Jenny mas a tentação era irresistível. Jenny atirou com toda a força dos seus olhos extraordinários para cima de Di.

"Esta é a tua última oportunidade," disse dramaticamente. "Eu não me posso dar com alguém que se acha boa demais para me visitar. Se não vieres comigo nunca mais sou tua amiga."

E isso decidiu o assunto. Di, ainda sob o fascínio de Jenny Penny, não conseguia encarar um adeus final. Nan voltou a casa sozinha nesse dia, e disse a Susan que a Di tinha ido dormir a casa de Jenny Penny.

Se a Susan estivesse bem de saúde tinha ido ela mesma a casa dos Pennys buscar a Di. Mas ela tinha torcido um tornozelo nessa manhã e apesar de conseguir tratar das refeições e das crianças sabia que não seria capaz de andar uma milha até a quinta. Os Pennys não tinham telefone e o Jem e o Walter recusaram-se terminantemente a ir. Tinham sido convidados para um churrasco na praia e ninguém ia comer a Di na casa dos Penny. Susan teve que se resignar ao inevitável.

Di e Jenny atravessaram os campos a caminho de casa, o que tornou a caminhada mais curta. Di, apesar da sua consciência pesada, estava feliz. Atravessaram tantos lugares bonitos...pequenas baías de fetos, assombradas pelos elfos, dentro de outras baías de bosques verde- profundo, um declive ventoso onde haviam botões de ouro até aos joelhos, uma alameda que se estendia por debaixo de duas linhas de aceres, um riacho de margens cheias de flores de todas as cores do arco-iris, uma pastagem cheia de morangos. Di, que começava a acordar para a beleza do mundo, quase que desejava eu Jenny não falasse tanto. Na escola não se importava, mas aqui não estava tão interessada em ouvir sobre a vez em que Jenny se envenenara...por acidente, claro... quando tomou o remédio errado. Jenny pintou muito bem as suas agonias quase finais, mas foi mais imprecisa quando explicou porque é que não morrera afinal. Tinha perdido a consciência, mas o médico tinha conseguido trazê-la de volta à vida.

"Mas nunca mais fui a mesma. Di Blythe, para o que é que estás a olhar? Não parece que me tenhas ouvido!"

"Oh, sim, ouvi," disse Di um pouco culpada. "Eu acho que tu tens uma vida maravilhosa, Jenny. Mas olha só para esta vista."

"A vista? O que é uma vista?"

"Oh, é...é...qualquer coisa que tu vês. Esse..." acenou com a mão ao panorama de prados e bosques e montes salpicados de nuvens à sua frente, com o azul safira do mar espreitando por entre as colinas.

Jenny respingou.

"São só umas árvores velhas e vacas. Já as vi centenas de vezes. Tu às vezes é mesmo estranha, Di Blythe. Eu não te quero magoar, mas às vezes acho que não és muito normal. De verdade. Mas tu não deves conseguir

evitar. Dizem que a tua mãe também anda sempre com esses disparates. Olha, ali é a nossa casa."

Di olhou para a Casa dos Penny e viveu o primeiro choque da desilusão. Seria isto a mansão de que falava a Jenny? Era com certeza grande, e tinha cinco janelas panorâmicas; mas estava a precisar de uma pintura e a maior parte dos rendilhados de madeira em volta do telhado estavam partidos. A varanda estava meio tombada e a janela em forma de leque por cima da porta de entrada devia ter sido linda, mas estava partida. As persianas estavam tortas e muitos vidros partidos tinham sido substituídos por papéis castanhos; o lindo bosque de bétulas por detrás da casa tinha apenas umas velhas árvores estreitas. Os celeiros estavam perto da ruína e o quintal estava cheio de máquinas ferrugentas, com o jardim transformado numa selva de ervas daninhas. Di nunca tinha visto um sítio assim em toda a vida e pela primeira vez perguntou-se se as histórias da Jenny seriam todas verdadeiras. Será que uma pessoa podia ter escapado tantas vezes da morte, quando tinha apenas nove anos?

Lá dentro não era muito melhor. A sala de estar para onde Jenny a levou cheirava a mofo e estava cheia de pó. O tecto estava desbotado e cheio de rachas. A famosa lareira de mármore era só pintada...até a Di via isso...e estava debruada com um horrível lenço japonês, seguro por uma fila de chávenas. As cortinas de renda estavam cheias de buracos e um pouco acastanhadas. Os estores eram de papel azul, muito rasgado e esfolado, com um cesto cheio de rosas escarrapachado no meio. Quanto ao facto da sala estar cheia de mochos embalsamados, havia um móvel envidraçado a um canto que continha três aves descompostas, uma das quais já sem olhos. Para a Di, acostumada à beleza e dignidade de Ingleside, a sala parecia um pesadelo. O mais estranho era que Jenny parecia inconsciente das discrepâncias entre as descrições dela e a realidade. Di perguntava-se se tinha sonhado que a Jenny lhe tinha dito isto e aquilo.

Lá fora não era tão mau. A pequena casa de brincar que o senhor Penny lhe tinha construído no canto dos abetos parecia uma casa verdadeira em miniatura. Era um sítio muito interessante e os porquinhos novos eram muito amorosos. Quanto à ninhada de cachorrinhos rafeiros eram tão fofinhos e amorosos como se pertencessem à raça mais refinada. Havia um especialmente adorável, com grandes orelhas castanhas e uma mancha branca na testa, uma pequenina língua cor-de-rosa e patinhas brancas. A Di



ficou muito desiludida quando soube que estavam todos prometidos a alguém.

"Mas eu não sei se te podia dar um, mesmo que não estivessem." Disse a Jenny. "O tio é muito esquisito com os cães. Nós ouvimos dizer que vocês em Ingleside não conseguiam ter nenhum cão que lá ficasse. Devem ter qualquer coisa de estranho. O tio diz que os cães sabem coisas que as pessoas não sabem."

"Eu tenho a certeza que não podem saber nada de mal sobre nós!" exclamou Di.

"Bem, eu espero que não. O teu pai é mau para a tua mãe?"

"Não, claro que não é!"

"Pois, eu já ouvi dizer que ele lhe batia...batia-lhe até ela gritar. Mas claro que não acreditei. Não é horrível como algumas pessoas mentem? De qualquer maneira, Di, eu gosto de ti e vou-te defender sempre."

A Di achou que tinha que se sentir agradecida por isso, mas ficou com algumas dúvidas. Estava a começar a sentir-se deslocada, e muito do charme que Jenny tinha tido até ali aos seus olhos começava a desaparecer lentamente. Já não se sentiu arrepiada quando Jenny lhe contou que quase se afogara no lago. Nem sequer acreditou...a Jenny imaginava aquelas coisas. E provavelmente o tio milionário e o anel de diamantes de mil dólares e a missionária entre os leopardos também tinham sido imaginados. Di sentiu-se subitamente vazia.

Mas ainda havia a avó. Com certeza que a avó era real. Quando Jenny e Di regressaram a casa a tia Lina, uma senhora gordinha e corada com um vestido de algodão não muito limpo disse-lhes que a avó queria ver a visita.

"A avó está de cama," explicou Jenny. "Nós levamos sempre as visitas para a verem. Ela fica zangada se não o fizermos."

"Não te esqueças de lhe perguntar se está melhor das costas," avisou a tia Lina. "Ela não gosta que as pessoas se esqueçam das costas dela."

"E do tio John," disse Jenny. "Não te esqueças de lhe perguntar como está o tio John."

"Quem é o tio John?" perguntou Di.

"Um filho dela que morreu há cinquenta anos," explicou a tia Lina. "Ele esteve doente anos antes de morrer, e a avó acostumou-se a que lhe perguntassem como é que ele estava. Ela tem saudades dele."

À porta do quarto da avó a Di parou subitamente. De repente, teve um medo terrível desta senhora tão velha.

"O que é que se passa?" perguntou Jenny. "Ninguém te vai morder!"

"Ela é...de verdade que ela já era viva antes do Dilúvio, Jenny?"

"Claro que não! Quem é que te disse isso? Ela faz cem anos, se viver até ao próximo aniversário. Vá entra!"

Di entrou rapidamente. Num quarto pequeno muito atravancado a avó estava deitada numa cama enorme. O rosto dela, incrivelmente enrugado e encolhido, parecia o de um velho macaco. Olhou Di com uns olhos encovados orlados a vermelho e disse:

"Não fiques a olhar. Quem és tu?"

"Esta é a Diana Blythe, avó," disse a Jenny...uma Jenny um pouco submissa.

"Humpf! Um nome todo bonito! Dizem-me que tens uma irmã muito vaidosa."

"A Nan não é vaidosa," respondeu Di, com um surto de coragem. Teria a Jenny andado a dizer mal de Nan?

"És um bocadinho atrevida, não és? Eu não fui educada a responder aos mais velhos. Ela é vaidosa. Qualquer pessoa que anda de nariz levantado como a minha Jenny me conta que ela anda é vaidosa. Não me contraries!"

A avó pareceu tão zangada que a Di perguntou-lhe logo como estavam as costas dela.

"Quem disse que eu tinha um problema nas costas? Que presumida! Ninguém tem nada a ver com as minhas costas. Anda cá...perto da cama!"

Di aproximou-se, desejando estar a milhas dali. O que iria esta mulher horrível fazer-lhe a seguir?

A avó levantou-se inclinando-se para a beira da cama e agarrou o cabelo de Di com uma mão tipo garra.

"Cor de cenoura mas grosso. Tens um vestido bonito. Vira-te e mostra-me o teu saiote."

branco família "O teu Di obedeceu, secretamente agradecida por ter o seu saiote debruado a renda que a Susan lhe tinha feito. Mas que raio de casa era aquela em que nos obrigavam a mostrar o saiote?

"Eu avalio sempre uma rapariga pelo saiote," disse a avó. passa. Agora os teus calções. {4}."

Di não se atreveu a recusar. Levantou o saiote.

não me "Humpf! Também têm rendas! Isso já é extravagante. E tu perguntaste pelo John!"

"E como é que ele está?" balbuciou Di.

"Como é que ele está, diz ela, feita atrevida. Até podia estar morto, pelo que tu sabes. Diz-me cá isto. É verdade que a tua mãe tem um dedal de ouro...um dedal de ouro verdadeiro?"

"Sim. O pai deu-lho de prenda de anos."

"Bom, eu nunca teria acreditado. A Jenny disse-me mas eu não acredito numa palavra do que me diz a Jenny. Um dedal de ouro! Nunca tinha ouvido tal coisa. Bem, vai-te embora jantar. Comer é uma coisa que nunca passa de moda. Jenny, puxa as cuecas para cima. Está-te a aparecer uma pernapor baixo do vestido. Pelo menos mostra alguma decência."

"As minhas...os meus calções não estão a aparecer!" disse Jenny indignada.

"Cuecas para os Pennys e calções para os Blythe. Essa é a distinção entre vocês e vai ser assim para sempre. E não me contraries!"

Toda a família Penny estava reunida em volta da mesa para jantar na grande cozinha. Di nuncaos tinha visto a não ser a tia Lina, mas assim que olhou em volta percebeu porque é que a mãe e a Susan não queriam que ela lá fosse. A toalha de mesa estava rasgada e cheia de nódoas antigas de molho. Os pratos eram um sortido indescritível.

Quanto aos Pennys...Di nunca antes se sentara com tal companhia e só desejava estar de novo a salvo em Ingleside. Mas agora tinha que continuar o que começara.

O tio Bem, como lhe chamava a Jenny, sentava-se ao topo da mesa; tinha uma barba ruiva flamejante e a cabeça careca com alguns cabelos cinzentos. O seu irmão solteiro, Parker, bacento e de barba por fazer, tinha-se instalado num canto conveniente para cuspir para a caixa da lenha, o que fazia a intervalos regulares. Os rapazes, Curt de doze anos e George Andrew de treze, tinham olhos azuis-claros, uma expressão de desafio permanente e algumas zonas de pele à mostra por entre os rasgões das camisas. Curt tinha a mão, que cortara numa garrafa partida, atada com um trapo manchado de sangue. Annabel Penny, de onze anos, e Gert Penny, de dez, eram duas meninas muito bonitas de olhos castanhos e redondos. "Tuppy" de dois anos, tinha uns lindos caracóis e umas faces rosadas, e o bebé, que estava no colo da tia Lina, com uns olhos pretos muito vivos teria sido adorável se ao menos estivesse limpo.

"Curt, não limpaste as unhas sabendo que tínhamos visitas?" perguntou Jenny. "Annabel, não fales de boca cheia. Eu sou a única pessoa que sabe

ensinar boas maneiras a esta gente," disse para Di.

"Cala-te," disse o tio Bem com uma voz muito grossa.

"Eu não me vou calar...não me pode mandar calar!" gritou Jenny.

"Não sejas atrevida com o teu tio," disse a Tia Lina placidamente.

"Então, meninas, portem-se bem. Curt, passa as batatas à Miss Blythe."

"Oh, oh, miss Blythe," resmungou Curt.

Mas Diana tinha tido pelo menos uma sensação agradável. Pela primeira vez na vida tinha sido tratada por Miss Blythe.

Estranhamente, a comida era boa e abundante. Di, que tinha fome, teria apreciado a refeição...apesar de detestar ter que beber por um copo rachado...se conseguisse ter a certeza de que estava limpo...e se as pessoas não brigassem tanto. As discussões surgiam a cada instante...entre o George Andrew e o Curt...entre o Curt e a Annabel...entre Gert e Jen...até entre o tio Ben e a Tia Lina. Tiveram uma briga terrível e acusaram-se de uma série de coisas. A tia Lina referiu ao tio Bem a quantidade de homens respeitáveis com que poderia ter casado, e ele respondeu-lhe que só desejava que ela o tivesse feito.

"Que horror, aindabem que os meus pais não discutem assim!2 pensou Di. "Oh, se eu mevejo em casa outra vez...Não chuches no polegar, Tupi."

Ela disse-o sem ter tempo de pensar. Tinha tido tanta dificuldade em fazer com que a Rilla deixasse esse hábito.

Nesse instante Curt ficou vermelho de raiva.

"Deixa-o em paz!"gritou. "Ela pode chuchar no dedo as vezes que quiser! Ninguém manda em nós como mandam em vocês lá em Ingleside. Quem é que vocês pensam que são?"

"Curt, Curt! A Miss Blythe vai achar que vocês não têm maneiras nenhuma," disse a Tia Lina, ainda calma e sorridente enquanto punha duas colheres de açúcar no chá do tio Ben. "Não lhe liguês querida. Come outra fatia de tarte."

Di não queria outra fatia de tarte. Ela só queria voltar para casa...e não via como seria possível.

"Bem," resmungou o tio Bem, enquanto sorvia ruidosamente as últimas gotas de chá," acabou-se. Levantamo-nos de manhã...trabalhamos todo o dia...comemos três refeições e vamos para a cama. Que vida esta!"

"O Pai gosta tanto desta piada," sorriu a Tia Lina.

"Falando de piadas...eu vi o pastor metodista na loja do Flagg hoje. Ele tentou contradizer-me quando lhe disse que Deus não existia. 'Você fala nos

Domingos', disse-lhe eu. 'Hoje falo eu. Prove-me que Deus existe,' disse-lhe. 'É você que está a falar,' disse ele. E riram-se todos que nem uns palermas. Achou-se muito esperto."

Deus não existe! O mundo parecia desmoronar-se ante os olhos de Di. Apetecia-lhe chorar.

## Capítulo 29

**Depois** do jantar piorou. Antes ela e a Jenny pelo menos tinham estado sozinhas. Agora era uma multidão. O George Andrew agarrou-a e enfiou-a dentro de uma poça de lama antes que ela tivesse tempo de fugir. Di nunca tinha sido tratada desta maneira. O Jem e o Walter arrelhiavam-na, tal como o Ken Ford, mas ela nunca conhecera rapazes como aqueles. Curt ofereceu-lhe um bocado de pastilha elástica da boca dele, e ficou ofendido quando ela o recusou.

"Eu ponho-te um rato vivo na boca!" gritou-lhe. "Parvinha! Vaidosa! Tens um irmão mariquinhas!"

"O Walter não é mariquinhas!" disse Di. Ela estava aterrorizada, mas não ia permitir que chamassem nomes ao Walter.

"Ele escreve poesia. Sabes o que é que eu fazia se tivesse um irmão que escrevesse poesia? Afogava-o...como se faz aos gatinhos."

"Falando de gatinhos, há uns poucos de gatos selvagens no celeiro," disse a Jen. "Vamos lá apanhá-los."

A Di nunca na vida iria apanhar gatinhos com aqueles rapazes e disse-o.

"Nós temos muitos gatinhos lá em casa. Temos onze." Disse muito orgulhosa.

"Eu não acredito!" gritou Jen. "Não tens nada! Ninguém tem onze gatinhos. Não se pode ter tantos."

"Uma gata teve cinco e a outra teve seis. E eu não vou ao celeiro seja como for. Eu cai da plataforma do celeiro da Amy Taylor no Inverno passado. Se não tivesse caído em cima do feno tinha morrido."

"Ah, sim? E eu ia a cair da plataforma do nosso se o Curt não me tivesse agarrado," disse Jenny amuada. Ninguém tinha o direito de cair dos celeiros a não ser ela. A Di Blythe a pensar que tinha aventuras! Impertinente!"

"Devias ter dito 'ia caindo'," disse Di; e daí para a frente acabou-se tudo entre ela e a Jenny Penny.

Mas a noite tinha que se passar de qualquer forma. Só foram para a cama tarde porque os Penny não tinham o hábito de se deitar cedo. O grande quarto par onde a Jenny a levou às dez e meia tinha duas camas. A Annabel e a Gertie estavam a preparar-se para se deitarem na delas. Di

olhou para a outra. As almofadas pareciam carunchosas. A colcha precisava muito de ser lavada. O famoso papel de parede aos papagaios tinha uma racha por onde escorria a água e os papagaios não pareciam muito satisfeitos. Na cómoda ao pé da cama estava um jarro de esmalte e uma bacia de lata cheia de água suja. Ela nunca poderia lavar ali a cara. Bem, tinha que se deitar sem lavar a cara. Pelo menos a camisa de noite que a tia Lina lhe deixara estava limpa.

Quando Di se levantou depois de ter dito as orações Jenny riu-se.

"Ah, és tão antiquada. Parecias tão engraçada a dizer as tuas orações. Não sabia que ainda havia quem dissesse orações. Não servem para nada. Para que é que as dizes?"

"Tenho que salvar a minha alma," disse a Di, citando Susan.

"Eu cá não tenho alma," gozou Jenny.

"talvez não, mas eu tenho," disse Di, levantando-se.

Jenny olhou para ela. Mas o feitiço dos olhos dela tinha-se quebrado.

Di nunca mais sucumbiria à sua magia.

"Tu não és a rapariga que eu julguei que fosses Diana Blythe," disse Jenny tristemente, como se tivesse sido muito enganada.

Antes que Di pudesse responder o George Andrew e o Curt entraram no quarto. O George Andrew usava uma máscara...uma coisa horrível com um nariz enorme. Di gritou.

"Para de gritar como um porco!" ordenou George Andrew. "Tens que nos dar um beijo de boas noites."

"Se não deres trancamos-te no armário...e está cheio de ratos." Disse o Curt.

O George Andrew avançou para Di, que gritou e fugiu à frente dele. A máscara paralisou-a de medo. Ela sabia muito bem que era só o George Andrew por detrás dela e não tinha medo dele, mas ela achava que ia morrer se aquela máscara se aproximasse dela...ela sabia que morria. Quando parecia que o horrível nariz lhe ia tocar no rosto ela tropeçou num banco e caiu para trás batendo com a cabeça numa esquina da cama de Annabel. Por uns momentos ficou deitada com os olhos fechados, confusa.

"Ela morreu...morreu!" gritou Curt, começando a chorar.

"OH, a sova que tu vais levar se a mataste, George Andrew!" disse Annabel.

"Talvez ela esteja só a fingir," disse o Curt. "Põe-lhe uma minhoca em cima. Tenho aqui umas dentro desta lata. Se estiver a fingir descobrimos."

Di ouviu-os mas estava assustada demais para abrir os olhos. (Talvez se fossem embora e a deixassem em paz se achassem que estava morta. Mas se lhe pusessem a minhoca em cima...) "Pica-a com um alfinete. Se ela sangrar é porque não está morta." Disse o Curt.

(Ela suportava melhor o alfinete do que a minhoca.) "Ela não morreu...não pode estar morta," murmurou Jenny. "Vocês assustaram-na até ela desmaiar. Mas quando ela acordar vai-se fartas de gritar e o tio Ben vai nos dar uma sova a todos. Oh, que arrependida que estou de a ter convidado, a palerma!"

"Achas que a conseguíamos levar para casa antes dela acordar?" Sugeriu George Andrew.

(Oh, se fizessem isso!) "Não conseguíamos...é muito longe," disse Jenny.

"É só um quarto de milha a 'corta-mato' Cada um pega num braço ou numa perna...tu e o Curt, eu e a Annabel."

Ninguém a não ser os Pennys teria sido capaz de pensar em tal coisa, quanto mais levá-la a cabo. Mas eles estavam habituados a fazer tudo o que lhes apetecia, e uma sova do chefe da casa era qualquer coisa a ser evitada se possível. O pai não se importava muito com o que eles faziam, até certo ponto...

"Se ela acordar durante o caminho fugimos," disse o George Andrew.

Não havia qualquer perigo de tal coisa acontecer. Ela tremia agradecida quando se viu levantada pelos quatro. Eles esgueiraram-se para o andar de baixo, atravessaram o pátio da frente e o campo de trevo...passaram os bosques...desceram a colina. Por duas vezes a pousaram no chão para descansar. Agora tinham quase a certeza que ela estaria morta e só queriam metê-la em casa sem que ninguém visse. Se era verdade que a Jenny nunca tinha rezado na vida rezava agora com certeza...para que ninguém da vila os visse. Se conseguissem chegar com a Di Blythe a casa eles jurariam todos que ela tinha tido tantas saudades de casa à hora de deitar que insistira para que a trouxessem. O que acontecesse depois não os preocupava.

Di aventurou-se a abrir os olhos uma vez enquanto eles faziam o caminho. O mundo adormecido à sua volta parecia-lhe muito estranho e escuro. As estrelas riam-se dela. ("Eu não gosto nada de ver o céu assim tão grande. Mas se eu aguentar só mais um bocadinho não tarda estou em casa. Se eles descobrirem que não estou morta largam-me aqui e eu tenho que ir



para casa sozinha às escuras.") Quando os Pennys largaram a Di na varanda de Ingleside correram como loucos. A Di não se atreveu a voltar à vida muito depressa, mas pelo menos tornou a abrir os olhos. Sim, estava em casa. Parecia quase bom demais para ser verdade. Ela tinha sido mesmo muito má, mas tinha a certeza que nunca tornaria a repetir a maldade. Sentou-se e o Camarão veio ter com ela rapidamente, roçando-se nela a ronronar. Ela abraçou-o. Que fofinho, quente e amigo ele era! Ela não achou que fosse capaz de entrar...sabia que a Susan devia ter trancado todas as portas uma vez que o Pai não estava e não se atrevia a acordar a Susan a esta hora da noite. Mas não se importou. A noite de Junho estava fria mas ela podia aninhar-se na rede da varanda com o Camarão, sabendo que ao pé dela, do outro lado da porta, estavam Susan, Nan e os rapazes.

O mundo parecia tão estranho de noite! Será que toda a gente estava a dormir menos ela? As grandes rosas brancas do arbusto ao pé dos degraus pareciam pequenos rostos humanos. O cheiro a hortelã-pimenta era como um amigo. Havia brilhos de pirilampos no pomar. E afinal de contas, depois sempre podia gabar de ter dormido na rua.

Mas não estava destinado a ser assim. Duas figuras apareceram ao portão e subiram a alameda. Gilbert foi em volta tentar abrir uma janela da cozinha, mas Anne dirigiu-se à porta da frente e ficou assombrada a olhar para a pequena figura que ali se encontrava, com os braços em volta do gato.

"Mamã...oh, Mamã!" estava a salvo nos braços da Mãe.

"Di, minha querida! O que é que estás aqui a fazer?"

"Oh, Mamã, eu fui tão má...mas estou tão arrependida...e a Mãe tinha razão...a avó era tão horrível, mas eu achei que não voltavam senão amanhã."

"O Papá recebeu um telefonema de Lowbridge...eles têm que operar a senhora Parker amanhã e o Dr. Parker gostava que o Pai lá estivesse. Por isso apanhámos o comboio na noite e viemos a pé desde a estação. Mas conta-me..."

A história já tinha sido toda soluçada na altura em que o Gilbert conseguiu abrir a porta da frente. Ele achou que tinha entrado muito silenciosamente, mas os ouvidos de Susan eram muito aguçados quando estava em causa a segurança de Ingleside, pelo que veio cá a baixo com um xaile por cima da camisa de dormir.

Houve exclamações e explicações, mas Anne rematou-as.

"Ninguém a está a culpar, Susan. A Di foi muito má mas ela já sabe que foi e acho que foi bem castigada. Desculpe temo-la incomodado...tem que se ir deitar e o doutor vai-lhe dar uma vista de olhos ao tornozelo."

"eu não estava a dormir, minha querida senhora.

Acha que conseguia dormir, sabendo onde estava essa criança?

Com ou sem tornozelo partido, vou fazer-lhes um chá."

"Mamã," disse Di, já entre as suas almofadas brancas, "o Papá alguma vez foi cruel para si?"

"Cruel! Para mim? Porquê Di."

"Os Pennys disseram que sim...disseram que lhe batia..."

"Querida, tu agora já sabes como são os Pennys, por isso devias saber que não vale a pena preocupares a tua cabecinha com o que eles dizem. Há sempre boatos maliciosos a flutuar em todo o lado...as pessoas como eles inventam-nos. Não te deves deixar incomodar com isso."

"Vai castigar-me amanhã, Mamã?"

"Não. Acho que aprendeste a lição. Agora trata de dormir, meu amor."

"A Mamã é tão sensata," foi o último pensamento consciente de Di. Mas Susan, quando se esticava descansada na cama, já com o tornozelo bem ligado, disse para ela própria:

"Tenho que ir ver do pente fininho amanhã de manhã...e quando vir essa menina Jenny Penny vou-lhe dar uma descompostura que ela não vai esquecer tão depressa."

Jenny Penny nunca teve a descompostura prometida, porque não voltou à escola do Glen. Passou a ir com os outros Pennys à escola de Mowbray Narrows, e de lá se ouviam rumores das histórias que ela contava, entre as quais a de que Di Blythe era visita frequente lá em casa e que certa noite em que lá dormira desmaiara e tinha sido levada de volta a casa em ombros pela Jenny Penny, completamente sozinha. Toda a família de Ingleside lhe tinha então agradecido de joelhos e beijado as mãos por gratidão, e o próprio doutor a tinha ido levar a casa no seu famoso buggy de telhado recortado. "E se houver alguma coisa que eu possa fazer por si, Miss Penny, em troca da sua dedicação à minha querida filha, é só dizer. Não conseguiria pagar-lhe nem com a minha vida tudo aquilo que fez," teria jurado o Doutor.

## Capítulo 30

**Era a** vez da Nan na ribalta...a vez da Nan adicionar uma história às muitas que ainda se iriam passar em Ingleside ao longo dos anos. E enquanto vivesse, Nan iria corar ao lembrar-se dela, tinha sido tão palerma!

Nan tremia quando via Dovie balançar-se...mas ao mesmo tempo fascinava-a. Ela tinha a certeza que Dovie ia cair, e depois...Mas a Dovie nunca caia. Tinha sempre sorte.

Tudo o que a Dovie fazia ou dizia que fazia... provavelmente duas coisas muito diferentes, que Nan - criada em Ingleside onde nunca ninguém dizia outra coisa sem ser a verdade mesmo que fosse a brincar - era demasiado inocente e crédula para distinguir...tinha um grande fascínio para Nan. Dovie, que tinha onze anos e vivera em Charlottetown toda a vida sabia muito mais do que Nan, que só tinha oito anos. Charlottetown, dizia Dovie, era o único sitio onde as pessoas sabiam alguma coisa da vida. O que é que alguém podia saber, vivendo num sitio tão recôndito como o Glen St. Mary?

Dovie tinha vindo passar as férias a casa da tia Ella no Glen e ela e Nan fizeram-se amigas intimas apesar da diferença de idades. Talvez porque Nan admirasse Dovie, que lhe parecia quase crescida, e lhe dedicava uma adoração desmedida por aquilo que nela via...ou achava que via. Dovie por sua vez gostava do seu adorável e humilde pequeno satélite.

"Não há maldade nenhuma na Nan Blythe...ela só é um bocadinho mole," dizia ela à tia Ella.

Os adultos atentos de Ingleside não viam qualquer problema na Dovie..apesar de, como Anne recordava, a mãe dela ser prima dos Pye de Avonlea...e não levantavam objecções ao facto de Nan andar sempre com ela, apesar de Susandesconfiar um bocado daqueles olhos verdes com pestanas louras claras. Mas não parecia haver razão...a Dovie era educada, vestia-se bem, tinha boas maneiras e não falava demais. Susan não encontrava razões para a sua desconfiança e manteve-se calada. A Dovie regressaria a casa quando a escola recomeçasse e entretanto não havia necessidade de usar pentes finos neste caso.

Por isso Dovie e Nan passavam a maior parte do tempo juntas no cais, onde havia quase sempre um navio ou dois com as velas arriadas, e Nan quase não se avistou em Rainbow Valley nesse Agosto. As outras crianças

de Ingleside não gostavam especialmente de Dovie, e não desperdiçaram afectos. Ela tinha feito uma partida ao Walter, a Di tinha ficado furiosa e dito "certas coisas". A Dovie gostava, ao que parecia, de pregar partidas. Talvez fosse por isso que nenhuma menina do Glen a procurava disputar com Nan.

"Oh, por favor, diz-me," pediu Nan.

Mas Dovie limitou-se a piscar o olho e disse que Nan era nova demais para saber certas coisas. E isso enlouqueceu Nan de curiosidade.

"Por favor, diz-me Dovie."

"Não posso. Foi-me dito em segredo pela tia Kate e ela morreu. Eu sou agora a única pessoa no mundo que sabe. Eu prometi quando ouvi que nunca o diria a ninguém. Tu depois contas...não és capaz de guardar segredo." "Não conto...de verdade!" exclamou Nan.

"As pessoas dizem que vocês em Ingleside contam tudo uns aos outros. A Susan fazia-te logo dizer."

"não fazia. Eu sei montes de coisas que nunca disse à Susan. Segredos. Eu digo-te os meus se tu me disseres o teu."

"Oh, eu não estou interessada nos segredos de uma menina pequena como tu," disse Dovie.

Um pequeno insulto! Nan achava que os seus pequenos segredos eram encantadores...que aquela velha cerejeira brava que ela tinha encontrado toda florida no bosque de abetos por trás do celeiro do senhor Taylor...uma fada branca imaginária que dormia num nenúfar do bosque...a imagem de um barco a entrar no porto puxado por cisnes brancos presos com correntes de prata...o romance que ela começava a imaginar em relação a uma linda senhora que vivia na casa dos MacAllistar. Eram todos muito mágicos e maravilhosos para Nan e ela sentia-se contente, depois de ter pensado nisso, por não os ter chegado a contar a Dovie.

Mas o que é que Dovie sabia sobre ela que Nan desconhecesse? A pergunta incomodava Nan como o zumbido de um mosquito.

No dia seguinte Dovie voltou a referir o seu segredo.

"Eu tenho andado a pensar, Nan...talvez tu devas saber, uma vez que é sobre ti. Claro que a tia Kate achou que eu não devia dizer a ninguém sem contar com a própria pessoa. Ouve. Se tu me deres a tua corça de porcelana eu conto-te tudo o que sei sobre ti."

"Oh, mas eu não ta posso dar, Dovie. Foi a Susan que ma deu no meu último aniversário. Ia magoá-la tanto."

"Está bem. Preferes essa corça velha a saber uma coisa importante sobre ti. Eu não me importo. Mais vale não te contar. Eu gosto de saber coisas que mais ninguém sabe. Sinto-me importante. Vou olhar para ti no próximo sábado na igreja e pensar para mim mesma, 'Se tu soubesses o que eu sei sobre ti, Nan Blythe...'. Vai ser divertido."

"O que sabes sobre mim é bom?" perguntou Nan.

"Oh, é muito romântico...é um conto de um livro de histórias. Mas não penses mais nisso. Não estás interessada e eu sei o que sei."

Nesta altura Nan estava louca de curiosidade. A vida não teria qualquer sentido se ela não conseguisse descobrir qual era a informação misteriosa que Dovie tinha. Teve uma súbita inspiração. "Dovie, eu não te posso dar a minha corça, mas se me disseres o que sabes eu dou-te o meu guarda-sol encarnado."

Os olhos negros de Dovie brilharam. Ela tinha-se roído de inveja por causa daquele guarda-sol.

"O guarda-sol novo que a tua mãe te trouxe da cidade na semana passada?" perguntou.

Nan acenou afirmativamente. A respiração dela acelerou. Seria...seria possível que Dovie lhe fosse mesmo dizer?

"E a tua mãe deixa?" perguntou Dovie.

Nan acenou novamente, um pouco incerta. Não tinha a certeza que sim. Dovie sentiu a incerteza.

"Tens que me trazer o guarda-sol," disse com firmeza, "antes que eu te diga. Sem guarda-sol não há segredo."

"Eu trago-to amanhã," prometeu Nan apressadamente. Ela tinha que saber o que Dovie sabia sobre ela, fosse o que fosse.

"Bem, eu vou pensar no assunto," disse Dovie ainda em dúvida. "Não cries muitas ilusões. Eu ainda não decidi se te digo. És muito nova...já to disse muitas vezes."

"Sou mais velha do que era ontem," implorou Nan. "Oh, Dovie, vá lá, não sejas má."

"Eu acho que tenho o direito de guardar um segredo," disse Dovie irritada. "Tu dizias à Anne...quer dizer, à tua mãe." "Claro que eu sei que a Anne é a minha mãe," disse Nan, incomodada na sua dignidade. Com ou sem segredos, havia limites. "Eu disse-te que não dizia nada a ninguém de Ingleside."

"Juras?"

"Tenho que jurar {5}?"

"Não seas palerma. Claro que eu só quero dizer se prometes solenemente."

"Eu prometo solenemente."

"mais solene que isso."

Nan não sabia como havia de ser mais solene. O rosto dela tinha uma expressão decidida.

"Bate as palmas, olha para o céu Faz uma cruz e morre se não cumprires"

Disse Dovie.

Nan cumpriu o ritual.

"Tu trazes o guarda-sol amanhã e eu logo vejo," disse Dovie. "O que é que a tua mãe fazia antes de casar, Nan?"

"Ela dava aulas...e era muito boa professora," disse Nan.

"A minha Mãe diz que foi um erro o teu pai ter casado com ela. Ninguém sabia nada da família dela. E com tantas raparigas que ele podia ter tido, pelo que diz a minha Mãe. Bem, tenho que ir andando. 'Ô revor'." Nan sabia que aquilo queria dizer até amanhã. Ela tinha muito orgulho de ser amiga de uma rapariga que sabia falar francês. Continuou sentada no cais até Dovie se ter ido embora. Ela gostava de se sentar no cais e ver os barcos de pescadores a entrar e a sair, e por vezes havia um navio que saía do porto com destino a terras longínquas. Tal como Jem, ela desejava muitas vezes embarcar num navio...atravessar o porto azul, passar a barra de dunas de areia, passar o cabo, onde à noite o farol se tornava num local fascinante, para longe, muito longe, para aquela névoa azul que era o golfo no Verão, para ilhas encantadas em mares de areias douradas. Nan voou nas asas da sua imaginação por todo o mundo enquanto estava discretamente sentada no velho cais.

Mas esta tarde estava presa ao segredo de Dovie. Será que ela lho ia realmente contar? E o que seria...o que poderia ser? E que conversa era aquela das raparigas com quem o pai se podia ter casado? Nan especulava sobre essas raparigas. Uma delas poderia ter sido a mãe dela. Mas isso seria horrível. Ninguém podia ser sua mãe a não ser a Mãe. Era simplesmente impensável.

"Eu acho que a Dovie Johnson me vai contra um segredo," confidenciou Nan à mãe nessa noite quando recebia o seu beijinho de boas

noites. "Claro que eu não lho vou poder contar, Mamã, porque lhe prometi. Não se vai importar, pois não?"

"Claro que não," disse Anne, um pouco divertida.

Quando Nan foi ter ao cais no dia seguinte levou o guarda-sol. Era dela, repetia para si mesma. Tinha-lhe sido oferecido, e ela tinha todo o direito de fazer o que quisesse com ele. Tendo acalmado a sua consciência com este sofismo, esgueirara-se sem que ninguém a visse. Dava-lhe pena separar-se do seu lindo e alegre guarda-sol, mas nesta altura a ânsia de saber o que é que a Dovie sabia tinha-se tornado irresistível.

"Aqui está o guarda-sol, Dovie," disse-lhe sem fôlego. "Agora conta-me o segredo."

Dovie ficou surpreendida. Ela nunca quisera que as coisas chegassem tão longe...nunca pensara que a mãe de Nan consentisse que ela lhe desse o guarda-sol. Apertou os lábios.

"Eu não sei se esse tom de vermelho vai combinar com o meu tom de pele, afinal. É vivo demais. Acho que afinal não te conto."

A Nan também tinha o seu feito, e a Dovie ainda não a tinha encantado ao ponto de lhe dedicar uma submissão cega. Nada a revoltava mais do que uma injustiça.

"UM acordo é um acordo, Dovie Johnson! Tu disseste que me dizias o segredo se eu te desse o guarda-sol. Aqui está o guarda-sol, portanto tens que cumprir o que prometeste."

"Oh, então está bem," disse Dovie com ar enfadado.

Tudo ficou muito calmo e silencioso. O vento parou. A água deixou de gorgolejar em volta das pedras do cais. Nan tremia num êxtase delicioso. Por fim, ia descobrir o que sabia a Dovie.

"Tu conheces os Jimmy Thomases lá de baixo do porto," disse Dovie. "O Jimmy Thomas 'seis dedos'?"

Nan acenou afirmativamente. Claro que ela conhecia os Thomas...pelo menos de ouvir falar. O Jimmy 'seis dedos' por vezes ia a Ingleside vender peixe. A Susan dizia que nunca se podia fiar nos peixes dele. Nan não gostava nada do aspecto dele. Tinha uma careca com uns tufo de cabelos brancos encaracolados dos lados, e um nariz encarnado e curvado. Mas o que é que os Thomas podiam ter a ver com o assunto?

"E conheces a Cassie Thomas?" continuou Dovie.

Nan tinha visto a Cassie Thomas uma vez em que o Jimmy 'seis dedos' tinha ido vender peixe e a tinha levado com ele. A Casie tinha mais ou

menos a idade dela, uma cabeleira ruiva aos caracóis e olhos verdes acinzentados. Tinha deitado a língua de fora a Nan.

"Bem..." Dovie respirou fundo..."a verdade é a seguinte:tu és a Cassie Thomas e ela é a Nan Blythe."

Nan ficou especada a olhar para Dovie. Não fazia ideia do que é que Dovie tinha dito. Não lhe fazia sentido.

"Eu...eu...o que é que queres dizer?"

"É muito simples, parece-me a mim," disse Dovie com um certo ar de pena. Uma vez que tinha sido forçada a dizê-lo, ia fazê-lo valer a pena. "Tu e ela nasceram na mesma noite. Foi quando os Thomas viviam no Glen. A enfermeira levou a gémea da Di para casa dos Thomas e pô-la no berço, e levou-te a ti para a casa dos Blythe. Ela não se atreveu a levar a Di também, senão tinha-o feito. Ela odiava a tua mãe e foi assim que se vingou. E é por isso que tu realmente és a Cassie Thomas e devias estar a viver lá em baixo no porto, e a pobre Cass devia estar em Ingleside em vez de passar a vida a levar sovas daquela madrastra dela. Tenho tanta pena dela.!"

Nan acreditou em cada palavra desta história incrível. Nunca na vida lhe tinham mentido e nem por um momento duvidou da veracidade da história de Dovie. Nunca lhe iria ocorrer que alguém, muito menos a sua adorada Dovie, poderiam inventar tal história. Ela olhou Dovie com uns olhos angustiados e desiludidos.

"Como...como é que a tua tia Kate descobriu?" balbuciou por entre os lábios secos.

"A enfermeira confessou-lho no leito de morte," disse Dovie solenemente. "Acho que a consciência devia incomodá-la. A tia Kate nunca contou a ninguém senão a mim. Quando eu cheguei ao Glen e vi a Cassie Thomas, a Nan Blythe, quero dizer...olhei bem para ela. Ela tem o cabelo e os olhos da cor dos da tua mãe. Tu tens cabelo e olhos castanhos. É por isso que não te pareces com a Di...os gémeos são sempre exactamente iguais. E a Cass tem as orelhas exactamente iguais às do teu pai...tão pegadinhas à cabeça. Acho que agora já não há nada a fazer. Mas muitas vezes penso que não é justo que tu tenhas todas as facilidades do mundo e a pobre Cass - Nan- toda esfarrapada sem ter comida suficiente, muitas das vezes. E o velho 'seis dedos' ainda lhe bate quando chega bêbado a casa!...Então, porque é que estás a olhar assim para mim?"

A dor de Nan era maior do que a que podia suportar. Tudo era agora horrivelmente claro para ela. Toda a gente sempre estranhara que ela e a Di



não se parecessem. Era por isto.

"Eu odeio-te por me teres contado isto, Dovie Johnson!"

Dovie encolheu os ombros.

"Eu não te disse que ias gostar de ouvir, pois não? Tu é que me fizeste dizer. Onde vais?"

Porque Nan, branca e tonta, tinha-se posto de pé.

"Para casa...vou contar à Mãe," disse infeliz.

"Não podes...não vais! Lembra-te que juraste que não dizias!" gritou Dovie.

Nan olhou para ela. Era verdade que tinha prometido que não ia contar. E a mãe dizia sempre que não se podiam quebrar as promessas.

"Acho que também tenho que ir para casa," disse Dovie, não lhe agradando muito o aspecto de Nan.

Agarrou no guarda-sol e correu, com as suas pernitais nuas e gordas brilhando ao longo do cais. Atrás deixara uma criança de coração despedaçado, sentada entre as ruínas do seu pequeno universo. Dovie não se importava. Mole era pouco para a Nan. Não tinha graça nenhuma enganá-la. Claro que ela ia contra à mãe assim que chegasse a casa. Depressa ia descobrir.

"Ainda bem que me vou embora para casa no Domingo," pensou Dovie.

Nan deixou-se ficar sentada no cais durante horas, ou assim lhe pareceu...cega, esmagada, desesperada. Ela não era filha da Mãe! Era filha do Jimmy 'seis dedos'...o Jimmy 'seis dedos' de quem ela tivera sempre um terror horrível por causa dos seus seis dedos. Não era justo que ela vivesse em Ingleside, amada pela Mãe e pelo Pai. "Oh!" Nan deu um pequeno gemido de infelicidade. A Mãe e o Pai já não iam gostar dela se soubessem. Todo o seu amor iria para a Cassie Thomas.

Nan levou as mãos à cabeça. "Até fico tonta," disse.

## Capítulo 31

**"Porque** é que não comes nada, querida?" perguntou Susan ao jantar. "Andaste muito tempo com a cabeça ao sol?" perguntou ansiosamente a Mãe. "Dói-te a cabeça?"

"Sim..." disse Nan. Mas não era a cabeça que lhe doía. Estaria a dizer uma mentira à Mãe? E se estava, quantas mais teria que dizer? Porque Nan sabia que nunca mais seria capaz de comer outra vez...nunca mais desde que soubera o terrível segredo. E ela sabia que nunca poderia contar à mãe. Não tanto por causa da promessa...a Susan costumava dizer que mais valia quebrar uma promessa má do que mantê-la...mas porque ia magoar a Mãe. Nan sabia sem sombra de dúvida que iria magoar terrivelmente a Mãe. E a Mãe não devia...não podia...ser magoada. Nem o Pai.

Mas ainda assim...havia a Cassie Thomas. Ela não lhe ia chamar Nan Blythe. Só de pensar em chamar-lhe Nan Blythe sentia-se indescritivelmente mal. Parecia-lhe que a anulava completamente por dentro. Se ela não era a Nan Blythe não era ninguém! Ela não seria a Cassie Thomas.

Mas a Cassie Thomas assombrava-a. Durante uma semana a Nan andou transtornada por ela...uma semana terrível em que Anne e Susan andaram realmente preocupadas com a criança, que não brincava nem comia, só se "arrastava por aí", como dizia Susan. Seria por a Dovie Johnson ter ido para casa? Nan dizia que não era. Nan dizia que não era por nada. Ela sentia-se só muito cansada. O Pai viu-a e recomendou uma dose de medicamento que Nan tomou sem protestar. Não era tão mau como o óleo de fígado de bacalhau, mas até o óleo de fígado de bacalhau se suportava melhor do que aquilo. Nada tinha importância à excepção da Cassie Thomas...e da horrível questão que surgia do seu espírito confuso e tinha tomado posse dele por completo.

Não teria Cassie Thomas os seus direitos?

Seria justo que ela, Nan Blythe...Nan fixava-se desesperadamente à sua identidade...tivesse todas as coisas que eram negadas à Cassie Thomas mas que por direito seriam suas? Não, não era justo. Nan estava tão certa de que não era justo. Existia nela uma grande noção de justiça e rectidão. E tornou-se cada vez mais claro para ela que era certo e justo que Cassie Thomas fosse informada.

Afinal de contas, talvez ninguém fosse dar muita importância ao caso. A Mãe e o Pai iriam ficar um pouco preocupados de início, claro, mas assim que soubessem que Cassie era a verdadeira filha deles todo o seu amor iria para ela e Nan deixaria de ser importante para eles. A Mãe iria dar beijinhos à Cassie e cantar-lhe ao anoitecer...cantar-lhes as canções que Nan tanto gostava.

"Eu vi um barco a navegar, a navegar no mar.

E oh, estava tão cheio de lindas coisas para mim."

Nan e Di falavam muitas vezes do dia em que o barco ia chegar. Mas agora as coisas bonitas...a sua parte delas, pelo menos...pertenceria à Cassie Thomas. A Cassie ficaria com o seu papel de rainha das fadas na próxima peça de teatro da escola dominical e iria usar a sua magnífica faixa de brilhantes. E Nan estava tão desejosa de a usar! A Susan iria fazer bolos de fruta para a Cassie Thomas e o Pussywillow ia ronronar para ela. Ela iria brincar com as bonecas da Nan na casa de brincar forrada a musgo que Nan fizera no bosque de aceres, e ia dormir na sua cama. Será que a Di iria gostar disso? Será que a Di iria gostar de ter a Cassie Thomas como irmã?

Até que veio um dia em que Nan já não podia suportar. Ela tinha que fazer o que era justo. Iria lá abaixo ao porto e ia contar a verdade aos Thomas. Eles contariam à Mãe e ao Pai. Nan sentia que ela nunca seria capaz de o fazer.

Nan sentiu-se mais aliviada depois de ter tomado esta decisão, mas sentiu-se muito, muito triste. Até tentou comer qualquer coisa ao jantar, uma vez que seria a última refeição que faria em Ingleside.

"Eu vou sempre chamar Mãe à Mãe," pensava Nan desesperadamente. "E nunca irei chamar Pai ao Jimmy 'seis dedos'. Vou chamá-lo sempre de senhor Thomas, com muito respeito. Com certeza que ele não se vai importar."

Mas qualquer coisa a sufocava. Olhando para cima viu a ideia do óleo de fígado de bacalhau claramente impressa nos olhos de Susan. Mal sabia a Susan que ela não estaria em casa à hora do deitar para o tomar. Teria que ser a Cassie Thomas a engoli-lo. Era a única coisa que ela não invejava na Cassie Thomas.

Nan saiu imediatamente depois do jantar. Tinha que ir antes de anoitecer, senão faltava-lhe a coragem. Foi com o vestido de xadrez, sem se atrever a mudar, não fosse a Mãe ou a Susan perguntar-lhe porquê. Além disso, os seus vestidos bonitos pertenciam na verdade à Cassie Thomas.

Mas ela vestiu o avental novo que Susan lhe tinha feito...um avental tão bonito, todo debruado a rendas pregadas a vermelho. Nan adorava aquele avental. Com certeza que a Cassie Thomas não lhe ia guardar ressentimentos por isso.

Ela atravessou a aldeia, passou a estrada do cais, e seguiu pela estrada do porto, uma figura destemida e galante. Nan não se achava uma heroína. Pelo contrário, tinha muita vergonha de si mesma por lhe estar a custar tanto ser justa e correcta, tão difícil não odiar a Cassie Thomas, tão difícil não ter medo do Jimmy 'seis dedos', tão difícil manter-se a caminho e não voltar atrás a correr para Ingleside.

Estava um fim de tarde pesado. No mar flutuava uma nuvem carregada e negra, como um grande morcego escuro. Alguns relâmpagos brilhavam no porto e nos montes cobertos de árvores mais à frente. O conjunto de casas de pescadores no porto jazia inundado por uma luz avermelhada que se escoava por debaixo da nuvem. Poças de água por aqui e por ali brilhavam como grandes rubis. Um navio, silencioso de velas brancas, passava pelas dunas sombrias e enevoadas em direcção ao oceano misteriosamente apelativo; as gaivotas gritavam de uma forma invulgar. Nan não gostou do cheiro das casas dos pescadores nem dos grupos de crianças sujas que brincavam, gritavam e lutavam na areia. Elas olharam para Nan com curiosidade quando ela parou para perguntar pela casa do Jimmy 'seis dedos'.

"É aquela ali," disse um rapaz, apontando. "O que é que lhe queres?" "Obrigada," disse Nan, afastando-se.

"É assim que te educaram?" gritou uma rapariga. "Muito emproada para responder a uma pergunta tão simples!"

O rapaz atravessou-se-lhe à frente.

"Vês aquela casa em frente à dos Thomas?" disse-lhe. "Tem lá uma serpente do mar, e eu tranco-te lá se não me disseres o que é que queres do Jimmy 'seis dedos'."

"Vá lá, menina vaidosona," continuou uma rapariga já grande. "Tu és do Glen, e todos os da vila acham que são os maiores. Responde à pergunta do Billy!"

"Se não," disse outro rapaz, "eu vou afogar uns gatinhos e afogo-te a ti também."

"Se tiveres um cêntimo eu vendo-te um dente," disse-lhe uma rapariga de cara escura a rir. "Eu arranquei-o ontem."

"Eu não tenho um cêntimo nem queria o teu dente para nada," disse Nan, reunindo alguma coragem. "Deixem-me em paz."

"Olha para ela!" disse a rapariga de rosto escuro.

Nan começou a correr. O rapaz da serpente do mar pôs-lhe um pé à frente e fê-la tropeçar. Elacaiu na areia enrugada pelamaré. Os outros gritaram de riso.

"Agora já não vais tão emproada, parece-me a mim," disse a miúda do rosto escuro. "A vires para aqui como se fosses a princesa do avental de rendas!"

Então alguém exclamou, "Vem ali o barco do Jack!" e todos começaram a correr para lá. A nuvem negra estava agora mais próxima e todas as poças de água antes avermelhadas ficaram cinzentas.

Nan levantou-se. O vestido dela estava cheio de areia, e as meias estavam ensopadas. Mas estava livre dos seus carrascos. Seriam estes os seus companheiros de brincadeira futuros?

Ela não podia chorar...não ia chorar! Subiu os degraus Íngremes de madeira que davam para a porta do Jimmy "seis dedos". Como todas as casas do porto, a casa de Jimmy erguia-se sobre postes de madeira para evitar qualquer maré mais alta, e o espaço por debaixo estavacheio de pratos partidos, latas vazias, velhas armadilhas para apanhar lagostas, todo o tipo de porcarias. A porta estava aberta e Nan entrou para uma cozinha como nunca tinha visto na vida. O chão nu estava sujo, o tecto estava manchado de fumo, a pia estava cheia de pratos sujos. Na mesa jaziam os restos de uma refeição e moscas negras e horríveis voavam por cima deles. Uma mulher com uma cabeleira imunda e cinzenta estava sentada numa cadeira de baloiço, embalando um bebé gordo...um bebé cinzento de tão sujo.

"A minha irmã," pensou Nan.

Não havia sinais de Cassie ou do Jimmy "seis dedos", pelo que Nan se sentiu muito aliviada.

"Quem és tu e o que é que queres?" perguntou a mulher de forma um bocado indelicada.

Ela não convidou Nan a entrar, mas ela fê-lo na mesma. Começava a chover lá fora, e um súbito relâmpago fez estremecer a casa. Nan sabia que tinha que dizer o que vinha dizer antes que a coragem lhe faltasse, ou acabaria por virar as costas e fugir daquela casa horrível, daquele bebé horrível e das horríveis moscas.

"Eu preciso de falar com a Cassie, por favor," disse. "Eu tenho uma coisa importante para lhe contar."

"Deves ter!" disse a mulher. "Deve ser importante, a julgar pelo teu tamanho. Pois, a Cass não está em casa. O pai levou-a ao Glen de Cima a dar um passeio e com esta tempestade não sei quando é que vão voltar. Senta-te."

Nan sentou-se numa cadeira partida. Ela sabia que as pessoas do porto eram pobres, mas não calculava que fossem assim. A senhora Tom Fitch do Glen era pobre mas a casa dela era tão limpa e arrumada como Ingleside. Claro que toda a gente sabia que o Jimmy "seis dedos" bebia tudo o que apanhava. E esta seria a sua casa de hora em diante!

"Não faz mal, eu vou tentar limpá-la," pensou Nan tristemente. Mas o coração dela estava pesado como chumbo. Todo entusiasmo que a tinha alimentado até ai desaparecera.

"E o que é que tu queres à Cass?" perguntou curiosamente a senhora "seis dedos" enquanto limpava a cara suja do bebé com um avental ainda mais sujo. "Se é por causa daquele concerto da escola dominical ela não pode ir e acabou-se. Ela não tem nenhum vestido decente. E eu não lho posso comprar. Ou achas que posso?"

"Não, não é sobre o concerto," disse Nan de forma indiferente. Bem podia contar toda a história à senhora Thomas. Ela também viria a saber de qualquer forma. "Eu vim contar-lhe...contar-lhe...que eu sou ela e ela é eu!"

Talvez a senhora Thomas possa ser desculpada por não ter achado esta conversa muito lúcida.

"Tu deves estar maluca," disse. "O que raio queres dizer com isso?"

Nan levantou a cabeça. O pior tinha passado.

"Eu quero dizer que a Cassie e eu nascemos na mesma noite e...e...a enfermeira trocou-nos porque tinha inveja da Mãe,e...e...a Cassie devia estar a viver em Ingleside e ter todas as condições."

Esta última frase Nan tinha-a ouvido à sua professora da escola dominical, e ela achou que era um final digno para um discurso um pouco atabalhoado.

"Será que eu estou maluca ou és tu que estás? O que estás a dizer não faz sentido nenhum. Quem é que contou essa petta?"

"A Dovie Johnson."

A senhora "seis dedos" atirou a cabeça para trás e começou a rir. Podia ser pouco asseada e mal vestida, mas tinha um riso bonito. "Eu já devia

calcular. Eu lavei a roupa à tia dela este Verão e aquela miúda é cá uma peça! Ela acha mesmo piada a enganar as pessoas! Pois bem, menina não-sei-quem, o melhor é não acreditares em todas as histórias da Dovie, porque ela enrola-te completamente."

"A senhora quer dizer que não é verdade?" gaguejou Nan.

"Não é muito provável. Valha-me Deus, tu deves estar muito verde para acreditares numa coisa dessas. A Cass tem quase mais um ano que tu. E quem diabo és tu, já agora?"

"Sou a Nan Blythe." Oh, que alívio! Ela era a Nan Blythe.

"Nan Blythe! Uma das gémeas de Ingleside! Eu lembro-me bem da noite em que vocês nasceram. Eu fui lá a Ingleside fazer um recado. Eu ainda não era casada com o "seis dedos"...mais valia não me ter casado...e a mãe da Cass estava viva e de saúde, e a Cass estava a aprender a andar. Tu pareces-te com a mãe do teu pai...ela estava lá nessa noite, toda babosa com as netas gémeas. E tu foste acreditar numa história palerma dessas!"

"Eu tenho o hábito de acreditar nas pessoas," disse Nan, levantando um pouco a cabeça de forma altiva, mas demasiado feliz para querer ser arrogante com a senhora "seis dedos".

"Pois é um hábito que tens que perder neste tipo de mundo," disse a senhora "seis dedos" cinicamente. "E deixa de ligar a miúdas que gostam de enganar as pessoas. Senta-te menina. Não podes ir para casa enquanto chover desta maneira. Chove a cântaros e está escuro demais... Mas já saiu...a miúda foi-se embora!"

Nan já se tinha precipitado para a chuva. Nada a não ser a pura alegria das revelações da senhora "seis dedos" a poderia ter feito atravessar aquela tempestade. O vento empurrava-a, a chuva escorria por ela abaixo, os impressionantes relâmpagos faziam-na pensar que o céu se tinha aberto ao meio. Só as suas luzes azuis lhe indicavam o caminho. Uma e outra vez tropeçou e caiu. Mas por fim entrou pingando no hall de Ingleside.

A Mãe correu para ela e pegou-a ao colo.

"Filha, que susto que nos pregaste! Oh, onde é que estiveste?"

"Eu só espero que o Jem e o Walter não apanhem uma pneumonia debaixo dessa chuva à sua procura," disse a Susan, amarga com a preocupação que se lia na voz.

Nan sentia-se a perder o fôlego. Só conseguia gaguejar, enquanto sentia os braços quentes da Mãe a envolverem-na:

"Oh, Mãe, sou eu...sou mesmo eu. Eu não sou a Cassie Thomas e nunca fui ninguém senão eu!"

"A pobre criança está com delírios," disse a Susan. "Foi qualquer coisa que não lhe caiu bem."

Anne deu um banho quente a Nan e foi deitá-la antes de a deixar falar. Então ouviu toda a história.

"Oh Mamã, sou mesmo sua filha?"

"Claro, querida. Como é que pudeste ter pensado outra coisa?"

"Eu nunca pensei que a Dovie me contasse uma mentira tão grande...a Dovie não. Mamã, será que podemos acreditar em alguém? A Jenny Penny contou tantas mentiras à Di..."

"Foram só duas meninas, entre todas as meninas que tu conheces, querida. Nenhuma das tuas outras amigas te contou nada que não fosse verdade. E há pessoas assim no mundo, e adultas também, não é só crianças. Quando fores maior vais ser capaz de distinguir o trigo do joio.

"Mamã, eu queria tanto que o Jem, o Walter e a DI não soubessem como fui palerma."

"Eles não precisam de saber. A Di foi a Lowbridge com o Pai e os rapazes só precisam de saber que tu fostes até ao porto e ficaste lá por causa da tempestade. Foste palerma em acreditar na Dovie mas foste uma menina muito corajosa e correcta ao ofereceres o teu lugar à pobre da Cassie. A Mãe está muito orgulhosa de ti."

A tempestade amainara. A Lua reflectia-se agora num pequeno mundo feliz.

"Oh, estou tão feliz por ser eu!" foram os últimos pensamentos de Nan enquanto adormecia.

Gilbert e Anne vieram mais tarde ver as suas lindas carinha adormecidas lado a lado. Diana dormia com os cantos da boca relaxados, mas Nan adormecera a sorrir. Gilbert ouvira a história e estava tão zangado que era muito bom a Dovie Johnson estar a mais de trinta milhas de distância. Mas Anne sentia-se de consciência pesada.

"Eu devia ter percebido o que é que a estava a preocupar. Mas estive tão ocupada com outras coisas esta semana...coisas que realmente não tinham importância nenhuma comparadas com a infelicidade desta criança. Imagina o que esta pobre querida sofreu."

Ela ficou olhando arrependida, olhando para elas. Ainda eram suas...completamente suas, para amar e para proteger. Ainda vinham ter



consigo por cada paixão e desgosto dos seus pequenos corações. Ainda seria suas por uns anos...e depois? Anne tremeu. Ser mãe era muito doce...mas muito terrível também.

"O que é que será que a vida tem guardado para elas? Murmurou.

"Pelo menos espero que cada uma delas tenha um marido tão bom como o que teve a mãe delas", disse Gilbert brincando com as suas preocupações maternas.

## Capítulo 32

**Susan** sorriu vagamente, como mulher tolerante que era em relação à ignorância masculina sobre assuntos tão vitais, mas não se sentia com disposição para rir abertamente...pelo menos enquanto não tivesse tudo organizado para a reunião.

"Tarte quente de galinha," murmurava, "puré de batata e ervilhas com molho bechamel como prato principal. E vamos ter uma boa oportunidade para estrear a toalha de renda nova, minha querida senhora. Nunca se viu uma assim no Glen, e tenho a certeza que vai causar sensação. Estou ansiosa por ver a cara da Annabel Clow quando a vir. E vai usar o cesto azul e prateado para as flores?"

"Sim, cheio de amores-perfeitos e fetos do bosque. E também quero que ponha os seus magníficos gerânios cor-de-rosa à vista...na sala de estar se cosermos lá, ou na varanda se estiver calor suficiente para cosermos lá. Ainda bem que ainda temos tantas flores. O jardim nunca esteve tão bonito como neste Verão. Mas eu digo isto todos os Verões, não é?"

Havia muitas coisas a resolver. Quem se sentaria com quem...nunca se poderia, por exemplo, sentar a senhora Millison perto da senhora McCreery, porque elas não se falavam por causa de uma divergência qualquer dos tempos da escola. E havia a questão de quem convidar...porque a dona da casa tinha o privilégio de convidar pessoas que não pertenciam à Liga.

"Vou convidar a senhora Best e a senhora Campbell," disse Anne.

Susan pareceu ter as suas dúvidas.

"Elas são novas aqui, minha querida senhora,"...com o tom com que poderia ter dito, "São crocodilos."

"O doutor e eu também já fomos novos aqui, Susan."

"Mas o tio do doutor já cá vivia há anos. Ninguém sabe nada desses Best e Campbells. Mas a casa é sua, minha querida senhora, e quem sou eu para lhe levantar objecções em relação aos convidados? Eu lembro-me de uma reunião em casa da senhora Cáster Flagg há muitos anos em que ela convidou uma mulher desconhecida. Ela veio de vestido de lã ordinária...e disse que achava que uma reunião da Liga das Senhoras não era razão para se aperaltar! Pelo menos não temos razão para rewear isso da senhora Campbell. Ela veste-se muito bem...apesar de eu não me imaginar a usar aquele tom de azul que ela usou na igreja."

Anne também não conseguia, mas não se atreveu a sorrir.

"Eu achei que aquele tom ficava muito bem com o cabelo cinzento da senhora Campbell, Susan. E por falar nisso, ela pediu-me a sua receita de molho de groselha. Ela diz que provou um bocadinho daquele que fez para o jantar do fim das colheitas e que estava delicioso."

"Oh, sim, minha querida senhora, não é qualquer pessoa que consegue fazer molho de groselha..." e não se ouviu mais nada sobre o tom de azul do vestido. A senhora Campbell poderia daí para a frente aparecer vestida com o traje tradicional das ilhas Fidji que Susan lhe encontraria qualquer desculpa razoável.

Os dias sucediam-se mas o Outono ainda lembrava o Verão, e o dia da reunião pareceu-se mais com Junho do que com Outubro. Todas as senhoras da Liga que puderam vir vieram, ansiosas por uma boa tarde de mexericos e um jantar em Ingleside, o que também implicava algumas novidades da moda, uma vez que a esposa do doutor tinha recentemente ido à cidade.

Susan, imperturbável apesar das responsabilidades culinárias que lhe haviam sido atribuídas, andava por ali, levando as senhoras até ao quarto de visitas, serenamente conhecedora que nenhuma delas tinha um naperon com uma barra de doze centímetros em croché, feita com linha n.º100. Susan tinha ganho o primeiro prémio na Feira de Charlottetown com ele na semana anterior. Ela e Rebecca Dew tinham-se lá encontrado nesse dia, e Susan regressou a casa nessa noite a mulher mais orgulhosa da Ilha do Príncipe Eduardo.

Sob o rosto perfeitamente controlado de Susan, escondiam-se os seus pensamentos, condimentados com uma pequena dose de malícia.

"A Célia Reese está cá, sem dúvida em busca de alguma coisa de que se rir, como é hábito. Com certeza que não encontrará motivo para isso à nossa mesa. A Myra Murray de vestido de veludo vermelho...um pouco fino demais para vir coser, mas não vou negar que lhe fica bem. Pelo menos não é de lã barata. A Agatha Drew...com os óculos atados com uma fita, como habitual. A Sarah Taylor...pode ser a última vez que vem coser...tem um problema tão grande de coração, pelo que diz o doutor, mas tem tanta energia! A senhora Donald Reese...graças a Deus que não trouxe a Mary Anna, mas ainda assim vamo-nos fartar de a ouvir falar dela. A Jane Burr do Glen de cima. Ela não é membro da Liga. Bem, lá terei que contra as colheres no final do jantar. Aquela família está cheia de gente com esse problema...ficam-lhe as coisas agarradas às mãos. A Candace

Crawford...não costuma vir às reuniões, mas esta é uma boa oportunidade de exibir as suas lindas mãos e os seu anel de diamante. A Emma Pollock trás o saiote a aparecer por baixo do vestido como não podia deixar de ser...uma mulher bonita, mas despistada como todos daquela gente. Tillie MacAllister só espero que não entornes a geleia na toalha do jantar como fizeste na casa da senhora Palmer. A Martha Crother vai aproveitar para ter uma refeição decente, para variar. É uma pena não ter podido trazer o marido...ouvi dizer que ele se alimentava de nozes ou qualquer coisa do género. A senhora Elder Baxter...ouvi dizer que o Elder conseguiu finalmente afastar o Harold Reese da Mina. O Harold é um palerma qualquer, e um coração frívolo nunca consegue ganhar uma donzela ajuizada, como se costuma dizer. Bem, temos senhoras suficiente para fazer duas colchas e ainda sobram algumas para enfiarem agulhas."

As colchas foram estendidas na grande varanda e toda a gente ficou com as mãos e as línguas ocupadas. Anne e Susan estavam em grandes preparativos na cozinha, e Walter, que não tinha ido à escola nesse dia porque tinha a garganta levemente inflamada, sentou-se nos degraus da varanda, escondido da vista das senhoras por uma cortina de videiras. Ele gostava muito de ouvir as conversas dos mais velhos. Diziam coisas tão misteriosas e surpreendentes...coisas em que podíamos ficar a pensar e mais tarde tecer como uma teia de história, coisas que reflectiam cores e sombras, as comédias e as tragédias, as brincadeiras e as mágoas de cada clã de Four Winds.

DE todas as senhora presentes de quem Walter mais gostava era da senhora Myra Murray, que tinha um riso contagiante e pequenas rugas de riso aos cantos dos olhos. Ela podia contar a história mais simples e transformá-la numa coisa dramática e viva; ela alegrava as coisa onde quer que fosse; e nunca a vira tão bonita como nesse vestido de veludo granate, com aquelas suaves ondas no cabelo preto e uns lindos brincos vermelhos. A que menos gostava era a senhora Tom Chubb, magra como uma agulha...talvez porque a tinha ouvido dizer um dia que ele era uma criança enfermiça. Ele achava que a senhora Allan Milgrave parecia uma galinha cinzenta e que a senhora Grant Clow era uma barrica com pernas. A jovem senhora Ransome, com o seu cabelo cor de caramelo, era muito bonita, bonita demais para viver numa quinta, tinha dito Susan quando ela se casara. A jovem noiva, senhora MacDougall, parecia uma papoila branca adormecida. Edith Bailey, a costureira do Glen, com os seus caracóis

prateados e olhos negros bem dispostos, não parecia nada uma velha solteirona. Ele gostava da senhora Meade, a mais velha ali, que tinha uns olhos tolerantes e ouvia mais do que falava, e não gostava da Célia Reese que com o seu ar de riso falso parecia estar a rir-se de toda a gente.

As costureiras não pareciam ter começado ainda a falar...estavam a discutir o tempo e a decidir se acolchoavam a colcha em leque ou em losangos, pelo que Walter pensava na beleza daquele dia maduro, do relvado com as suas árvores magníficas, de um mundo que parecia envolto em braços dourados por um grande Ser delicado. As folhas coloridas esvoaçavam lentamente mas os malvaíscos altivos ainda se erguiam alegres contra a parede de tijolo e os álamos teciam feitiçarias dançando em volta do caminho para o celeiro. Walter estava tão absorto na beleza que o rodeava que a conversa já estava plenamente desenvolvida quando ele se apercebeu da observação da senhora Millison.

"Aquela família é conhecida por ter uns funerais sensacionais. Das que lá estiveram será que alguém se esqueceu do funeral do Peter Kirk?" Walter afitou as orelhas. Isto parecia interessante. Mas para seu desgosto a senhora Simon não esclareceu o que se passara. Toda a gente tinha estado no funeral ou ouvira a história.

(Mas porque é que todas parecem tão comprometidas?) "Não há dúvida que tudo o que a Clara Wilson disse sobre o Peter Kirk era verdade, masele está morto e enterrado, opobre do homem, e acho que o devemos deixarlá estar," disse a senhora Chubb muito decididamente, como se alguém tivesse proposto exumá-lo.

"A Mary Anna está sempre a dizer coisas tão giras," disse a senhora Reese. "Sabem o que é que disse no outro dia quando íamos para o funeral da Margaret Hollister? 'Mamã', disse ela, 'Vai haver gelado no funeral?'"

Algumas mulheres trocaram olhares furtivos de divertimento. A maioria ignorava a senhora Reese. Era a única coisa a fazer quando ela começava a puxar o assunto da Mary Anna, como acontecia sempre, por uma razão ou por outra. Se se encorajasse dava com elas em doidas. "Sabem o que é que disse a Mary Anna?" era já uma piada no Glen. "Falando de funerais," disse a Célia Reese, "houve um muito estranho em Mowbray Narrows quando eu era pequena. O Staton Lane foi para o oeste e constou que tinha morrido para lá. Os pais dele mandaram um telegrama a pedir que mandassem o corpo de volta, e ao que parece o Wallace MacAllister avisou-os que não deixassem abrir a urna. Já o funeral ia a

meio quando apareceu o próprio Staton Lane, vivo e de boa saúde. Nunca se chegou a saber a quem pertencia o corpo."

"E o que é que lhe fizeram?" perguntou Agatha Drew.

"Oh, enterraram-no. O Wallace disse que não se podia adiar. Mas não se podia realmente chamar àquilo um funeral, com toda a gente contente por o Staton ter regressado. O senhor Dawson até mudou o último hino de "Confortai-vos Cristãos" para "Por Vezes A Luz Surpreende-nos", mas a maior parte das pessoas acharam que se devia ter cantado o outro. "Sabem o que é que a Mary Anna me perguntou no outro dia? Perguntou: 'Mamã, os pastores sabem tudo?'"

"O senhor Dawson sempre se desorientou nestas crises," disse a Jane Burr. "o Glen de cima fazia parte da paróquia dele nessa altura e eu lembro-me de um domingo em que ele mandou as pessoas para casa e depois lembrou-se que ainda não tinham feito a colecta. Tratou de agarrar no prato da colecta e correu pelo jardim com ele na mão. E sabem...", acrescentou Jane, "houve pessoas que deram nesse dia que nunca tinham dado nem tornaram a dar. Não quiseram dizer que não ao pastor. Mas não foi muito digno da parte dele."

"A única coisa que eu tinha contra o senhor Dawson," disse Miss Cornélia, "era ele fazer umas orações tão compridas nos funerais. Chegávamos a ponto de invejar o morto. Ele ultrapassou todas as marcas no funeral da Letty Grant. Eu vi que a mãe dela estava quase a desmaiar e dei-lhe um encontrão com o meu guarda-chuva e disse-lhe que a oração estava a ficar comprida demais."

"Foi ele que enterrou o meu pobre Jarvis," disse a senhora Carr, com as lágrimas a correrem-lhe cara abaixo. Ela chorava sempre quando falava do marido, apesar dele já ter morrido há vinte anos.

"O irmão dele também era pastor," disse a Christine Marsh. "Ele é que tinha o Glen quando eu era miúda. Nós certa noite fizemos um concerto no salão e como ele era um dos oradores ficou sentado no palco. Ele era tão nervoso como o irmão e não parava de puxar a cadeira para trás até que caiu, com cadeira e tudo, para cima da orla de flores e plantas que tínhamos posto em volta do palco. Só o que lhe víamos eram os pés estendidos acima do palco. Eu nunca mais o consegui ouvir da mesma maneira. Ele tinha uns pés tão grandes."

"O funeral do Lane pode ter sido uma desilusão," disse a Emma Pollock, "mas pelo menos foi melhor do que não chegar a haver funeral."

Lembram-se da confusão dos Cambell?"

Ouviu-se um coro de risos. "Contem-me a história," disse a senhora Campbell. "Lembre-se, senhora Pollock, que eu não sou daqui e todas estas sagas familiares me são desconhecidas."

A Emma não sabia o que eram sagas, mas adorava contar histórias.

"O Abner Cromwell vivia perto de Lowbridge numa das maiores quintas do distrito. Também era um dos peixes mais graúdos dos conservadores, e conhecia todas as famílias importantes da ilha. Era casado com a Julie Flagg, que era filha de uma Reese e neta de uma Clow, por isso eram família de quase toda a gente aqui em Four Winds. Um dia, apareceu uma notícia no Daily Enterprise...o senhor Abner Cromwell tinha morrido subitamente em Lowbridge e o funeral seria às duas da tarde do dia seguinte. Não sei como, o Abner e a família não viram a notícia...e claro que não havia telefone fora das localidades nessa altura. Na manhã seguinte o Abner foi para Halifax assistir a uma convenção. Às duas horas começam a chegar pessoas para o funeral, vinham cedo para arranjar bons lugares, pensando que ia haver muita gente por o Abner ser um homem tão conhecido. E havia mesmo uma multidão, acreditem. Havia filas de buggies a milhas dali, e as pessoas não pararam de chegar até às três da tarde. A senhora Abner ia dando em doida a convencê-los que o marido não tinha morrido. Alguns não queriam acreditar, a princípio. Ela chegou a contar-me com as lágrimas nos olhos que algumas pessoas achavam que ela se tinha livrado do corpo de alguma maneira. E quando por fim se convenceram parecia que ficaram ofendidos por ele afinal não ter morrido. E pisaram-lhe as flores todas que ela tinha com tanto orgulho no jardim. Chegaram muito parentes distantes, que esperavam lá comer e dormir nessa noite, e ela não tinha feito muita comida...a Julie nunca foi muito desenrascada, verdade seja dita. Quando o Abner voltou a casa dois dias depois encontrou-a na cama com um esgotamento nervoso e levou meses a ficar boa. Não comeu nada durante seis semanas...bem, quase nada. Eu até ouvi dizer que ela disse que se tivesse mesmo havido um funeral não se podia ter enervado mais. Mas eu não acredito que fosse verdade."

"Não sei se não terá dito," disse a senhora MacCreery. "As pessoas dizem coisas horríveis. Quando estão nervosas sai-lhes a verdade. A irmã da Julie, a Clarice, foi cantar no coro da igreja como fazia normalmente no domingo a seguir a ter enterrado o marido."

"Nem o funeral de um marido era capaz de desanimar a Clarice por muito tempo," disse Agatha Dew. "Ela não tinha um pingo de juízo. Sempre a dançar e a cantar."

"Eu também costumava cantar e dançar...na praia, onde ninguém me ouvia," disse a Myra Murray.

"Ah, mas ganhou juízo entretanto," disse a Agatha.

"Não, perdi-o," disse Myra lentamente. "Agora nem para dançar na praia tenho juízo." "Primeiro," continuou Emma, que não queria deixar de contar a história completa," pensaram que o anúncio tinha sido uma partida...porque o Abner tinha perdido uma eleição havia dias...mas parece que afinal tinha sido um Amasa Cromwell, que vivia atrás do bosque do outro lado de Lowbridge...nem sequer eram aparentados. Ele tinha mesmo morrido. Mas passou muito tempo até que as pessoas perdoassem aquilo ao Abner, se é que perdoaram."

"Pois, foi uma grande maçada, ir lá tão longe e mesmo em cima da hora para nada," defendeu-se a senhora Chubb.

"E as pessoas em geral gostam de funerais," disse a senhora Reese animada. "Somos todos como crianças nesse aspecto. Eu levei a Mary Anna ao funeral do tio Gordon e ela gostou tanto. 'Mamã, não o podíamos desenterrar para nos divertirmos a enterrá-lo outra vez?' disse-me ela."

E desta vez riram-se todas...excepto a senhora Baxter, que cerrou os lábios e começou a coser com mais afinco. Já nada era sagrado hoje em dia. Toda a gente se ria de tudo. Mas ela, a mulher de um membro da igreja, não iria alimentar risotas relacionadas com funerais.

"E falando do Abner, lembram-se do obituário que o irmão dele, o John, escreveu para a mulher?" perguntou a senhora Milgrave. "Começava assim, 'Deus, por razões só dele conhecidas, decidiu levar a minha linda mulher e deixar o meu primo William com a mulher feia dele viva'. Nunca mais me vou esquecer da confusão que isso deu!"

"E como é que uma coisa dessas chegou a ser impressa?" perguntou a senhora Best.

"Ora porque ele é que era o editor do Enterprise nessa altura. Ele adorava a mulher...chamava-se Bertha Morris...e odiava a mulher do primo William porque ela não queria que ele se casasse com a Bertha. Achava-a muito volúvel."

"Mas era muito bonita," disse a Elizabeth Kirk.



"A rapariga mais bonita que eu já vi na vida," concordou a senhora Milgrave. "Os Morris são todos bonitos. Mas instáveis...mudam de ideias com muita facilidade. Ninguém percebeu como é que ela se decidiu a casar com o John. Dizem que foi a mãe dela que a manteve firme. A Bertha estava apaixonada pelo Fred Reese mas ele era muito mulherengo. 'Mais vale um pássaro na mão do que dois a voar' dizia-lhe a mãe dela."

"Eu toda a vida tenho ouvido esse provérbio," disse Myra Murray, "mas pergunto-me se será assim. Talvez os pássaros a voar saibam cantar mas o que temos na mão não saiba."

Ninguém soube muito bem o que responder mas a senhora Chubb acabou por falar.

"Tu és sempre tão estranha, Myra."

"Sabem o que me disse a Mary Anna no outro dia?" disse a senhora Donald. "Perguntou, 'Mamã, o que é que eu faço se nenhum homem me pedir para casar com ele?'"

"Nós as solteironas é que podíamos responder a isso, não é?" perguntou Celia Reese, dando uma cotovelada a Edith Bailey. A Célia não gostava da Edith porque esta era ainda bastante bonita, e não estava bem fora da circulação.

"A Gertrude Cromwell era feia," disse a senhora Clow. "Ela era direita como uma tábua. Mas uma grande dona de casa. Lavava todas as cortinas da casa uma vez por mês, enquanto a Bertha lava a as dela uma vez por ano, se tanto. E as persianas dela estavam sempre tortas. A Gertrude dizia que a arrepiava passar ao pé da casa do John Cromwell. E no entanto ele adorava a Bertha, enquanto o William mal tolerava a Gertrude. Os homens são muito estranhos. Dizia-se que o William se tinha deixado dormir no dia do casamento e que se vestiu tão à pressa que chegou à igreja com os sapatos velhos e com uma meia de cada cor." "Ainda assim foi melhor do que o Oliver Random," riu-se a senhora Carr. "Ele esqueceu-se de mandar fazer um fato para o casamento e o que tinha para os domingos estava uma lástima. Tinha remendos. Por isso pediu o fato emprestado ao irmão. Só lhe servia nas orelhas."

"Pelo menos a Gertrude e o William casaram," disse a senhora Simon. "A irmã dela, a Caroline não chegou a isso. Ela e o noivo brigaram-se porque não concordavam em relação ao pastor e não chegaram a casar. O Ronny ficou tão furioso que se casou com a Edna Stone antes de ter tempo

de arrefecer. A Caroline foi ao casamento de cabeça erguida, mas a cara dela parecia a de uma morta."

"Mas pelo menos manteve a boca fechada," disse a Sarah Taylor. "A Filipa Abbey não foi capaz disso. Quando o Jim Mowbray a deixou ela foi ao casamento dele e disse as coisas mais desagradáveis em voz alta durante toda a cerimônia. Eles eram todos Anglicanos, claro," concluiu Sarah Taylor, como se isso explicasse tudo.

"E é verdade que ela foi à boda com todas as jóias que o Jim lhe tinha dado desde que eram noivos?" perguntou Célia Reese.

"Não foi nada! Eu não sei como é que essas histórias circulam, realmente. Não sei o que é que as pessoas fazem, senão repetem mexericos. E mais, o Jim Mowbray arrependeu-se bem de não ter ficado com a Phillipa. A mulher dele é que mandava lá em casa...embora ele pintasse a manta quando ela não estava."

"A única vez em que vi o Jim Mowbray foi na noite em que os besouros verdes atacaram a congregação no culto de aniversário em Lowbridge," disse Cristhine Crawford. "E o Jim acabou com o que os besouros deixaram. Era uma noite quente e tinham as janelas todas abertas. Os besouros entraram e voaram por ali às centenas. Na manhã seguinte apanharam oitenta e sete besouros mortos no palco do coro. Algumas das mulheres içaram histéricas por terem os besouros a voar em direcção às caras delas. Do outro lado do banco estava sentada a mulher do novo pastor...a senhora Loring. Tinha um grande chapéu de renda com folhas de salgueiro..."

"Ela sempre se vestiu de forma extravagante demais para a mulher de um pastor," interrompeu a senhora Baxter.

"'Vejam-me só a tirar aquele besouro do chapéu da senhora do pastor', ouvi eu o Jim Mowbray sussurrar...ele estava sentado mesmo atrás dela. Inclinou-se para a frente e apontou para o besouro, mas falhou-o, apanhou o chapéu e mandou-o a voar entre os bancos direito à zona da comunhão. O Jim quase desmaiou. Quando o pastor viu o chapéu da mulher a vir em voo esqueceu-se do que estava a dizer no sermão e já não foi capaz de continuar, teve que desistir. O coro cantou o último hino enquanto afastavam os besouros. O Jim levantou-se e trouxe o chapéu de volta à senhora Loring. Ele estava à espera de uma descompostura, porque se dizia que a senhora era muito directa. Mas ela só o enfiou na cabeça e riu-se para ele. 'Se não tivesse feito isso,' disse-lhe, 'o Peter teria continuado por mais vinte minutos

e nós todos dávamos em doidos.' Claro que foi simpática por não se ter zangado, mas as pessoas acharam que ela não devia ter dito aquilo do marido."

"Mas vocês devem-se lembrar como é que ela nasceu," disse Martha Crothers.

"Então, como?"

"Ela era a Bessy Talbot da zona oeste. A casa do pai dela pegou fogo certa noite e naquela confusão toda nasceu a Bessie...no jardim...debaixo das estrelas."

"Que romântico!" disse Myra Murray.

"Romântico! Eu não acho sequer respeitável."

"Mas imagine só, nascer debaixo das estrelas!" disse Myra com ar sonhador. "Ela devia ser filha das estrelas...brilhante...bela...corajosa...verdadeira...com um brilho nos olhos."

"Ela era isso tudo," disse Martha, "quer fosse por causa das estrelas quer não. E passou um mau bocado em Lowbridge, onde achavam que a mulher de um pastor devia ser toda séria e emproada. Certo dia um membro da igreja encontrou-a a dançar em volta do berço do filho e disse-lhe que ela só se devia alegrar pelo filho depois de saber se ele estava entre os escolhidos."

"Falando de bebês, sabem o que é que a Mary Anna disse no outro dia? 'Mamã' disse ela, 'as rainhas têm bebês?'"

"Deve ter sido o Alexander Wilson," disse a senhora Allan. "Um estúpido qualquer. Não admitia que ninguém da família dele falasse às refeições, ao que parece. E quanto a rir...parece que ninguém tinha esse direito lá em casa."

"Imaginem só uma casa sem riso!" disse Myra. "Isso é puro sacrilégio." "O Alexander costumava ter alturas em que não falava à mulher três dias seguidos," continuou a senhora Allan. "Era um alívio tão grande para ela," acrescentou.

"O Alexander Wilson era um homem de negócios muito honesto, pelo menos," disse a senhora Clow muito hirta. O dito Alexander era primo dela em quarto grau e os Wilson eram muito unidos. "Deixou quarenta mil dólares quando morreu."

"Certamente terá tido pena de não os poder levar," disse Célia Reese.

"O irmão dele Jeffry não deixou nem um centimo," disse a senhora Clow. "Era a ovelha ranhosa daquela família, tenho que admitir. Mas era

muito divertido, lá isso era verdade. Gastou tudo o que tinha...pagava bebidas a toda a gente...e morreu sem um tostão. E o que é que ele ganhou com todo aquele riso e disposição?"

"Não terá ganho muito, talvez," disse Myra, "mas pense só naquilo que deu...alegria, simpatia, amizade, até dinheiro. Era rico em amigos, ao passo que o Alexander nunca teve um amigo na vida."

"Os amigos do Jeff não lhe pagaram o enterro," respondeu a senhora Allan. "Foi o Alexander que teve que o fazer...e comprou-lhe uma bela pedra tumular. Custou-lhe cem dólares."

"Mas quando o Jeff lhe pediu um empréstimo de cem dólares para pagar uma operação que lhe podia ter salvo a vida, não é verdade que o Alexander recusou?" perguntou a Célia Reese.

"Então, então, não sejam tão pouco piedosas," protestou a senhora Carr. "Afinal todos nós temos defeitos."

"O Lem Anderson vai casar hoje com a Dorothy Clark," disse a senhora Millison, achando que já era hora da conversa tomar um rumo mais alegre. "E ainda não fez um ano desde que ele jurou matar-se se a Jane Elliot não se casasse com ele."

"Os jovens dizem com cada coisa," disse a senhora Chubb. "Eles fizeram grande segredo...não se soube nada até há três semanas, quando se disse que estavam noivos. Eu falei com a mãe dele na semana passada e ela nem sequer deu a entender que o filho ia casar. Não me parece que possa confiar numa mulher tão reservada."

"E eu estou surpreendida por a Dorothy ter aceite casar com ele," disse Agatha Drew. "No ano passado achei que ela e o Frank Clow se fossem casar."

"Eu ouvia-a dizer que o Frank era melhor partido, mas que ela não podia pensar que ia ver aquele nariz a espetar do lençol todos os dias quando acordasse."

A senhora Baxter deu um safanão muito pudico e recusou juntar-se à risota.

"Vocês não deviam dizer essas coisas em frente de uma menina como a Edith," disse Célia, rodando a colcha.

"A Ada Clark já está noiva?" perguntou Emma Pollock.

"Não, não exactamente," disse a senhora Millison. "Só está esperançada. Mas ainda o vai agarrar. Aquelas raparigas tem jeito para

agarrarem maridos. A Pauline, irmã dela, casou com o dono da melhor quinta do porto."

"A Pauline é muito bonita, mas tem a cabeça cheia de ideias tolas," disse a senhora Milgrave. "Às vezes chego a pensar que nunca vai ganhar juízo." "Oh, com certeza que vai," disse Myra Murray. "Um dia quando tiver filhos eles vão ensiná-la a ter juízo...como lhe aconteceu a si e a mim."

"Para onde vão viver o Len e a Dorothy?" perguntou a senhora Meade.

"Oh, o Lem comprou uma quinta no Glen de cima. A velha quinta dos Carey, sabem, onde a pobre senhora Carrey matou o marido."

"Matou o marido!"

"Oh, eu não digo que ele não merecesse, mas toda a gente achou que ela tinha ido um bocado longe demais. Sim, deu-lhe herbicida no chá...ou foi na sopa? Toda a gente soube, mas ninguém fez nada. A linha, por favor, Célia."

"Mas a senhora quer dizer que ela nunca foi julgada...ou castigada?" gaguejou a senhora Campbell.

"Bem , ninguém queria pôr uma vizinha numa situação dessas. Os Carrey dão-se bem com toda a gente. Além disso, ela entrou em desespero. Claro que ninguém concorda com o assassinato, mas se algum homem mereceu ser assassinado foi o Roger Carrey. Ela foi para os estados unidos e casou outra vez. Já morreu há anos. Costumavam dizer que se via o fantasma do Roger Carrey a andar."

"Com certeza que ninguém acredita em fantasmas nesta época iluminada," disse a senhora Baxter.

"Mas porque é que não haveríamos de acreditar em fantasmas?" perguntou Tillie MacAllister. "Os fantasmas são interessantes. Eu conheço um homem que era assombrado por um fantasma que se ria dela...de desprezo. Ele ficava furioso. A tesoura, por favor, senhora MacDougall."

Tiveram que pedir a tesoura duas vezes à jovem noiva que a entregou corada. Não estava ainda habituada a que lhe chamassem senhora MacDOugall.

"A velha casa dos Truax do outro lado do porto esteve assombrada anos...por todo o lado se ouvia raspar e bater...uma coisa muito misteriosa," disse a Christine Crawford.

"Os Truax tinham todos problemas de estômago," disse a senhora Baxter. "Claro que se nós não acreditarmos neles, os fantasmas não aparecem," disse amuada a senhora MacAllister. "mas a minha irmã

trabalhou numa casa em Nova Escócia que estava assombrada por gargalhadas."

"Que fantasma tão alegre!" disse a Myra. "Eu não me importava de ter um assim."

"O mais provável era serem corujas," disse a céptica senhora Baxter.

"A minha mãe viu anjos em volta do leito de morte," disse Agatha Drew com um certo ar de triunfo.

"Mas os anjos não são fantasmas," disse a senhora Baxter.

"Falando de mães, como é que está o seu tio Parker, Tillie?" perguntou a senhora Chubb.

"Muito mal. Nós não sabemos ainda no que é que aquilo vai dar. Estamos todos sem saber o que fazer...em relação às nossas roupas de Inverno, quero dizer. Mas eu outro dia estava a falar sobre isso com a minha irmã e disse-lhe, 'De qualquer maneira devíamos arranjar uns vestidos pretos,' disse eu, 'que depois já não há problema se fizerem falta.'" "Sabem o que é que a Mary Anna disse outro dia? Disse, 'Mamã, eu vou parar de pedir a Deus que me dê cabelo encaracolado. Todas as noites desta semana lhe pedi, e ele ainda não fez nada.'"

"Eu há vinte anos que lhe peço uma coisa," disse amargamente a senhora Duncan, que ainda não tinha falado nem levantado os olhos na colcha. Ela era conhecida por acolchoar muito bem...talvez porque nunca se distraía com mexericos na hora de decidir onde dava os pontos.

Um breve silêncio invadiu o círculo. Elas todas podiam adivinhar o que ela pedia...mas não era coisa que pudesse ser discutida num círculo de costura. A senhora Duncan não tornou a falar.

"É verdade que a May Flagg e o Billy Carter se separaram e que ele vai casar com uma das MacDougalls do outro lado do porto?" perguntou Martha Crothers depois de um intervalo aceitável.

"Sim. Mas ninguém sabe o que se passou."

"Que pena...as pequenas coisas que por vezes separam os casais," disse Candace Crawford. "Lembram-se do Dick Pratt e da Lilian MacAllister...ele começou a pedi-la em casamento num piquenique quando começou a sangrar do nariz. Teve que ir até ao riacho...e encontrou lá uma rapariga que lhe emprestou o lenço. Apaixonou-se por ela e casaram duas semanas depois."

"Ouviram dizer o que aconteceu ao Big Jim MacAllister na noite de sábado passado na loja do Milt Cooper lá no em baixo no porto?" perguntou

a senhora Simon, achando que já era altura de alguém introduzir um assunto mais alegre do que fantasmas e separações. "Ele ganhou a mania de se sentar no fogão no Verão. Mas a noite de sábado estava fria, e o Milt fez lume. Por isso quando o Big Jim se sentou...bem, ele queimou o..."

"O traseiro," disse Walter muito sério, com a cabeça a aparecer por entre as trepadeiras. Ele achou realmente que a senhora Simon não se lembrava da palavra certa.

Um silêncio comprometido desceu sobre as costureiras. Será que o Walter Blythe ali estava há muito tempo? Toda a gente tentava lembrar-se do que fora dito para saber se se dissera alguma coisa muito inadequada aos ouvidos do menino. Dizia-se que a senhora Blythe era tão esquisita quanto ao que se dizia aos filhos. Antes que as suas linguas paralisadas tivessem tempo para recuperar Anne apareceu a dizer que podiam vir jantar.

"Só mais dez minutos, Senhora Blythe. Assim conseguimos acabar as duas colchas." Disse Elizabeth Kirk.

As colchas foram assim terminadas, levadas para a rua, sacudidas, levantadas e apreciadas.

"Quem irá dormir nelas," disse Myra Murray.

"Talvez uma jovem mãe abrace o seu primeiro bebé debaixo de uma delas," disse Anne.

"Ou crianças pequenas se aconcheguem nelas numa noite fria da pradaria," disse Miss Cornélia inesperadamente.

"Ou talvez um pobre corpo com reumático se alivie com elas," disse a senhora Meade.

"Espero que ninguém morra debaixo delas," disse a senhora Baxter com tristeza.

"Sabem o que disse a Mary Anna antes de eu vir para cá?" disse a senhora Donald enquanto se dirigiam para a sala de jantar. "Disse, 'Mamã, não se esqueça que tem que comer tudo o que lhe puserem no prato.'"

E assim, sentaram-se e comeram e beberam com a graça de Deus, porque tinham feito uma boa tarde de trabalho e afinal de contas havia muito pouca malícia em qualquer uma delas.

Depois do jantar foram para casa. A Jane Blurr foi até ao fim da aldeia com a senhora Millison.

"Tenho que me lembrar de tudo o que comemos para contar à mãe," disse Jane encantada, sem saber que Susan tinha ficado a contar as colheres.

"Ela já não pode sair agora que está presa à cama, mas adora saber tudo. Aquela mesa ia ser uma delícia para ela."

"Era tal e qual uma imagem de revista," concordou a senhora Simon com um suspiro. "Eu consigo fazer um jantar tão bom como qualquer outra pessoa, mas não sou capaz de pôr uma mesa com tanto estilo e prestígio. E quanto àquele jovem Walter, só me apetecia dar-lhe uma sova no traseiro. Pregou-me cá um susto!"

"E eu suponho que Ingleside ficou pejado de personagens mortos?" perguntou o Doutor.

"Eu não estava a coser," disse Anne, "por isso não ouvi o que se falou."

"Você nunca ouve, queridinha," disse Miss Cornélia, que tinha ficado até mais tarde para ajudar a Susan a dobrar as colchas. "Quando você está presente ninguém se deixa levar. Acham que não gosta de mexericos."

"Depende do género," disse Anne.

"Pois, ninguém disse nada muito terrível hoje. A maioria das pessoas de quem falaram estavam mortas...ou deviam estar," disse Miss Cornélia, lembrando-se da história do suposto funeral do Abner Cromwell com um sorriso. "Só a senhora Millison é que teve que ir buscar aquela história horrível sobre a Madge Carey e o marido. Eu lembro-me bem. Não havia uma prova de que a Magde o tivesse feito...excepto um gato que morreu depois de ter comido a sopa, mas o animal andava doente há uma semana. Se querem saber a minha opinião, o Roger Carrey morreu de apêndicite...embora claro que naquela altura ninguém soubesse que tinha apêndices."

"E eu acho que é realmente uma pena que tenham chegado a saber," disse Susan. "As colheres estão cá todas, minha querida senhora, e a toalha de mesa está intacta."

"Bem, eu tenho que ir andando," disse Miss Cornélia. "Eu para a semana mando-lhe umas costeletas quando o Marshall matar o porco."

Walter estava novamente sentado nos degraus com os olhos cheios de sonhos. Tinha caído a noite. De onde, pensava, caía ela? Será que um grande espírito com asas de morcego a despeja por cima do mundo e dentro de um jarro púrpura? A Lua subia no céu, e três velhos abetos torcidos pelo vento pareciam três velhas bruxas muito magras com marrecas subindo o monte que tinham por detrás. E seria aquilo um pequeno fauno com orelhas felpudas por detrás das sombras? E se ele abrisse o portão do jardim agora,



não entraria ele numa estranha terra de fadas, onde as princesas acordavam de sonhos encantados, onde ele talvez conseguisse perseguir e encontrar o Eco como ele com tanta frequência desejava? Não se atrevia a falar. Qualquer coisa podia desaparecer se o fizesse.

"Querido," disse a Mãe vindo ao seu encontro, " não podes estar aí sentado mais tempo. Está a ficar frio. Lembra-te da tua garganta."

As palavras faladas tinham quebrado o encanto. Uma certa luz mágica tinha desaparecido. O relvado era ainda um sitio lindo, mas já não era a terra das fadas. Walter levantou-se.

"Mãe, conta-me o que aconteceu no funeral do Peter Kirk?"

Anne pensou por um momento...depois arrepiou-se.

"Agora não, querido. Talvez...outro dia..."

## Capítulo 33

**Anne,** sozinha no seu quarto...porque Gilbert tinha sido chamado para uma consulta...estava sentada à janela para uns minutos de comunhão com a ternura da noite e saboreava o encanto etéreo do seu quarto iluminado pela lua. Diga-se o que se disser, pensava Anne, há sempre qualquer coisa de estranho num quarto iluminado pela lua. Toda a sua personalidade muda. Já não é tão amigável...tão humano. É distante e frio, e fechado sobre ele próprio. Quase que nos vê como intrusos.

Ela estava um pouco cansada pelo seu dia tão ocupado e tudo estava tão maravilhosamente sossegado agora...as crianças dormiam, Ingleside de novo em ordem. Não havia som nenhum pela casa a não ser um bater suave vindo da cozinha onde Susan amassava o pão.

Mas da janela aberta vinham os sons da noite, cada um deles conhecido e amado por Anne. Risos baixos elevavam-se do porto no ar parado.

Alguém cantava no Glen e pareciam as notas assombradas de uma canção há muito ouvida. Havia caminhos prateados pela luz da lua sobre a água mas Ingleside estava coberta pelas sombras. As árvores murmuravam "velhos ditados obscuros" e uma coruja piava em Rainbow Valley.

"Este Verão foi tão feliz!" pensou Anne...e depois lembrou-se com um pequeno salto do coração uma coisa que certa vez ouvira à Tia Kitty Escocesa do Glen de cima..."nunca se vive o mesmo Verão outra vez." Nunca exactamente o mesmo. Outro Verão viria...mas as crianças seriam um pouco mais velhas e a Rilla entraria para a escola..."e eu fico sem nenhum bebé," pensou Anne tristemente. Jem tinha agora doze anos e já se falava da "Admissão"...o Jem que ainda ontem fora um bebé na Casa de Sonhos. Walter estava cada vez mais alto e ela ouvira Nan chateando Di sobre um qualquer rapaz lá da escola; e Di tinha corado e atirado a cabeça ruiva para trás. Bem, era a vida. Felicidade e dor...esperança e medo...e mudança. Sempre a mudança! Não se podia evitar. Tínhamos que deixar partir o antigo e abrir o coração ao novo...aprender a amá-lo e depois deixá-lo ir a seu tempo. A Primavera, bela como é, tem que dar lugar ao Verão e o Verão tem que se perder no Outono. O nascimento...as núpcias...a morte.

Anne lembrou-se subitamente do Walter a perguntar o que se passara no funeral do Peter Kirk. Ela não pensava nisso há anos, mas não se

esquecera. Ninguém que lá estivesse, ela tinha a certeza, podia ter-se esquecido. Sentada na penumbra iluminada pela lua ela recordou-se de tudo.

Tinha sido em Novembro...o primeiro Novembro que passaram em Ingleside...depois de uma semana de verão dos marmelos. Os Kirks viviam em Mowbray Narrows mas vinham à igreja do Glen e o Gilbert era médico deles; por isso ele e Anne foram ambos ao funeral.

Tinha sido, recordava, um dia suave calmo e cinza pérola. Tudo em volta deles era uma paisagem castanha e púrpura de Novembro, com remendos de luz do sol aqui e ali em curvas e caminhos onde o sol brilhava por uma brecha aberta entre as nuvens. "Kirkwynd" estava tão próxima da costa que uma brisa de vento carregado de sal soprava por entre os sérios pinheiros das traseiras. Era uma casa grande, de ar próspero mas Anne sempre achou que o triângulo que terminava um dos lados do telhado parecia mesmo uma cara comprida, estreita e amarga. Anne parou para falar a um grupo pequeno de mulheres no rígido relvado sem flores. Elas eram todas boas mulheres trabalhadoras para quem um funeral não era uma excitação desagradável.

"Eu esqueci-me de trazer um lenço de assoar," dizia a senhora Blake. "O que é que vou fazer quando chorar?"

"mas tem que chorar?" perguntou secamente a cunhada dela, Camilla Blake. Camilla não gostava de mulheres que choravam com muita facilidade. "O Peter Kirk não te era nada e tu nunca gostaste dele."

"Eu acho que é uma questão de educação chorar num funeral," disse a senhora Blake muito séria. "Demonstra que temos sentimentos quando um vizinho nosso é chamado para a sua eterna morada."

"se ninguém chorar no funeral do Peter Kirk a não ser aqueles que gostavam dele não se vão ver muitos olhos húmidos," disse a senhora Curtis Rodd rispidamente. "É a mais pura verdade, para quê disfarçá-la? Ele era um velho hipócrita e beato e eu sei que é verdade, mesmo se mais ninguém se lembrar. Quem vem ali em baixo ao portão? Não...não me digam que é a Clara Wilson."

"Mas é," murmurou incrédula a senhora Bryan.

"Bem, depois da primeira mulher do Peter ter morrido ela disse-lhe que não tornava a por os pés nesta casa até vir ao funeral dele e manteve a palavra," disse Camilla Blake. "Ela era irmã da primeira mulher do Peter,"...explicou a Anne, que olhava curiosamente para Clara Wilson

enquanto ela passava ao lado delas, de olhar fixo, com os seus olhos cor de topázio acesos em direção à porta. Era uma mulher magra com um rosto escurecido e trágico, usando uma touca absurda por cima do cabelo negro como algumas mulheres mais velhas ainda usavam...uma coisa com penas e um véu que lhe cobria o rosto até ao nariz. Ela não olhou nem falou para ninguém, enquanto a sua saia comprida de tafetá restolhava pela relva e subia os degraus da varanda.

"Lá está o Jed Clinton à porta, a pôr a cara de funeral," disse Camilla sarcástica. "Vê-se mesmo que está a pensar que já é altura de irmos para dentro. Ele está-se sempre a gabar que nos funerais dele as coisas correm sempre de acordo com o horário estipulado. Ele nunca conseguiu perdoar à Winnie Clow por ter desmaiado antes do sermão. Não teria sido tão mau se fosse depois. Bem, com certeza que ninguém vai desmaiar neste funeral. A Olivia não é desse género."

"O Jed Clinton...o cangalheiro de Lowbridge," disse a senhora Reese. "Porque é que não contrataram o do Glen?"

"Quem? O Carter Flagg? Oh, mulher o Peter e ele toda a vida se detestaram. O Carter gostava da Amy Wilson, sabem."

"Muitos gostavam dela," disse Camilla. "Ela era uma rapariga muito bonita, com um cabelo ruivo cor de cobre e olhos negros. Apesar das pessoas na altura acharem a Clara a mais bonita das duas. É estranho que ela nunca tenha casado. Lá vem o pastor, finalmente...e o reverendo Owen de Lowbridge vem com eles. Claro, ele é primo da Olivia. Até é bom, pena pôr tantos 'Ohh's' nas orações. É melhor irmos entrando senão o Jed tem um ataque."

Anne parou para olhar o rosto de Peter Kirk a caminho da sua cadeira. Ela nunca gostara dele. "Tem um rosto cruel," pensara, a primeira vez que o vira. Bonito, sim...mas com olhos frios e cinzentos já nessa altura a ganharem papos, e a boca estreita e impiedosa de um sovina. Ele era conhecido pela sua arrogância e egoísmo para com os seus irmãos, apesar da sua profissão de piedade e das suas orações untuosas. "Sempre seguro da sua importância" tinha Anne ouvido alguém dizer certo dia. Mas ainda assim, era respeitado e considerado.

Era tão arrogante na morte como na vida e havia qualquer coisa nos seus dedos longos cruzados sobre o peito imóvel que fez Anne estremecer. Ela imaginou o coração de uma mulher preso neles e olhou para Olivia Kirk, sentada do lado oposto a ela vestida de luto. Olivia era uma mulher

alta, clara e bonita com grandes olhos azuis..."não quero uma mulher feia", dissera Peter Kirk certa vez...e o seu rosto estava composto e inexpressivo. Não havia rasto aparente de lágrimas...mas Olivia era uma Random e os Randoms não eram pessoas emotivas. Pelo menos sentava-se decorosamente e a viúva mais despedaçada do mundo não teria usado luto mais carregado.

O ar estava cheio do perfume das flores que cobriam o caixão...para Peter Kirk, que não sabia que as flores existiam. O seu lodge tinha enviado uma coroa, a igreja outra, os administradores da escola outra, e havia outra ainda da Comissão do Queijo. O seu único filho há muito tempo perturbado não mandara nenhuma, mas o clã Kirk tinha enviado uma grande âncora de rosas brancas com "Finalmente chega ao porto" escrito com rosas vermelhas, e havia um da própria Olivia...uma almofada de lírios brancos. O rosto de Camilla Blake tremeu quando olhou para eles, e Anne recordou-se que ela ouvira Camilla contar que quando foi a Kirkwynd pouco depois do segundo casamento de Peter, ele atirou pela janela um vaso de lírios brancos que a noiva trouxera com ela. Ele não ia, dizia, ter a casa dele atolada com ervas.

Olivia tinha aparentemente levado o assunto com muita calma, e não se viram mais lírios em Kikwynd. Seria possível que Olivia...mas Anne olhou para o rosto plácido da senhora Kirk e afastou a suspeita. Afinal, era em geral a florista que sugeria as flores.

O coro cantou "A morte como um mar divide a terra divina da nossa" e Anne olhou para Camilla enquanto ambas se perguntavam como se encaixaria Peter Kirk nessa terra divina. Anne quase conseguia ouvir Camilla a dizer, "Imaginem só o Peter Kirk de harpa e halo na cabeça, se forem capazes."

O Reverendo Owen leu um capítulo e rezou, com muitos ohh's e muitas alusões a corações magoados que teriam que ser confortados. O pastor do Glen pregou um sermão que muito em privado consideraram demasiado empolado, mesmo considerando que se deve dizer alguma coisa de bom do mortos. Ouvir falar de Peter Kirk como um pai afectuoso e um marido gentil, um vizinho atento e um cristão sincero era, sentiam todos, um abuso da linguagem. Camilla refugiou-se no lenço não para derramar lágrimas, e Stephan MacDonald pigarreou uma ou duas vezes. A senhora Bryan devia ter pedido um lenço emprestado a alguém porque já chorava com um à frente, mas os olhos baixos e azuis de Olívia continuavam secos.

Jed Clinton deu um suspiro de alívio. Tudo tinha corrido às mil maravilhas. Mais um hino...a usual fila para um derradeiro olhar aos "restos mortais"...e teria outro funeral de sucesso a juntar à sua longa lista.

Houve uma pequena perturbação a um canto da grande sala e Clara Wilson abriu caminho entre o labirinto de cadeiras até ao lado do caixão. Ali virou-se e encarou a assembleia. A sua touca absurda deslizara um pouco para um lado e uma madeixa de cabelo negro escapara do troço e pendia agora no seu ombro. Mas ninguém achou que Clara Wilson parecesse absurda. O seu longo rosto emaciado estava corado, os seus olhos assombrados e trágicos em chamas. Ela era uma mulher possuída. A amargura, como uma doença incurável, parecia tomar conta de todo o seu ser.

"Vocês estiveram a ouvir um chorrilho de mentiras...vocês que vieram aqui dar os seus sentimentos...ou saciar a vossa curiosidade, seja o que for. Agora eu vou dizer-lhes a verdade sobre o Peter Kirk. Eu não sou nenhuma hipócrita...nunca o tem em vida e não o temo agora que está morto. Nunca ninguém se atreveu a dizer-lhe a verdade na cara enquanto foi vivo mas vai ser dita agora...no seu funeral onde o chamaram de bom marido e bom vizinho. Um bom marido! Ele casou com a minha irmã Amy...a minha Linda irmã Amy. Todos vocês sabiam como ela era doce e linda. Ele tornou-lhe a vida num inferno. Torturou-a e humilhou-a...ele tinha prazer nisso. Oh, ele ia regularmente à igreja. e fazia umas orações muito longas...e pagava as suas dívidas. Mas era um tirano e um abusador...o próprio cão dele fugia quando o ouvia chegar.

Eu disse à Amy que ela se ia arrepender de se casar com ele. Eu ajudei-a a fazer o vestido de noiva...mais valia ter-lhe feito a mortalha. Ela estava Toda apaixonada por ele nessa altura, pobrezinha, mas não tardou uma semana depois de casada a saber o que ele era. A mãe dele tinha sido uma escrava e ele esperava isso da mulher. 'Não vão haver discussões na minha casa' disse-lhe ele. Ela não teve coragem de discutir...tinha o coração despedaçado. Oh, eu sei o que ela passou, minha pobre querida irmã. Ele contrariava-a em tudo. Ela não podia ter um jardim...não podia ter um gatinho...eu dei-lhe um e ele afogou-lho. Ela tinha que lhe dar conta de cada cêntimo que gastava. Alguma vez a viram vestida de maneira decente? Ele ia criticá-la por usar chapéu se parecesse que ia chover. A chuva não podia estragar nenhum chapéu que ela tivesse, minha pobre irmã. E ela que tanto gostava de roupas bonitas! Ele estava sempre a desdenhar da família dela.

Nunca se riu em toda a vida...alguma vez algum de vocês o ouviu rir? Ele sorria...oh, sim, ele sorria sempre, calma e docemente quando fazia as coisas mais exasperantes. Foi a sorrir que lhe disse, depois do bebê dela ter nascido morto, que mais valia ter morrido também se só lhe ia dar fedelhos mortos. Ela morreu passados dez anos disto...e eu fiquei contente por ela lhe ter escapado. Eu disse-lhe nessa altura que nunca mais entrava na casa dele a não ser para o ver morto. Alguns e vocês ouviram-me. Eu mantive a minha promessa e vim dizer a verdade toda sobre ele. E é a verdade..."você sabe"...e apontou ferozmente ao Stephen MacDonald..."você sabe"...o dedo virou-se para Camilla Blake..."Você sabe"...Olivia Kirk não mexeu um músculo..."você sabe"...o pobre pastor sentiu que aquele dedo o trespassava como uma faca. "Eu chorei no casamento do Meter Kirk, mas eu disse-lhe que me ia rir no funeral dele. E é o que vou fazer."

Ela deslizou furiosamente para a frente e inclinou-se sobre o caixão. As ofensas que a magoaram durante anos tinham sido vingadas. Ela tinha por fim desabafado o seu ódio. Todo o seu corpo vibrava em triunfo e satisfação enquanto ela olhava para a cara fria e inerte de um homem morto. Toda a gente esperou o rebentar de um riso vingativo. Mas este não veio. O rosto zangado de Clara Wilson mudou subitamente...contorceu-se...enrugou-se um pouco como o de uma criança. Clara...começou a chorar.

Ela virou-se, com as lágrimas a correrem-lhe pelo rosto, para se retirar da sala. Mas Olivia levantou-se perante ela e colocou-lhe uma mão no braço. Por um momento, as duas mulheres olharam uma para a outra. A sala foi engolida por um silêncio que quase parecia uma presença humana.

"Obrigada, Clara Wilson," disse Olivia Kirk. O seu rosto estava tão imperscrutável como sempre mas havia qualquer coisa na sua voz calma e firme que fez arrepiar Anne. Sentiu-se como se um abismo se tivesse subitamente aberto em frente dos olhos. A Clara Wilson podia odiar Peter Kirk vivo ou morto, mas Anne sentiu que o seu ódio era uma coisa pálida quando comparado com o de Olivia Kirk.

Clara saiu, chorando, passando por um furioso Jed que deixava com um funeral estragado entre as mãos. O pastor, que tentara anunciar um último hino,"Adormecido em Jesus", pensou melhor e terminou com uma simples bênção trémula. Jed não fez o usual anúncio que os amigos e familiares poderiam dar um último adeus aos "restos mortais". A única coisa decente a fazer, pensou ele, era fechar a urna e enterrar o Peter Kirk fora da vista de todos tão depressa quanto possível.

Anne deu um longo suspiro quando atravessou os degraus da varanda. Que encantador era o ar fresco depois daquela sala quente e perfumada onde a amargura de duas mulheres ficara como o seu tormento.

A tarde tornou-se mais fria e mais cinzenta. No relvado, pequenos grupos aqui e ali discutiam o assunto com vozes abafadas. Clara Wilson ainda se via ao longe, atravessando uma pastagem a caminho de casa. "Bem, esta foi a melhor!" disse Nelson meio tonto.

"Chocante...chocante!" disse Elder Baxter.

"Porque é que ninguém a impediu?" perguntou Henry Reese.

"Porque vocês todos estavam ansiosos por ouvir o que ela tinha a dizer," respondeu Camilla.

"Não foi...decente," disse o tio Sandy MacDougall. Ele tinha-se afeiçoado muito à palavra e repetia-a debaixo da língua. "Não foi decente. Um funeral deve ser decente seja lá como for...decente."

"Bolas, a vida não é engraçada?" disse Augustus Palmer.

"Eu lembro-me de quando o Peter e a Amy começaram a namorar," recordou o velho James Porter. "Eu namorava a minha mulher nesse Inverno. A Clara era uma rapariga muito bonita nessa altura. E fazia cá uma tarte de cereja!"

"Ela foi sempre uma rapariga de lingua afiada," disse Boyce Warren. "Eu suspeitei logo que ela trazia pólvora quando a vi vir mas nunca imaginei que ela fosse fazer uma coisa daquelas. E a Olivia! Alguém imaginava? As mulheres são muito esquisitas."

"Vai ser uma história para o resto das nossas vidas," disse Camilla. "E depois, se nunca acontecessem coisas destas a História era muito aborrecida, com certeza."

Um Jed muito desmoralizado conseguiu juntar os homens que carregavam o caixão e levaram-no para fora. Quando a carruagem seguiu alameda acima, seguida por uma lenta procissão de buggies, ouviu-se um cão a uivar tristemente no celeiro. Talvez fosse afinal, a única criatura viva que chorava o Peter Kirk.

Stephen MacDonald juntou-se a Anne enquanto ela esperava por Gilbert. Ele era um homem alto que vivia no Glen de cima e tinha a cabeça de um velho imperador romano. Anne sempre gostara dele.

"Cheira-me a neve," disse. "Parece-me sempre que Novembro é uma altura de saudades. Nunca sentiu isso, senhora Blythe?"

"Sim. O ano olha para trás triste pela sua primavera perdida."



"A primavera...a primavera! Senhora Blythe, estou a ficar velho. Eu dou comigo a pensar que as estações estão a mudar. O Inverno já não é o que era...já não reconheço o Verão...e a Primavera...já não há primaveras. Pelo menos é o que se sente, quando pessoas que conhecemos não voltam para a partilhar connosco. A pobre Clara Wilson...o que é que achou disto tudo?"

"Oh, foi de partir o coração. Tanto ódio..."

"Sim. Sabe, ela estava apaixonada pelo Peter há muitos muitos anos...terrivelmente apaixonada. A Clara era na altura a rapariga mais bonita de Mowbray Narrows...com pequenos caracóis negros em volta da cara muito branca...mas a Amy era uma rapariga sorridente e alegre. O Peter deixou a Clara e ficou com a Amy. São coisas muito estranhas que nos acontecem na vida, senhora Blythe."

Havia um ambiente estranho nos pinheiros torcidos pelo vento por detrás de Kirkwynd; lá longe uma nuvem carregada de neve embranquecia um monte onde uma fila de choupos perfurava o céu cinzento. Toda a gente se apressava para regressar antes que atingisse Mowbray Narrows. "Terei o direito de ser tão feliz quando outras mulheres são tão miseráveis?" perguntava Anne a si própria enquanto voltavam a casa, lembrando-se dos olhos de Olivia Kirk ao agradecer a Clara Wilson.

Anne levantou-se da janela. Já tinham passado quase doze anos. Clara Wilson morrera e Olivia Kirk tinha ido para o continente onde casara de novo. Ela era muito mais jovem que Peter.

"O tempo cura muito mais do que imaginamos," pensou Anne. "É um erro terrível guardar ressentimentos tantos anos...abraçando-o no nosso coração como um tesouro. Mas eu acho que a história do que aconteceu no funeral do Peter Kirk é uma história que o Walter não deve saber nunca. Não é com certeza história para crianças."

## Capítulo 34

**Rilla** estava sentada nos degraus da varanda em Ingleside, com um joelho cruzado por cima do outro...com um joelinhos tão gordos e morenos!...muito ocupada sentindo-se infeliz. E se alguém perguntar porque é que uma menina muito mimada estaria infeliz, essa pessoa devia já ter-se esquecido da sua própria infância, quando coisas que não tinham importância nenhuma para os adultos eram tragédias escuras e tenebrosas para si. Rilla estava perdida nos abismos do desespero porque a Susan lhe tinha dito que ia fazer um bolo de "ouro e prata" para o evento social do orfanato e que ela, Rilla, tinha que o levar até à igreja nessa tarde.

Não me perguntem porque é que Rilla preferia morrer a levar um bolo através da aldeia até à igreja presbiteriana de Glen St. Mary. Os pequenos por vezes metem coisas estranhas na cabeça e de certa forma Rilla tinha metido na dela que era uma coisa vergonhosa e humilhante levar um bolo onde quer que fosse. Talvez fosse porque, certo dia, quando ela só tinha cinco anos, encontrou a velha Tillie Pake que levava um bolo rua abaixo com todos os rapazes a cantarem-lhe aos calcanhares e a fazerem pouco dela. A velha Tillie vivia lá em baixo no porto e era uma velhota muito andrajosa.

"A velha Tillie Pake Foi roubar um bolo E deu-lhe dor de estômago!"  
Cantavam os rapazes.

Ser comparada com Tillie Pake era qualquer coisa que Rilla não conseguia suportar. Tinha-se-lhe metido na cabeça que não se podia ser uma senhora e andar por ai a carregar bolos. E era por isso que ela se sentava desconsoladamente nos degraus da varanda e a sua querida pequena boca, com um dente a menos, estava sem o seu sorriso habitual. Em vez de parecer perceber o que os narcisos pensavam ou se se atrevia a partilhar um segredo com as rosas amarelas, ela parecia um ser esmagado para sempre. Até os seus olhos cor de avelã, que quase se fechavam quando se ria, estavam infelizes e atormentados, em vez de serem os habituais poços de encanto. "Foram fadas que lhe tocaram nos olhos," tinha-lhe certo dia dito a tia Kitty MacAllister. O pai dela garantia que ela tinha nascido encantadora, e que se tinha rido para o doutor Parker uma hora depois de nascer. Já nesta altura, Rilla falava melhor com os olhos do que com a boca, porque ciciava um pouco. Mas ela ultrapassaria isso...ela crescia muito rapidamente. No

ano anterior o Papá medira-a por uma roseira; este ano fora por uma Phlox; no ano seguinte seriam osmalvaiscos e entraria na escola. Rilla estava muito feliz e contente consigo própria antes do terrível anúncio de Susan. Realmente, dizia Rilla indignada para o céu, Susan não tinha nenhum senso de vergonha. Naverdade, Rilla pronunciara "chencho de vegonha" mas o céu azul pálido pareceu ter compreendido.

A Mamã e o Papá tinham ido a Charlottetown nessa manhã e todas as outras crianças estavam na escola, pelo que Rilla e Susan estavam sozinhas em Ingleside. Em circunstâncias normais Rilla teria ficado encantada. Ela nunca estava sozinha; teria ficado contente por se sentar ali nos degraus da varanda ou na sua pedra particular forrada a musgo verde em Rainbow Valley, com um ou dois gatinhos das fadas para companhia, e imaginar coisas sobre tudo o que via...aquele canto do relvado que parecia um alegre pais de borboletas...as papoilas suspensas sobre o jardim...aquela grande nuvem fofinha tão sozinha lá no céu...as grandes abelhas que pousavam nos nastúrios...o honeysuckle que se pendurava para tocar os seus caracóis vermelho acastanhados com um dedo amarelo...o vento que soprava...e para onde soprava?...Cock Robin, que regressara outra vez e chilreava muito importante no corrimão da varanda, perguntando-se porque é que Rilla não brincava com ele...e Rilla que não conseguia pensar em nada senão no facto terrível de ter que levar um bolo...um Bolo...através da aldeia até à igreja para a angariação de fundos que estavam a fazer para os órfãos. Rilla tinha a noção que o Orfanato era em Lowbridge e que lá viviam crianças pobres que não tinham pai nem mãe. Ela tinha muita pena delas. Mas nem pelo mais órfão entre os órfãos a pequena Rilla Blythe estava disposta a ser vista em público transportando um bolo.

Talvez se chovesse ela não tivesse que ir. Mas não parecia ir chover, pelo que Rilla juntou as mãos...havia uma covinha na base de cada dedo...e disse sinceramente:

"Pol Favol, querido Deus, faz com que chova muito. Faz com que chova a potes. Ou então..." Rilla lembrou-se de outra possibilidade, "faz com que o bouo da Susan se queime...fique negro como um tição." Infelizmente, quando chegou a hora do almoço o bolo acabado, recheado e coberto, estava exposto em triunfo na mesa da cozinha. Era um dos bolos favoritos de Rilla..."bolo de ouro e prata" soava tão luxuoso...mas ela sentia que nunca mais seria capaz de comer nenhum. Ainda assim...não era um relâmpago que se ouvia por detrás dos montes baixos do outro lado do

porto? Talvez Deus tivesse ouvido a sua oração...talvez houvesse um tremor de terra antes de dar tempo de ir. Não podia ter uma dor de estômago se se confirmasse o pior? Não. Rilla estremeceu. Isso implicava óleo de fígado de bacalhau. Mais valia o tremor de terra!

O resto das crianças não repararam que Rilla, sentada na sua cadeira que tinha um patinho trabalhado nas costas, estava muito calada. Que egoistas! Se a Mamã estivesse em casa ela ia ter reparado. A Mamã tinha visto coo ela ficara preocupada naquele dia em que a fotografia do Papá aparecera no Enterprise. Rilla chorava amargamente na cama quando a Mamã chegou e descobriu que Rilla achava que só os assassinos é que apareciam com fotografias nos jornais. E a Mamã não levou muito tempo a resolver isso. Será que a Mamã ia gostar de ver a filha dela a levar um bolo pelo Glen como a velha Tillie Pake?

Rilla achou muito difícil comer o almoço, apesar da Susan lhe ter posto o prato azul com botões de rosa que a tia Rachel Lynde lhe mandara no seu último aniversário e que ela só podia usar normalmente aos domingos. Plato azul com losinhas! Quando tínhamos que fazer uma coisa tão vergonhosa! Ainda assim, os fofos de fruta que a Susan fizera para sobremesa eram muito agradáveis.

"Susan, não pode ser a Nan ou a Di a ueval o bouo depois da escoua?" pediu.

"A Di quando sair da escola vai com a Jessie Reese para casa, e a Nan tem um osso na perna," disse Susan, com a ideia que estava a ser engraçada. "Além disso, era muito tarde. A comissão quer lá os bolos até às três horas para terem tempo de os cortarem e arranjamem as mesas antes de irem para casa jantar. Mas porque é que tu não queres ir, Bolinha? Tu achas sempre tão divertido quando vais buscar o correio?"

A Rilla era um bocadinho Bolinha, mas detestava que lhe chamassem isso.

"Eu não quero magoar os meus sentimentos," explicou secamente.

Susan riu-se. Rilla começava a dizer certas coisas que faziam rir a família. Ela não percebia porque é que eles se riam porque ela falava a sério. Só a Mãe é que não se ria; nem quando descobriu que Rilla pensava que o Pai era um assassino.

"A angariação é para juntar dinheiro para meninos e meninas que não têm pais nem mães que gostem deles," explicou Susan...como se ela fosse um bebé que não percebesse!

"Eu também sou quase órfã," disse Rilla. "Eu só tenho um pai e uma mãe."

A Susan riu-se outra vez. Ninguém a compreendia.

"Tu sabes que a tua mãe prometeu o bolo à Comissão, querida. Eu não tenho tempo para o levar e ele tem que ir. Por isso, veste o teu avental azul aos quadrinhos e vai andando."

"A minha boneca adoeceu," disse Rilla já desesperada. "Eu tenho que a pol na cama e tratá-ua. Se cauar é pneumonia."

"A tua boneca fica muito bem até tu voltares. Podes ir e vir em meia hora," foi a resposta impiedosa de Susan.

Não restava esperança alguma. Até Deus lhe tinha faltado...não havia qualquer sinal de chuva. Rilla, demasiado perto das lágrimas para continuar a protestar, subiu e vestiu o vestido novo de organdi com favos de mel e o seu chapéu novo dos domingos, orlado a margaridas. Talvez se ela tivesse um aspecto respeitável as pessoas não a comparassem à velha Tillie Pake.

"Eu acho que a minha cala está uimpa se quisel pode vel por tlas das minhas oueias," disse para Susan com grande dignidade.

Ela estava com receio que Susan lhe ralhasse por ter vestido o seu melhor vestido e chapéu. Mas a Susan limitou-se a inspeccionar-lhe as orelhas, deu-lhe um cesto que continha o bolo, disse-lhe que se portasse bem e que por amor de Deus não se parasse a conversar com cada gato que via no caminho.

Rilla fez uma cara rebelde ao Gog e Magog e partiu. Susan ficou a vê-la enternecida.

"Imaginem só, o nosso bebé já é grande o suficiente para levar um bolo sozinha até à igreja," pensou, meia orgulhosa, meia desgostosa, enquanto voltava ao trabalho, felizmente sem saber da tortura que acabara de infligir a uma pequena por quem teria dado a vida.

Rilla não se sentia tão infeliz desde que tinha adormecido na igreja e tombado do assento. Ela normalmente gostava muito de ir à aldeia; haviam tantas coisas interessantes a ver: mas hoje a habitualmente fascinante corda da roupa da senhora Flagg, com todas aquelas colchas maravilhosas, não mereceu sequer um olhar de Rilla e o novo veado de ferro forjado que o senhor Augustus Palmer colocara no jardim deixou-a impassível. Ela nunca tinha passado por ele sem desejar que tivessem um também em Ingleside. Mas agora, o que era um veado de ferro forjado? O sol quente invadia a rua como um rio e todos estavam fora de casa. Duas raparigas passaram por ela,

murmurando uma para a outra. Seria sobre ela? Ela imaginou o que diziam. Um homem que conduzia na estrada olhou para ela. Ele estava na realidade a pensar se aquela seria a bebé de Ingleside, e caramba, que bonita que estava! Mas Rilla achou que os olhos dele se dirigiam ao cesto e viam o bolo. E quando a Annie Drew passou de carro com o pai Rilla teve a certeza que era dela que se estava a rir. Annie Drew tinha dez anos, e era uma rapariga crescida aos olhos da Rilla.

Depois estava um grande grupo de rapazes e raparigas ao canto da loja do Russel. Ela tinha que passar por eles. Era terrível ver os olhos deles pousarem nela e depois uns nos outros. Ela passou, tão orgulhosamente desesperada que eles acharam todos que ela era um bocado convencida, e tinha que levar uns safanões para espertar. Eles iam mostrar-lhe, àquela carinha de bebé! Uma vaidosa qualquer, como todas as raparigas de Ingleside! Só porque viviam lá em cima naquela casa grande!

Millie Flagg veio atrás dela, imitando a sua maneira de andar e levantando nuvens de pó em volta de ambas.

"Onde é que o cesto leva a criança?" gritou o Slicky Drew.

"Tens uma mancha no nariz, cara de doce," gracejou o Bill Palmer.

"O gato comeu-te a língua?" perguntou a Sarah Warren.

"Vaidosa!" exclamou Beenie Bentley.

"Deixa-te estar desse lado da rua, senão faço-te comer um besouro," disse o Sam Flagg, parando de roer uma cenoura crua.

"Olhem só para ela a corar," riu-se Mamie Taylor.

"Aposto que leva um bolo à igreja presbiteriana," disse o Charlie Warren. "Bem pequeno, como todos os bolos da Susan Baker."

O orgulho impedia a Rilla de chorar, mas havia um limite quanto ao que uma pessoa podia suportar. Afinal, era um bolo de Ingleside...

"Da ploxima vez que tiveum doentes, digo ao pai que não lhes dê uemédios!" disse em ar de desafio.

Então ela olhou completamente desconsolada. Não podia ser o Kenneth Ford que ali vinha na curva da estrada do porto! Não podia ser! Mas era!

Não era suportável. O Ken e o Walter eram amigos e a Rilla achava no seu pequeno coração que o Ken era o rapaz mais bonito, mais simpático de todo o mundo. Ele raramente se apercebia dela...embora um dia lhe tenha dado um patinho de chocolate. E num dia inesquecível ele sentou-se ao lado dela numa pedra cheia de musgo em Ingleside e contou-lhe a história

dos três ursinhos e da casinha de madeira no bosque. Mas isso foi o suficiente para ela o idolatrar dali para a frente. E agora este ser maravilhoso tinha-a apanhado a transportar um bolo.

"Olá, Bolinha! Hoje está muito calor, não está? Eu espero comer uma fatia desse bolo esta noite."

Então ele sabia que era um bolo! Toda a gente sabia!

Rilla tinha atravessado a aldeia e achava que o pior tinha passado quando o pior aconteceu. Ela olhou para uma viela e viu a professora da escola dominical, Miss Emy Parker, que vinha na sua direcção. A Miss Emy Parker ainda vinha a uma certa distância, mas a Rilla sabia que era ela pelo vestido...um vestido de organdi cheio de folhos com ramos de florinhas brancas...o vestido de flores de macieira, chamava-lhe Rilla secretamente. Miss Emy tinha-o vestido no domingo anterior, e Rilla achou que era o vestido mais bonito que ela já vira. Mas a Miss Emy usava sempre vestidos muito bonitos...umas vezes com folhos e rendas, outras vezes em seda.

Rilla adorava Miss Emy. Ela era tão bonita e vaporosa, com a sua pele muito branca, olhos muito castanhos e um sorriso muito triste...triste, dissera-lhe outra menina na escola dominical, porque o homem com quem ela ia casar morreria. Ela estava tão contente por estar na classe da Miss Emy. Ia detestar estar na da Miss Florie Flagg...a Florrie Flagg era feia, e Rilla não suportaria uma professora feia.

Quando Rilla via Miss Emy fora da escola dominical e a Miss Emy falava para ela ou lhe sorria, era um momento alto na vida de Rilla. Só de a Miss Emy olhar para ela na rua já dava a Rilla um súbito impeto ao coração, e quando a Miss Emy convidou toda a classe para uma festa de bolhas de sabão, que tingiram e vermelho com sumo de morango, Rilla achou que ia morrer de felicidade.

Mas encontrar a Miss Emy quando carregava um bolo era uma coisa insuportável, e Rilla não o ia suportar. Para além disso, a Miss Emy ia fazer um diálogo para o próximo concerto da escola dominical e Rilla tinha esperanças secretas de vir a ser a fada...uma fada de vermelho com um chapéu de bico verde. Mas não valia a pena ter esperanças, se a Miss Emy a visse a carregar um bolo.

A Miss Emmy não a ia ver! Rilla estava na pequena ponte que atravessava o riacho, que era bastante profundo e sinuoso naquele ponto. Ela tirou o bolo do cesto e mandou-o para dentro do riacho onde os amieiros juntavam as copas sobre um pequeno lago escuro. O bolo

atravessou os ramos e afundou-se com um plop, seguido de um som gorgolejante. Rilla sentiu um arrepio frenético de alívio e liberdade, e virou-se para a Miss Emmy, que Rilla via agora, transportava um grande embrulho de papel pardo.

Miss Emmy sorriu-lhe por debaixo de um pequeno chapéu verde com uma pequenina pena cor de laranja.

"Oh, está tão linda, professora...linda," disse Rilla em adoração.

Miss Emmy sorriu novamente. Mesmo quando o nosso coração está despedaçado...e Miss Emmy achava realmente que o seu estava...não era desagradável ouvir um elogio tão sincero.

"Deve ser do chapéu novo, querida. Parece-me"...olhando para o cesto vazio..."que levaste um bolo para a Comissão. Que pena não estares a ir em vez de vir. Eu vou levar o meu...é um grande bolo de chocolate." Rilla olhou para cima desconsolada, incapaz de proferir uma palavra. A Miss Emmy estava a levar um bolo, pelo que não podia ser uma coisa vergonhosa. E ela...oh, o que tinha feito ela? Ela tinha atirado o lindo bolo da Susan para dentro do riacho...e tinha perdido a oportunidade de ir até à igreja com a Miss Emmy, ambas levando bolos! Depois de Miss Emmy se ter afastado, Rilla regressou a casa com o seu segredo terrível. Escondeu-se em Rainbow Valley até ao jantar, quando mais uma vez ninguém reparou que ela estava muito calada. Estava cheia de medo que Susan lhe perguntasse a quem tinha entregue o bolo mas não houve nenhuma perguntas. Depois do jantar os outros foram brincar para Rainbow Valley mas a Rilla ficou sozinha sentada nos degraus até que o sol se pôs e o céu se transformou num vento dourado por trás de Ingleside e as luzes se começaram a acender na aldeia lá em baixo. A Rilla sempre gostara de as ver despontar aqui e ali, por todo o Glen, mas nesta noite não estava interessada em nada. Ela nunca tinha sido tão infeliz na vida. Não via como poderia continuar a viver. A noite tornou-se mais púrpura e ela ficava ainda mais infeliz. O cheiro agradável dos bolinhos de açúcar de ácer veio ter com ela...Susan tinha esperado pela noite mais fresca para fazer os bolos...mas bolinhos de açúcar de ácer eram, como tudo o resto, meras vaidades.

Infelicíssima, subiu as escadas e deitou-se na cama, debaixo da colcha nova ás florinhas cor-de-rosa de que se orgulhara tanto. Mas não conseguia dormir. Ainda estava assombrada pelo fantasma do bolo que afogara. A Mãe prometera aquele bolo à comissão...o que pensariam da Mãe por não o



mandar? E teria sido o bolo mais bonito de lá! O vento tinha um som tão solitário nessa noite. Censurava-a. Dizia..."Tonta...palerma... tonta," uma e outra vez.

"O que é não te deixa dormir, querida?" disse Susan, que vinha com um bolinho de xarope de ácer.

"Oh, Susan. Eu...tou tão cansada de sel eu."

Susan pareceu confusa. Agora que pensava nisso, a menina pareceralhe cansada ao jantar.

"E claro que o doutor não está cá. As famílias dos médicos morrem cedo e as mulheres dos sapateiros andam descalças," pensou. Depois disse:

"Eu vou ver se tens febre, pequenina."

"Não, não Susan. É só que...eu fiz uma coisa hollivel, Susan foi um demónio que me obrigou...não, não foi nada, Susan, eu é que fiz, eu...eu mandei o bolo para dentro do ribeiro."

"Valham-me santo Deus! Disse Susan perplexa. "Porque é que fizeste uma coisa dessas?"

"Ela fez o quê?" Perguntou a Mãe, acabada de chegar da cidade. Susan retirou-se aliviada, agradecida por a senhora agora ter a situação nas mãos. Rilla soluçou toda a história.

"Querida, eu não compreendo. Porque é que achaste que era uma coisa tão horrível levar um bolo para a igreja?"

"Eu achei que era tal e qual a Tillie Pake, Mamã. E envergonhei-a! Oh, Mamã, se me perdoar eu nunca mais volto a ser má...e vou dizer aos senhores do comité que a Mamã mandou mesmo um bolo..."

"Oh querida, não te preocupes com o comité. Eles devem ter tido bolos mais do que suficientes...têm sempre. Nem devem ter notado que nós não mandámos nenhum. Não vamos mais falar deste assunto. Mas daqui para a frente, Bertha Marilla Blythe, lembra-te que nem eu nem a Susan alguma vez te mandaríamos fazer qualquer coisa vergonhosa."

A vida era bela outra vez. O Papá veio até à porta dizer, "até amanhã gatinha" e a Susan veio dizer que amanhã tinham tarte de galinha para o almoço.

"Com monte de molho, Susan?"

"Montes dele."

"E eu posso ter fatias douradas para o pequeno-almoço, Susan? Eu sei que não mereço..."

"Vais comer as que quiseres. E agora tens que comer o teu bolinho e dormir fofinha."

Rilla comeu o seu bolinho, mas antes de adormecer saiu da cama e ajoelhou-se. Com toda a sinceridade disse:

"Querido Deus, por favor faz com que eu seja sempre uma menina boa e obediente, seja o que for que me mandem fazer. E abençoe a querida Miss Emy e todos os pobres do orfanato."

## Capítulo 35

**As crianças** de Ingleside brincavam juntas, andavam juntas e tinham todo o tipo de aventuras juntas; e cada uma delas, para além disto, tinha a sua própria vida de sonho e fantasia.

Especialmente Nan, que primeiro que tudo inventada dramas secretos em tudo o que via ouvia ou sonhava em reinos de maravilhas e romances insuspeitos no seu círculo familiar. Começou por imaginar padrões de danças élficas nos vales assombrados e dríades nas bétulas. Ela murmurava segredos ao velho salgueiro do portão e a velha casa dos Bayley, agora desabitada, do outro lado de Rainbow Valley, era o que restava da torre de um castelo em ruínas. Durante semanas podia imaginar-se a filha de um rei sequestrada num castelo solitário frente ao mar...durante meses uma enfermeira numa colónia de leprosos na Índia ou noutra qualquer região "lá muito longe". "Lá muito longe" sempre fora uma expressão mágica para Nan...como uma música que vagamente se ouve num monte ventoso.

À medida que crescia imaginava as suas histórias sobre as pessoas reais que via na sua pequena vida. Especialmente as pessoas que via na igreja. Nan gostava de observar as pessoas na igreja porque estavam todos muito bem vestidos. Parecia quase um milagre. Eram tão diferentes nos outros dias da semana.

Os calmos e respeitáveis ocupantes dos vários bancos de família teriam ficado surpreendidos e talvez um pouco horrorizados se soubessem os romances que a donzela de olhos castanho de Ingleside estava a tecer à sua volta. A Annetta Millison, de cabelos castanho e coração terno, teria ficado petrificada se soubesse que a Nan Blythe a imaginava uma raptora de crianças, cozendo-as vivas para preparar poções que a manteriam jovem para sempre. Nan imaginava isto com tanta convicção que ficou em pânico certo dia em que encontrou a Annetta Millison ao anoitecer numa alameda repleta do murmúrio dourado dos botões d'ouro. Foi simplesmente incapaz de responder ao cumprimento amigável de Annetta pelo que ela concluiu que a Nan Blythe ia ser uma pequena arrogante se alguém não lhe corrigisse severamente as maneiras. A pálida senhora Palmer nunca sonhou que tivesse envenenado alguém e estivesse a morrer de remorsos. O senhor Gordon MacAllister com o seu rosto solene não sabia que uma bruxa lhe lançara uma maldição à nascença, em resultado da qual ele nunca seria

capaz de sorrir. O Frase Palmer, de bigode negro e vida imaculada mal sabia que quando Nan Blythe olhava para ele pensava "tenho a certeza que este homem cometeu um acto desesperado e cruel. Parece ter um segredo terrível na consciência." E o Archibald Fyfe nunca suspeitou que sempre que a Nan Blythe o via se apressava a inventar uma rima para lhe responder, porque a ele só se podia responder em verso. Ele nunca lhe chegou a dirigir a palavra, tendo um medo profundamente enraizado de crianças, mas a Nan divertia-se imenso a inventar rimas sempre que o via.

"Estou muito bem, obrigada senhor Fyfe E como está o senhor e a sua esposa (wife)?"

Ou "Sim, é mesmo um lindo dia Num dia assim é que se assobia."

Nem se soube o que diria a senhora Kirk se soubesse que a Nan nunca entraria na sua casa...mesmo que ela a tivesse convidado...porque havia uma pegada vermelha no degrau de entrada dela; e a sua cunhada, a calma gentil e negligenciada Elizabeth Kirk nunca sonhou que fosse uma velha solteirona porque o seu noivo caiu morto no altar mesmo antes do casamento.

Isto era tudo muito divertido e a Nan nunca se deixava perder entre factos e ficção até que ficou possuída pela Dama dos Olhos Misteriosos.

Nem vale a pena perguntar como é que os sonhos crescem. A própria Nan nunca seria capaz de explicar como é que tudo se deu. Começou com a Casa Sombria...Nan sempre a vira assim, em maiúsculas. Ela gostava de imaginar novelas sobre os sítios tal como sobre as pessoas e a Casa Sombria era o único sítio próximo, para além da velha casa do Bayley, que se prestava a isso. Nan nunca vira a casa em si...ela apenas sabia que ela lá estava , por detrás de um escuro e espesso abeto na estrada para Lowbridge, e que tinha estado vaga desde tempos imemoriais, ou pelo menos era o que dizia Susan. Nan não sabia na altura o que era imemorial, mas era uma palavra que ficava muito bem numa frase, mesmo adequada a casas sombrias.

Nan corria sempre como doida quando passada pela alameda que dava para a Casa Sombria quando ia pela estrada de Lowbridge visitar a sua amiga Dora Clow. Era uma alameda comprida e coberta de árvores escuras e arqueadas, com uma relva grossa a crescer-lhes por entre as raízes e fetos que lhe chegariam à cintura entre os abetos. Havia um grande ramo de ácer cinzento perto do portão caído que parecia um velho braço empenado que a

procurava agarrar. Nan imaginava que um dia podia esticar-se um pouco mais e agarrá-la. Davam-lhe arrepios de cada vez que lhe escapava.

Certo dia, para seu assombro, Nan ouviu Susan dizer que a Tomasine Fair ia viver para a Casa Sombria..., ou para a Velha casa dos MacAllister, como a Susan sempre se referia a ela.

"Ela vai achá-la um bocado sozinha, imagino," tinha dito a Mãe. "É tão longe de tudo."

"A ela não lhe vai fazer diferença," disse Susan. "Ela nunca vai a lado nenhum, nem sequer à igreja. Há anos que não sai de casa...apesar de dizerem que ela passeia no jardim de noite. Pois pois, só de imaginar no que ela se tornou...ela que era tão bonita e tão namoradeira. Os corações que ela despedaçou no tempo dela! E quem diria isso agora. Pois, é um aviso, é o que é."

A quem exactamente se dirigia o aviso foi coisa que a Susan não explicou e não se falou mais no assunto, porque ninguém em Ingleside estava muito interessado na Tomasine Fair. Mas a Nan, que andava um pouco aborrecida das suas fantasias antigas e ansiosa por arranjar umas novas interessou-se pela Tomasine Fair na Casa Sombria. A pouco e pouco, dia após dia, noite após noite...à noite conseguimos acreditar em tudo...ela construiu toda uma lenda sobre ela até que todo o conjunto surgiu irreconhecível e se tornou uma fantasia mais querida por Nan do que qualquer outra que ela tivesse conhecido. Nada antes lhe parecera tão excitante, tão real como esta história da Dama dos Olhos Misteriosos. Grandes olhos negros como veludo...olhos vazios... olhos assombrados...cheios de remorsos pelos corações que haviam destruído. Olhos malévolos...qualquer pessoa que tivesse partido corações e nunca fosse à igreja teria que ser maléfica. As pessoas más eram tão interessantes. A Senhora isolava-se do mundo em penitência pelos seus crimes.

Poderia ela ser uma princesa? Não, as princesas eram raras na ilha do Príncipe Eduardo. Mas ela era alta, magra, distante, de uma beleza gélida como a de uma princesa, com longos cabelos negros entrançados por detrás dos ombros que lhe caíam até aos pés. Ela teria tido um rosto de marfim, bem delineado, um lindo nariz grego como o da Artemis do Arco Prateado da Mãe, e lindas mãos brancas que apertaria enquanto passeava pelo jardim durante a noite, esperando o amor desprezado que tarde demais aprendera a amar...compreendem como crescia a lenda?...enquanto as suas longas saias de veludo negro deslizavam sobre a relva. Ela usava um cinto dourado e

grandes brincos de pérolas, e teria que viver uma vida de mistério e sombra até o seu amor a viesse libertar. Então, arrepende-se da sua malvadez, da sua insensibilidade, e estender-lhe-ia as suas lindas mãos e baixaria a sua cabeça orgulhosa por fim em submissão. Sentar-se-iam perto da fonte...nesta altura já havia uma fonte...e trocariam juras de amor, e ela seguiu-o, "sobre os montes e mais além, para lá das orlas mais púrpura", tal como a Princesa Adormecida do poema que a Mãe lhe lia, daquele velho volume de Tennyson que o Pai lhe dera há muitos muitos anos. Mas o amor da Dama dos Olhos Misteriosos dava-lhe jóias incomparáveis.

A Casa Sombria estaria agora lindamente mobilada, claro, e haveriam quartos secretos e escadas, e a Dama dos Olhos Misteriosos dormiria numa cama de madrepérola debaixo de um dossel de veludo lilás. Seria servida por um galgo...por uma série deles...todo um séquito...e estaria sempre à escuta...à escuta...buscando a música de uma harpa distante. Mas não conseguiria ouvir enquanto o seu amado viesse perdoá-la...e assim era.

Claro que tudo parece agora uma palermice. As fantasias todas parecem palermas quando são postas em palavras frias e brutais. Aos dez anos, a Nan não as punha em palavras...apenas as vivia. Esta fantasia da Dama dos Olhos Misteriosos tornou-se para ela tão real como a vida que se passava à sua volta. Tomou posse dela. Há dois anos que fazia parte dela...e de certa forma, começava a acreditar nela. Nunca na vida diria nada a ninguém, nem mesmo à Mãe. Era o seu tesouro particular, o seu segredo inalienável, sem o qual ela não conseguia imaginar o mundo. Ela preferia ficar a sonhar com a Dama dos Olhos Misteriosos do que ir brincar para Rainbow Valley.

Anne reparou nesta tendência e preocupou-se um pouco com ela. Nan isolava-se muito. Gilbert pensou em mandá-la a Avonlea para fazer uma visita, mas pela primeira vez Nan implorou que não a mandassem. Não queria sair de casa, disse tristemente. Para si própria dizia que morreria se tivesse que se afastar da estranha bela Dama dos Olhos Misteriosos. Para dizer a verdade, a Dama nunca ia a lado nenhum. Mas poderia fazê-lo, e se Nan estivesse fora perderia essa oportunidade de a ver. Como seria maravilhoso apenas vislumbrá-la! A própria estrada por onde ela passasse ficaria para sempre romântica. O dia em que isso acontecesse seria diferente de todos os outros dias. Ela marcá-lo-ia no calendário. Nan chegou ao ponto em que o que mais desejava era vê-la, nem que fosse uma só vez. Ela sabia bem que muito do que ela imaginara só existia na sua imaginação. Mas não

tinha a mais pequena dúvida que a Tomasine Fair era jovem e bela, malvada e provocante...na tinha nesta altura a certeza que ouvira Susan dizê-lo...e enquanto ela assim fosse, Nan podia continuar a imaginar coisas sobre ela para sempre.

Nan mal podia acreditar nos seus ouvidos quando certa manhã ouviu Susan dizer:

"Tenho aqui um pacote que quero mandar à Tomasine Fair, lá para a casa velha do MacAllister. O teu Pai trouxe-o da cidade ontem à noite. Não ias lá esta tarde, querida?"

E pronto! Nan retomou o fôlego. Iria mesmo? Será que os sonhos se realizam mesmo assim? Será que ela ia ver a Casa Sombria e a Dama dos Olhos Misteriosos? Vê-la realmente...talvez ouvi-la falar...talvez...oh, abençoada sorte!...tocar-lhe na esguia mão branca. E quanto aos galgos e à fonte e assim, Nan apenas os tinha imaginado mas com certeza que a realidade seria igualmente encantadora.

Nan ouviu o relógio toda a manhã, vendo o tempo passar lentamente...oh, tão lentamente...cada vez mais perto. Quando caiu uma trovoadas e a chuva começou a bater contra os vidros das janelas ela mal susteve as lágrimas.

"Eu não sei como é que Deus permitiu que chovesse hoje," murmurava rebelde.

Mas a chuvada depressa passou e o sol brilhou novamente. Nan mal conseguiu almoçar com a excitação.

"Mãe, posso usar o meu vestido amarelo?"

"Porque é que queres usar esse vestido para ires a casa de uma vizinha, filha?"

Uma vizinha! Mas claro que a Mãe não compreendia...não podia compreender.

"Por favor, Mãe."

"Leva-o lá," disse Anne. O vestido amarelo depressa lhe ficaria curto. Bem podia deixar a Nan aproveitá-lo agora.

As pernitadas de Nan tremiam quando ela saiu de casa, com o precioso pequeno embrulho na mão. Ela tomou um atalho através de Rainbow Valley, subindo uma colina e indo dar à estrada. As gotas de chuva ainda brilhavam nas folhas dos nastúrios como grandes pérolas; havia uma deliciosa frescura no ar; as abelhas zuniam no trevo branco que ladeava o riacho; libelinhas elegantes e azuis brilhavam por cima da água...agulhas do

demônio, chamava-lhes Susan; nas pastagens do monte os malmequeres acenavam-lhe...cativavam-na...riam-se para ela com um riso fresco de ouro e prata. Estava tudo tão lindo e ela ia ver a linda Dama dos olhos Misteriosos. O que lhe diria a Dama? E se ela ficasse com ela apenas uns minutos e descobrisse que tinham passado anos, como naquela história que o Walter tinha lido na semana passada?



## Capítulo 36

**Nan sentiu** um arrepio estranho nas costas quando virou para a alameda. Seria possível que o ramo seco de ácer se tivesse mexido? Não, ela tinha escapado...já estava longe. Aha, velha bruxa, não me apanhaste! Ela seguia pela alameda e nem a lama nem as raízes tinham força para lhe estragar a antecipação. Só mais uns passos...a Casa Sombria estava à sua frente, entre e por detrás daquelas árvores escuras. Ela ia finalmente vê-la! Tremeu um pouco...e não se apercebeu que era um pouco por medo de perder o seu sonho. O que é sempre, na juventude como na maturidade, uma catástrofe.

Ela seguiu através de uma vereda aberta entre vários abetos pequenos que abafavam a saída da alameda. Os seus olhos estavam fechados; atrever-se-ia a abri-los? Por um momento, o mais puro terror trespassou-a e por pouco não se voltou e fugiu. Afinal...a Dama era má. Quem sabe o que lhe poderia fazer? Poderia até ser uma bruxa. Como é que não lhe tinha ocorrido antes que a Dama poderia ser uma bruxa? Então, resoluta ela abriu os olhos e olhou em volta angustiada.

Era isto a Casa Sombria...a mansão escura, imponente, cheia de torres dos seus sonhos? Isto!

Era uma casa grande, antes branca, agora de um cinzento indistinto. Por aqui e por ali pendiam persianas antes verdes. Os degraus da frente estavam partidos. Um triste alpendre envidraçado tinha agora a maior parte dos vidros partidos. O trabalhado em volta da varanda estava partido. Pois era apenas uma velha casa cansada de viver!

Nan olhou desesperada. Não havia nenhuma fonte...nenhum jardim...bem, nada a que se pudesse chamar de jardim. O espaço em frente à casa, rodeado de uma vedação esburacada, estava cheio de ervas daninhas emaranhadas à altura dos joelhos. Um porco pachorrento entrincheirava-se por detrás da vedação. Cresciam burdocks em volta do passeio do meio. Pelos cantos cresciam ramos desmazelados de golden-crow mas havia uma esplêndida braçada de lírios e perto dos degraus gastos via-se um alegre canteiro de margaridas amarelas.

Lentamente, Nan seguiu em frente até ao canteiro das margaridas. A Casa Sombria tinha desaparecido para sempre. Mas a Dama dos Olhos Misteriosos permanecia. Com certeza ela era real...tinha que ser! O que é

que a Susan tinha realmente dito sobre ela há tanto tempo? "Bendito seja Deus, quase me borrei de medo!" disse uma voz abafada, se bem que amigável.

Nan olhou para a figura que aparecera subitamente por detrás do canteiro das margaridas. Quem era esta? Não podia ser...Nan recusava-se a acreditar que esta era a Tomasine Fair. Seria demasiado terrível! "Ora," pensou Nan, magoada pela desilusão, "ela...ela é velha!" Thomasine Fair, se realmente era ela...e Nan sabia agora que era a Thomasine Fair...era com certeza velha. E gorda! Parecia um edredão de penas com um cordel atado ao meio, como dizia a Susan sempre que se falava de uma senhora mais forte. Estava descalça, usava um vestido verde que desbotara para um tom amarelado, e um velho chapéu de homem em feltro por cima dos poucos cabelos cinzentos. O seu rosto era redondo como um O, enrugado e avermelhado, com um nariz esborrachado. Os olhos dela eram de um azul pálido, rodeados por grandes pés de galinha de aspecto alegre.

Oh, minha senhora...minha delicada Dama Malvada com os Olhos Misteriosos, onde estás? No que te tornaste? Tu exististe!

"Bem, linda menina, e então tu és quem?" perguntou Thomasine Fair.

Nan agarrou-se à sua boa educação.

"Eu...eu sou a Nan Blythe. Eu vim cá trazer-lhe isto."

Thomasine agarrou no pacote muito contente.

"Bem, que alegria ter os meus óculos de volta!" disse. "Senti-lhes muito a falta para ler os meus almanaques nos Domingos. E tu és uma das meninas Blythe? Que cabelo tão bonito que tu tens! Eu sempre tive vontade de as conhecer. Ouvi dizer que a vossa Mãe as está a educar cientificamente. Vocês gostam?"

"Se gostamos do quê?" Oh, Dama malvada e encantadora, tu não lias o almanaque aos domingos. Nem falavas da Mamã.

"Ora, de serem educados cientificamente."

"Eu gosto da maneira como estou a ser educada," disse Nan, tentando sorrir, mas não sendo muito bem sucedida.

"Pois, a tua Mãe é uma grande senhora. Ela tem-se aguentado. Eu da primeira vez que a vi no funeral da Libby Taylor eu achei que ela era uma noiva, de tão feliz que parecia. Eu sempre achei que quando a tua mãe entra numa sala as pessoas ficam assim arrebitadas, à espera que aconteça alguma coisa. As modas de agora ficam-lhe muito bem. A maior parte de nós não fomos talhadas para elas, parece-me. Mas entra e senta-te um

bocadinho...eu fico sempre contente por ver alguém...isto é um bocado sozinho de vez em quando. Eu não posso pagar o telefone. As flores fazem-me companhia...já alguma vez viste margaridas mais bonitas? E eu tenho um gato."

Nan só pensava em fugir para os confins da Terra, mas sentiu que não seria bom magoar os sentimentos da velhota recusando-se a entrar. Thomasine, com o saiote a aparecer por baixo da saia, entrou à sua frente rangendo os degraus para uma divisão que era sem dúvida uma cozinha e sala de estar combinadas. Estava escrupulosamente limpa e alegre com muitas plantas de interior. O ar estava cheio do aroma agradável do pão acabado de fazer.

"Senta-te aqui," disse gentilmente Thomasine, indicando-lhe uma cadeira de baloiço com uma almofada de retalhos alegres. "Eu vou tirar esses jarros do seu caminho. Eu vou tirar a minha placa de baixo. Fico sempre um bocado estranha sem ela, não fico? Mas magoa-me um bocado. Bem assim já falo melhor."

Um gato ás manchas, emitindo vários tipos de miaus, veio cumprimentá-la. Oh, os galgos de um sonho desaparecido!

"Esse gato é um grande caçador de ratos," disse Thomasine. "Este sitio está cheio de ratos. Mas é um bom tecto e eu fartei-me de viver com parentes. Não tinha nada à minha vontade. Toda a gente me dava ordens. A mulher do Jim era a pior. Queixou-se que eu estava a fazer caretas à Lua numa noite. E depois, se estivesse? Será que a Lua se ofendia? E eu disse-lhes: 'não vou ser esfregão muito mais tempo.' Por isso vim para aqui sozinho e vou cá continuar enquanto as minhas pernas puderem comigo. E então, o que queres comer? Queres que te faça uma sandes de cebola?"

"Não...não, obrigada."

"Fazem muito bem ás constipações. Eu ando com uma...reparaste como estou rouca? Mas eu ato um bocado de flanela encarnada com turpentine e gordura de ganso à volta da garganta quando me vou deitar. Não há nada melhor."

Flanela encarnada e gordura de ganso! Já para não falar da Turpentine!"

"Se não queres a sandes...de certeza que não?...vai lá ver o que está naquela caixa de biscoitos?"

As bolachas...cortadas com o feitio de galos e patos...eram surpreendentemente boas e quase se derretiam na boca. A senhora Fair

brilhava de orgulho, olhando para Nan com os seus olhos redondos.

"Agora vais gostar de mim, não vais? Eu gosto que as meninas gostem de mim."

"Eu vou tentar," gaguejou Nan, que naquele momento odiava a pobre Thomasine Fair como só se pode odiar aqueles que nos destroem as ilusões.

"Now you'll like me, won't you? I like to have little girls like me."

"Eu também tenho uns netinhos lá para o Oeste, sabes?"

Netinhos!

"Eu mostro-te as fotografias deles. São bonitos, não são? E este é o meu pobre Paizinho. Faz vinte anos que morreu."

O retrato do pobre Paizinho, o marido de Thomasine Fair, era um grande desenho a carvão de um homem com barba e uma franja de cabelo branco encaracolado rodeando uma cabeça careca.

Oh, amor desdenhado!

"Ele era um bom marido, apesar de ter ficado careca aos trinta anos," disse a senhora Fair emocionada. "Eu tive muitos pretendentes quando era nova. Eu agora estou velha, mas diverti-me muito em nova. Os namorados no Domingo à noite! A tentarem empurrar-se uns aos outros! E eu a fazer-me mais esquisita que uma rainha! O Paizinho esteve lá desde o principio mas eu não tinha nada para lhe dizer. Eu gostava deles um bocado mais vistosos. Havia o Andrew Metcalf...eu estive quase para fugir com ele. Mas eu sabia que não me ia dar sorte. Nunca fujas com ninguém, pequena. Dá azar, não deixes que ninguém te convença do contrário."

"Eu não fujo...de verdade que não."

"E acabei por casar com o Paizinho. A paciência dele acabou e deu-me vinte e quatro horas para me decidir. O meu Pai queria que eu assentasse. Enervou-se quando o Jim Hewitt se afogou porque eu não o quis. Eu e o Paizinho fomos muito felizes assim que nos habituámos um ao outro. Ele dizia que eu estava bem para ele porque não era de pensar muito. O Paizinho dizia que as mulheres não se tinham feito para pensar. Dizia que ficavam 'ressequidas e pouco naturais'. Não podia comer feijões guisados e tinha ataques de lumbago mas o meu bálsamo de balmagilia ajudava-o sempre. Houve um especialista na cidade que lhe disse que o curava para sempre, mas o Paizinho disse que se um homem se metia nas mãos desses especialistas nunca mais se dava curado...nunca mais. Eu sinto tanto a falta dele para alimentar o porco. Ele gostava muito de porco. Eu nunca como um bocadinho de bacon que não me lembre dele. Aquela figura ao lado da

do Paizinho é a da Rainha Vitória. Às vezes eu digo-lhe, 'Se te tirassem as rendas e as jóias, minha querida, duvido que fosses mais bonita do que eu.'"

Antes de deixar que a Nan se fosse embora ela insistiu que a pequena levasse um saquinho de rebuçados de hortelã-pimenta, uma jarrinha de vidro cor-de-rosa e um copo de geleia de arandos.

"Isso é para a tua mãe. Eu sempre tive sorte com a minha geleia de arandos. Eu vou a Ingleside um dia destes. Quero ver esses vossos cães de porcelana. Diz à Susan Baker que eu lhe agradeço muito o molho de nabiças que ela me mandou na primavera."

"Nabiças!"

"Eu ia-lhe agradecer no funeral do Jacob Warren mas ela foi-se embora muito cedo. Eu gosto de me demorar nos funerais. Há um mês que não temos nenhum. Eu acho sempre que é um aborrecimento quando passa muito tempo sem um funeral. Em Lowbridge têm sempre muitos. Não parece justo. Vens cá ver-me mais vezes, não vens? Tu tens qualquer coisa de especial...'um serviço dedicado é mais valioso que o ouro e a prata' é o que diz na Bíblia, e eu acho que é verdade."

Ela sorriu de maneira agradável a Nan...ela tinha um sorriso muito doce. Nele se podia ver a bela Thomasine de há muitos anos. Nan conseguiu retribuir-lhe outro. Os olhos dela ardiam-lhe. Ela tinha que se ir embora antes que começasse a chorar.

"Que menina tão bem comportada," pensou a velha Thomasine Fair, olhando através da janela para Nan. "Não tem o dom da palavra como a Mãe dela, mas talvez até seja o melhor. A maior parte das crianças hoje em dia acham-se muito espertas quando estão só a ser atrevidas. A visita da pequena quase me fez sentir jovem outra vez."

Thomasine suspirou e saiu para acabar de cortar as suas margaridas e mondar alguns burdocks.

"Graças a Deus, tenho-me conservado ligeira," reflectiu.

Nan voltou a Ingleside mais pobre por um sonho perdido. Um vale cheio de malmequeres não a conseguiu atrair...a água corrente chamou por ela em vão. Ela só queria chegar a casa e fechar-se longe da vista de todos. Duas meninas que se cruzaram com ela riram-se nas suas costas. Estariam a rir-se de si? Agora toda a gente se podia rir dela se soubesse! A palerma da Nan Blythe que teceu um romance com teias de fantasia sobre uma rainha pálida e misteriosa, e em vez disso encontrou a viúva do paizinho e rebuçados de hortelã-pimenta. Hortelã-pimenta!

Nan não ia chorar. As meninas de dez anos eram grandes demais para chorar. Mas sentia-se incrivelmente desanimada. Qualquer coisa preciosa e linda se tinha perdido...desaparecido...um segredo que lhe trazia alegria e que nunca mais seria dela outra vez. Encontrou Ingleside cheia do cheiro delicioso de bolachas de especiarias mas não foi à cozinha pedir algumas a Susan. Ao jantar o seu apetite estava visivelmente fraco, apesar de ver nos olhos de Susan a ameaça de óleo de fígado de bacalhau. Anne tinha reparado que Nan estava muito calada desde que regressara da velha casa do MacAllister...Nan que cantava desde o nascer do sol até ao anoitecer. Será que a caminhada naquela tarde quente tinha feito mal à criança?

"Porque é que estás tão angustiada, filha?" perguntou, quando foi ao quarto das gémeas pôr toalhas lavadas ao anoitecer e encontrou Nan enrolada no banco da janela, em vez de estar com os outros a caçar tigres em Rainbow Valley.

Nan tinha decidido não dizer a ninguém que tinha sido tão tola. Mas com a Mãe, certas coisas descobriam-se sozinhas.

"Oh, Mãe, tudo na vida tem que ser uma desilusão?"

"Nem tudo, querida. Queres contar-me o que te desiludiu hoje?"

"Oh, Mamã, a Thomasine Fair é...é boa! E tem o nariz arrebitado!"

"Mas filha," perguntou Anne com uma surpresa sincera, "o que é que interessa se ela tem o nariz arrebitado ou não?"

E ela explicou tudo. Anne escutou com a sua usual expressão séria, rezando para não se descair em riso. Lembrou-se da criança que fora em Green Gables. Lembrou-se do bosque assombrado e de duas meninas que tinham ficado apavoradas com as suas próprias histórias. E ela conhecia bem a amargura de perder um sonho.

"Não podes levar as tuas fantasias tão a peito, querida."

"Eu não consigo evitar," disse Nan desesperada. "SE eu pudesse viver a minha vida outra vez não ia imaginar nada de nada. E nunca mais o vou fazer."

"Minha palerma querida...minha querida palerma querida, não digas isso. A imaginação é uma coisa maravilhosa...mas como todos os dons somos nós que temos que o possuir e não deixarmos que ele nos possua a nós. Tu levas a tua imaginação um bocadinho a sério demais. Oh, é maravilhoso...eu sei como é. Mas tu tens que saber em que lado estás da fronteira entre o real e o imaginário. Nessa altura a tua capacidade de fugir quando quiseres para um mundo lindo à tua vontade vai ajudar-te a

ultrapassar algumas situações mais duras na vida. Eu consigo sempre resolver melhor um problema da vida depois de uma viagem ou duas à Ilha dos Encantamentos."

Nan sentiu-se a recuperar o respeito por si mesma com estas palavras de conforto e sabedoria. A Mãe afinal não a achava palerma. E sem dúvida que algures no mundo havia uma Dama linda e malvada com Olhos misteriosos, mesmo que não vivesse na Casa Sombria...que, como Nan agora conseguia ver, não era um lugar tão mau afinal de contas, com todas as suas margaridas e o seu amigável gatos malhado, os seus gerânios e o retrato do pobre Paizinho. Era um sitio muito alegre e talvez um destes dias ela fosse ver a Thomasine Fair e comesse mais daquelas maravilhosas bolachas. Ela já não odiava a Thomasine.

"Que mãe tão boa que a Mãe é!" suspirou, no abrigo e santuário daqueles braços tão amados.

A noite caía violeta acinzentada sobre a colina. A noite de Verão escurecia à sua volta...uma noite de veludo e sussurros. Uma estrela despontou sobre a grande macieira. Quando chegou a senhora Marshall Elliot e a Mãe teve que ir para baixo, Nan estava novamente feliz. A Mãe tinha dito que ia forrar o quarto com um papel novo amarelo botão de ouro e comprar uma nova arca de cerdo para ela e para a Di guardarem as suas coisas. Só que não seria uma arca de cedro. Seria uma arca do tesouro encantada, que só se abriria se se murmurassem umas palavras mágicas. Uma seria dita pela bruxa da neve, a fria e linda branca bruxa da neve. O vento dir-lhe-ia outra, ao soprar-lhe ao ouvido...um vento triste e cinzento que chorava. Mais tarde ou mais cedo ela conseguiria descobrir todas as palavras que abriam a arca, para a encontrar repleta de rubis, diamantes e pérolas.

Oh, a velha magia não tinha desaparecido. O mundo ainda estava repleto dela.

## Capítulo 37

**"Posso** ser a tua amiga mais querida este ano?" perguntou Delilah Green, durante o intervalo da tarde.

A Delilah tinha um rosto muito redondo, olhos azuis-escuros, uma pequena boca rosada e uma voz bonita com uma vibração especial. Diana Blythe respondeu ao charme dessa voz imediatamente.

Era sabido na escola do Glen que a Di Blythe estava mais ou menos desesperada por encontrar uma amiga. Desde há dois anos que ela e a Pauline Reese tinham sido muito apegadas mas a família da Pauline tinha-se mudado para longe, e a Diana sentia-se muito sozinha. A Pauline era boa rapariga. Era verdade que lhe faltava o encanto místico da agora quase esquecida Jenny Penny, mas era prática, divertida e sensata. Este último adjectivo tinha sido atribuído por Susan, e era o maior elogio que uma criança poderia obter. Ela tinha ficado muito satisfeita com a amizade entre a Pauline e a Diana.

Diana olhou para Delilah ainda em dúvida, e depois para Laura Carr, que também era uma rapariga nova na escola. Ela e a Laura tinham passado juntas o intervalo da tarde e ambas tinham achado a companhia agradável. Mas a Laura era muito normal, com sardas e um cabelo cor de palha um pouco desalinhado. Não tinha a beleza de Delilah nem uma chispa do seu encanto.

A Delilah compreendeu a expressão de Diana e um ar magoado inundou-lhe o rosto; os seus olhos azuis pareceram transbordar lágrimas.

"Se é dela que gostas, então não podes gostar de mim. Tens que escolher.," disse Delilah, estendendo as mãos de forma dramática. A voz dela mais arrepiante que nunca...deu mesmo um calafrio ao longo da espinha de Diana. Ela deu as suas mãos a Delilah e olharam uma para a outra solenemente, sentindo-se dedicadas e seladas. Pelo menos, foi assim que Diana se sentiu.

"Tu vais ser minha amiga para sempre, não vais?" apaixonadamente. perguntou Delilah "para sempre," jurou Diana com igual paixão.

Delilah passou o braço em volta da cintura de Diana e caminharam juntas até ao riacho. O resto dos meninos da quarta classe compreendeu que se formara uma aliança. Laura Carr deu um pequeno suspiro. Ela tinha



gostado muito da Diana Blythe. Mas sabia que não conseguia competir com a Delilah.

"Eu estou tão feliz por tu me deixares ser tua amiga agora," dizia Delilah. "Eu sou tão afectuosa... não consigo deixar de amar as pessoas. Por favor, sê meiga para mim, Diana. Eu sou uma criança infeliz. Foi-me rogada uma maldição quando nasci. Ninguém... ninguém gosta de mim."

Delilah conseguiu de certa forma combinar décadas e décadas de solidão e encanto nesse "ninguém". Diana apertou mais as mãos.

"Tu nunca mais vais dizer isso, Delilah. Eu vou gostar de ti para sempre."

"Para todo o sempre?"

"Para todo o sempre," respondeu Diana. Elas beijaram-se, como num ritual. Dois rapazes em cima de uma vedação assobiaram sarcasticamente, mas quem é que se importava?

"Tu vais gostar muito mais de mim do que da Laura Carr," disse a Delilah. "Agora que nós somos melhores amigas eu posso dizer-te o que nunca sonharia dizer se a tivesses escolhido a ela. Ela é falsa. Terrivelmente falsa. Ela finge ser tua amiga pela frente mas por trás goza contigo e diz as coisas mais mesquinhas de ti. Uma rapariga que eu conheço andou à escola com ela em Mowbray Narrows e contou-me. Escapaste de boa. Eu sou muito diferente... sou verdadeira, Diana."

"Eu sei que és. Mas porque é que dizes que és uma criança infeliz, Delilah?"

Os olhos da Delilah expandiram-se até ficarem absolutamente enormes.

"Eu tenho uma madrasta," murmurou.

"Uma madrasta?"

"Quando a tua mãe morre e o teu pai casa outra vez, ela é tua madrasta," disse Delilah, ainda com mais arrepios na voz. "Agora já sabes, Diana. Se soubesses como eu sou tratada! Mas eu nunca me queixo. Eu sofro em silêncio."

Se a Delilah realmente sofria em silêncio poderíamos interrogar-nos onde é que a Diana conseguiu toda a informação com que bombardeou Ingleside nas semanas que se seguiram. Andava completamente inflamada pela compaixão e adoração que tinha pela sua infeliz e perseguida amiga Delilah, e tinha que falar disso a todas as pessoas dispostas a ouvi-la.

"Eu acho que esta paixão se vai apagar no seu devido tempo," dizia Anne. "Quem é esta Delilah, Susan? Eu não quero que os meus filhos se achem superiores a ninguém...mas depois da experiência que tivemos com a Jenny Penny..."

"Os Greens são pessoas muito respeitáveis, minha querida senhora. São muito conhecidos em Lowbridge. Mudaram-se para a velha casa dos Hunter neste Verão. A senhora Green é a segunda esposa e tem dois filhos dela. Eu não a conheço bem, mas parece ser meiga e calma. Não consigo acreditar que abuse da Delilah como a Diana conta."

"Eu não acreditava em tudo o que a Delilah diz, se fosse a ti," avisou Anne. "Ela pode ter tendência a exagerar um bocado. Não te esqueças do que aconteceu com a Jenny Penny..."

"Oh Mãe, a Delilah não é nada como a Jenny Penny," disse Di indignada. "Nem um bocadinho. Ela é escrupulosamente verdadeira. Se a Mãe a visse ia saber que ela não é capaz de dizer uma mentira. Eles todos implicam com ela lá em casa porque ela é diferente. E ela tem uma natureza tão afectuosa. Foi perseguida desde que nasceu. A madrasta dela odeia-a. Parte-me o coração ouvir o que ela sofre. Mãe, ela não tem o suficiente para comer, de verdade que não. Ela nem sabe como é que é não ter fome. Mamã, eles mandam-na montes de vezes para a cama sem jantar e ela chora até adormecer. A Mãe alguma vez chorou de fome?" "Muitas vezes," disse a Mãe.

Diana olhou para a mãe, surpreendida pela resposta que tivera à sua pergunta puramente retórica.

"Eu tinha muitas vezes fome antes de ir para Green Gables - no orfanato...e antes disso. Eu nunca gostei de falar dessa altura."

"Bem, então devia compreender a Delilah," disse Di, recuperando o raciocínio. "Quando ela tem fome ela senta-se e imagina coisas para comer. Imagine só o que deve ser!"

"Tu e a Nan também fazem isso muitas vezes," disse Anne. Mas a Di não estava disposta a ouvir.

"O sofrimento dela não é só físico, também é espiritual. Ela quer ser missionária, Mãe...consagrar a vida dela...e eles riem-se todos disso."

"Que insensíveis," concordou Anne. Mas algo na voz dela deixou a DI desconfiada.

"Mãe, porque é que é tão céptica?" perguntou reprovadora.

"Pela segunda vez te digo," disse a Mãe sorrindo, "que te lembres da Jenny Penny. Tu também acreditaste nela."

"Eu era uma criança nessa altura e foi fácil enganarem-me," disse Diana no seu tom mais decidido. Ela sentia que a Mãe não estava tão compreensiva como era costume em relação à Delilah Green.

Depois disso Diana só falava com a Susan sobre o assunto, uma vez que Nan se limitava a acenar a cabeça quando ouvia mencionar o nome de Delilah. "É tudo inveja," pensava Diana tristemente.

Nem por isso Susan era mais compreensiva. Mas Diana tinha que falar no assunto a alguém e a desconfiança de Susan não a magoava como a da mãe. Não se poderia esperar que a Susan compreendesse tudo. Mas a Mãe... a Mãe tinha sido uma menina...tinha sido tão amiga da tia Diana...a Mãe tinha um coração tão mole. Porque é que em relação à Delilah ela era tão fria?

"Talvez ela também estava um pouco invejosa, porque eu gosto tanto da Delilah," reflectia Diana. "Dizem que as Mães às vezes ficam assim. Um bocado possessivas."

"Faz-me ferver o sangue, quando oiço a maneira como a madrasta dela a trata," dizia Di a Susan. "Ela é uma mártir, Susan. Ela não tem nada para comer a não ser papas de aveia ao pequeno-almoço e ao jantar...uma porção muito pequena de papas de aveia. E nem lhes pode pôr açúcar. Susan, eu deixei de pôr açúcar nas minhas porque me fazia sentir tão culpada."

"Ah, então era por isso. Bem, o açúcar subiu um cêntimo, por isso talvez até seja bem pensado."

Diana jurou que nunca mais ia dizer uma palavra sobre a Delilah, mas na tarde seguinte vinha tão indignada que não conseguiu evitar.

"Susan, a madrasta da Delilah ontem à noite correu atrás dela com uma chaleira em brasa. Imagine só, Susan. Claro que a Delilah diz que ela não costuma fazer isso...só quando está muito transtornada. Na maior parte das vezes só tranca a Delilah numa arrecadação escura...uma arrecadação assombrada. Os fantasmas que aquela pobre criança já viu! Não pode ser saudável. Da última vez que a trancaram na arrecadação ela viu uma criatura estranhíssima sentada na roda de fiar a gemer." "Que tipo de criatura," perguntou Susan muito séria. Ela começava a gostar de ouvir as tribulações da Delilah e as exclamações de Di, e ela e a senhora riam-se delas em segredo.

"Eu não sei...era só uma criatura. Quase a levou ao suicídio. Eu tenho receio que ela ainda pense nisso. Sabe, Susan, ela teve um tio que se suicidou duas vezes."

"Da primeira vez não resolveu o assunto?" perguntou Susan impiedosa.

Di saiu irritada, mas no dia seguinte teve que voltar com outra história sórdida.

"A Delilah nunca teve uma boneca, Susan. Ela esperava tanto ter uma na meia dela no Natal passado. Sabe o que é que ela lá encontrou, Susan? Um switch! Eles chicoteiam-na quase todos os dias, sabe. Imagine só a pobre criança a ser chicoteada!"

"Eu levei com o chicote várias vezes quando era pequena e não morri por causa disso," disse Susan, que teria feito sabe deus o quê se alguém tentasse chicotear uma criança de Ingleside.

"Quando eu descrevi as nossas árvores de natal à Delilah ela chorou, Susan. Ela nunca teve uma árvores de Natal. Mas ela quer arranjar uma este ano. Ela encontrou um chapéu-de-chuva sempano e vai decorá-lo como se fosse uma árvores de Natal. Não é triste, Susan?"

"Mas não há tantos abetos pequenos a jeito? As traseiras da casa dos Hunter costumavam estar cheia deles dantes," disse Susan. "Eu só desejava que essa criança tivesse outro nome. Delilah não me parece nome de criança cristã."

"Mas está na Bíblia, Susan. A Delilah tem muito orgulho do nome dela. Hoje na escola disse à Delilah que hoje tínhamos galinha para o almoço e ela disse...sabe o que foi que ela disse, Susan?"

"Com certeza não seria capaz de adivinhar," disse Susan enfaticamente. "E tu não tens nada que estar a falar nas aulas."

"Oh, mas nós não falamos. A Delilah diz que não devemos quebrar nenhuma regra. Ela tem muito princípios. Nós escrevemos cartas uma à outra nos cadernos e trocamos-los. Bem, a Delilah disse 'podias trazer-me um ossinho, Diana?' Vieram-me as lágrimas aos olhos. Eu vou levar-lhe um osso...com montes de carne. A Delilah precisa de se alimentar. Ela tem que trabalhar como uma escrava...uma escrava, Susan. Ela tem que fazer todo o trabalho doméstico...bem, quase todo. E se não ficar bem feito é selvaticamente abanada...ou obrigada a comer nacozinha com os criados."

"Eu pensava que os Greens só tinham um moço de lavoura, um rapazito francês."

"Pois, ela tem que comer com ele. E ele senta-se de sockfeet e come em mangas de camisa. A Delilah diz que não se importa com essas coisas agora que me tem a mim. Ela não tem ninguém que goste dela a não ser eu."

"Coitadinha!" disse Susan, com grande gravidade e contenção "A Delilah diz que se tivesse um milhão de dólares mos dava todos a mim, Susan. Claro que eu não os aceitava, mas isso mostra como ela tem um bom coração."

"É tão fácil dar um milhão de dólares como dar cem, se não se tem nem uma coisa nem outra," foi a única resposta de Susan.

## Capítulo 38

**Diana** estava exultante. Afinal a Mãe não era ciumenta...a Mãe não era possessiva...a Mãe compreendia.

A Mãe e o Pai iam a Avonlea passar o fim-de-semana e a Mãe disse-lhe que ela podia convidar a Delilah Green para passar o Sábado e o Domingo em Ingleside.

"Eu vi a Delilah no piquenique da Escola Dominical," disse Anne a Susan. "Ela é uma menina muito bonita e educada...claro que ela deve ser exagerada. Talvez a madraستا seja mesmo um bocado rígida com ela...e eu ouvi dizer que o pai dela é um bocado seco. Ela deve ser contrariada de vez em quando e gosta de dramatizar para chamar a atenção.

Susan tinha as suas dúvidas.

"Mas pelo menos alguém que venha da casa da Laura Green vem limpo," reflectiu. Não vai ser preciso ir buscar o pente fino desta vez.

Diana estava cheia de planos para receber a Delilah.

"Podemos ter galinha assada, Susan...com muito recheio? E tarte. Não faz ideia como a pobre criança deseja provar tarte. Eles nunca comem tartes...a madraستا dela é muito avarenta."

Susan foi muito atenciosa em relação a isso. O Jem e a Nan tinham ido a Avonlea e o Walter estava na Casa de Sonho com o Kenneth Ford. Não havia nada que ensombrasse a visita de Delilah e até pareceu correr tudo muito bem. A Delilah chegou na manhã de sábado muito bem vestida de musselina cor de rosa...pelo menos a madraستا dela vestia-a muito bem. E ela tinha, como Susan reparou, as unhas e as orelhas irrepreensivelmente limpas.

"Este é o melhor dia da minha vida," disse solenemente a Diana. "Que grande que é a tua casa! E os vossos cães de porcelana! Oh, são maravilhosos!"

Era tudo maravilhoso. A Delilah quase gastou a palavra. Ajudou a Diana a pôr a mesa para o almoço e apanhou um cesto cheio de ervilhas de cheiro para fazer um centro de mesa.

"Oh, nem sabes o prazer que me dá fazer qualquer coisa por que tenho vontade," disse para Diana. "Há mais alguma coisa que eu possa fazer, por favor?"

"Podes partir as nozes para o bolo que vou fazer esta tarde," disse Susan, que começava também a cair no feitiço da voz e beleza de Delilah. Afinal, talvez a Laura Green fosse mesmo uma megera. Não se podiam avaliar as pessoas pelo que víamos em público. O prato da Delilah foi cheio de galinha, de recheio e molho, e comeu uma segunda fatia de tarte sem sequer a ter pedido.

"Eu pensava muitas vezes como seria poder comer o que me apetecesse. É uma sensação maravilhosa," disse para Diana quando se levantaram da mesa.

Passaram uma tarde muito alegre. Susan dera a Diana uma caixa de chocolates e Diana partilhou-a com Delilah. Delilah admirou uma das bonecas de Di e ela deu-lha. Arrancaram as ervas daninhas do canteiro dos amores-perfeitos e mandaram uns dentes de leão que tinham aparecido no relvado. Ajudaram a Susan a polir as pratas e a fazer o jantar. A Delilah era tão eficiente e arrumada que Susan se rendeu por completo. Só houve duas coisas que não correram tão bem...a Delilah sujou o vestido com tinta e perdeu o colar de missangas. Mas a Susan conseguiu tirar a nódoa do vestido...debotando também um bocado da cor...com sumo de limão, e a Delilah disse que não se importava com o colar. Nada importava para ela a não ser o facto de estar em Ingleside com a sua querida amiga Diana.

"Não podemos dormir no quarto de hóspedes?" perguntou Diana quando chegou a hora de deitar. "Nós pomos sempre as visitas a dormir no quarto de hóspedes, Susan."

"A tua tia Diana vem com os teus pais amanhã à noite," respondeu Susan. "O quarto de hóspedes foi arranjado para ela. E tu podes dormir com o Camarão na tua cama e não podias se fosse no quarto de hóspedes."

"Oh, os teus lençóis cheiram tão bem!" disse Delilah quando se deitou. "A Susan ferve-os sempre com umas raízes aromáticas," respondeu Di. Delilah suspirou.

"Não sei se sabes como és uma menina sortuda, Diana. SE eu tivesse uma casa como a tua...mas não é o que tenho guardado na vida. Tenho que suportar a minha cruz."

Susan, na sua ronda nocturna pela casa antes de se deitar, entrou e disse-lhes para se deixarem de conversas e dormirem. Deu dois bolinhos de ácer a cada uma.

"Nunca me esquecerei da sua gentileza, miss Baker," disse Delilah, com a voz tremendo de emoção. Susan foi-se deitar pensando que nunca

tinha conhecido uma criança tão encantadora, tão educada. Certamente que a tinha avaliado mal de início. Apesar de nessa altura ocorrer a Susan que, para uma criança que nunca tinha o suficiente para comer, a Delilah tinha uns ossos muito bem cobertos!

Delilah voltou a casa na tarde seguinte e a Mãe e o Pai chegaram de noite com a tia Diana. Na segunda-feira, deu-se a tragédia. Diana, regressando à escola depois do almoço, ouviu o seu nome no alpendre à entrada da sala. Dentro desta estava Delilah Green, no centro de um grupo de meninas curiosas.

"Eu fiquei tão desapontada com Ingleside. Da maneira que Di gabava a casa dela eu esperava uma mansão. Claro que é muito grande, mas a mobília é um bocado velha. As cadeiras precisam imenso de ser estofadas."

"Viste os cães de porcelana?" perguntou Bessy Palmer.

"Não são nada de especial. Nem sequer têm pelos. Eu disse logo à Diana que tinha ficado desiludida."

"Diana estava pregada ao chão...ou pelo menos, ao chão do alpendre. Nem sequer pensara em espiar a conversa...estava demasiado atordoada para se mexer.

"Eu tenho muita pena da Diana," continuou Delilah. "Os pais dela negligenciam a família de uma maneira escandalosa. A mãe dela é uma vadia. Sai e deixa os miúdos entregues à velha Susan...e ela é meio maluca. Vai deixá-los a todos na miséria. O desperdício que se dá naquela cozinha é inacreditável. A mulher do doutor é preguiçosa demais para cozinhar mesmo quando está em casa, por isso a Susan só faz o que quer. Ela ia-nos servir as refeições na cozinha, mas eu enfrentei-a e disse-lhe, 'Sou ou não sou uma visita?' E ela respondeu-me que se eu fosse atrevida com ela outra vez ela fechava-me no armário das traseiras. Eu disse-lhe: 'Não se atrevia,' e não atreveu.

'Você pode mandar nos miúdos de Ingleside, Susan Baker, mas em mim não manda,' disse-lhe eu. Oh, eu enfrentei a Susan. Nem lhe deixei dar xarope à Rilla. 'Não sabe que isso é veneno para as crianças, disse-lhe eu.

"Mas ela vingou-se de mim às refeições. Serve-nos tão pouca comida! Havia galinha mas só me calhou a penca e ninguém me perguntou se queria outra fatia de tarte. Mas a Susan queria que eu dormisse no quarto de hóspedes, a Di é que nem quis ouvir falar do assunto...por pura maldade. Ela é tão invejosa. Mas ainda assim tenho pena dela. Ela contou-me que a Nan lhe dá beliscões. Tem os braços numa chaga. Nós dormimos no quarto



delas e um gato todo feloso dormiu aos pés da cama toda a noite. Não é nada higiênico, e eu disse isso mesmo à Di. E desapareceu-me o meu colar de pérolas. Claro que não digo que a Susan o tenha tirado. Acho que ela é honesta...mas é estranho. E o Shirley atirou-me um frasco de tinta acima. Estragou-me o vestido, mas eu não me importei. A Mamã faz-me um novo. Bem, mas como eu ia contar, arranquei-lhe os dentes de leão todos do relvado e poli-lhe as pratas. Deviam ter visto como estavam. Nem sei há quanto tempo não eram limpas. Eu posso dizer-lhes que a Susan deixa andar as coisas quando a mulher do doutor não está em casa. Eu disse-lhe que ela não me enganava. 'Porque é que não lava a caixa das batatas, Susan?' perguntei-lhe eu. Deviam ter visto a cara dela. Já viram o meu anel novo, meninas? Foi um rapaz que eu conheço em Lowbridge que mo deu." "Mas parece-me que já vi esse anel à Diana Blythe," disse a Peggy MacAllister com ar provocante.

"E eu não acredito em nada do que estás a dizer sobre Ingleside, Delilah Green," disse Laura Carr.

Antes que Delilah pudesse responder Diana, que recuperara a capacidade de locomoção e de fala, entrou de rompante na sala de aula.

"Judas!" disse-lhe. Depois pensou arrependida que não tinha sido uma atitude muito correcta. Mas ela tinha sido atingida em cheio no coração, e quando os nossos sentimentos estão tão magoados não conseguimos escolher bem as palavras que empregamos.

"Eu não sou Judas!" resmungou Delilah, corando provavelmente pela primeira vez na vida.

"És! Não há um pingo de sinceridade em ti! Nunca mais me dirijas a palavra enquanto fores viva!"

Diana saiu a correr da escola e foi para casa. Não conseguiu ficar na escola nessa tarde...simplesmente não foi capaz. A porta da frente de Ingleside foi atirada como nunca antes tinha sido.

"Querida, o que é que se passa?" perguntou Anne, interrompendo a sua conversa na cozinha com Susan por uma filha debulhada em lágrimas que se atirou para os braços maternos.

Toda a história foi saindo aos soluços, de certa forma desconjuntada. "Eu foi magoada nos meus mais puros sentimentos, Mãe. E nunca mais vou acreditar em ninguém!"

"Minha querida, as tuas amigas não vão ser todas assim. A Pauline não era."

"Mas é a segunda vez," disse Diana amargamente, ainda envolta na sensação de traição e perda. "Não vai haver uma terceira vez." "Parece-me que a Di perdeu a fé na humanidade," disse Anne, um pouco triste, quando Di foi para o quarto. "Isto foi um grande desgosto para ela. Ela tem realmente tido pouca sorte com as amigas. A Jenny Penny e agora a Delilah Green. O problema é que a Di gosta sempre das raparigas que contam histórias interessantes. E esta pose de vítima da Delilah Green era mesmo cativante."

"Se quer saber o que eu acho, minha querida senhora, essa miúda Green é uma verdadeira peste," disse Susan, ainda mais implacável porque também tinha sido enganada pelas maneiras e aspecto impecáveis de Delilah. "Imaginem só, chamar feloso ao nosso gato. Eu não digo que não os haja, e eu nem sou amiga de gatos, mas o Camarão tem sete anos e acho que merece o nosso respeito. E no que diz respeito à minha caixa das batatas..."

Mas Susan não conseguia exprimir o que lhe ia na alma a respeito da caixa das batatas.

No seu quarto, Di reflectia que talvez não fosse ainda tarde demais para ser amiga da Laura Carr. A Laura era sincera, embora não fosse excitante. Di suspirou. A vida tinha perdido algum brilho com este episódio da Delilah Green.

## Capítulo 39

**Um vento** agreste soprava em volta de Ingleside como uma velha mulher lamuriosa. Era um daqueles dias do fim de Agosto, frios e húmidos que nos entristecem o coração, um daqueles dias em que tudo corre mal...o que na velha Avonlea se chamava um "dia de Jonas". O cachorro novo que Gilbert trouxera para as crianças tinha roído a perna da mesa da sala de jantar...a Susan descobrira que as traças tinham feito um banquete no armário dos cobertores...o gatinho da Nan tinha estragado os seus melhores fetos...o Jem e o Bertie Shakspeare toda a tarde tinha feito uma algazarra no sótão com panelas a servir de tambores...a própria Anne tinha partido uma lâmpada de vidro pintado. Mas de certa forma tinha-lhe agradado ouvi-lha quebrar! A Rilla estava com dor de ouvidos e o Shirley tinha umas borbulhas misteriosas detrás do pescoço, que preocupava Anne mas que Gilbert apenas olhara casualmente e dissera que não eram nada de especial. Claro que não era nada de especial. O Shirley era só um filho dele! E também não era nada de especial ele ter convidado os Trent para jantar na semana passada e só se ter lembrado de dizer a Anne na altura em que eles chegaram. Susan e ela tinham tido um dia muito atarefado e tinham pensado em comer os restos das outras refeições. E logo a senhora Trent que tinha fama de ser uma das melhores anfitriãs de Charlottetown! Onde é que estavam as meias do Walter, com o rebordo preto e biqueira azul? "Seria possível, Walter, que por uma vez tu arrumasses uma coisa no sítio certo? Nan, eu não sei onde são os Sete Mares. Por amor de Deus, pára de fazer perguntas! Foi por isso que envenenaram o Sócrates. Já não o podiam ouvir."

O Walter e a Di ficaram parados a olhar para ela. Nunca antes tinham ouvido a mãe falar assim com eles. O olhar de Walter ainda irritou mais Anne.

"Diana, é preciso estar sempre a dizer-te que não enroles os pés dessa maneira ao banco do piano? Shirley, já deixaste a revista nova toda pegajosa com doce! E talvez alguém me consiga dizer onde foram parar os abajours das lâmpadas do tecto? "

Ninguém sabia...a Susan tinha-os tirado para os limpar...e Anne subiu para o quarto para se refugiar dos olhos tristes dos seus filhos. No seu quarto ela andou para cima e para baixo agitada. O que é que se passava

com ela? Seria possível que se estivesse a tornar numa daquelas criaturas embirrentas sem paciência para nada? Tudo a aborrecia ultimamente. Um hábito qualquer do Gilbert ao qual ela nunca ligara que a começava a enervar. Estava mais que farta daqueles deveres monótonos e intermináveis...mais que farta de só pensar nas necessidades da família dela. Dantes tudo o que ela fazia em casa lhe dava prazer. Agora não lhe interessava o eu fazia. Sentia-se sempre como uma pessoa num pesadelo, a tentar correr dentro de água.

E o pior de tudo era que o Gilbert não se apercebia da mudança nela. Estava ocupado de noite e de dia e parecia não pensar em nada a não ser no trabalho. A única coisa que lhe tinha dito nesse dia ao almoço foi "passa-me a mostarda, por favor."

"Eu posso conversar com as mesas e as cadeiras, claro," pensou Anne amargamente. "Nós estamos a tornar-nos um hábito um para o outro...nada mais. Ele nem reparou que eu tinha um vestido novo ontem à noite. E há tanto tempo que não me chama miúda-Anne que já nem me lembro da última vez. Se calhar todos os casamentos são assim ao fim de um certo tempo. Ele toma-me por certa. O trabalho dele é a única coisa que o interessa agora. Onde é que está o meu lenço?"

Anne agarrou no seu lenço e sentou-se na sua cadeira para se torturar luxuosamente. O Gilbert já não a amava. Quando a beijava beijava-a mecanicamente...era um hábito. Todo o encanto tinha desaparecido. Lembrava-se de velhas piadas que os tinham feito rir, agora carregadas de tragédia. Como é que ela podia tê-las achado engraçadas? Monty Turner que beijava a mulher sistematicamente uma vez por semana...fazia memorandos para se lembrar. (Será que alguma mulher quer beijos assim?) Curtis Ames que tinha encontrado a mulher com um chapéu novo e não a tinha reconhecido. A senhora Clancy Dare que dizia "Eu não gosto muito do meu marido, mas sinto-lhe muito a falta quando ele não está." (Será que o Gilbert ia sentir a minha falta se eu não estivesse cá? Será que já chegámos a este ponto?) Nat Elliot que disse à mulher depois de dez anos de casamento, "já que queres saber estou farto de estar casado." ("E nós estamos casados há quinze anos!") Bem, talvez todos os homens fossem assim. Talvez a Miss Cornélia dissesse que sim. Depois de um certo tempo eram difíceis de segurar. ("Se o meu marido tiver que ser seguro não sou eu que o vou segurar!") Mas também, havia a senhora Theodore Clow que dissera orgulhosamente na Ladies' Aid, "Eu sou casada há vinte anos e o

meu marido ama-me tanto como no dia do nosso casamento." Talvez ela se estivesse a enganar a ela própria. E ela parecia um bocado mais velha do que era. ("Será que eu já começo a parecer velha?") Pela primeira vez na sua vida os anos pareceram pesar-lhe. Foi até ao espelho e olhou criticamente para si própria. Haviam de facto alguns pés de galinha, mas só eram visíveis com uma luz forte. O queixo dela ainda era bem marcado. Sempre tinha sido pálida. O cabelo dela era forte e ondulado, e não tinha nem um fio branco. Mas será que alguém gostava realmente de cabelo ruivo? O nariz dela ainda era bonito, sem dúvida. Anne fez uma festa no seu nariz como a um amigo, lembrando-se de certas alturas na vida em que o nariz fora tudo o que lhe valera. Mas o Gilbert agora tinha o nariz dela como certo. Pouco lhe interessava se era esborrachado ou torto. O mais provável era ter-se esquecido que ela tinha nariz. Como a senhora Dare, se calhar sentia-lhe a falta se lá não estivesse.

"Bem, tenho que ir ver da Rilla e do Shirley," pensou Anne com tristeza. "Pelo menos eles ainda precisam de mim, pobres queridos. Porque é que fui tão rispida com eles? Oh, agora devem estar a pensar, "Que rabugenta que está a Mãe!"

Continuou a chover e o vento continuou a soprar. O barulho das panelas no sótão parou mas o barulho incessante de um grilo na sala quase deu com ela em doida. O correio do meio-dia trouxe duas cartas. Uma era de Marilla...mas Anne suspirou enquanto a dobrava. A letra de Marilla estava a ficar tão trémula e leve. A outra carta era da senhora Barret Fowler de Charlottetown que Anne conhecia vagamente. E a senhora Fowler queria que o Gilbert e a Anne lá fossem jantar na terça-feira seguinte às sete horas "para se encontrarem com a sua velha amiga Senhora Andrew Dawson, Christine Stuart de solteira."

Anne deixou cair a carta. Uma avalanche de velhas memórias invadiram-na...algumas delas pouco agradáveis. Christine Stuart de Redmond...a rapariga de quem disseram que Gilbert estava noivo...a rapariga de quem ela tivera tantos ciúmes...sim, ela admitia-o agora, vinte anos depois...ela tinha tido ciúmes...ela tinha odiado Christine Stuart. Ela não pensava em Christine há anos, mas lembrou-se dela nitidamente. Uma rapariga alta e pálida com grandes olhos azuis-escuros e uma grande cabeleira negra. E um certo ar de distinção. Mas com um grande nariz...sim, com um nariz grande. Bonita...oh, não se podia negar que a Christine for a

bonita. Ela lembrava-se de ter ouvido há muitos anos que Christine fizera um bom casamento e tinha ido para o oeste.

Gilbert veio jantar à pressa...havia uma epidemia de papeira no Glen de cima...e Anne entregou-lhe a carta da senhora Fowler em silêncio. "Christine Stuart! Claro que vamos. Eu gostava de a ver," disse, com o primeiro ar de admiração que mostrava desde há semanas. "Pobre rapariga, ela também já teve alguns problemas. Ela perdeu o marido aqui há uns anos, sabias?"

Anne não sabia. E como tinha sabido Gilbert? Porque é que nunca lhe dissera? E tinha-se esquecido que na próxima terça feira era o seu aniversário de casamento. Um dia em que nunca costumavam aceitar convites porque iam sair só os dois. Bem, ela não o ia recordar. Ele podia ir ver a sua Christine se quisesse. Uma vez uma rapariga de Redmond dissera-lhe "Houve mais coisas entre o Gilbert e a Christine do que tu pensas, Anne." Ela tinha-se rido nessa altura...Claire Hallet era uma rapariga invejosa. Mas talvez tivesse havido qualquer coisa mais. Anne lembrou-se subitamente, com um arrepio, que pouco tempo depois do seu casamento ela tinha encontrado uma fotografia da Christine Stuart num livro de bolso do Gilbert. O Gilbert mostrar-se indiferente e comentara que se tinha perguntado várias vezes onde tinha ido parar a fotografia. Mas...seria uma daquelas coisas aparentemente sem importância que significam coisas importantes? Seria possível...que o Gilbert tivesse amado Christine? Seria ela, Anne a segunda escolha? O prémio de consolação?

"Com certeza que não...estou com ciúmes," pensou Anne, tentando rir-se da ideia. Era tudo ridículo. O que poderia ser mais natural do que Gilbert gostar da ideia de rever uma velha amiga de Redmond? E nada mais natural que um homem ocupado, casado há quinze anos, se esquecesse por vezes das datas e das estações e dos dias domês? Anne escreveu à senhora Fowler, aceitando o convite dela...e pôs a carta no correio três dias antes de terça-feira, desejando que alguém no Glen começasse a ter um bebé na terça à tarde por volta das cinco horas.

## Capítulo 40

**O esperado** bebê chegou cedo demais. Gilbert foi chamado às nove da noite de segunda-feira. Anne adormeceu a chorar e acordou às três da manhã. Costumava ser tão bom, acordar a meio da noite...ficar ali deitada a olhar pela janela para a noite que a envolvia...ouvir a respiração regular do Gilbert ao seu lado...pensar nas crianças do outro lado do corredor e do lindo novo dia que estava para chegar. Mas agora! Anne ainda estava acordada quando a alvorada, luminosa e verde como flúor apareceu no céu de este e Gilbert voltou finalmente a casa. "Gêmeos", disse vagamente enquanto se metia na cama e adormeceu em minutos. Gêmeos, com certeza! Era madrugada do seu décimo quinto aniversário de casamento e a única coisa que o seu marido tinha para lhe dizer era "gêmeos". Ele nem sequer se lembrava que era um aniversário.

Aparentemente, Gilbert continuava a não se recordar quando se levantou às onze horas. Pela primeira vez não mencionou o assunto; pela primeira vez não tinha nenhum presente para ela. Pois bem, não ia receber o presente que ela tinha para ele. Ela já o tinha há semanas...um canivete de bolso forrado a folha de prata com as iniciais dele dum lado e a data do outro. Claro que ele lho tinha que comprar com um cêntimo, senão cortava-lhes a amizade. Mas uma vez que ele se tinha esquecido ela ia esquecer-se também, por vingança.

Gilbert pareceu estar absorto todo o dia. Mal falou fosse com quem fosse e arrastava os pés pela biblioteca. Estaria perdido na antecipação do seu encontro com a Christine? Provavelmente há anos que ele imaginava isto na sua mente. Anne sabia bem que a ideia era perfeitamente disparatada, mas desde quando é que o ciúme tinha que ser razoável? Não valia a pena tentar ser filosófica. A filosofia não tinha qualquer ascendente sobre o seu estado de espirito.

Eles iam para a cidade no comboio das cinco. "Podemos ir também para vos ver partir, Mamã?" perguntou Rilla.

"Oh, se quiserem," disse Anne...e depois retraiu-se repentinamente. A sua voz estava a tornar-se implicante. "Vem pois, querida," acrescentou.

Rilla tinha poucos prazeres comparáveis ao de ver a sua Mãe vestir-se. Mas até Rilla viu que a Mãe não estava muito desejosa dessa noite.

Anne pensou bem no que iria levar. Não que tivesse grande importância, pensava amargamente. Gilbert agora nunca reparava na roupa dela. O espelho já não era um amigo...parecia pálida e cansada...e indesejada. Mas ela não podia aparecer contrafeita e fora de moda em frente de Christine. ("Não vou permitir que ela tenha pena de mim.") Usaria o seu novo vestido verde maçã transparente com o fundo ás florinhas? Ou o de seda creme com o casaquinho de renda de Cluny? Experimentou ambos e decidiu-se pelo primeiro. Também experimentou várias formas de arranjar o cabelo e decidiu que a nova maneira de o prender num troço descaído lhe ficava muito bem.

"Oh, Mamã, está tão linda!" exclamou Rilla com a admiração estampada nos seus olhos redondos.

Bem, as crianças e os tolos dizem sempre a verdade. Não lhe tinha Rebecca Dew certa vez dito que ela era "comparativamente bela"? Quanto ao Gilbert, ele costumava elogiá-la bastante, mas quando é que ele lhe tinha dirigido um elogio nos últimos meses? Anne não se conseguia lembrar de uma única vez.

Gilbert passara por ela em direcção ao roupeiro e não lhe dissera uma palavra em relação ao seu vestido novo. Anne ficou por momentos a arder de ressentimento; depois despiu petulantemente o vestido e deitou-o para cima da cama. Ia usar o seu velho vestido preto...um vestido muito fino que era considerado muito provocante em Four Winds, e do qual Gilbert não gostava muito. E o que é que usaria no pescoço? As pérolas de Jem, se bem que muito estimadas, já se tinham esfolado. Ela não tinha realmente um colar decente. Bem...tirou a caixa que tinha o pequeno coração de esmalte cor-de-rosa que Gilbert lhe dera em Redmond. Ela agora pouco o usava...afinal, o cor-de-rosa não ficava bem com o cabelo ruivo dela...mas ela ia usá-lo esta noite. Será que o Gilbert ia reparar? E já estava pronta. Porque é que o Gilbert ainda não estava? Oh, com certeza que se estava a barbear com muito cuidado! Dirigiu-se à porta e bateu com insistência.

"Gilbert, vamos perder o comboio se não te despachas."

"Pareces uma mestre-escola Anne," disse Gilbert, saindo. "Passa-se alguma coisa com os teus metatarsos?"

Oh, ele podia brincar com a situação, não podia? Ela não se ia deixar levar pelo facto dele estar tão bem no seu fato. Afinal, estas modas modernas para os homens eram tão ridículas. Com uma absoluta falta de glamour. Nos dias da rainha Elizabeth é que devia ter sido espantoso,



quando os homens podiam usar casacos de cetim branco, capas de veludo carmim e golas de rendas! E não eram efeminados. Eram os homens mais maravilhosos e aventureiros que já passaram pelo mundo.

"Bom, vamos andando, já que estás com tanta pressa," disse Gilbert com ar de indiferença. Ele agora tinha sempre um ar de indiferença quando falava com ela. Era como se fosse parte da mobília...sim, só uma peça de mobília.

Jem levou-os até a estação. Susan e Miss Cornélia...que tinha vindo perguntar a Susan se podiam contar com ela para as habituais batatas gratinadas para o jantar da igreja...olhou para eles com admiração.

"A Anne continua a mesma," disse Miss Cornélia.

"É verdade," concordou Susan, "embora nestas últimas semanas tenha andado um pouco irritada. Mas mantém o mesmo aspecto. E o doutor ainda tem a barriga lisa como sempre."

"Um casal ideal," disse Miss Cornélia O casal ideal foi lindamente até à cidade sem dizer nada em particular. Claro que Gilbert estava demasiado agitado pela perspectiva de rever o seu velho amor para conversar com a sua esposa! Anne espirrou. Começou a temer ter apanhado uma constipação. Que embaraçoso, passar o jantar a espirrar em frente da senhora Andrew Dawson, Christine Stuart de nascimento! Doiam-lhe os lábios...se calhar estavam inflamados pelo frio. Será que a Julieta espirrava? Imaginem só a Isolda com lábios gretados. Ou a Cleópatra com soluços!

Quando Anne entrou na residência dos Fowler tropeçou na cabeça de urso do tapete da entrada, precipitando-se pela sala de visitas através da selva de mobílias pesadas e pechisbeques dourados que a senhora Fowler tanto prezava, e caiu no sofá, felizmente aterrando da forma mais correcta. Olhou envergonhada procurando a Christine, até se aperceber aliviada que esta ainda não tinha descido. Que vergonha se ela ali estivesse sentada, presenciando a entrada ébria da mulher de Gilbert Blythe! Gilbert nem sequer lhe perguntou se se tinha magoado. Estava já embrenhado numa conversa com o doutor Fowler e um doutor Murray que ela não conhecia, vindo de New Brunswick e autor de um trabalho notável sobre doenças tropicais que causava sensação nos círculos médicos. Mas Anne reparou que quando Christine desceu, anunciada por um perfume a lilás, o trabalho foi rapidamente esquecido. Gilbert levantou-se com um olhar muito evidente de interesse.

Christine parou por um momento à entrada da porta. Ela não era rapariga de se desequilibrar em cabeças de ursos. Anne lembrava-se agora que Christine tinha o hábito de parar à entrada só para se exhibir. E sem dúvida que encarava esta ocasião como uma excelente oportunidade de lembrar ao Gilbert Blythe aquilo que ele tinha perdido.

Ela usava um vestido de veludo roxo com mangas compridas, debruado a dourado, e uma cauda coberta a renda dourada. Um diadema dourado envolvia-lhe o cabelo ainda negro. Um cordão de ouro comprido e fino, cravejado de diamantes caia-lhe do pescoço. Anne sentiu-se imediatamente desinteressante, provinciana, pardacenta e seis meses atrasada em relação à moda. Só desejava não ter posto aquele coração de esmalte tão palerma.

Não havia dúvida que Christine continuava tão bonita como antes. Um pouco brilhante e bem conservada, talvez...sim, consideravelmente mais forte. O nariz dela não tinha com certeza encolhido e o queixo dela denunciava certamente a sua meia-idade. Parda à porta da sala daquela maneira via-se bem que os seus pés eram...substanciais. E o ar de distinção dela não estava um pouco desgastado? Mas a sua face ainda era suave como marfim e os seus grandes olhos azuis ainda brilhavam debaixo das sobrancelhas que em Redmond eram consideradas tão fascinantes. Sim, a senhora Andrew Dawson era uma mulher muito bonita...e não dava nada a impressão de ter enterrado o coração juntamente com o dito Andrew Dawson.

Christine tomou posse da sala assim que entrou. Anne sentiu-se completamente excluída do quadro. Mas sentou-se muito direita. Christine não lhe ia encontrar nenhuma flacidez de meia-idade. Ela entraria na batalha com as bandeiras todas hasteadas. Os seus olhos cinzentos ficaram invulgarmente verdes e uma cor subiu-lhe ao rosto oval. ("Lembra-te que tens um nariz!") O doutor Murray, que não tinha reparado nela antes, pensou surpreendido que o Blythe tinha uma mulher muito invulgar. Aquela senhora Dawson tão emproada tornava-se muito vulgar ao lado dela.

"Oh, Gilbert Blythe, tão bonito como sempre," dizia Christine com astúcia..."É tão agradável encontrar-te assim, igual a ti próprio." ("Ela ainda fala com aquela velha pronuncia. Sempre odiei aquela voz de veludo!") "Quando te vejo," disse Gilbert,"o tempo não parece ter passado de todo. Onde é que aprendeste o segredo da eterna juventude?"

Christine riu-se.

("O riso dela é tão irritante...") "Tu sempre foste muito bom a prestar elogias, Gilbert. Sabe"...disse, olhando triunfante em volta..."O doutor Blythe foi uma antiga paixão naqueles tempos que ele finge achar tão próximos. E a Anne Shirley! Não mudaste tanto quanto me disseram...mas não sei se te reconhecia se te encontrasse na rua. O teu cabelo está um pouco mais escuro, não está? Não é divinal, encontrarmo-nos de novo assim? Eu tinha receio que o teu lumbago não te permitisse vir."

"O meu lumbago?"

"Sim, não eras tu que tinhas? Parecia-me que sim."

"Eu devo ter feito confusão," disse a senhora Fowler. "Alguém me disse que você estava de cama com um ataque muito grave de lumbago..."

"Não, isso é a mulher do doutor Parker de Lowbridge. Eu nunca tive lumbago na vida," disse Anne com um tom seco.

"Quem bom então que não és tu," disse Christine, com um tom algo insolente. "É uma doença tão aborrecida. Tenho uma tia que é uma mártir."

E com o seu ar parecia relegar Anne para a geração das tias. Anne conseguiu sorrir com os lábios, mas não com os olhos. Se ao menos se conseguisse lembrar de qualquer coisa para lhe responder! Sabia que às três da manhã dessa noite ia encontrar uma resposta brilhante para lhe dar mas isso não a ajudava nada no momento.

"Disseram-me que tinhas sete filhos," disse Christine, falando para Anne mas olhando para Gilbert.

"Só temos seis vivos," disse Anne, encolhendo-se. Ainda não se conseguia lembrar da pequena Joyce sem mágoa.

"Que grande família!" disse Christine.

E nesse momento pareceu-lhe uma coisa absurda e vergonhosa ter uma família grande.

"Tu, ao que sei, não tens nenhum," disse Anne.

"Eu nunca gostei de crianças, sabes." Christine encolheu os seus ombros admiravelmente finos mas a sua voz era um pouco dura. "Acho que não sou do tipo maternal. Também nunca achei que o único propósito da vida de uma mulher fosse pôr filhos num mundo já de si sobrepovoado."

E nessa altura foram jantar. Gilbert levou Christine, o Dr. Murray levou a senhora Fowler, e o doutor Fowler, um homenzinho redondo, que não falava com ninguém a não ser outro médico, levou a Anne.

Anne sentiu que a sala estava muito abafada. Havia um cheiro misterioso e enjoativo no ar. Provavelmente a senhora Fowler tinha estado a

queimar incenso. Mas a ementa era boa, e Anne comeu sem apetite nenhum e sorriu até lhe começaram a doer as bochechas. Não conseguia tirar os olhos de Christine, que sorria continuamente a Gilbert. Os dentes dela era muito bonitos...quase bonitos demais. Pareciam um anúncio de pasta de dentes. Christine também mexia muito bem as mãos enquanto falava. Tinha umas mãos muito bonitas...um pouco grandes, talvez.

Estava a falar com Gilbert acerca da velocidade ritmica da vida. O que é que ela queria dizer com aquilo? Será que ela própria sabia? Depois mudaram de assunto para falarem de teatro.

"Já alguma vez foste a Oberammergau?" perguntou Christine a Anne.

Quando sabia perfeitamente que não! Porque é que a mais simples pergunta parecia impertinente quando feita por Christine?

"Claro que uma família nos prende imenso," disse Christine. "Oh, sabem quem vi no mês passado quando estive em Hallifax? Aquela vossa amiga...a que casou com o pastor feio...como é que se chamava?"

"Jonas Blake," disse Anne. "A Philippa Gordon casou com ele. E eu nunca o achei feio."

"A sério? Claro que gostos não se discutem. Bem, de qualquer forma, encontrei-os. Pobre Philippa!"

A entoação que Christine deu a "pobre" foi muito eloquente.

"Pobre porquê?" felizes."

perguntou Anne. "Eu acho que eles têm sido muito "Felizes! Minha querida, se visse o sitio onde vivem!"

Uma aldeiazita de pescadores onde a maior excitação se dá quando os porcos invadem um jardim qualquer! Até me disseram que o homem, o Jonas, teve uma oferta de uma boa igreja em Kingsport mas que não aceitou porque achou que devia estar com os pescadores, que precisavam dele. Eu não compreendo estes fanáticos. 'Como é que consegues viver num sitio assim tão isolado?' Perguntei à Philippa. Sabem o que ela me respondeu?"

Christine fez um gesto expressivo com as mãos.

"Talvez o mesmo que eu responderia se me perguntassem em relação a Glen St. Mary," disse Anne. "Que é o único sitio no mundo onde gostava de viver."

"Imaginem só estar satisfeita com isso," sorriu Christine. ("Que terrível boca cheia de dentes!") "Nunca sentes que gostavas de ter uma vida mais ampla? Eras tão ambiciosa, se bem me lembro. Não costumavas escrever

umas coisitas quando estavas em Redmond? Um pouco fantasiosas e melancólicas, claro, mas ainda assim..."

"Eu escrevia-as para pessoas que acreditam em contos de fadas. Há um número surpreendente delas, sabes, e elas gostam de saber novidades." "Mas então desististe?"

"Não de todo...mas agora escrevo mais epístolas verídicas," disse Anne, lembrando-se do Jem e companhia.

Christine ficou desorientada, sem reconhecer a citação. O que é que Anne Shirley queria dizer com aquilo? Mas ela também tinha sido conhecida em Redmond pelos seus discursos misteriosos. Tinha mantido o bom aspecto de uma forma impressionante mas era com certeza uma daquelas mulheres que casam e deixam de pensar. Pobre Gilbert! Ela tinha-o apanhado antes dele ir para Redmon. Ele nunca teve verdadeiras hipóteses de lhe escapar.

"Ainda há quem coma philopenas hoje em dia?" perguntou o doutor Murray, que tinha acabado de partir uma amêndoa. Christine virou-se para Gilbert.

"Lembras-te daquela philopena que comemos daquela vez?" perguntou. ("Será que vi um olhar cúmplice entre os dois?") "Como é que eu me podia esquecer?" disse Gilbert.

E entraram numa troca de recordações, enquanto Anne se concentrava numa natureza morta com peixes e laranjas pendurada por cima do louceiro. Ela nunca pensou que o Gilbert e a Christine pudessem ter tantas lembranças em comum. "Lembras-te do piquenique no porto?...Lembras-te quando fomos àquela igreja de negros?...Lembras-te da noite em que fomos ao baile de máscaras?...tu eras uma dama espanhola de vestido de veludo preto, mantilha e leque."

Gilbert aparentemente lembrava-se de tudo em pormenor. Estranhamente esquecera o seu aniversário de casamento!

Quando voltaram à sala de visitas Christine olhou pela janela para o céu a este que brilhava como prata empalidecida por detrás dos álamos recortados a negro.

"Gilbert, vamos dar um passeio pelo jardim. Eu quero lembrar-me outra vez de como é o nascer da Lua em Setembro."

("Será que o nascer da Lua em Setembro é diferente do nascer da Lua nos outros meses todos? E o que é que ela quis dizer com 'outra vez'? Será que o aprendeu antes...com ele?") E lá foram. Anne sentiu-se muito

delicadamente posta de lado. Sentou-se numa cadeira perto de uma janela que dava para o jardim...apesar de nem para si própria admitir que a escolhera por essa razão. Conseguia ver a Christine e o Gilbert a caminharem pelo jardim. O que estariam a dizer um ao outro? Christine parecia falar mais. Talvez Gilbert estivesse emocionado demais para falar. Estaria ele ali a sorrir ao Luar com memórias que ela não partilhava? Ela lembrou-se de noites de Luar em que ela e Gilbert tinham passeado nos jardins em Avonlea. Ter-se-ia ele esquecido?

Christine olhava para o céu. Claro que ela sabia que mostrava aquela bela garganta quando levantava a cabeça assim. Será que a Lua alguma vez demorou tanto tempo a nascer?

Os outros convidados entraram também quando eles voltaram para dentro. Houve riso, música e conversa. Christine cantou...muito bem. Ela sempre for a musical. Cantou para Gilbert..."os queridos rapazes mortos para lá da nossa lembrança.' Gilbert inclinou-se para trás num cadeirão e estava involuntariamente calado. Estaria a pensar com saudade em tempos passados? Estaria a imaginar a sua vida se tivesse casado com Christine? ("EU sempre soube no que pensava o Gilbert. Está-me a começar a doer a cabeça. Se não nos vamos embora depressa vou começar a gritar em desespero. Graças a Deus que o nosso comboio parte cedo.") Quando Anne regressou cá abaixo Christine estava no alpendre com Gilbert. Ela aproximou-se para lhe tirar uma folha do ombro; o gesto pareceu uma carícia.

"Estás realmente bem, Gilbert? Pareces tão cansado. Eu sei que andas a exagerar."

Uma onda de terror varreu Anne. O Gilbert parecia realmente cansado...assustadoramente cansado...e ela não tinha reparado antes que Christine comentasse! Nunca esqueceria a humilhação daquele momento. ("Eu tenho andado a ignorar o Gilbert e a culpá-lo por ele me fazer o mesmo a mim.") Christine virou-se para ela.

"Foi tão bom ver-te outra vez, Anne. Como nos bons velhos tempos."  
"Muito bom," disse Anne.

"Mas eu estava a dizer ao Gilbert que ele me parecia um pouco cansado. Tu devias tomar melhor conta dele, Anne. Houve uma altura, sabes, em que gostei muito deste teu marido. Acho que ele foi o meu melhor pretendente. Mas tu tens que me perdoar, uma vez que não to roubei."

Anne gelou novamente.

"Talvez ele agora se arrependa que não o tenhas feito," respondeu-lhe, com um certo ar de rainha que não era desconhecido de Christine dos dias de Redmond, enquanto subia para a carruagem do doutor Fowler que os ia levar à estação.

"Sempre foste tão divertida!" disse Christine, encolhendo novamente os seus admiráveis ombros. E ficou a vê-los partir como se alguma coisa a divertisse muito.

## Capítulo 41

**"Passaste** um serão agradável?" perguntou Gilbert, mais distraído que nunca enquanto a ajudava a subir para o comboio.

"Oh, encantador," disse Anne...que se sentia, como na esplêndida frase de Jane Welsh Carlyle, como se tivesse passado a noite debaixo de um harrow.

"Porque é que arranjaste o cabelo assim?" perguntou Gilbert, ainda meio ausente.

"É a nova moda."

"Não te fica muito bem. Deve ficar bem nalguns cabelos, mas no teu não."

"Oh, sim, é uma pena eu ter o cabelo ruivo," disse Anne gélida.

Gilbert achou sensato deixar passar um assunto perigoso. Anne, pensou ele, sempre tinha sido muito sensível em relação ao cabelo. Estava demasiado cansado para conversar, de qualquer forma. Inclinou a cabeça para trás e fechou os olhos. Pela primeira vez Anne reparou que ele tinha uns cabelos prateados por cima das orelhas. Mas endureceu o seu coração.

Caminharam em silêncio para casa a partir da estação do Glen, pelo atalho até Ingleside. O ar estava repleto do aroma dos abetos e fetos. A Lua brilhava sobre os campos orvalhados. Passaram por uma velha casa deserta com as tristes janelas partidas onde antes tinham brilhado as luzes. "Tal como a minha vida," pensou Anne. Tudo parecia ter um significado triste para ela agora. A mariposa branca que voou perto deles no relvado era, como ela pensou com tristeza, como um fantasma de um amor desbotado. Então enfiou o pé num arco de croquet e quase caiu de cabeça num monte de terra. Mas porque é que as crianças ali tinham deixado aquilo? Ela tinha que falar com eles sobre isto amanhã! Gilbert só disse, "O-o-ops!" e agarrou-a com a mão. Teria sido assim tão despreocupado se fosse a Christine a tropeçar enquanto apreciavam o nascer da Lua de Setembro?

Gilbert apressou-se a ir para o escritório assim que chegaram a casa e Anne foi para o quarto em silêncio, enquanto o luar se reflectia no chão, imóvel, frio e prateado. Dirigiu-se à janela aberta e olhou para fora. Era com certeza a noite do cão do Carter Flagg ladrar, e ele estava a dar o seu melhor. As folhas dos álamos brilhavam como prata ao luar. Toda a casa à



sua volta parecia murmurar..murmurar de forma sinistra, como se já não fosse uma amiga.

Anne sentiu-se doente, fria e vazia. O ouro da vida tinha-se desfeito em folhas murchas. Já nada tinha sentido. Tudo lhe parecia remoto e surreal.

Lá ao longe, a maré mantinha a sua batalha eterna com a costa. Ela conseguia...agora que o Norman Douglas tinha cortado o seu arbusto de abetos...ver a sua pequena Casa de Sonho. Tinham sido tão felizes ali. quando era suficiente o facto de estarem juntos na sua casa, com as suas presenças, as suas carícias, os seus silêncios! Toda a cor da manhã das suas vidas...Gilbert olhando-a com aquele sorriso nos olhos, que guardava só para si, descobrindo todos os dias uma nova forma de dizer que a amava...partilhando o riso como partilhavam as mágoas.

E agora...o Gilbert tinha-se cansado dela. Os homens sempre tinham sido assim...seriam sempre assim. Ela tinha pensado que ele era uma excepção mas agora via a verdade. E como é que ela ia ajustar a sua vida a isto?

"Tenho as crianças, claro," pensou com tristeza. "Tenho que continuar a viver por elas. E ninguém pode saber...ninguém. Não suporto que tenham pena de mim."

Mas o que era isto? Alguém vinha a subir as escadas, três degraus de cada vez, como o Gilbert costumava fazer na Casa de Sonho...como já há tanto tempo não fazia. Não podia ser o Gilbert...mas era!

Ele entrou pelo quarto a dentro...pousou um pequeno embrulho na mesa...agarrou Anne pela cintura e fê-la rodopiar pelo quarto como um rapaz de escola entusiasmado, parando por fim sem fôlego numa poça prateada de luar.

"Eu tinha razão, Anne...graças a Deus, eu tinha razão! A senhora Garrow vai ficar bem...o especialista confirmou."

"A senhora Garrow? Gilbert, estás doido?"

"Mas eu não te contei? Com certeza que sim...bem, deve ter sido um assunto tão delicado que nem consegui falar-te dele. Tenho andado preocupadíssimo com isto desde há duas semanas...não pensava em mais nada, acordado ou a dormir. A senhora Garrow vive em Lowbridge e é doente do Parker. Ele pediu-me a opinião...eu fiz um diagnóstico diferente do dele...quase nos brigámos...eu tinha a certeza que tinha razão...insistia que havia uma hipótese...mandámo-la a Montreal...o Parker disse que ela

não voltava de lá viva...o marido dela estava capaz de me matar. Quando ela foi realmente eu fiquei de rastos...talvez me tivesse enganado...talvez a estivesse a sacrificar sem razão. Quando cheguei ao escritório estava lá uma carta...eu tinha razão..eles operaram-na...ela tem excelentes hipóteses de sobreviver. Miúda Anne, só me apetece saltar! Saiu-me um peso de cima."

Anne sentiu-se à beira do riso e das lágrimas...pelo que começou a rir. Era maravilhoso poder rir novamente...maravilhoso ter vontade de rir. Tudo ficou bem de repente.

"Então foi por isso que te esqueceste do nosso aniversário de casamento?" perguntou.

Gilbert largou-a o suficiente para apanhar o pequeno embrulho que tinha deixado em cima da mesa.

"Eu não me esqueci. Há duas semanas encomendei isto em Toronto. E só chegou esta tarde. Senti-me tão mal de manhã sem ter nada para te dar que nem mencionei a data...pensei que também te tivesses esquecido...esperava que sim. Quando entrei no escritório estava lá o presente juntamente com a carta. Vê lá se gostas."

Era um pequeno diamante para pendurar no fio. Mesmo ao luar brilhava como uma coisa viva.

"Gilbert...e eu..."

"Experimenta-o. Gostava que tivesse chegado esta manhã...assim tinhas uma coisa para usar ao jantar em vez daquele velho coração de esmalte. Mas eu achei que te ficava muito bem naquela covinha que tens na garganta, querida. Porque é que não foste com o vestido verde, Anne? Eu gostei dele...fez-me lembrar aquele vestido das rosinhas que tu tinhas em Redmond.

("Então ele sempre tinha reparado no vestido! E lembrou-se do vestido de Redmond que ele gostava tanto!) Anne sentiu-se como uma ave posta em liberdade...e começava a voar. Os braços de Gilbert à sua volta...os seus olhos que olhavam os seus ao luar.

"Tu amas-me, Gilbert? Não sou só um hábito para ti? Há tanto tempo que não me dizes que me amas."

"Minha querida, meu amor! Eu achei que não eram precisas palavras para tu saberes que sim. Tu sempre me deste forças. Há um versículo qualquer na Bíblia que foi feito para ti...'Ela fará o bem e não o mal todos os dias da sua vida.'"

A vida que lhe parecera tão cinzenta e sem sentido há uns momentos atrás era agora dourada, cheia de rosas e arco-iris novamente. O diamante caiu para o chão, ignorado por momentos. Era lindo...mas haviam tantas coisas mais lindas...a confiança e a paz e o trabalho dedicado...o riso e a gentileza...esse velho sentimento seguro de um amor certo.

"Oh, se pudéssemos guardar este momento para sempre, Gilbert!"

"Nós ainda vamos ter alguns momentos. Já é altura de termos uma segunda Lua-de-mel. Anne, em Fevereiro vai haver um grande congresso em Londres. Nós vamos...e aproveitamos para ver alguma coisa do velho mundo. Vamos de férias. Vamos ser namorados novamente...vai ser como ser noivos outra vez. Tu não és tu própria há algum tempo. ("Então ele reparou.") Andas cansada, com trabalho a mais...precisas de uma mudança. ("Tu também, mais querido. Tenho sido tão cega.") Não quero que me digam que as mulheres dos médicos nunca são tratadas. Vamos voltar descansados e frescos, com o nosso sentido de humor completamente restaurado. Bem, experimenta lá o teu diamante para nos irmos deitar. Estou morto de sono...há semanas que não tenho uma noite decente, com aqueles gémeos e a preocupação com a senhora Garrow."

"O que é que tu e a Christine conversaram tanto tempo no jardim?" perguntou Anne, pavoneando-se em frente ao espelho com o diamante. Gilbert bocejou.

"Oh, nem sei. A Christine é que esteve a tagarelar. Mas houve uma coisa que me disse que eu não sabia. Uma pulga consegue saltar duzentas vezes o seu comprimento. Sabias, Anne?"

("Estiveram a falar de pulgas quando eu me contorcias de ciúmes. Que idiota!") "E como é que começaram a falar de pulgas?"

"Nem me lembro...talvez tenha sido por causa dos dobermans."

"Dobermans? Mas o que são dobermans?"

"Uma nova raça de cães. A Christine é uma grande especialista em cães, ao que parece. Eu estava tão obcecado com a senhora Garrow que nem prestei atenção ao que ela estava a dizer. De vez em quando apanhava uma palavra sobre complexos e repressão...que a nova psicologia se está a desenvolver...e a arte...a política...e as rãs."

"As rãs?!"

"Umhas experiências que um homem está a fazer em Winnipeg. A Christine nunca foi muito boa para conversar, e agora está mais aborrecida que nunca. E maliciosa! Ela não era maliciosa."

"O que é que ela disse que fosse tão malicioso?" perguntou Anne inocentemente.

"Não reparaste? Oh, não deves ter apanhado...não és nada assim. Bem, não interessa. Aquele riso dela fez-me mal à cabeça. E ela engordou. Graças a Deus que tu não engordaste, miúda-Anne."

"Oh, eu não a achei gorda," disse Anne caridosa. "E ela é uma mulher muito bonita."

"Mais ou menos. A expressão dela está muito dura...tem a mesma idade que tu mas parece dez anos mais velha."

"E tu a falares-lhe da eterna juventude!"

Gilbert riu-se com ar culpado.

"Temos que ser educados. E a educação não existe sem uma pequena dose de hipocrisia. Oh, bem, a Christine até nem é má de todo, mesmo que não pertença à raça de insonsa. O que é isto?"

José.

Não tem culpa de ter saído um bocado "A minha lembrança de aniversário para ti.

E quero que me dêes um cêntimo por ela...não vou correr riscos. As torturas que eu passei esta noite! Estava roída de ciúmes da Christine."

Gilbert ficou genuinamente espantado. Nunca imaginara que a Anne pudesse ter ciúmes de ninguém.

"Oh, minha miúda-Anne, nunca pensei que fosses capaz disso."

"Mas sou. Há uns anos atrás eu tinha uns ciúmes doidos da tua correspondência com a Ruby Gillis."

"Mas eu troquei cartas com a Ruby Gillis? Não me lembro. Pobre Ruby! Mas então e o Roy Gardner? Diz o roto para o nu."

O Roy Gardner? A Philippa escreveu-me a dizer que o viu e que ele está absolutamente corpulento. Gilbert, o doutor Murray pode ser um homem muito eminente na sua profissão mas parece uma tábua, e o doutor Fowler parece um donut. Tu parecias tão bonito...e elegante...ao pé deles."

"Oh, obrigado...obrigado. Isso é sempre uma coisa boa de se ouvir da esposa. Mas para te devolver o cumprimento, tu hoje também estavas especialmente bonita, Anne, apesar do vestido. Tinhas um bocadinho de cor e os teus olhos estavam fabulosos. Ahhh, que bom. Não há melhor lugar que a nossa cama quando lá estamos dentro. Há outro versículo da Bíblia...estranho como as coisas que aprendemos na escola dominical nos

ocorrem ao longo da vida!...'Vou deitar-me em paz e dormir.' Em paz...e dormir...boa noite."

Gilbert adormeceu antes de acabar a frase. Querido Gilbert! Esta noite bem podiam vir bebés que nenhum lhe ia perturbar a noite. O telefone bem podia tocar.

Anne não tinha sono. Estava feliz demais para dormir. Saiu suavemente do quarto, arrumando as coisas, entrançando o cabelo, como uma mulher muito amada. Finalmente vestiu a camisa de noite e atravessou o corredor até ao quarto dos rapazes. O Walter e o Jem nas suas camas e o Shirley na sua cama de grades dormiam a sono solto. O Camarão, que sobrevivera a gerações de gatinhos e se transformara num hábito de família estava enrolado aos pés do Shirley. Jem tinha adormecido a ler "O Livro da Vida do Capitão Jim"...estava aberto em cima da colcha. Que alto que o Jem parecia debaixo dos lençóis! Qualquer dia era crescido. Que rapaz tão fiável que ele era! O Walter sorria a dormir, como alguém que sabe um segredo agradável. A lua brilhava-lhe na almofada através dos riscos da janela pintada a chumbo...projectando a sombra de uma cruz na parede por cima da cabeceira. Anos depois Anne lembrar-se-ia disso e interrogar-se-ia se era um presságio de Courcelette...de uma campa com uma cruz "algures em França." Mas esta noite era apenas uma sombra...nada mais. As borbulhas tinham desaparecido do pescoço do Shirley. O Gilbert tinha razão. Ele tinha sempre razão.

A Nan e a Diana estavam no quarto seguinte...a Diana com lindos caracóis ruivos transpirados em volta da cabeça e uma pequena mão queimada do sol por baixo da bochecha, e a Nan com grandes pestanas a tocarem as dela. Os olhos por de trás das pálpebras com veiazinhas azuis eram cor de avelã como os do pai. E a Rilla dormia de barriga para baixo. Anne virou-a para cima mas os seus olhos não se abriram. Cresciam todos tão depressa. Em poucos anos seriam todos jovens homens e mulheres...a juventude a entrar de mansinho...expectante...ponteada de sonhos selvagens...pequenos navios saindo dos portos seguros para costas desconhecidas. Os rapazes partiriam para vidas de trabalho, e as raparigas...ah, as formas enevoadas das lindas noivas que se veriam nas escadas de Ingleside. Mas ainda eram seus por uns anos...seus para amar e guiar...para cantar canções que tantas mães tinham cantado. Seus...e do Gilbert.

Ela saiu e atravessou o hall até à janela. Todas as suas suspeitas e ciúmes tinham ido para onde vão as luas passadas. Sentia-se alegre, confiante e abençoada.

"Abençoada! Sinto-me abençoada," disse, rindo-se. "Sinto-me exactamente como senti na manhã em que o Pacifique me disse que o Gilbert tinha 'dado a volta por cima'."

Abaixo de si estava o mistério e o encanto de um jardim à noite. Os montes longínquos, salpicados de luar, eram um poema. Dali por uns meses iria ver o luar nos montes distantes da Escócia...por cima de Melrose...das ruínas de Kenilworth...da igreja junto ao Avon onde Shakespeare dormiu...talvez até sobre o Coliseu...sobre a Acrópole...sobre rios correndo sobre impérios ultrapassados.

A noite estava fria; em breve viriam as noites mais frias e penetrantes de Outono; depois a neve profunda...a neve branca e profunda do Inverno...noites selvagens de vento e tempestade. Mas quem é que se importava? Haveria a magia do lume em muitas divisões...o Gilbert não tinha falado de uns troncos de macieira que ia trazer para a lareira? Iam glorificar os dias cinzentos que estavam para vir. E o que é que era a neve e o vento comparados com a primavera que vinha a seguir? E todas as pequenas doçuras da vida a despontar ao longo da estrada.

Ela afastou-se da janela. Na sua camisa de noite branca, com o cabelo entrançado em duas longas traças, parecia a Anne de Green Gables...de Redmond...dos dias da Casa de Sonho. Aquele brilho interno brilhava ainda dentro dela. Através das portas abertas ouvia-se o suave respirar das crianças. Gilbert, que poucas vezes ressonava, ouvia-se distintamente agora. Anne riu-se. Lembrou-se de algo que a Christine tinha dito. Pobre Christine sem filhos, disparando as suas pequenas setas de sarcasmo.

"Que família!" repetiu Anne exultante.

- {1}. Gog e Magog são palavras muito semelhantes no som com God e Mygod que em inglês significam Deus e MeuDeus. O choque advém do facto de que representariam Deus, o que é particularmente chocante numa protestante, onde as imagens são proibidas. Os cães fazem parte da mitologia anglo-saxónica.
- {2}. No séc. XIX era comum mandar fazer uma placa banhada a prata com o nome do falecido, a data de nascimento e do falecimento que era pregada na urna. Antes de ser enterrada, a placa era retirada da urna e os familiares guardavam-na como recordação.
- {3}. Vale do arco-íris.
- {4}. Naquela altura as meninas usavam uma espécie de calções com pernas em vez de cuecas.
- {5}. Em inglês a palavra que se usa para dizer jurar é a mesma que se usa para blasfemar, pelo que a Nan ficou confusa com a exigência."

# Table of Contents

[Capítulo 1](#)  
[Capítulo 2](#)  
[Capítulo 3](#)  
[Capítulo 4](#)  
[Capítulo 5](#)  
[Capítulo 6](#)  
[Capítulo 7](#)  
[Capítulo 8](#)  
[Capítulo 9](#)  
[Capítulo 10](#)  
[Capítulo 11](#)  
[Capítulo 12](#)  
[Capítulo 13](#)  
[Capítulo 14](#)  
[Capítulo 15](#)  
[Capítulo 16](#)  
[Capítulo 17](#)  
[Capítulo 18](#)  
[Capítulo 19](#)  
[Capítulo 20](#)  
[Capítulo 21](#)  
[Capítulo 22](#)  
[Capítulo 23](#)  
[Capítulo 24](#)  
[Capítulo 25](#)  
[Capítulo 26](#)  
[Capítulo 27](#)  
[Capítulo 28](#)  
[Capítulo 29](#)  
[Capítulo 30](#)  
[Capítulo 31](#)  
[Capítulo 32](#)  
[Capítulo 33](#)



[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)